



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**

**ERISVALDO SANTOS SOUZA**

**MUSEU VIRTUAL DA BATA DO FEIJÃO:  
DA ROÇA PARA A ESCOLA**

**SALVADOR  
2017**

**ERISVALDO SANTOS SOUZA**

**MUSEU VIRTUAL DA BATA DO FEIJÃO:  
DA ROÇA PARA A ESCOLA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDuC/UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Contemporaneidade, na área de concentração: Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta

**Salvador  
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Biblioteca Professor Eivaldo Machado Boaventura. UNEB – Campus I  
Bibliotecária: Célia Maria da Costa CRB: 5 / 918

Souza, Erisvaldo Santos

Museu Virtual da Bata do Feijão: da roça para a escola / Erisvaldo Santos Souza. – Salvador, 2017.

221f.: il.

Orientador: Alfredo Eurico Rodrigues Matta.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, 2017.

Contém referências, apêndices e anexos.

1. Museu Virtual da Bata do Feijão (Feira de Santana – BA). 2. Museus e escola - Bahia. 3. Museus – Aspectos educacionais. I. Matta, Alfredo Eurico Rodrigues. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I.

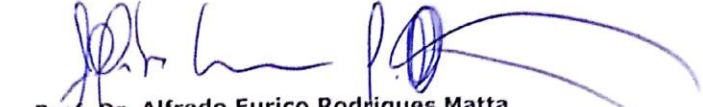
CDD :069.1598142

## FOLHA DE APROVAÇÃO

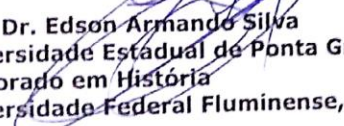
### BATA DO FEIJÃO: DA ROÇA PARA A ESCOLA

ERISVALDO SANTOS SOUZA


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 04 de agosto de 2017, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



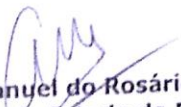
Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta  
Universidade do Estado da Bahia - Uneb  
Doutorado em Educação  
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Edson Armando Silva  
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG  
Doutorado em História  
Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil



Profa. Dra. Henriete Ferreira Gomes  
Universidade Federal da Bahia - UFBA  
Doutorado em Educação  
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Emanuel do Rosário Santos Nonato  
Universidade do Estado da Bahia - Uneb  
Doutorado em Difusão do Conhecimento  
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe por inculcar na minha cabeça, desde a mais tenra idade, o sentido da responsabilidade com o outro;

Ao meu pai por ter me ensinado, mesmo no pouco tempo que estivemos juntos, que trabalhar eleva o homem;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alfredo E. R. Matta, por acreditar em mim e pela motivação a enveredar por um caminho até então desconhecido por mim;

Erika (leco-leco) por ser a inspiração do meu viver, ser, fazer e sentir;

À minha família por sempre acreditar que eu chegaria;

Nancy pelo apoio, suporte, carinho, compreensão e por estar sempre comigo.

Às comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, especialmente Zé Coruja, Zé Rufino, Nenê, D. Miúda, D. Margarida, Inês, D. Virginia, seu Altino, Dori;

Aos professores, em especial, Alfredo Matta, por acreditar no meu potencial e ter a cumplicidade necessária ao êxito do projeto;

Aos colegas do curso, especialmente Larissa e Joelma;

Aos funcionários do PPGEdUC, em especial a —minha coorientadora;

Aos amigos, mesmo aqueles que estão longe me motivaram e participaram do empreendimento;

Enfim, a todos e todas que colaboraram com este projeto que objetivou produzir uma solução pedagógica com o intuito de promover a cultura daqueles que realmente a constroem sem nada pedir em troca.

*“Meu estado de espírito sintetiza estes dois sentimentos [otimismo e pessimismo] e os supera: sou pessimista com a inteligência, mas otimista com a vontade. Em cada circunstância, penso na hipótese pior, para pôr em movimento todas as reservas de vontade e ser capaz de abater o obstáculo.”*

*(Antônio Gramsci)*

## RESUMO

A escola, enquanto instrumento de integração/socialização da comunidade, vê-se na obrigação de reestruturar-se frente à mundialização da linguagem digital, gerando a necessidade de adequação para aderir a essa nova forma de sentir/participar do seu entorno, e não ficar na iminência de ter a sua importância minimizada no processo de ensino e aprendizagem historicamente construído apenas sob a égide do livro (físico). Assim, este estudo desenvolveu uma solução pedagógica em forma de Museu Virtual, apresentando a Bata do Feijão, cerimônia realizada festivamente para o debulhe dos grãos desse cereal. Tal museu apresenta um acervo digital que oportuniza uma viagem virtual pelas origens, ritos e formas de transmissão do traço cultural, Bata do Feijão, através dos tempos. Como abordagem metodológica, adotamos a DBR (Design Based-Research), a história oral, e as novas formas de historiografia contemporânea. A solução produzida assenta-se na conjuntura tecnológica atual, que coloca os meios digitais como repositórios mundiais de eventos. Tal estudo foi fundamentado em especial por Gramsci, Bakhtin, Vygotsky, Matta, Schaff, Muchacho, Moutinho, Castells, Souza e outros autores que discutem o tema. Nosso estudo teve como *locus* duas escolas localizadas em comunidades do município de Feira de Santana, Bahia, sendo a primeira a Escola Municipal Manoel Cundes Ferreira do povoado do Ovo da Ema, que faz parte do distrito de Maria Quitéria, e a segunda, a Escola Municipal Joanita Mota do distrito de Tiquaruçú. Os resultados obtidos a partir dos dados coletados na página do nosso museu virtual na web foram analisados e interpretados e nos possibilitaram perceber o quanto era desconhecida a cerimônia da Bata do Feijão, traço cultural representativo dessas comunidades. Desvelaram também a multiplicidade étnica do gentílico feirense, demonstrando assim a desenvoltura mercantil desse povo. Os resultados da primeira aplicação não nos possibilitaram, no entanto uma análise efetiva da relação escola-comunidade em virtude de problemas técnicos que estão sendo sanados para aplicações posteriores.

**PALAVRAS CHAVE:** Museu. Virtual, Educação, Bata do Feijão.

## ABSTRACT

The school, as an instrument of integration / socialization of the community, is obliged to restructure itself in the face of the globalization of the digital language, generating the need to adapt to this new way of feeling / participating in its surroundings, and not in the imminence of having its importance minimized in the process of teaching and learning historically constructed only under the aegis of the (physical) book. Thus, this study developed a pedagogical solution in the form of a Virtual Museum, featuring Bata do Feijão, a ceremony held festively to thresh the grains of this cereal. This museum presents a digital collection that allows a virtual trip through the origins, rites and forms of transmission of the cultural trait, Bata do Feijão, through the ages. As a methodological approach, we adopted DBR (Design Based-Research), oral history, and new forms of contemporary historiography. The solution produced is based on the current technological situation, which places digital media as world repositories of events. This study was based in particular by Gramsci, Bakhtin, Vygotsky, Matta, Schaff, Muchacho, Moutinho, Castells, Souza and other authors who discuss the theme. Our study had as *locus* two schools located in communities of the municipality of Feira de Santana, Bahia, the first being the Manoel Cundes Ferreira Municipal School in the village of Ovo da Ema, which is part of the district of Maria Quitéria, and the second, Municipal Joanita Mota of the district of Tiquaruçú. The results obtained from the data collected on the web page of our virtual museum were analyzed and interpreted and enabled us to understand how unknown the Bata do Feijão ceremony, a cultural trait representative of these communities. They also unveiled the ethnic multiplicity of the feirense gentile, thus demonstrating the mercantile ease of this people. The results of the first application did not enable us, however, an effective analysis of the school-community relationship due to technical problems being remedied for later applications.

**KEY WORDS:** Virtual, Museum,.Education,.Bata do Feijão.

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> - Categorias de modelagem do museu virtual da bata do feijão .....	31
<b>QUADRO 2</b> - Descrição das terras para pouso de vaqueiros e gado .....	42
<b>QUADRO 3</b> – Descrição dos critérios adotados pelos povoadores para a escolha destas terras de são José das Itapororocas para o transporte e futura criação de gado .....	45
<b>QUADRO 4</b> - Contexto alimentar e educacional nas comunidades em estudos para a modelagem do museu virtual.....	59
<b>QUADRO 5</b> - Quadro dos princípios norteadores da pesquisa.....	79
<b>QUADRO 6</b> - Continuação dos princípios norteadores da pesquisa.....	80
<b>QUADRO 7</b> -Princípios da modelagem cognitiva do museu virtual .....	103
<b>QUADRO 8</b> - Fases da pesquisa – museu virtual da bata do feijão .....	107
<b>QUADRO 9</b> - Planejamento do levantamento de dados.....	122
<b>QUADRO 10</b> - Variável dependente da abordagem metodológica DBR .....	129
<b>QUADRO 11</b> - Variável independente da abordagem metodológica DBR.....	131
<b>QUADRO 12</b> - Subvariáveis de análise de dados .....	145
<b>QUADRO 13</b> – Subvariáveis. de análise dos dados continuação .....	147
<b>QUADRO 14</b> - Planejamento das subvariáveis.....	155

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> - Mapa da Baía de Todos Santos .....	33
<b>FIGURA 2</b> - Mapa dos Distritos de Feira de Santana.....	43
<b>FIGURA 3</b> - Tipos de Solo/Vegetação da Região .....	44
<b>FIGURA 4</b> - Mandioca, Milho e Feijão, alimentos produzidos nas comunidades .....	51
<b>FIGURA 5</b> - Mulheres _Biatando‘ o feijão durante o processo da Bata do Feijão .....	56
<b>FIGURA 6</b> - Modos de semear utilizados ainda hoje .....	58
<b>FIGURA 7</b> – Ensaio dos Cantos da Bata do Feijão 1 .....	86
<b>FIGURA 8</b> - Ensaio dos Cantos da Bata do Feijão 2.....	86
<b>FIGURA 9</b> - Mapa antigo de Cachoeira.....	87
<b>FIGURA 10</b> - Vila de Cachoeira – Século XVII.....	88
<b>FIGURA 11</b> - Ovo da Ema – dias atuais .....	88
<b>FIGURA 12</b> - Tiquaruçú – dias atuais.....	88
<b>FIGURA 13</b> - Cantos da/na Bata do Feijão .....	89
<b>FIGURA 14</b> - A Baía de Todos os Santos e o Recôncavo no Século XVII .....	90
<b>FIGURAS 15 e 16</b> - Paróquias de São José das Itapororocas/Ovo da Ema .....	91
<b>FIGURA 17</b> - Ensaio dos Cantos da Bata do Feijão - Preparo da terra.....	92
<b>FIGURA 18 e 19</b> - Semeadura Solidária - Semeadura com trator .....	93
<b>FIGURA 20 e 21</b> - Semeadura com os Pés - Semeadura com Implemento Agrícola.....	94
<b>FIGURA 22</b> - Pausa para experimentar o feijão .....	95
<b>FIGURA 23</b> - Pausa para experimentar o feijão 2 .....	97
<b>FIGURA 24</b> - Cantos da Bata do Feijão.....	98
<b>FIGURA 25</b> - Escolas celebrando a Cerimônia da Bata do Feijão .....	101
<b>FIGURA 26</b> - Culminância da Cerimônia da Bata do Feijão .....	152
<b>FIGURA 27</b> - Apresentação do Museu à Escola .....	152

## **ABREVIATURAS**

**APUB** - Arquivo Público do Estado da Bahia

**DBR** - Design-Based Research

**MVBF** - Museu Virtual da Bata do Feijão ([www.museuvirtualdabatadofeijao.com.br](http://www.museuvirtualdabatadofeijao.com.br))

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 - CONTEXTUALIZANDO O GADO, AS COMUNIDADES DO FEIJÃO</b> .....	22
2.1 OS GUEDES E O GADO .....	32
2.2 OVO DA EMA E TIQUARUÇÚ: As Comunidades da Bata do Feijão .....	43
2.3 MANDIOCA, MILHO E...FEIJÃO .....	46
<b>3 - PRINCÍPIOS NORTEADORES</b> .....	61
3.1 PRINCÍPIOS PRAXIOLÓGICOS .....	62
3.2 PRINCÍPIOS SOCIOCONSTRUTIVISTAS .....	73
<b>4 - MODELAGEM COGNITIVA</b> .....	82
4.1 PRINCÍPIO CONTRA HEGEMÔNICO .....	83
4.2 FILÓSOFO DE SI MESMO .....	85
4.3 ESPAÇO/LUGAR/TERRITÓRIO .....	87
4.4 COMUNIDADES DE PRÁTICAS .....	89
4.5 O LUGAR DA BATA DO FEIJÃO: de Cachoeira a sua freguesia de São José das Itaporocas.....	90
4.6 A SOLIDARIEDADE COMO CIMENTO DA CONSCIÊNCIA COLETIVA: Formas de Plantio, tradicional/Mecânica.....	92
4.7 ALIMENTAÇÃO: DO FISIOLÓGICO À CONSTRUÇÃO DE LAÇOS .....	94
4.8 CANTOS DE AGRADECIMENTO PELAS BOAS COLHEITAS .....	96
4.9 ESCOLA E CULTURA: RELAÇÃO NECESSÁRIA .....	97
4.10 POLIFONIA .....	99
4.11 DIALOGISMO .....	99
4.12 PRINCÍPIOS SOCIOCONSTRUTIVISTAS A SEREM ABORDADOS PELO MUSEU VIRTUAL DA BATA DO FEIJÃO – OVO DA EMA E TIQUARUÇU: Interação, Interatividade e Controle .....	100
<b>5 - FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	104
5.1 LÓCUS DA PESQUISA .....	110
5.2 COMO APLICAR .....	111
5.3 ESTRUTURAÇÃO DA COLETA NA SOLUÇÃO PEDAGÓGICA .....	112
5.4 ESTRUTURAÇÃO DA COLETA .....	120
5.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	124
5.5.1 VARIÁVEL DEPENDENTE .....	125
5.5.2 VARIÁVEL INDEPENDENTE.....	127

<b>6 - NAS ENTRELINHAS.....</b>	<b>149</b>
6.1 DESCRIÇÃO .....	153
6.2 ANÁLISES .....	153
6.3 ANÁLISE GERAL .....	183
6.3.1 PRINCÍPIOS NORTEADORES: Ação e Efeito .....	183
6.3.2 MVBF: Um protótipo em aperfeiçoamento .....	185
6.3.3 AÇÃO + EFEITO = .....	186
<b>7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>188</b>
7.1 ANÁLISES .....	191
7.2 CONTRIBUIÇÕES .....	192
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>APÊNDICES</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

No nosso draft<sup>1</sup>, que ilustra a parte inicial da caminhada da pesquisa que culminou com a presente dissertação, e que no decorrer dos estudos mostrou-se importante nas decisões que precisaram ser tomadas mudando certas opiniões que tínhamos acerca do que fazer para que o nosso trabalho fosse absorvido e valorizado por aqueles e aquelas que dele farão uso, nos deu perspectivas desse uso. Aliado à necessidade de produzir uma solução pedagógica que ‘armasse’ a escola de um instrumento para o cumprimento de sua função sociocultural essencial na formação dos sujeitos, e que proporcionasse às comunidades sujeitos/objetos da pesquisa a possibilidade de promover a difusão e a conservação do seu traço cultural característico.

Nos deu ainda a motivação para o início do trabalho, principalmente quando as nossas indagações acerca do discurso pós-moderno de que nesse período as transformações produzidas deram força a processos tecnológicos jamais vistos em tempos passados, e que é também um período em que as tradições são vistas como coisa arcaica, e não como aprendizagem ou reapropriação. Ainda, que os costumes, os hábitos, e, até mesmo as crenças, que por anos, décadas ou mesmo séculos foram observadas e temidas, podem estar sendo substituídas por sons e imagens que existem[apenas] no mundo virtual.

Mundo virtual esse que transforma em processos tecnológicos - infelizmente - selecionam a cultura que pode ou que deve fazer parte do ‘panteão’ cultural, atribuindo os critérios de aceitação com ênfase na análise mercadológica, item tido como principal *password*.

Assim, a cerimônia que buscamos desvelar em nosso trabalho, tendo como veículo um museu virtual, tem a pretensão de se fazer um instrumento de interpretação e interação, nos moldes tecnológicos atuais, proporcionando aos leitores e visitantes, possibilidades ímpares de conhecer, e reconhecer um dos traços culturais da região de Feira de Santana, em especial esse das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú. A opção pelo museu se deu em virtude da facilidade de acesso e interação, e ainda baseado na definição do *International Council of Museums ICOM* (2001), que diz: [...] instituição permanente, sem

---

<sup>1</sup> Instrumento disponível nos apêndices.

fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos do homem, para educação e deleite da sociedade."

Então, os aspectos inerentes ao museu, aliado ao nosso propósito de fazer conhecer uma manifestação cultural que não impõe lucro, e que conserva e expõe aos demais o nosso objeto, foi um achado. Achado que tem uma historicidade bem remota, que os museus tiveram origem no hábito humano do colecionismo, que nasceu junto com a própria humanidade. Desde a Antiguidade remonta o homem, por infinitas razões, coleciona objetos e lhes atribui valor, seja afetivo, cultural ou simplesmente material, o que justifica a necessidade de sua preservação ao longo do tempo.

Portanto, as comunidades que lutam contra os moldes tecnológicos atuais que refletem as transformações na sociedade, por vezes buscam instituir-se aos sujeitos, principalmente àqueles pouco acostumados com modos de viver baseados em tecnologias futuristas pautadas em produções individuais, as quais se mostram com maior impacto nos países ditos de terceiro mundo, relegando a planos inferiores as práticas comunitárias historicamente produzidas, que sintetizam o viver em comunhão com o meio e os recursos necessários a vivência humana. Tem no museu virtual a possibilidade de uma ferramenta que as ajudará nessa luta.

Dessa forma, na perspectiva de lutar contra tais imposições hegemônicas de uma cultura geral e generalizante, as comunidades de Ovo da Ema e de Tiquaruçú, respectivamente povoado e distrito do município de Feira de Santana, se uniram na produção de um projeto que busca soluções para preservarem e difundirem o traço cultural, para os quais, pouco ou quase nada de tecnologia precisa ser empregado na sua realização, mas que refletem a vivência histórica dessas comunidades. Essa luta tem como base a filosofia da práxis gramsciana, a qual não prega a pacificação das contradições, pelo contrário, ela é a expressão destas classes subalternas, que querem educar a si mesmas [...] têm interesse em conhecer todas as verdades, inclusive as desagradáveis, e em evitar os enganos (impossíveis) da classe superior e, ainda mais, de si mesmas (GRAMSCI p. 388, 1999).

E assim, a expressão das comunidades supracitadas, funda-se em educar os sujeitos na busca da conservação das suas verdades culturais, historicamente construídas,

preservadas e vivenciadas cotidianamente, e ainda com a necessidade da difusão para conhecimento de todos e o reconhecimento enquanto traço cultural desse grupo social. A conservação dos saberes e fazeres dos sujeitos participantes da prática social, se fará de forma efetiva e eficaz na medida em que a mesma ocorra baseada no princípio Bakhtiniano relacional comunicativo, que se faz no processo da comunicação verbal, da interação com o outro, que alguém se faz sujeito forjando seu próprio eu.

Assim, buscando construir uma solução que atenda aos seus anseios preservacionistas e difusionistas de suas práticas sociais, essas comunidades lutam, com suas práticas contra essa pós-modernidade generalizante, com o objetivo principal de evitar que o traço cultural característico do processo de cultivo/colheita do feijão se perca nas ondas ou imagens virtuais. Luta essa que tem como objetivos, conservar, difundir e, principalmente, transmitir aos mais jovens e sujeitos de outras localidades o sentimento de pertencimento que enseja a participação e a colaboração na cerimônia de colheita e agradecimento do grão.

A solução escolhida, o museu virtual, proporcionará uma visão acompanhada da possibilidade de comandar a visita, pelas suas escolhas. Essas escolhas podem advir das suas necessidades ou do seu mero prazer de conhecer. Esse comandar é oportunizado pelo domínio das barreiras físicas que deixam de existir e de dificultar o livre transitar pela história, pelos sujeitos visitantes/participantes.

Outra facilidade proporcionada pelo museu virtual está na possibilidade de poder transmitir todo o seu valor, ou valores, por estar sempre aberto e se comunicando sempre com o seu público. A atração ocorre na medida em que disponibilizam mais informações e entretenimento, o que nos dias de hoje, com o advento de tecnologias mais rápidas e com maior resolução, torna-se atrativa e lúdica. Tal ludicidade, configura-se num instrumento eficaz e eficiente nos processos cognitivos.

Visando a construção de uma solução pedagógica que tenha a participação das comunidades sujeitos/objetos, devemos observar os requisitos socioconstrutivistas que fundamentam a abordagem DBR, (Design Based-Research), a qual pode ser livremente traduzida por Pesquisa em Desenvolvimento e as relações historicamente produzidas por esses sujeitos. Por que optamos pela abordagem metodológica DBR? A resposta pode ser mais simples do que se poderia imaginar. Pois, em primeiro lugar auxilia na detecção das novas

demandas sociais que sugerem (requisitam) novas formas de abordagem nas pesquisas da cognição, e que contemplem as lacunas deixadas pelas experiências nem sempre tão exitosas de outras abordagens metodológicas, que não cumprem, de acordo com a proposta de fazer com a comunidade; em segundo lugar, porque a utilização das metodologias qualitativa e quantitativa culmina numa aplicação que integra a comunidade não apenas como objeto de estudo, mas, e principalmente, como um dos sujeitos da pesquisa, configurando-se numa prática social comunitária; e em terceiro lugar, proporciona a construção de instrumentos de auxílio didático pedagógicos numa perspectiva dialógica e socioconstrutivista, que contribuem na eficácia e eficiência da referida solução.

A abordagem metodológica DBR propicia também a apreensão de outros aspectos inerentes. Esse repertório de possibilidades, proporcionado pela utilização da supracitada abordagem, nos permitirá dialogar com a comunhão coletiva dos interesses da comunidade parceira acerca da conservação/difusão dos saberes/fazeres desta, somente se tivermos um ponto de partida que nos ponha na condição de participante válido e interlocutor pertinente da comunidade, em relação ao que lhes interessa desenvolver.

O desenvolvimento do presente trabalho foi realizado em capítulos, totalizando sete (7), os quais terão as suas particularidades quanto ao conteúdo em função da abordagem metodológica e a solução pedagógica escolhida. A abordagem metodológica DBR proporciona a imersão do pesquisador, e conseqüentemente da academia, representada pelos teóricos e seus métodos.

No capítulo um (1) buscamos mostrar um pouco do que será o trabalho de forma geral. Nesse capítulo apresentaremos o problema de pesquisa, o método utilizado, as categorias teóricas e seus respectivos defensores. Não nos esquecendo de mencionar também, o veículo que optamos enquanto solução pedagógica para a difusão/conservação do traço cultural a Bata do Feijão, objeto do nosso estudo, o Museu Virtual da Bata do Feijão.

No capítulo dois (2) que denominamos como Contextualizando o Gado, as Comunidades e o Feijão, abordaremos o ambiente físico, com suas singularidades, bem como os elementos que permearam o viver daqueles que transformaram o lugar que hoje conhecemos por Ovo da Ema e Tiquaruçú, respectivamente, povoado e distrito do município de Feira de Santana.

No capítulo três (3), intitulado Princípios Norteadores para a construção do Museu Virtual da tradição da Bata do Feijão, apresentaremos os princípios gramscianos (1984) de design que serão adotados, os praxiológicos, segundo os quais a práxis engloba a ação conjunta dos sujeitos e se constitui efetivamente em ações coletivas e, por isso não concebem um conhecimento do mundo sem a prática ou experiência dos sujeitos. A seguir os princípios praxiológicos a serem adotados pelo museu virtual Bata do Feijão. a) Construção Contra Hegemônica, com práticas e/ou instrumentos criados para propiciar mudança na forma ético-política de ver e ser visto; b) Filósofo de si mesmo, com práticas e instrumentos que possibilitem os sujeitos a refletir e construir entendimento sobre si e em relação ao contexto; c) Entendimento de integração ao contexto, com práticas e instrumentos que possibilitem o sujeito entender sua participação e interação com o grupo social a que pertence e com as condições da existência deste grupo e de si mesmo; d) Espaço/Lugar/Território, com práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos sentirem-se pertencentes ao espaço de (con)vivência e a sua participação/interação com o meio físico e social em que habitam, mantendo relações de produção nas condições oferecidas para a existência do seu grupo social no espaço/lugar/território/geográfico existente; e) Comunidades de Práticas, com práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos/membros das comunidades sentirem-se partícipes ativos e produtores das práticas comuns, as quais primam pela participação dos sujeitos na sua elaboração; f) O lugar da Bata do Feijão de Cachoeira à sua freguesia de São José das Itapororocas, com práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú, bem como daqueles que acessem ao nosso museu, reconheçam-se como parte da história da região, bem como sujeitos de transformação da realidade em que vivenciamos; g) Os Guedes e Peixoto Viegas Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos/membros das comunidades perceberem-se parte de uma grande família de produtores de práticas comunitárias, as quais derivam das práticas trazidas pelos povoadores da região dos seus locais de nascimento; h) A Natureza —indical a melhor localização para a estrada boiadeira e a comunidade do/para o gado, com práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú compreenderem a opção pelas terras da sesmaria de São José das Itapororocas, para o empreendimento de criação e transporte de gado, e a sua conseqüente transformação em diversas comunidades; i) Estruturas de um contexto, com práticas e instrumentos que possibilitem ao sujeito entender sua participação na manutenção de uma estrutura produzida pelo grupo social a que pertence, contribuindo para a sustentação das condições de existência do grupo e de si mesmo; j) A Solidariedade como cimento da consciência coletiva: Formas de

plântio, tradicional/mecânica, com práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos das comunidades perceberem a necessidade da participação e do envolvimento solidário de forma ativa nas produções e nas práticas comuns à comunidade, as quais, para a sua continuidade, dependem dos sujeitos no seu processo de produção, seja ele tradicional ou mecanizado; l) Alimentação: do Fisiológico à construção de laços, com práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú, bem como daqueles que acessem ao nosso museu, reconheçam-se como parte da história da região, bem como sujeitos de transformação da realidade em que vivenciamos; m) Cantos de agradecimento pelas boas colheitas, com práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos das comunidades uma aprendizagem que pode ocorrer durante a realização das práticas comunitárias cotidianas, as quais evidenciam os conhecimentos adquiridos nas mesmas. O trabalho quando realizado com prazer torna-se uma atividade pouco desgastante e proporcionadora de ações e reações produtivas. Na Bata do Feijão ocorre o embalar dessas atividades com cantos que ilustram o dia a dia comunitário, bem como as reminiscências de tempos nem sempre exato quanto a sua duração; n) Escola e Cultura: Relação necessária, com práticas e instrumentos que possibilitem a construção de meios que aproximem a instituição escolar da comunidade, oportunizando aos professores e alunos perceberem-se membros ativos, participativos e conscientes das suas condições de existência; o) Polifonia, com práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú, exercerem o seu poder de transformação da realidade, através da participação nas produções criadas ou realizadas pelas comunidades e; p) Dialogismo, com práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú, exercitarem as memórias dos seus antepassados através da evocação das práticas realizadas e que refletem a realidade, através da participação nas produções historicamente criadas pelas comunidades.

Além dos princípios acima elencados, empregaremos também princípios socioconstrutivistas que nos auxiliarão na aplicação do museu Virtual da Bata do Feijão – Ovo da Ema e Tiquaruçú, conforme lista a seguir: 1) Interação - com práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação inter e intrapsicológica do sujeito com o contexto material e imaterial; 2) Interatividade - com práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação em que a fusão dos saberes/fazerem configurem num fazer coletivo;

3) Museu Virtual - com o acesso ao museu através dos seus recursos e métodos de divulgação, apresentação e, até de interação, tornou-se um potente veículo de socialização/difusão em massa, resultado das novas tecnologias e da forma como estas se apossaram do nosso cotidiano, transformando e introduzindo novos padrões de acesso, percepção e comportamento humano frente às novas demandas das sociedades; 4) Tecnologia Social - as tecnologias sociais podem ser definidas como um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social. Esse tipo de tecnologia se origina de um processo de inovação resultante do conhecimento criado coletivamente pelos atores interessados no seu emprego e; 5) Simulação/ Simulacro - onde simular corresponde a fingir uma presença ausente, criar uma imagem sem correspondente com a realidade, e o simulacro como um procedimento relativo à produção de sentidos. Pois, quanto mais próximo estiver da realidade, do objeto, menos deixará de ser uma representação. Nesse princípio, as práticas e/ou instrumentos são criados para propiciar o desenvolvimento de uma aprendizagem planejada, organizada e validada pelo sujeito.

No capítulo quatro (4), denominado de modelagem cognitiva, demonstraremos de que forma a nossa solução pedagógica, o museu virtual, será disposto. Disposição essa que permitirá aos visitantes uma visão ampla e facilitada do patrimônio produzido, a qual contempla a filosofia de abordagem sobre o acervo e sobre a organização do contato interacional entre o acervo virtual a construir e os usuários. O capítulo contempla ainda a abordagem metodológica DBR, a qual estará presente na modelagem cognitiva do museu proposto, por configurar uma interpretação de articulação museu/usuário que se mostra particularmente interativa e de estímulo à reflexão crítica sobre o que será apresentado. Acreditamos ainda, que proporciona um entendimento acerca do processo de ocupação/colonização da região onde se localizam as comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, o que também significa que estarão presentes no museu como suporte à proposta de visitação virtual.

No capítulo cinco (5), que qualificaremos de Percurso Metodológico, disponibilizaremos os fundamentos metodológicos que alicerçam nosso trabalho, os quais estão edificados nos princípios teóricos Gramsciano (1984), Bakhtinianos (1988,2003) e Vygostkianos (1991). Nesses princípios, os autores adotados por nós salientam a necessidade da relação homem/natureza, e as suas respectivas interações. Gramsci afirma que todo grupo

social, produz os seus intelectuais, os quais não serão apenas atuantes no campo econômico, mas também no que diz respeito ao político e ao social. Esses intelectuais serão ainda a ponte que unirá o seu grupo aos demais grupos, promovendo a interação, e até a integração com os demais grupos sociais, através da difusão de suas práticas sociais. A práxis (praxiologia), que demonstra a continuidade de um processo iniciado em tempos nem sempre precisos, converte-se num resultado de atos e ações do grupo.

Ainda no capítulo cinco (5), discutiremos as categorias de análise do museu, a partir das ações propostas e operacionalizadas no decorrer do trabalho, de acordo com a abordagem metodológica escolhida, a DBR, imprescindível à realização dos procedimentos que porventura origine possíveis aprimoramentos após a aplicação, ou aplicações, se necessário for. Para tanto, observaremos as variáveis dependentes e independentes. A variável dependente, que pode ser caracterizada como o agente, o resultante ou o precedente que determinará a ocorrência de fenômenos outros, como a interpretação, as possíveis alterações e, principalmente o (re) conhecimento do traço cultural, será o Museu Virtual essa variável, a qual proporcionará resultantes das ações da variável independente.

A variável independente, caso específico do nosso Museu virtual da Bata do Feijão assenta-se na observação do comportamento dos visitantes que acessem e interajam com o mesmo. Nessa categoria adotamos os princípios cognitivos interação/interatividade/controle, dispostos no Capítulo 05, quadro 06. A variável independente por seu turno, está subdividida em três princípios assim dispostos: I) Interação; II) Interatividade e; III) Controle. A distribuição e elementos que compõem disposto nos quadros dez (10) e onze (11), os quais qualificam a forma de apreensão cognitiva dos visitantes, sem a matematização de outras formas de avaliação.

No capítulo seis (6) disponibilizamos os dados obtidos nas análises das variáveis elencadas para a interpretação das observações realizadas a partir dos instrumentos analíticos que optamos. Esses instrumentos evidenciaram seus resultados a partir do cruzamento das variáveis independente e dependente, demonstrando o efeito da participação/visitação na nossa solução pedagógica, o museu virtual, e as necessárias ações no sentido de torná-lo mais efetivo e eficaz no cumprimento dos objetivos propostos no início do nosso trabalho. Neste capítulo foi possível ainda demonstrar a descrição da primeira aplicação do museu virtual, os resultados das análises de cada princípio elencado, uma pequena parte do princípio Escola e

Comunidade: uma relação necessária, o qual não pode ser analisado em virtude da falta de tempo/oportunidade ocasionada pelos problemas técnicos já referidos neste trabalho. Projetando para as aplicações posteriores uma análise mais aprofundada e eficaz do mesmo. O capítulo seis (6) oportunizou também a verificação da ação e do efeito dos princípios e, por último, as possibilidades de aperfeiçoamento do Museu Virtual da Bata do Feijão, quanto as ações e os efeitos gerados por ele nos sujeitos visitantes/participantes.

No capítulo sete, (7), realizamos as considerações finais desse primeiro ciclo do museu virtual da Bata do Feijão. Quando falamos primeiro ciclo queremos deixar claro que, como propõe a abordagem metodológica DBR, haverá outros ciclos de refinamento do museu. Refinamento esse que se faz necessário a partir das interações dos visitantes e suas respectivas sugestões, críticas, inclusões e exclusões. Pois, de acordo com o quadro oito (8), as fases da pesquisa, baseada na DBR está assim dividida: na fase 1, a análise do problema por investigadores, usuários e/ou demais sujeitos envolvidos em colaboração, a definição do Problema; a contextualização e; os diálogos com os sujeitos das comunidades envolvidas na pesquisa.

Na fase 2, a discussão e desenvolvimento de uma proposta de solução responsiva aos princípios de design, às técnicas de inovação e à colaboração de todos os envolvidos; a fundamentação teórica e; o design cognitivo do museu virtual. A fase 3, contempla os ciclos interativos de aplicação e refinamento em práxis da solução; a modelagem do Museu Virtual em colaboração com os sujeitos das comunidades; a aplicação e refinamento do museu e; o levantamento e análise dos dados. As fases 4, 5, 6, e outras que se fizerem necessárias, são para a reflexão com vistas a produzir —Princípios de Design que possam melhorar a implementação da solução.

Por fim, os dados obtidos nas visitas interativas oportunizaram o alcance dos objetivos propostos colaborativamente, bem como proporcionar às comunidades sujeitos/objetos a efetivação da luta contra hegemônica da sua cultura local. Assim o reconhecimento das características do traço cultural se transformará num aprendizado que irá perpetuar os feitos de um grupo social, que será conhecido como uma comunidade. E ainda buscando estabelecer a conexão entre os saberes/fazeres comunitários com os membros da sociedade, e incluí-los nos currículos escolares como temas que abordem a pluralidade

cultural, desenvolvendo os laços entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, possibilitando ainda desfazer os nós impostos pela (neo) colonização intelectual compulsória.

## **2 CONTEXTUALIZANDO O GADO, AS COMUNIDADES... FEIJÃO**

Neste capítulo, que intitulamos como Contextualizando o Gado, as Comunidades e o Feijão, abordaremos o ambiente físico, com suas singularidades, bem como os elementos que permearam o viver daqueles que transformaram o lugar que hoje conhecemos por Ovo da Ema e Tiquaruçú, respectivamente, povoado e distrito do município de Feira de Santana. Apresentaremos também, e especialmente, o porquê da escolha desse território para a construção da Estrada Boiadeira, que ligava a então a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu aos estados do Piauí e Goiás, para o transporte do gado. Não nos esquecendo dos primeiros habitantes do lugar, de acordo com POPPINO (1968) e suas relações com os ‘forasteiros’. Aimoré e Paiaia. E ainda, na perspectiva de fomentar pesquisas alusivas aos primeiros habitantes do território que compreende o município de Feira de Santana, trazemos OTT (1958) que salienta, em sua obra Pré-História da Bahia, que os Payaya eram, na verdade

[...] os Maracá, que 1586, já são mencionados. [...] Ocupavam o vale do Paraguassu, a serra do Sincorá, [...] ora Paiaia, ou ainda Maracanassu, o que significa a grande nação dos Maracá. Geralmente os índios residentes ao sul do Paraguassu eram denominados mMaracá, sendo os que habitavam ao norte deste rio mais comumente designados por Payayá. (OTT, 1958, p. 19)

Ainda de acordo com POPPINO (1968), esses Payaya —Eram cultivadores do milho, da mandioca, do aipim, do feijão, da batata doce, do amendoim e da abóbora e eram, juntamente com os negros, os habitantes mais próximos das comunidades, à época, tinham os seus hábitos, costumes e, principalmente por se tratar de uma das mais conhecidas formas de se relacionarem com o divino, as cerimônias de agradecimento pelas boas colheitas.

Os forasteiros, denominados povoadores, que também tinham os seus hábitos, costumes e formas de se relacionarem com o divino, fizeram da então freguesia de São José das Itaporocas, o berço da pujante e próspera Feira de Santana. Entre muitos que por aqui passaram Os Guedes de Brito, os Peixoto Viegas e ainda Lobo Mesquita. Desses, tiveram início as famílias que, por enlaces matrimoniais, fizeram surgir os grandes nomes que nos dias

de hoje nomeiam ruas e praças da sede do município. Sede essa que conta com nove (9) distritos, cada um com seus povoados. Dois desses distritos são sujeitos e objetos de nosso trabalho.

O presente capítulo versará ainda acerca do modo de alimentar dos habitantes do lugar, dos forasteiros e daqueles que apenas passavam por aqui, pois São José das Itaporocas, quando do seu surgimento foi um pouso para viajantes, vaqueiros, tropeiros e demais aventureiros da época. E para alimentar a todos, o feijão, após a mandioca e o milho, era um dos alimentos mais produzidos e consumidos pelos comensais do lugar, o qual tem o seu ciclo de plantio, de cultivo e de colheita, que tem no mês de setembro a cerimônia do debulhe dos grãos, a Bata do Feijão, objeto deste estudo que traz como elemento fundante a busca de uma solução pedagógica para a difusão e conservação de uma prática social das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú.

Cerimônia esta que se configura no cimento que propicia uma unidade dos sujeitos na efetivação dessa prática social. Esse sujeito, enquanto membro de um dado grupo social busca assimilar as condições de sobrevivência que o ponham e o mantenham na condição de partícipe desse grupo. Nesse sentido, GRAMSCI (2001) assevera que —as características mais marcantes [...] se desenvolvem no sentido do domínio [...] pela assimilação e [...] conquista —ideológica dos intelectuais tradicionais|. Intelectuais esses, geralmente prepostos do Estado, ou ainda, de instituições que buscam impor uma única vertente cultural, que lhes proporcione lucros, buscam caracterizar qualquer manifestação representativa local como pouco apreciável.

Além de pouco apreciáveis, tais saberes são desqualificados por discursos que se fizeram hegemônicos e buscam tornar os demais discursos periféricos, por não atenderem aos ditames de uma indústria cultural perversa. Desqualificados na medida em que refletem os saberes e fazeres populares, historicamente construídos e sem a necessidade de ter que agradar às indústrias editoriais ou grupos produtores de uma cultura generalista.

Assim, a qualificação dos saberes e fazeres construídos/produzidos pelos sujeitos tem em FOUCAULT (1999, p. 11-12), a qualificação de saberes sujeitados, que o autor define como conteúdos históricos (práticas sociais comunitárias\*) que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais. Ousamos traduzir os conteúdos

históricos do autor, pelo de práticas sociais comunitárias. Saberes e fazeres estes produzidos comunitariamente, ou até mesmo individualmente por um dos sujeitos, que não precisam estar presos a funcionalidades ou ainda a sistematizações impostas por outros grupos, ou sujeitos alheios ao processo. Alheios em função daquilo que denominamos de descontextualização. Assim, acreditamos que um traço cultural que identifica um grupo ou indivíduo, e se mantém através das relações ocorridas no seio dessas representações, configura-se naquilo que GRAMSCI (1984) situa como sendo a práxis de transformação ético-cultural, agindo como síntese das relações orgânicas entre intelectuais orgânicos e o povo, como caminho emancipatório.

Essa emancipação reside, também, na construção coletiva de meios que possibilitem a transmissão, a conservação e, principalmente, o reconhecimento do traço cultural por aqueles que vivenciam. Pois, existem, infelizmente, aqueles que mesmo estando no entorno dessas comunidades, desconhecem e não dão o devido valor a essas práticas experienciadas. Por vezes essa tão propalada necessidade emancipatória, se defronta com atitudes que buscam negar a possibilidade da existência de outros traços, nem superiores, nem inferiores, apenas outros. Buscam pregar, ou impor a presença de uma cultura única, ou uma hegemonia sem parentesco com outras. Principalmente se essas outras não são produzidas, praticadas por esses defensores dessa considerada, por alguns, como única.

Dessa forma, na perspectiva de elucidar a articulação relacional existente, ou melhor, que deve existir, LIMA (2012) ressalta que:

A hegemonia possível é aquela que articula o concreto pensado, fruto das relações materiais na produção da existência, com o concreto com suas múltiplas determinações, que Gramsci denomina como filosofia da práxis, donde articula-se prática e teoria, teoria e prática (LIMA, 2012, p.7).

A partir da articulação da prática/teoria, buscaremos mostrar a importância dos traços identitários das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, evidenciando aquilo que Gramsci (2001) afirma ser o elemento de emancipação de um grupo social, o qual se caracteriza pela transformação na sociedade, proposta e realizada por todos os membros da comunidade aqui postos como sujeito e objeto.

Ainda acerca da hegemonia, temos, entre outras interpretações, as de BHABHA (2005), na qual afirma que Com a negociação, tento chamar a atenção para a estrutura de

iteração que embasa os movimentos políticos que tentam articular elementos antagônicos e oposicionais sem a racionalidade redentora da superação dialética ou da transcendência. Ou a de HALL (2003) que diz a falta de correspondência entre as dimensões econômica, política e ideológica, e ainda a de CANCLINI (2003) que questiona: Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Todas essas interpretações não conseguem contemplar na sua integridade a nossa ideia de participação dos sujeitos na transformação da realidade cultural dominante e ainda buscam impor uma credulidade de uma cultura geral. Objetivando instituírem as suas ideias, na medida em que estas coexistam com as representações locais/regionais, historicamente produzidas e vivenciadas.

Contrapondo aos autores supracitados, RAYMOND WILLIAMS (1979, p. 111) salienta que hegemonia vai além da cultura [...] em sua insistência em relacionar todo o processo social com distribuições específicas de poder e influências. Ideia essa que adotamos como base da nossa solução pedagógica, no objetivo proposto pela comunidade, a criação de uma solução pedagógica, o museu virtual, para a difusão/conservação da Bata do Feijão. Solução essa que de acordo com Muchacho (2005), propicia

a exposição virtual vem facilitar a recepção informativa, pedagógica e estética do objecto museal. O visitante deixa de ser um sujeito passivo, que apenas reage a mensagem transmitida, passando a ser incentivado a participar e interagir com o espaço. De acordo com a sua experiência, gostos pessoais e nível cultural, cada visitante pode criar o seu próprio percurso expositivo (MUCHACHO, 2005, P. 1543).

Dessa forma, o museu virtual possibilitará a todos os sujeitos implicados no processo de (re) conhecimento/difusão/conservação desse traço característico das comunidades citadas, bem como dos visitantes que poderão interagir enquanto conhecem. Possibilitando ainda o estabelecimento do diálogo com as comunidades, criando e fortalecendo vínculos externos.

Vínculos esses que auxiliam num problema que o museu físico enfrenta que é a criação de um canal, que logre êxito no estabelecimento de uma comunicação efetiva e eficaz com os visitantes.

Na perspectiva de concretização do nosso objetivo, buscaremos a existência de elementos, que demonstrem a relação entre a cerimônia do debulhe do feijão com outras

práticas semelhantes de agradecimento às boas colheitas, sejam elas europeias, ameríndias ou africanas. Relação essa que não só entre si, mas também com os pesquisadores que necessitam implicar-se no processo de investigação, validando sua presença nessas discussões. E essas práticas, que podem ou não ter influenciado na criação da cerimônia da bata do feijão, mesmo que sejam, ou não, de modo compulsório, nos então habitantes da colônia portuguesa, que acreditamos ter sofrido influências das colônias espanholas, por situar-se muito próxima destas, e colocando-se em contato com as possuidoras de uma cultura própria, colaborando para —dareml o seu toque local às suas produções.

Produções de um conhecimento que tem a sua origem nas matrizes formadoras do povo sertanejo, o qual MOITA LOPES (2002), em sua obra *Identidades Fragmentadas: A construção discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade em Sala de Aula* salienta que

[...] para refletir sobre a construção do conhecimento na vida social, estamos adotando uma posição socioconstrutivista acerca dos discursos e das identidades [...] se baseia em uma visão constante de incompletude, fluidez e uma atitude dialógica perante os discursos analisados, reconhecendo as inúmeras ideologias que os perpassam a sua especificidade perante uma situação material de produção específica e, portanto, a impossibilidade de submetê-los à análise por meio de uma teoria acabada sem perder de vista a sua complexidade. (MOITA LOPES, 2002, p. 4).

A complexidade dessas produções ocorre num dado espaço, lugar ou ainda território, que de acordo com diferentes interpretações/entendimentos, podem ser classificados. Diferenças essas que demandam uma grande variedade de compreensão de similaridade ou da diferença, dos termos em questão. Das diferentes compreensões, Santos (2008) nos fala acerca do que compreende como espaço.

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre eles especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (SANTOS, 2008, p. 15).

O espaço, o lugar ou o território se configura numa necessidade para a efetiva relação/interação dos sujeitos/objetos de forma a concretização de uma prática, que busca perpetuar, através do trabalho realizado, as relações do vivido e a sua importância como elemento de amalgamento social. Através do qual se fará a consolidação desse entrelaçamento

o qual reflete a solidariedade percebida na preparação/confecção das práticas sociais coletivas oriundas de tempos remotos dessa comunidade. Dessa forma, para que as relações sociais de um dado grupo social vençam as forças que por ventura se coloquem como elemento de impedimento, ou ainda como dificultador da história desse grupo, faz-se necessária uma compreensão do processo em que se deu/dá essa produção. Pois, os elementos subjetivos que norteiam/nortearão a consciência coletiva devem buscar uma crítica e uma independência em relação aos outros grupos, principalmente aqueles que se autodenominam superiores.

GRAMSCI (1954) apud (SIMIONATTO, 1997), salienta que a Cultura aparece como uma das questões inseparáveis da política, pois cultura é, para Gramsci, um dos instrumentos da práxis política, que culmina na produção de uma consciência criadora de história, quer seja de pessoas, grupos, instituições, ou, até mesmo Estados.

Para Milton Santos (2008), o lugar, assim como as pessoas têm as suas singularidades. Independe se o ache velho, novo, bonito ou feio. Singularidades estas que determinam mudanças, permanências, rupturas ou perenidades. Por conta disso, os sujeitos que compõem o lugar, também exercem influência sobre o mesmo. Essa influência configura-se numa dinâmica social, em que os aspectos primordiais de uma sociedade se fazem presentes. São eles: o econômico, o cultural, o político e a conjunção de todos eles amalgamados no *modus vivendi* do referido grupo.

Observaremos, também, aquelas proposições acerca do que seja lugar, ao elencar atributos próprios, que VIEIRA, (2002) afirma que “É na parcialidade do espaço (lugar), que ocorre a particularidade representativa da dimensão do indivíduo, pois é a partir da individualidade deste último que torna-se possível sua identidade com o lugar” (VIEIRA 2002, p. 3).

Disso, podemos perceber que os atributos que são próprios ao lugar são, em certa medida, singularidades de cada indivíduo do grupo social. Singularidades estas que, ao se encontrarem com as —outras‖ singularidades de cada um dos sujeitos da cena em que ocorre o encontro, promovem a interação necessária à produção, à criação e à permanência de determinados traços comuns ao grupo desde tempos mais remotos.

A vida é vivida/reproduzida num dado espaço em que às vezes nada mais é do aquilo que os seus habitantes e/ou visitantes veem, sentem e fazem. Nessa perspectiva, CASTELLS (1983) nos leva a refletir acerca do conceito de espaço, quando salienta

[...] que o espaço não é um ‘reflexo da sociedade’, ele é a sociedade; e a ação social sobre o espaço —será exercida numa forma espacial já herdada, produto da história anterior e sustentáculo de novos interesses, projetos e sonhos (CASTELLS, 1983, p. 21).

E isso nos faz perceber o lugar enquanto lócus da reprodução do vivido, que pode ser inquirido quanto à participação dos sujeitos. Sujeitos estes que formam o espaço enquanto lugar de (con) vivência, que deve ser sentido, pensado, apropriado nas relações, as quais mantêm os indivíduos unidos aos espaços habitados e que exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, e nos vividos através do corpo. Individual e coletivamente. MARQUES et al. (2014), por seu turno elaborou um termo que define território, a partir das relações estabelecidas e historicamente com o meio, e transmitidas através das gerações, na qual ele salienta que

A forma como transformam os recursos disponíveis em meios de sobrevivência, que são transmitidos oralmente de geração para geração, é muito singular, identifica-os com o seu território, explicita a sua territorialidade; dá sentido ao seu viver e ao seu lugar. (MARQUES et al, 2014, p. 485).

Dessa forma, o território tem, também, a possibilidade de contribuir com o processo de agregação do grupo, na medida em que nas relações de trabalho e subsistência, o grupo faz uso dos meios de cada indivíduo para a produção, criação, representação e interação. Assim, MILTON SANTOS (2008) salienta que o lugar deve ser considerado não apenas como algo autoexplicativo, e não demande novos olhares, ou não sejam percebidos nas relações existentes dos objetos que proporcionam as ações humanas e que estas são dialeticamente construídas. Objetos esses que alojam as relações, sofrendo o impacto que as mesmas produzem/proporcionam.

O autor ainda salienta que [...] a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão, SANTOS (2008, p.22). Dessa forma, o que se vê, nem sempre será – ou quase nunca – será visto igualmente e na mesma proporção. Mas, perceber não denota apreender ou mesmo conhecer. Para isso, a interpretação faz-se necessária, na medida em que cada ser tem as suas potencialidades, suas ideologias, sua cosmovisão e, até mesmo, a sua relação com o objeto, que deve ser de atrair-se/atraindo mutuamente.

Nesse sentido, o de atrair ou ser atraído, o museu virtual, que consideramos de essencial importância para melhor demonstração da relevância do nosso objeto, se configura num instrumento capaz de estabelecer o diálogo virtual, entre o visitante e aqueles que estão

[são] ali representados quanto a sua territorialidade. Museu esse que coloca os membros da comunidade cientes da sua responsabilidade, individual e coletiva, além de estabelecer uma relação com o espaço vivido, possibilitando ainda a percepção/apreensão dos sentidos presentes no traço cultural comum às comunidades sujeitos/objetos da nossa pesquisa, o lócus das práticas sociais.

O lócus, que aqui chamaremos de território, estabelece o papel duplo de ser parte das relações, e o de ser o cimento que propicia o (re) conhecimento das singularidades inerentes ao grupo. Reconhecimento esse que pode – deve – ultrapassar as barreiras geográficas, barreiras impostas por hegemonias que tornam, ou buscam tornar, alheias o viver das comunidades que estão onde costumam chamar de periferia.

Aliado ao conceito de território de MILTON SANTOS (2008) adotado por nós neste trabalho elencamos também à filosofia da práxis gramsciana, a qual contempla a nossa ideia de participação dos sujeitos na transformação da realidade cultural dominante e que crê numa ideia de cultura que coexista com as representações locais/regionais. Já que a práxis engloba a ação conjunta dos seres humanos, então ela é efetivamente coletiva.

Os conceitos acima citados realçam a ideia de que os saberes locais e, principalmente, a não generalização dessas produções inferiorizadas foram pouco aceitas por falta no mercado instituiu como legitimação, critério único de aceitação geral e, por conseguinte poder fazer parte do panteão editorial. Nesses autores, percebemos ainda a possibilidade da construção de instrumentos e/ou práticas que auxiliam o processo de ensino e aprendizagem, com o cunho dialógico na perspectiva sócio construtivista.

Segundo essa teoria, confirmada em nosso trabalho, a participação de todos os membros na cerimônia da bata do feijão, em todo o seu processo, tem como consequência essa interação entre os membros das comunidades, onde eles utilizam a linguagem diariamente aplicada nas mais diversas atividades, como uma ferramenta eficaz no processo de aprendizagem da sua cultura.

A construção de instrumentos e/ou práticas de que falamos, encontra amparo nas discussões acerca das comunidades de práticas, que possibilitam essa construção. Mas, iniciemos questionando o que são Comunidades de Práticas? Podemos afirmar que não são

agregações que buscam fomentar jogos, diversões ou meros entretenimentos sem intenções de produção intelectual. Fazer parte de uma comunidade de prática implica compromisso, compartilhamento de competências e de manutenção, no nosso caso específico, também da conservação/difusão da cerimônia da bata do feijão nas comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú.

Nesse tipo de comunidade, à luz de WENGER; McDERMOTT; SNYDER, (2002), que salientam não haver lugar para interesses individuais ou mercadológicos, há os interesses comunitários como um todo e esses interesses são direcionados para a edificação do propósito comum, que é visto e vivido na Bata do Feijão, com o propósito comum de fazer (re) conhecido o traço cultural comum a elas e, melhor ainda, desenvolver/produzir soluções que tenham um viés pedagógico.

O desenvolvimento da construção do instrumento pedagógico escolhido tem o engajamento dos sujeitos das comunidades, numa proporção que vale mais pela qualidade da participação, do que pela quantidade dos mesmos. Pois, nem todos os sujeitos das comunidades têm a mesma compreensão da necessidade da construção coletivamente pensada e produzida na comunidade, a qual se configuraria numa totalidade dos sujeitos na efetivação do processo, mas, há, em maior escala, uma participação enquanto membros das comunidades e, melhor, na defesa e difusão das características do traço cultural que os definem como produtores do grão e da cerimônia que festejam e agradecem à fartura do mesmo.

Nessa perspectiva, as nossas pesquisas mostraram que as comunidades produzem aquilo que WENGER e TRAYNER (2015) definem como um grupo de pessoas que compartilham uma determinada atividade, e que se preocupam com a sua existência. Esses autores salientam ainda que, as comunidades de prática são formadas por pessoas que se empenham dentro de um processo coletivo de aprendizagem compartilhando esforços.

Tendo em vista o exposto nas páginas anteriores, optaremos por uma modelagem do nosso museu virtual que contemple uma filosofia de abordagem sobre o acervo e sobre a organização do contato interacional entre o acervo virtual a construir e os usuários. Esta abordagem estará presente na modelagem cognitiva do museu proposto, por configurar uma interpretação de articulação museu/usuário que particularmente achamos interativa e de estímulo à reflexão crítica sobre o que será apresentado. Acreditamos ainda, que

proporcionarão um entendimento acerca do processo de ocupação/colonização da região onde se localizam as comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, o que também significa que estarão presentes no museu como suporte à proposta de visita virtual.

Acreditamos, assim, que tal entendimento possa contribuir para a emancipação de um dado grupo social que se defronta com um mercado editorial que a cada dia aumenta a sua ‘fome’ de expansão. Expansão essa que não respeita espaços, ideias, ideologias, soberanias ou até mesmo aquilo que foi historicamente construído: A identidade cultural do grupo, a qual é inerente aos sujeitos e está embasada na complexidade dos mesmos e influencia nas produções de forma positiva. Essa influência norteará nossa pesquisa, buscando explicitar as práticas sociais das comunidades, objeto do nosso trabalho que se configurará na solução pedagógica auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Solução esta pensada, discutida, planejada e executada pelos membros das comunidades evidenciando, assim, a plena participação/colaboração das comunidades no processo de produção da solução, que teve o amparo teórico da academia através do pesquisador.

No quadro abaixo, encontram-se as categorias elencadas oportunizantes da apreensão dos sentidos propostos pelos objetivos listados.

<b>Categorias adotadas para design de solução pedagógica do Museu Virtual proposto</b>			
N <sup>o</sup>	Categoria	Descrição	Na Modelagem do Museu Virtual
1	Hegemonia	Conceito gramsciano aplicado às práticas sociais.  Para o autor, e concordamos com ele, as classes ditas subalternas, não têm que ser passivas e suas práticas devem ser negadas. Isso é proveniente das mais variadas heranças do passado.	Soluções de interatividade levarão em conta o perfil do sujeito usuário como entende o conceito.  Soluções de lócus interativo para o Museu será construído assim.
2	Espaço/Lugar Território	Dinâmica da produção do Espaço/Lugar /Território, realizada por todos numa relação que proporcione a interação entre os sujeitos e o ambiente.	
3	Comunidades de Práticas	A forma encontrada para a efetiva participação dos membros de uma dada comunidade, que promove uma interação entre os sujeitos da comunidade, favorecendo o (re)conhecimento dos traços culturais do grupo social e a sua efetiva conservação/difusão.	O Museu será construído em diálogo com a comunidade considerada coautora da solução.

**Quadro 1**

**Categorias adotadas para design de solução pedagógica do Museu Virtual proposto**

As categorias acima elencadas propiciaram o (re) conhecimento de conceitos que permeiam as relações sociais historicamente construídas nos diversos espaços de (con)vivência das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, bem como as formas de resistência nelas existentes, que precisam estar em consonância com as transformações ocorridas nas sociedades que estão, direta ou indiretamente, vendo-as como menores ou periféricas.

Possibilitam ainda, a difusão das práticas sociais características das comunidades produtoras do grão de feijão, alimento conhecido e utilizado em algumas sociedades, do país e fora dele estudado por nós. Seu cultivo é identificado, aqui em nossa região, como elemento que agrega os membros da comunidade em torno do processo de produção, que vai desde a escolha do local de semeadura, até o evento de culminância do mesmo. Tal escolha se deu até mesmo pelos troncos familiares que se fizeram crescer aqui nas terras feirenses, iniciado por famílias como as Guedes de Brito e Peixoto Viegas, que não se deram ao trabalho de buscar outros caminhos que proporcionasse alimento, água e demais recursos naturais necessários ao empreendimento.

## 2.1 OS GUEDES

Prosseguindo com a contextualização histórico/geográfico do lugar, a da Bata do Feijão, apresentamos a comunidade do Ovo da Ema que é um povoado do Distrito de Maria Quitéria, e também o distrito de Tiquaruçú, antigo São Vicente, município de Feira de Santana, ambos criados a partir da freguesia de São José das Itaporocas.

Segundo os moradores do Ovo da Ema o nome da comunidade foi criado em virtude da existência de uma criação de emas em uma das lagoas do povoado. O lugar teve como primeiros donos os sesmeiros da capitania de Peruaçu, desde 1560. Primeiro D. Álvaro da Costa, logo depois em 1609 passa para Antônio Guedes de Brito.

Abaixo o mapa da área onde se localizava, à época, o território de D. Álvaro da Costa.

### Mapa da Baía de Todos os Santos



imagem 1

Mapa da Baía de Todos os Santos

Fonte: <http://www.história-Bahia.com/mapas-históricos/luis-teixeira.htm>

De 1612 até 1639 o casal Manuel Guedes Lobo e Ana Guedes foram os novos proprietários e, a partir do ano de 1640, João Peixoto Viegas, que logo depois passou as terras a João Lobo Mesquita. Esse sertanista português casa-se com Dona Joana de Sá e juntos, fizeram grande fortuna e tiveram um único herdeiro, Francisco de Sá Peixoto. Tudo isso ocorrendo concomitantemente a muitos conflitos com os Índios que não aceitavam a catequização ou a escravização. Após a morte de João Peixoto Viegas, seu filho Francisco de Sá Peixoto assume o controle das propriedades. Com o fim da família Peixoto Viegas, as terras foram repartidas entre os rendeiros e meeiros, e outras vendidas a pequenos proprietários. Entre estes, estava Domingos Barbosa de Araújo e sua esposa D. Ana Brandoa.

Além do povoado do Ovo da Ema, existem ainda a Candeia Grossa, a Lagoa Salgada ou ainda a Garapa e outros lugares originados do distrito de Maria Quitéria, anteriormente chamado São José, em alusão a São José das Itapororocas, que foi ‘fruto’ da capitania de Peruaçu, e que posteriormente foi batizada de Feira de Santana. Conhecida, mas, inicialmente apelidada pelo Águia de Haia, Rui Barbosa, de Princesa do Sertão. São José das Itapororocas teve sua elevação à categoria de paróquia em 1696, pois desde 1693 fazia parte da comarca de Cachoeira. Elevação esta que só foi possível em virtude do aumento da população do lugar.

De acordo com o IBGE (2015), o que conhecemos hoje por Cachoeira, foi uma das primeiras povoações do estado da Bahia.

[...] indica ter sido um dos primeiros núcleos civilizados do território da Bahia. Sua história, afirmam alguns, remontaria ao século XVI. Talvez por isto mesmo as datas que assinalam seu desenvolvimento não estão isentas de controvérsias. Há mesmo os que admitem estarem suas origens pelos anos de 1595-1606, quando teria sido fundada a capela de Nossa Senhora da Ajuda por iniciativa do Capitão Álvaro Rodrigues, que legou a seus descendentes o encargo de conservá-la. O que parece fora de dúvida, no entanto, é que, quando em 1654 Rodrigues Adorno chefiou uma expedição com o fito de pôr termo às incursões dos indígenas pelas margens do Paraguassu, o vale deste rio já era habitado por alguns civilizados na sua parte mais próxima do litoral. Vencidos os silvícolas, permaneceu o chefe do grupo na região, onde reconstruiu a capela da Ajuda e instalou sua casa de moradia (IBGE, 2015, p. 12).

Portanto, a região de Feira de Santana e seu entorno foram criados a partir dos primeiros núcleos humanos na colonização portuguesa. Isso é confirmado, também, no trabalho de Fernandes e Oliveira (2012), quando as autoras relatam a realização de expedições com o intuito de percorrer o curso d'água navegável do Paraguaçu. Isso por volta de 1511. Mas, somente em 1531, é que, com Martim Afonso de Sousa e Paulo Dias Adorno, tem início, efetivamente a fundação de povoações logo depois as vilas, uma delas a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, em 1698.

Nesta paróquia, era obedecida a determinação provincial de que ficava proibida a produção de produtos que pudessem ser exportados, mas, a criação de cavalos era fundamental para o manejo do gado. O açúcar era o produto da vez, porém era necessária a produção de alguns produtos de subsistência como mandioca, milho e o feijão. Por isso, a agricultura serviu não apenas como incremento da pecuária, servia também como uma espécie de divisão social, pois, havia os trabalhadores rurais, os escravos e os livres. Estes produziam o fumo, que por muito tempo foi o principal produto agrícola. Os escravos produziam algodão, assim como os indígenas que também o faziam.

Porém a principal atividade da paróquia de São José das Itaporocas era a criação de gado. Ocorre que nas terras \_escolhidas\_ para o desenvolvimento da pecuária que, como já dissemos, foi uma imposição natural, uma vez que as terras do norte do estado não satisfaziam às necessidades dos criadores e muito menos dos animais, já existiam os verdadeiros donos: Os Índios. Estes, os Paiaia, Aimoré e outros, acabaram sendo forçados a se afastarem da região ou se fazerem vaqueiros', mesmo que a maioria dos vaqueiros fosse de mamelucos, indo-europeus ou mulatos. Negros eram poucos, mesmo porque os fazendeiros não sentiam tanta necessidade de ter escravos.

A Capitania de Peruaçu, propriedade de dom Álvaro da Costa, que já havia sido sesmaria pertencente a Francisco Toscano, através do Decreto da Província de 1609 é transferida a um novo proprietário. Disso surgem novas sesmarias, entre elas está a de Antônio Guedes de Brito. A partir do ano de 1612, Manuel Guedes Lobo e Ana Guedes tornam-se os mais novos proprietários da área que compreendia o Campo de São José das Itaporocas. Proprietários estes das terras da Colônia, que até o final do Século XVII não eram mais do que uma dúzia de pessoas, que tinham como patrimônio o imenso território. Na pecuária, duas grandes famílias dominavam o cenário colonial, os D'Ávila e os Guedes de Brito, as quais comandavam, respectivamente, as Casas da Torre e da Ponte. Comando este em que era utilizado o método de ocupação compulsório em que exterminavam os indígenas e após isso, de acordo com CALDEIRA (1999), seguia-se uma requisição das terras como sesmarias. Antonil (1982) também relata que os supracitados proprietários podem ser considerados como os maiores detentores do maior latifúndio já havido na história do Brasil. ANTONIL (1982) citado por CALDEIRA (1999) assim demonstra o poderio das famílias D'Ávila e Guedes de Brito:

Sendo o sertão da Bahia tão dilatado, como temos referido quase todo pertence a duas das principais famílias da mesma cidade, que são a da Torre e a do defunto mestre-de-campo Antônio Guedes de Brito. Porque a casa da Torre tem 260 léguas [1.840 quilômetros] pelo rio São Francisco, acima à mão direita, indo para o sul, e indo do dito rio para o norte chega a oitenta léguas [520 quilômetros]. E os herdeiros do mestre de campo Antônio Guedes de Brito possuem desde o Morro do Chapéu até a nascente do rio das Velhas, cento e sessenta léguas. E nestas terras, parte os donos delas têm currais próprios, e parte são dos que arrendam sítios delas, pagando por cada sítio, que ordinariamente é de uma légua, cada ano, dez mil réis de foro (ANTONIL, 1982 apud CALDEIRA, 1999, p. 200).

As propriedades, definidas por Antonil como as maiores da nossa história, tinham como administradores, pessoas indicadas pelos proprietários. Assim, Garcia D'Ávila criou uma forma para o controle das terras, que era um método largamente utilizado em outras áreas sobre o domínio da Coroa Ibérica, na qual ele premiava os expedicionários que se destacavam na caça aos índios. Algo similar ao que foi a marca da expansão para o interior do país. O rebanho ficava sob a responsabilidade dos sobreviventes da *razzia*.<sup>2</sup>

Isso se deu em virtude do absentismo português, que deixou as terras recém-descobertas praticamente abandonadas. Entre os inúmeros motivos elencados por historiadores

---

<sup>2</sup> Nesse contexto, *razzia* é a busca.

para tal abandono, podemos colocar, principalmente, o deslumbre da metrópole pelos achados nas Índias, que prometiam lucros inimagináveis à época, visto que a conjuntura do mercantilismo presente na Europa nesse momento histórico exigia ganhos e acúmulos de riquezas para a sustentação dos luxos da corte, além de financiar a defesa e manutenção das possessões além-mar.

De certo que não se configurou num total abandono, por força de algumas viagens oficiais de reconhecimento da costa das terras, e também houve aqueles que, seduzidos pelas informações, míticas às vezes, acerca de eldorados, monstros marinhos entre outras, buscavam financiamentos nos abastados da época com o intuito de realizar a viagem que traria riquezas para todos. A grande maioria, senão todos, não lograram o êxito pretendido, ou ainda pior, não retornaram as suas casas.

As terras brasilis, à época, ficaram abandonadas, sem defesa alguma, a metrópole alegando falta de recursos, justificada pela necessidade do financiamento das viagens às Índias, relegou-a a um último plano. Com isso, estrangeiros, que de acordo Silva Campos (1981) utilizava-se de um pouco de humanidade para com os aborígenes, buscando estabelecer relações de simpatia e comércio, sobrepujaram os portugueses, contrariando o El-Rei Dom Manuel, que havia estabelecido que em nenhum momento ocorresse a entrada de qualquer estrangeiro nas terras brasilis.

Mas os pichelíngues<sup>3</sup>, franceses, alemães, espanhóis e holandeses não atenderam às normas, aos protestos e às intermináveis caças a suas embarcações por prepostos lusitanos, entre eles Cristóvam Jacques. Que in loco lutava, juntamente com seu irmão Pero Lopes para pôr em prática o intento da corte, que insistia em tornar exclusivo o domínio sobre as terras brasileiras. Domínio esse que só poderia se concretizar, a partir do sucesso do esforço dos irmãos que tinham a obrigação de fazer cumprir a vontade de El-Rei. Mas apenas afugentar os possíveis intrusos não estava dando certo, era necessário que houvesse alternativas que pudessem obter o êxito esperado. E isso estava custando os poucos recursos, que nem poderiam ser desviados do empreendimento nas Índias orientais.

---

<sup>3</sup> Ladrão, larápio, ratoneiro, corsário, pirata.

Restou-lhe como alternativa viável e barata para o momento, repetir o sucesso alcançado no arquipélago de Açores, a instituição das capitânias hereditárias. Aliada a essa tomada de decisão estava a informação de que uma carta proveniente de Espanha, dava conta da descoberta da existência de riquezas, entre elas, estavam fontes inexauríveis de prata. Tal notícia alimentou a decisão da divisão das terras em capitânias. Contribuindo para isso, cabe ressaltar que Martim Afonso de Sousa veio, com dupla missão para as novas terras. Uma a de escorraçar os contrabandistas estrangeiros, a outra a de iniciar o processo de colonização da costa, onde já se encontravam alguns poucos núcleos de população vegetante.

Após tentativas e ciclos de Pau-Brasil, cana-de-açúcar e metais preciosos, a expansão pastoril propiciou o surgimento de um novo tipo de colono, o fazendeiro de gado. Em média cada fazenda possuía três léguas de comprimento por uma de largura, sem cercas e separadas por uma légua de terras que permaneciam sem donos. No entanto, a facilidade na obtenção de terras, muitas vezes recebidas como sesmarias, determinou a concentração de imensas propriedades nas mãos de um só dono. As terras que já eram conhecidas pela abundância de alimento e água, possibilitaram a criação da estrada boiadeira, a qual fazia o percurso do gado interestadual (Minas gerais, Goiás e Piauí), da época. A opção por essas terras ocorreu por força dos contumazes prejuízos advindos das terras do litoral norte, onde ataques de Índios e falta de alimento e água, faziam com que os prejuízos afastassem a possibilidade de estabelecimento nestas terras.

Com a ameaça sempre presente de invasão das recém-descobertas terras d'além-mar, a corte portuguesa realizou formas de proteção das mesmas que envolviam desde pequenas feitorias, até o estabelecimento dos governos-gerais. Assim, por volta da primeira metade do Século XVI foi implantado, nas terras da colônia brasileira, o sistema de capitânias hereditárias, empreendimento já testado em outras possessões portuguesas, a exemplo das ilhas atlânticas. Empreendimentos esses que visavam à produção e o comércio de açúcar.

Formas de proteção estas que antecederam o estabelecimento das sesmarias, que no Brasil teve o aval da historicidade do domínio senhorial da Península Ibérica. Pois, desde os Séculos VI e VII, em Toledo ou em Toulouse, que as relações de dependência senhorial eram baseadas na posse e ocupação das terras. Quanto a esse domínio ser reconhecido como feudalismo, o que encetou debates prós e contra a tese baseada no materialismo histórico

concorda com a ideia da existência de modo de produção ter sido implementado na Península Ibérica e mais tarde em terras lusitanas e suas colônias. E mesmo que isso tenha sido tardio, comportava singularidades relativas ao momento vivido, à reconquista da península das mãos mouras. Essa desarticulação desse tipo de feudalismo tardio deu-se em virtude das idas e vindas da guerra de reconquista.

As singularidades existentes no feudalismo tardio ibérico assentavam-se em contratos agrários, que especificavam as relações de poder, uso, manutenção e defesa das terras. Havia, também, os arrendamentos, que, via de regra, favorecia apenas aos titulares das terras, que ainda por cima se livravam dos serviços e dos riscos advindos da produção. Além desses contratos agrários, dos arredamentos, o sistema ainda contava com os censos (que eram as instituições jurídicas), os sensos consignativos (empréstimos clericais), as mestas (associação de pecuaristas) criadas por volta do século XIII, que ficavam com aqueles detentores de maiores glebas e maior número de animais. (Outras formas de domínio senhorial) existiram na Península Ibérica como a bateria (liberdade camponesa) e os reguengos, terras que, (por conquista ou por confisco, eram incorporadas ao patrimônio real) congregavam os grandes, médios e pequenos criadores de gado. Essas práticas contribuíram, também, para a guerra de reconquista, uma vez que servia como elementos de defesa das terras e, conseqüentemente, da península como um todo.

Todas essas instituições, inicialmente presentes na Península Ibérica, chegaram a Portugal e juntamente a outras coexistiram com o intuito de exercer/fortalecer o domínio senhorial. A guerra de reconquista no território português teve, entre outras formas de retomada das terras, aquilo que aqui denominaremos de reapropriação, a presúria<sup>4</sup> como forma principal de ocupação das terras sem dono ou conquistadas.

Mas os presores foram engolidos pela ambição desmesurada dos poderosos. Além do mais, essas vagas ou ermos que não fossem imediatamente tornadas produtivas seriam confiscadas e transferidas para que as cultivassem, em virtude da não disponibilidade de áreas cultiváveis no país.

---

<sup>4</sup> Reivindicação ou reconquista à mão armada.

Portugal, no período que compreende o início do Século IX, ao final do século XIII, empreendeu uma expansão demográfica, aliada a um crescimento econômico embasado na ideia de enraizamento dos homens a terra, impondo-lhes as condições de trabalho que buscassem cumprir as bases do domínio senhorial proposto.

Daí que as semelhanças entre os processos de ocupação, povoamento, colonização e as relações estabelecidas entre os que ganhavam as terras recém-descobertas d'além-mar, e os que nela já moravam, ou que vieram como mero instrumento de ocupação são extremamente parecidas. E essas práticas utilizadas na Península Ibérica e, depois em terras lusitanas, com os nomes de presúria, contratos agrários, arrendamentos, mesta e outras, foram, em certa medida, repetidas.

Não obstante, o reino lusitano teve de lidar com os percalços naturais e os administrativos que dificultavam ainda mais a sua sobrevivência, pois, se pelo lado natural tinha a peste e os conflitos sociais, ocasionados pela fome, falta de trabalho ou a obrigação de mandar os homens para a guerra, por outro, no administrativo, a política desastrosa de um rei que ambicionava o trono vizinho, o castelhano, extorquia e oprimia a todos em busca de recursos que financiassem o seu sonho. Ambição esta que se tornou uma paranoia, ascender ao trono castelhano, recrutando os homens do reino para o seu exército, acabava por retirá-los da lavoura, a qual desprovida de braços não conseguia produzir o mínimo necessário à subsistência para todos. Essa conjuntura desastrosa, aliada à sempre presença da Igreja nos assuntos políticos administrativos deu esse poder ainda maior a essa instituição religiosa, a Igreja, que já dispunha de um grande poder adquirido à custa de doações, quinhões em testamentos entre outras atividades, como os sensos consignativos.

Entre as ordens religiosas que mais detinham terras e, conseqüentemente poder, estavam a de Cister, a Ordem do Templo, a de Santiago de Espada, de Avis, a do Convento do Carmo, entre outras. A conjuntura aqui descrita foi, potencializada pelo aumento do poder clerical, que estava ocorrendo em toda a Europa. Aliada a isso a população estava suscetível à violência, a doenças, à fome e a busca de proteção nas grandes propriedades, uma vez que o rei se preocupava apenas, tão-somente em adquirir recursos para a efetivação de seu sonho, de sua químera.

A Igreja ainda intermediou ou fundamentou as bases jurídicas e ideológicas das propriedades, e as relações com os atores dos processos. Quando dizemos processos, queremos nos referir às diversas e possíveis formas de relacionamento entre os senhores donos de grandes glebas de terras, e aqueles que apenas poderiam trabalhar nestas. O Tratado de Tordesilhas, como um exemplo, arbitrou a divisão das terras descobertas na América do Sul, e não somente as descobertas, pois, até mesmo as que vierem a ser descobertas, já se configuravam em propriedade dos reis de Castela. Lembrando que semelhantes práticas ocorreram no Atlântico e nas Índias onde os reis de Castela tiveram amplo aval/cumplicidade da referida instituição religiosa.

As relações estabelecidas no processo de colonização, povoamento e a conseqüente catequização dos povos aqui encontrados, bem como daqueles oriundos de outros países que por aqui buscavam terra, trabalho ou outros meios de sobrevivência, impunham não apenas onde, como ficar ou ainda, para que ficar. Determinavam até mesmo o que comer.

Determinação essa que se pautava numa prática que se mostrava etnocêntrica, em dadas situações em que os colonizadores buscavam formas de apropriação e controle dos recursos disponíveis. Essa prática etnocêntrica produziu relações interétnicas e criaram novos hábitos nos colonizados, tornando-os os mais novos aculturados da época. Essa aculturação assenta-se naquilo que à época, nas paragens sertanejas, não era tão variado. A alimentação.

Necessidade fisiológica, o alimentar nutrir ou ainda o comer, agem, também, no amalgamento social de um dado grupo, e não se constitui em apenas em mais um mero ato biológico de cada um, entende-se também que seja um ato social e cultural. Agindo como espelho das formas culturais, produzidas e vividas no seio de um grupo.

As formas socioculturais de se alimentar variam de acordo com os hábitos e costumes do sujeito, os quais são construídos/criados a partir das relações existentes. O comer configura-se, em muitas situações, como uma cerimônia que reflete o comportamento do grupo e a observância das regras e ditames desse comer, objetivando a explicação das etapas do processo que culmina com o sentar à mesa, apesar de que esse \_sentar à mesa, tem suas variações quanto à mesa e quanto ao sentar. Examinando essas formas de comer, Úrsula Verthein e José Antônio Vázquez-Medina (2015), salientam essa forma *sui generis* da

cerimônia — do comer, nos seus estudos denominados Territórios do Comer, ao ressaltarem que

As interpretações sobre consumo de alimentos como um aspecto do comportamento cultural nos ensinaram que em nenhuma sociedade foi permitido comer qualquer coisa, em qualquer lugar, de qualquer maneira ou em qualquer momento. Comer no interior de um grupo sempre esteve sujeito a regras e costumes específicos em relação a todas as etapas da cadeia alimentar: produção, distribuição, elaboração e consumo (VERTHEIN; VÁZQUEZ-MEDINA, 2015, p. 26).

Portanto, os comportamentos culturais da cadeia alimentar, no que tange às etapas, independentemente do tempo/espço em que sejam criados, são pensados e construídos colaborativamente pela comunidade, respeitando os costumes e regras historicamente construídas. Esse respeito aos ditames culturais oriundos do processo histórico, ou mesmo de sujeitos, sofrem tentativas, na maioria das vezes exitosas, de indivíduos alheios aos costumes da comunidade, tentam impor práticas totalmente desprovidas de caráter comunitário, à revelia da vontade do grupo, mas que precisam passar pelo crivo da comunidade. Em algumas vezes há também a tentativa de serem impostos de forma verticalizada e estranha aos sujeitos. Esquecendo-se de que podem ainda ser frutos de uma prática consuetudinária que está ligada aos tipos, formas, tamanhos ou aos sabores desses que podem demandar diferentes atitudes ao serem consumidos.

Dessa forma, as diferenças existentes na configuração das práticas alimentares no sertão nordestino se devem à presença de /plantas e animais que foram transplantados de outros continentes, os quais precisaram ser adaptados ao clima, ao solo e, em algumas situações, às regras e aos costumes que poderiam ser da comunidade ou impostos por alguma ideologia religiosa ou não.

Abaixo o quadro dos elementos constituintes do período que contemplam as informações históricas do território da então freguesia de São Jose das Itaporocacas. Descrição das terras encontradas convertidas em estrada e pouso para vaqueiros e gado.

Categoria	Descrição na Modelagem do Museu Virtual
A Natureza —indical a estrada boiadeira.	Imagens
A dinâmica da produção colonial com as suas necessidades e	Textos
imposições naturais, sugere o melhor local para o transporte do gado.	
Guedes e Peixoto Viegas De 1612 até 1639 o casal Manuel Guedes Lobo e Ana Guedes são os novos proprietários. A partir do ano de 1640, João Peixoto Viegas, que logo depois passa as terras a João Lobo Mesquita.	Imagens Textos
O lugar da Bata do Feijão de Cachoeira à sua freguesia de São criação do gado.	Imagens
Recursos locais – Integração de novos elementos.	Imagens Textos

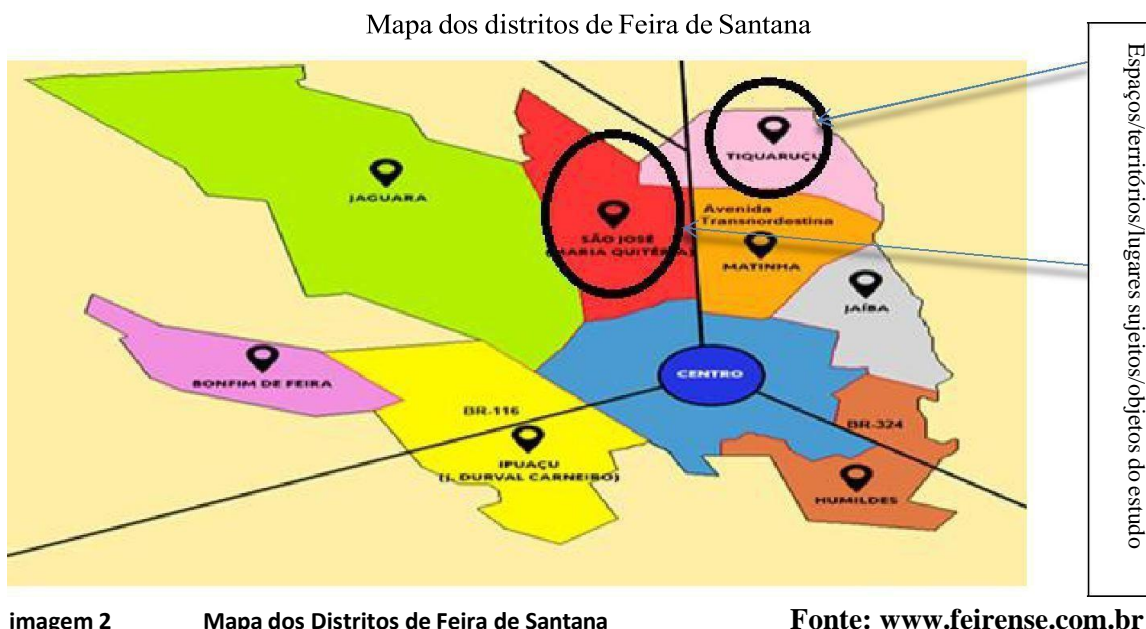
Fonte: elaboração do autor.

Quadro 2 Descrição na Modelagem do Museu Virtual

As categorias do quadro 2 possibilitarão a apropriação das informações alusivas ao surgimento e conseqüente povoamento das terras que hoje compreendem o município de Feira de Santana, bem como das famílias que iniciaram esse processo. Em posse destas, poderemos identificar a dinâmica que realizou tal empreendimento. Poderemos ainda, relacionar o viés comercial do município com os interesses euro-lusitanos à época da colonização. Esses interesses se fizeram presentes nas divisões das glebas à época colonial e ainda hoje representam os diversos interesses mercantis da distribuição das comunidades.

Abaixo a representação da divisão política do município, na qual o centro administrativo da cidade fica rodeado pelas comunidades produtoras.

## 2.2 OVO DA EMA E TIQUARUÇU: AS COMUNIDADES DA BATA DO FEIJÃO



As comunidades do Ovo da Ema e Tiquarucu sentem que todos aqueles que vivenciam o seu lugar/espaco/território, têm a possibilidade de estabelecer uma relação de continuidade dos traços que os unem. E quando dizemos comunidade, adotamos o conceito popular de ajuntamento de pessoas. Mas, os cientistas sociais construíram diversos entendimentos acerca do termo. Na tentativa de equacionar tal problema, GUSFIELD (1975) citado por OBST, SMITH & ZINKIEWICZ, (2002, p. 12) buscou possibilidades através da criação de dois termos que, ao final, segundo o autor, estão intimamente relacionados.

O primeiro termo o coloca como o de territorial/geográfica, que diz respeito às estruturas sociais da região; o outro diz respeito às relações humanas que ocorrem no âmbito dessa comunidade. Relações estas que, de acordo com MATTA (2011), estão estruturadas num dado contexto, o qual se configura numa busca de conhecimentos através de processos mentais e da convivência na comunidade, que são imprescindíveis à existência. Esses processos mentais de acordo com BAKHTIN (2003) citado por BUBNOVA et al (2011) são assim postos:

É no processo da comunicação verbal, da interação com o outro, que alguém se faz sujeito forjando seu próprio eu. O ‘eu’ só existe na medida em que está relacionado a

um "tu": "Ser significa comunicar-se", e um "eu" é alguém a quem se dirigiu como um "tu" (BAKHTIN, 2003, p. 12).

Dessa forma, percebemos que conceito de comunidade, que buscamos para este trabalho, encontra ressonância em BAKHTIN (2003) e também em DURKHEIM (1997), o qual defende uma ideia de comunidade no sentido mais metodológico, em que a religião e a moralidade são partes importantes. FRAGOSO E VILLEGAS (2014), citando DURKHEIM (1952), salientam que:

A solidariedade mecânica existiria num contexto de ausência do individualismo, dominada pela tradição, submetendo-se o indivíduo em relação à consciência coletiva. As normas e princípios, pensamentos e condutas seriam, fundamentalmente, determinados pela comunidade. A solidariedade orgânica, uma consequência da divisão de trabalho, só se poderia constituir numa solução de continuidade em relação à solidariedade mecânica. [...] Gradualmente o individualismo e a heterogeneidade ter-se-iam sobreposto à homogeneidade e a divisão de trabalho iria mantendo a unidade holística do sistema. (FRAGOSO e VILLEGAS, 2014 p. 31).

Dessa forma, pode-se perceber que o espaço e as relações mediam a comunidade numa busca perene da existência. Seja ela individual ou coletiva. O indivíduo é parte do coletivo, que forma a comunidade. Comunidade essa que pautada numa organização das suas práticas culturais, busca uma consistência nas formulações político-sociais, que consolidem os seus saberes e fazeres por meio do consenso e da hegemonia do grupo. Ressaltemos ainda, que desse processo organizador da cultura, participam a família, a religião, as associações, os sindicatos, as escolas, e até mesmo as universidades e aqueles por elas produzidos, os intelectuais, à luz de Gramsci. A seguir, as imagens das diversas fontes de água disponíveis no lugar com capacidade em reter a água, bem como os critérios que acreditamos serem adotados pelos povoadores para a escolha das terras hoje feirenses.

### TIPOS DE SOLO/VEGETAÇÃO DA REGIÃO

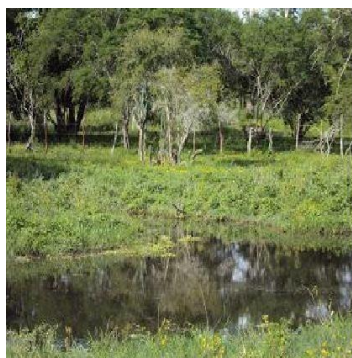
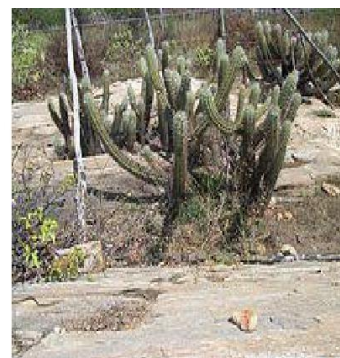


imagem 3



Tipos de solo/vegetação da região



Fonte: <https://www.google.com.br/search>

Assim, apesar das variações de tipos de solos existentes na região, a oferta de chuvas é que, aqui em nosso município, define a semeadura ou não do feijão.

A opção - escolha - das terras pelos primeiros povoadores, leia-se aqui formação de núcleos habitacionais nos moldes dos colonizadores, deu-se em virtude de critérios que possibilitassem o transporte e manejo do gado. O quadro abaixo sintetiza os critérios.

**Quadro descritivo dos critérios adotados pelos povoadores para a escolha destas terras de São José das Itapororocas para o transporte e futura criação de gado.**

Categoria	Descrição	Na Modelagem do Museu Virtual
Comunidade do/para o gado	Os elementos constitutivos naturais e humanos convergiram para a efetivação do lugar como propício à criação e transporte do gado.	Textos Mapas Vídeos
Localização Privilegiada: Mata – Rios Lençóis freáticos	A fertilidade das terras de São José das Itapororocas, ainda dispõe das muitas águas presentes na região, concorreram para o estabelecimento dos primeiros núcleos habitacionais na —estrada boiadeiral.	Textos Imagens
Estruturas de um contexto	Os processos mentais elaborados na convivência embasam a existência.	Textos Imagens
A Solidariedade com o conhecimento da consciência coletiva.	Em regime de mutirão a comunidade produz não apenas alimento, mas agrega e promove o (re) conhecimento da cultura local.	Imagens Textos

**Quadro 3** Descritivo dos criterios adotados pelos povoadores par escolha das terras de S. José das Itapororocas  
Fonte: elaborado pelo autor

As categorias relacionadas acima nortearão o conhecimento que proporcionaram perceber os critérios que fizeram com que os colonizadores buscassem para a efetivação da empreitada. Assim, a variedade vegetal, a oferta de água, do solo feirense e da segurança há

muito perseguida, se bem utilizados possibilitariam sucesso na agropecuária, seja na produção familiar ou para o mercado, e também nas diversas atividades do cotidiano das comunidades.

### 2.3 MANDIOCA, MILHO E... FEIJÃO

Os povoadores da região, aqueles que chegaram depois dos primeiros habitantes da região, alimentavam-se dos produtos que lhes eram possíveis produzir nas novas terras. Apesar das terras serem férteis, os grãos, pela facilidade de manejo e conhecimento herdado, foi a melhor opção de cultivo para a alimentação. De forma que a necessidade biológica fez com que, para manter-se vivo, fosse preciso incluir novos produtos à alimentação europeia, e os grãos aqui cultivados eram, na maioria das vezes, de conhecimento dos chegantes.

Assim, na perspectiva de explicar a relação entre a alimentação, a sua produção, o que se pode produzir, e o que gostamos de comer, foi uma eterna aprendizagem, CARNEIRO (2003) salienta que pode ser fruto de costumes herdados ou assimilados na convivência com os autóctones, e assim ela diz que

A alimentação é, após a respiração e a ingestão de água, a mais básica das necessidades humanas. Mas como "não só de pão vive o homem", a alimentação, além de uma necessidade biológica, é um complexo sistema simbólico de significados sociais, sexuais, políticos, religiosos, éticos, estéticos etc. A fome biológica distingue-se dos apetites, expressões dos variáveis desejos humanos e cuja satisfação não obedece apenas ao curto trajeto que vai do prato à boca, mas se materializam em hábitos, costumes, rituais, etiquetas. [...] nenhum aspecto do nosso comportamento, à exceção do sexo, é tão sobrecarregado de ideias. [...] as restrições e imposições dietéticas religiosas, as identidades étnicas, nacionais e regionais são todas perpassadas por regulamentações alimentares (CARNEIRO, 2003, p. 5).

Dessa forma, podemos até mesmo relacionar a alimentação como uma das muitas formas de linguagens, criadas com o intuito de integrar os membros de um determinado grupo, ou ainda como elemento de união desse mesmo grupamento social.

As relações humanas através dos tempos foram construídas e vivenciadas nos seguimentos mais diversos da existência dos sujeitos. A alimentação mesmo sendo entendida pela maioria como um ato meramente fisiológico foi e é o momento de se estabelecer laços que envolvam o sentir, o pensar, o fazer e o compartilhar. Estudiosos, como Henrique Carneiro (2003), em sua obra *Comida e Sociedade*, ressalta a importância da alimentação, percebida

através de vestígios e dos sistemas de subsistência, no qual o autor busca interpretar o Comer desde a pré- história.

O domínio (controle) do fogo, utilizado para muitos fins, o principal no que concerne ao desenvolvimento de práticas e instrumentos que possibilitassem segurança, gosto pelo alimento e a produção do que hoje chamamos de receitas, foi uma das mais importantes tecnologias já desenvolvidas pelo homem, juntamente com a descoberta de novos produtos, vegetais e animais que fizeram e fazem parte do

cardápio humano, o trigo, de acordo com CARNEIRO (2003), é de todas as plantas cultivadas, a mais antiga. Depois dele a cevada e o milho que dividem o pódio dos mais antigos cultivados. E para \_acompanhar\_ esses e outros produtos descobertos como fonte de alimento e prazer, foi também desvelado o uso das especiarias, objeto das viagens transoceânicas.

Em alimentos, e outros produtos utilizados pelos povos da antiguidade, existia a crença de que a natureza era a responsável pela manifestação das forças proporcionantes de tudo o que existia, e que o mundo era sustentado e reproduzido por uma energia quer fosse divina, quer fosse dos espíritos. Esses povos, em diversos tempos, utilizavam-se de práticas e instrumentos que os colocassem em sintonia com os entes que pudessem fazer frente aos fenômenos, climáticos ou não, que interferissem nas suas produções.

No Brasil, temos alguns trabalhos que versam acerca da alimentação em tempos remotos, ou mais especificamente no período colônia. Período esse que tem na colonização o seu ponto de fusão das culturas que formaram ou auxiliaram na construção daquilo o que denominam de cultura brasileira. Salientando o poder que a alimentação impõe a uma determinada sociedade, CARNEIRO (2003) diz que

Durante toda a colônia, a expansão da civilização do açúcar, da sacarocramarcou não só a economia, como os hábitos alimentares brasileiros. Rapadura e garapa. Aluás e capités (bebida fermentada de milho). [...] O naturalista francês Auguste de Saint Hilaire escreveu em 1817: \_em parte alguma talvez se consuma tanto doce como na província de Minas; fazem-se doces de uma multidão de coisas diferentes, mas, na maioria das vezes, não se distingue o gosto de nenhum, com tanto açúcar são feitos\_ (CARNEIRO, 2003, p.14).

Dessa forma, percebe-se que a alimentação tem, na maioria das sociedades, um efeito por vezes ditador. Seja pelo que impõe aos membros do grupo, seja pelo que proíbe ou define como —bomll ou —maull, em como, pode ocorrer à inserção de elementos do mesmo continente, mas que por motivos diversos, ainda não haviam sido integrados como parte da alimentação dos habitantes do lugar de forma rotineira.

Um desses ingredientes, um grão, se configurou como componente principal da alimentação da população brasileira, acompanhado de outros de igual importância. Grão esse que suscita controvérsias acerca da sua origem, mesmo que dele existam diversas espécies e subespécies. Esse é o feijão, cuja denominação científica é *Phaseolus vulgaris* L, que de acordo com (VOYSEST, 2000 apud MEDEIROS, 2004, p. 4) pode ser

[...] originário do continente americano e, a exemplo de outras espécies alimentícias, foi levado à Europa como planta ornamental após o descobrimento da América. Evidências, nas quais se baseiam as afirmações dessa origem, estão fundamentadas em descobertas arqueológicas de restos da cultura no sudoeste dos Estados Unidos (Caverna Tularosa), no México (Vale de Tehuacan) e Peru (Caverna do Guiterrero), cuja antiguidade remonta a 2300, 7000 e, entre 7680 a 10000 anos, respectivamente. No entanto, em se tratando de restos de plantas completamente domesticadas, estima-se que a domesticação propriamente dita, tenha ocorrido anteriormente às datas mencionadas, não sendo possível precisá-la exatamente, devido à falta de evidências arqueológicas, mostrando a transição completa do estado silvestre ao cultivado (VOYSEST, 2000 apud MEDEIROS, 2004).

Corroborando com os autores acima citados, FERREIRA (2008) salienta a existência de discussões e teorias controversas quanto à exatidão da origem do grão, o qual tem diversas teorias quanto ao seu lugar de nascimento, ao afirmar que

A origem evolutiva do gênero *Phaseolus* e sua diversificação primária ocorreram nas Américas (VAVILOV, 1931), mas o local exato onde se deu isto é ainda motivo de controvérsia (GEPTS & DEBOUCK, 1991). Populações silvestres de feijão crescem, atualmente, desde o Norte do México até o Norte da Argentina, em altitudes entre 500 e 2.000 m. e não são encontradas naturalmente no Brasil (DEBOUCK, 1986). O feijão-vagem assim como o feijão comum é uma espécie predominantemente autógama, domesticada há mais de sete mil anos em dois centros de origem: a Mesoamérica (México e América Central) e a Região Andina (KAPLAN, 1981; FERREIRA, 2008).

Daí, optarmos por considerar aquela que mais se aproxima do subtipo cultivado no Brasil, e que ocorre em mais de cinco dezenas de espécies do gênero *Phaseolus*, e que apenas quatro são consideradas do tipo comum. A opção baseia-se na observação das espécies mais

consumidas, possibilitado a partir do estudo de investigações da proteína faseolina, elemento comum nas espécies *Phaseolus Vulgaris*.

Na perspectiva de, senão dirimir as dúvidas acerca da origem do grão, mas, de aventar possíveis teorias sobre a origem do feijão, CÂMARA CASCUDO (2004), em sua obra *História da Alimentação no Brasil* sugere que o feijão, (os feijões) largamente utilizado no Brasil é - pode ser - favas, alimento muito utilizado na Europa, especialmente em Portugal, denominado de *Lablab vulgaris*, o feijão do Egito. Há ainda a possibilidade de esse grão ser o *Cutelino* de Portugal.

Ainda de acordo com CÂMARA CASCUDO (2004), os indígenas deram as suas grandes contribuições para a gastronomia brasileira, já à época, se alimentavam de uma leguminosa que todos definiam como sendo cumandá, que CÂMARA CASCUDO (2004) salienta ser

As variedades de feijões, nos vários espécimens de leguminosas papilionáceas, tinham entre os indígenas a designação genérica de cumandá, fossem ou não alimentares, como no fim do século XIX, notava Stradelli no mundo amazônico (CÂMARA CASCUDO, p. 205- 2004).

Dessa forma, as controvérsias acerca da origem do grão se veem fortalecida pelas palavras do autor, contribuindo para que haja novas pesquisas sobre a origem do alimento que é visto, e consumido desde a Europa, África, passando pelas Américas do norte, até chegar às terras itapopororoquenses.

Na Europa, em Portugal especificamente, o grão fazia, e ainda faz parte, do cotidiano alimentar dos habitantes lusitanos. CÂMARA CASCUDO (2004) nos relata o uso de grãos da família *Phaseoulos*, feijões. O autor ainda nos traz uma receita que leva os grãos, a farinha de mandioca e carne, que tem semelhanças, ou pode ser a ‘mãe’ da nossa feijoada brasileira. Segue a receita

O feijão com farinha é indígena e com carne guisada, refogada, é português, cozidos conjuntamente quando da feijoada mais vulgar, carne-e-feijão.[...] Por isso, o que chamamos feijoadal é uma solução europeia elaborada no Brasil. Técnica portuguesa com o material brasileiro. (CASCUDO, p. 446, 2004)

Daí que mais uma celeuma se faz presente. A feijoada brasileira foi criada aqui no Brasil? Foi importada de Portugal, da África ou de outro lugar, ou segue a receita de Câmara Cascudo? Futuramente buscaremos respostas para essa e outras controvérsias acerca da alimentação brasileira, que é vista por alguns como meramente fisiológica, mas por outros, é cerimônia, é culto, é festa e etc. Assim, VERTHEIN E VAZQUEZ-MEDINA (2015) buscando ressaltar que comer não é apenas uma ação fisiológica, mas cultural e social, VERTHEIN E VAZQUEZ-MEDINA (2015) salientam que

O que se come demonstra um conjunto de representações, crenças, conhecimentos e práticas alimentares compartilhadas no interior de uma cultura, é considerado como forma importante de identificação coletiva (VERTHEIN E VÁZQUEZ-MEDINA, 2015, p. 26).

Dessa forma, temos aqui na região de Feira de Santana relatos de que a primazia habitacional pertence aos Índios conhecidos como Payayá, povo autóctone dos lugares que hoje conhecemos por Ovo da Ema e Tiquaruçú, também viviam, além da caça e da pesca, do cultivo de grãos para a alimentação dos seus membros. Autóctones esses que estavam no caminho dos povoadores lusitanos, e dos escravos fugidos do Recôncavo, que buscavam alcançar os quilombos do Buraco do Joaquim e a caverna dos negros. Todos se identificaram, ou tiveram que se identificar, pela forma, meios e tipos de alimentos que a partir de agora teriam que compartilhar.

São José das Itaporocas, embrião da então Feira de Santana, que já foi freguesia de Cachoeira, Capitania de Peruaçu, foi o cenário dos primeiros contatos entre os colonizadores e um dos grupos donos da terra. SANTOS (2007) salienta que

Os primeiros contatos entre os payayá e os agentes coloniais possivelmente ocorreram entre o final do século XVI e início do século XVII, por meio da expansão curraleira e das expedições de João Coelho, Gabriel Soares de Sousa e Belchior Dias Moreira pelo sertão, em busca da nascente do Rio São Francisco e de metais e pedras preciosas. Valendo ressaltar que desses primeiros encontros vieram também as primeiras animosidades, que só tenderam a crescer devido a ocupação do Recôncavo pelo cultivo da cana de açúcar e do fumo e a invasão das terras do —sertão de dentro pelo gado e vaqueiros dos D'Avila da Casa da Torre. Família de sesmeiros que possuía duzentas e sessenta léguas pela margem esquerda do rio São Francisco e oitenta léguas pela margem direita do mesmo rio (OTT, 2011 apud SANTOS, 2007, p. 3).

Os índios Payayá, residentes na área escolhida para a estrada boiadeira, principal caminho do gado que circulava na então colônia portuguesa, tinham seus hábitos sociais e alimentares. Hábitos esses que tinham como principais alimentos a caça e a pesca, além da

mandioca, considerada como o alimento mais conhecido e produzido no período colonial. De acordo com OTT, (1993) apud SANTOS (2007) os Payayá também cultivavam outros produtos da sua alimentação, ainda afirma que

[..] os Payayá também eram cultivadores do milho, da mandioca, do aipim, do feijão, da batata doce, do amendoim e da abóbora, além de caçarem veados, porcos do mato, cascavéis, e coletarem umbu, mandacaru, xiquexique e mel de mandassaia. (OTT,1993 apud SANTOS, 2007)

Portanto, podemos perceber que o tino produtor de alimentos para a subsistência dos ancestrais feirenses, teve início nos primórdios do lugar. Além do que, para caçar, necessitava de armas e utensílios. Prova da capacidade criadora destes, que desfazem os mitos acerca da indolência ou da inaptidão a eles atribuídas. Em vez de falarmos em inaptidão, devemos nos remeter ao processo de colonização europeia, especialmente a portuguesa, que impôs uma cultura de dominação e exploração.



**imagem 4 milho e feijão - Principais alimentos produzidos na comunidade**

Fonte: <https://www.google.com.br/search>

habitantes das terras que compunham São José das Itapororocas, que a despeito dos pré-conceitos dos europeus, produziram e deixaram como herança as tecnologias do plantio e da colheita.

Apesar de ter existido uma apropriação do espaço brasileiro pelos portugueses, ao se apoderarem das terras que melhor lhes aproovessem para o transporte, plantio e estabelecimento de comercio, BERNARDES (2007) entende com sendo

A formação do que um dia viria a ser o Nordeste está diretamente ligada à história do espaço colonial brasileiro. A incorporação ao império colonial português do espaço que recebeu o nome de Brasil foi, desde o início, marcada por uma territorialidade que persistiu por séculos e, em muitos aspectos, ainda se faz presente.

Esta territorialidade expressou a apropriação de um espaço que foi profundamente transformado pelo colonizador e que, antes, estava submetido a uma lógica de apropriação radicalmente diferente àquela das tribos indígenas que eram seus primeiros habitantes (BERNARDES, 2007, p. 15).

Os habitantes da então Freguesia de Cachoeira conseguiram preservar alguns elementos da sua cultura. Mesmo que para isso fossem necessárias determinadas adaptações, ou como salienta Gramsci, quando diz, e concordamos com ele, que as classes ditas subalternas, não têm que ser passivas e suas práticas devam ser negadas. Essas práticas são provenientes das mais variadas heranças do passado.

Quando falamos em preservar alguns elementos da cultura, poderíamos falar em aculturação, ou na criação de uma nova forma de dominar um espaço, com todos os elementos que o compõem? Em uma ou em outra forma de se entender o processo em território brasileiro, o que importa para nós é que os colonizadores produziram um espaço destinado a suprir os anseios mercantilistas de expansão do cultivo canavieiro, fomentando aquilo que CARNEIRO (2003) chama de sacarocracia, citado anteriormente.

Na produção do referido espaço, o europeu trouxe também elementos culturais para as recém-descobertas terras tropicais. Entre esses elementos destacam-se aqueles que chamaremos de divinos agradecimentos, que CERICATO (2008) salienta que

No Dia da Vindima, festa que simboliza a fartura da colheita, onde muitas pessoas se reúnem para colher (vindimar) uvas de todos os tipos. Os preparativos começam dias antes do dia da Vindima. No dia anterior à festa, são preparados os baldes, as cestas, os cestos, as tesouras de poda, as tinas, os lagares e as máquinas. No dia da festa, homens e mulheres entram nos vinhedos com alegria, pois as videiras lhes oferecem o fruto mais do que merecido de seu árduo trabalho (CERICATO, 2008, P. 23).

Partindo das diversas formas de agradecimento por colheitas, vislumbramos uma relação entre o nosso objeto de estudo e as diversas influências auxiliares na criação/produção da Bata do Feijão, que realiza esse ritual de agradecimento e integração dos membros das comunidades sujeitos/objetos do estudo. Para integrar os membros das comunidades, evocamos a afirmação de BERGSON (1999), quando diz:

a memória é um fenômeno que “prolonga o passado no presente”. O autor afirma que “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (Bergson, 1999, p. 179).

Dessa forma, podemos até afirmar que a memória pode ser uma ferramenta de conservação do passado, mas que só pode vir à tona se houver quem a resgate, no presente, das profundezas das lembranças.

Outros grupos considerados ancestrais dos feirenses oriundos das mais variadas regiões africanas, os quais além de contribuírem para a formação do povo da região colaboraram imensamente com a construção da cultura nacional e, principalmente, na cultura material. Combinados às contribuições de europeus e indígenas, esses povos trouxeram d' além-mar crenças e costumes que foram incorporados aos demais colaboradores dessa formação. MORAES FILHO (2002) ressalta que entre as crenças que herdamos dos nossos ancestrais vindos do outro lado do Atlântico, estão aquelas que se referem aos atos de ajuda mútua, como a do

Mbendjele (Pigmeus): Vivem nas florestas da África Central (República Democrática do Congo (Zaire), Gabão, Camarões, República Centro-Africana e Uganda). Entreajudam-se na época das colheitas. [...]. São muito eficazes. Apanham macacos e —duikersl (espécie de antílopes) que depois são cortados na aldeia e cozinhados para que todo o grupo possa comer. A carne que sobra é defumada para que se conserve durante algum tempo[...] Os dogons, realizam um culto —Lebel, que é realizado antes do início das chuvas e pratica-se o —Bulul (ritual agrícola) para dar boas colheitas (MORAES FILHO, 2002, p. 3).

Além daqueles procedentes d'além-mar, sejam europeus, africanos ou ainda aqueles que não são comumente citados na vasta literatura, os que devemos buscar conhecer são os indígenas habitantes históricos do lugar: os Payayá, Que MORAES FILHO (2002), salienta que

[...] Sobre os Payayá é descrita a festa de Eraquidzã ou Varaquidrã e seus pajés Visamus, os rituais funerários antropofágicos, os ornamentos de folhas das mulheres, o costume de depilar completamente o corpo, inclusive sobrancelhas e pestanas, as plumas de muitas cores [...] Os relatos sobre crenças indígenas apresentam já versões cristãs, ou cristianizadas, e temas mitológicos (MORAES FILHO, 2002).

Desta forma, vislumbra-se também que as heranças africana, europeias e, principalmente a já existente aqui, nos dá elementos para que possamos perceber traços que têm íntima relação com a cerimônia da bata do feijão. As danças que pediam chuvas e agradeciam as colheitas podem ser vistas, também, como indicativo dessa relação.

Todas as cerimônias, festas de agradecimento, danças que pediam chuvas, os alimentos consumidos, podem ser parte de uma forma de religar-se aos ancestrais, que se constituem em algo que busque o (s) ente (s) divino (s). Assim, MORAES FILHO (2002) nos mostra a sua percepção acerca desses atos de cunho religioso, quando salienta que

Esses atos religiosos, essas rogações para pedir chuva, anunciados depois da leitura de pregões pelo pároco da freguesia, eram na pluralidade das vezes realizados exclusivamente pelo povo, que acudia espontâneo a aplacar o castigo do Céu por meio de demonstrações humildes, de sacrifícios dolorosos, de rezas específicas. E os agricultores contritos associavam-se a esses deveres, todas as condições se nivelavam diante de uma idéia que pedia perdão, que ciliciava-se penitente em presença de aniquilamento progressivo, que se abatia sobre a terra como um pirata que rouba e assassina à meia-noite! (MORAES FILHO, 2002, p. 22).

Dessa forma, há uma integração dos sujeitos da comunidade, independente do status ou posição social. Pedir, rogar, agradecer, é ofício de todos e todas. Mas apesar de ser ofício de todos e todas, quem buscava o auxílio era o povo, aquele considerado o mais humilde. Rogava por essa ligação com o ser supremo que, de acordo com a sua fé, poderia atender aos pedidos de auxílio superior.

No nosso trabalho, buscaremos ainda entender como uma das cerimônias de pedido de auxílio, ou mesmo de agradecimento por uma boa colheita, a Bata do Feijão, se configura num agradecimento pela colheita e a solidariedade peculiar ao evento. Vemos o evento como uma tradição dos locais onde se produz feijão, mesmo que essa produção tenha como destino as pequenas feiras dos bairros de Feira de Santana, ou até mesmo para a subsistência local. A bata do feijão tem em comum nos lugares onde ocorre, o fato de ser realizada em regime de mutirão. Com cânticos e danças, ela tem o poder de agregar os indivíduos da comunidade, e de outras comunidades do entorno.

A Bata do Feijão tem seu início ditado pela sazonalidade das chuvas, pois a terra precisa estar apta à aragem. Com a chegada das chuvas, quando elas se mostram suficientes para deixar a terra em condições de ser revolvida e adequada às sementes que serão ali enterradas, tem início a ‘limpa’ da área que foi escolhida para a semeadura do feijão.

Cada família, grupo ou mesmo a comunidade toda do lugar, se reúne em dias aprazados para, em regime de mutirão, de prática solidária: preparar a terra para receber as sementes, as quais já são fruto de colheitas anteriores. Cantando enquanto trabalham para

‘esquecer’ o cansaço e dar ritmo à lida, todos e todas criam letras para o cântico já puxado por alguém. Configurando-se em mais uma forma de agregar os membros das comunidades.

Desse poder de agregação proporcionado pela cerimônia de agradecimento, a escola Municipal Manoel Cundes Ferreira da comunidade do povoado do Ovo da Ema e a Escola Municipal Joanita Mota do distrito de Tiquaruçú esperam dispor para o cumprimento da sua função socializadora da cultura local. Pois, nem mesmo o material bibliográfico alusivo à bata do feijão, foi encontrado em suas bibliotecas, e os docentes dessas instituições de ensino, bem como de outras localidades próximas, não dispõem de quaisquer materiais de ensino referentes ao traço cultural local. Apenas no dia da cerimônia, que ocorre em meio às festas e comemorações de toda a cultura do lugar, é que o pouco do processo acaba sendo mostrado, sem a historicidade do evento objeto do nosso estudo.

As escolas, no caso específico do nosso estudo, ficam à mercê de livros didáticos de cultura geral. Geral e desconhecida pelos alunos e alunas das comunidades, visto que, a esses e essas são ensinados traços culturais estranhos a sua comunidade e sua vivência. A função social da escola, que consideramos de suma importância fica prejudicada, qual seja: formação de cidadãos e cidadãs críticos, ativos e conscientes.

Cidadãos e cidadãs, que não conhecerão a historicidade do principal evento cultural que os identificam e os fazem membros das comunidades onde moram. Essa não identificação, que de acordo com a perspectiva sociológica, tem a função de preservar para a sociedade costumes e práticas que já se mostraram eficazes e eficientes no passado, tem um nome: Tradição. Nome que, de acordo com WOLTON (2006) apud SILVA e SILVA (2006) salienta que

[...] não é mais vista pelas ciências sociais como uma coisa arcaica, mas como aprendizagem, reapropriação. Para ele, na medida que as sociedades se modernizam, a tradição aparece para suportar a mudança social, pois nenhuma sociedade muda radicalmente, sendo que cada fase de mudança possui também estabilidade (SILVA e SILVA, 2006, p. 2).

O percurso da nossa pesquisa até aqui nos habilita a utilização das categorias listadas nos parágrafos anteriores, como forma de fundamentação das informações acerca da alimentação ancestral das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, no município de Feira de Santana – Ba., bem como das culturas, enquanto plantio, que se desenvolvem nas comunidades que se configuram em sujeito/objeto do estudo. Sujeitos esses que, mesmo realizando

cerimônias, que grosso modo poderemos denominar de idênticas, parecem buscar outros desdobramentos da referida cerimônia. Haverá nesses eventos algum tipo de segregação de gênero? Por que cabe às mulheres o \_biatar<sup>5</sup> e aos homens, lembrando que são dois locais num mesmo município, bater e recolher os grãos. Até mesmo os cantos diferem nas letras, quando umas refazem o lidar na lavoura, e outros cantam o boi.

É chegado o grande dia da bata. Todos e todas são convidados para o evento. O mesmo ocorre em ritmo de festa, com músicas e danças. Na maioria das vezes, as mulheres iniciam os cantos e são acompanhadas pelos homens. Mas há momentos em que os homens ‘puxam’ o canto. Às mulheres cabe o ofício de biatar, ou peneirar os grãos, tendo o vento como elemento auxiliar na separação dos grãos da casca, que teima em grudar em algumas vagens, havendo um aproveitamento deste na empreitada. A imagem abaixo mostra a utilização do vento enquanto elemento separador dos grãos e da palha do feijão.



imagem 5 Mulheres biatando o feijão

Fonte: Acervo elaborado pelo autor

moradora do povoado do Ovo da Ema, de que todos plantam, e depois ajudam na \_biatagem’, e conseqüentemente, na facilitação do trabalho.

E essa ciência‘ vem acompanhada de muita criatividade na composição das músicas que dão o ritmo ao trabalho e distrai os trabalhadores, bem como as pessoas que estão apenas apreciando a bata do feijão. Tais músicas parecem se referir a alguns momentos da vida

<sup>5</sup> Atividade de separar os grão da palha com a utilização do vento.

de alguém ali presente. A seguir, exemplos de duas delas, que são assim cantadas por todos os membros da comunidade.

### **Sapateia Moreninha**

Sapateia moreninha – pode vadear  
 meu amor chegou – pode vadear  
 Guerreiro novo – pode vadear a  
 casa é minha – pode vadear  
 Sete e sete são catorze – pode vadear  
 com mais sete vinte um – pode vadear  
 Eu quero sete namorados – pode vadear  
 E não me caso com nenhum – pode vadear  
 Meu amor chegou – pode vadear  
 Sapateia moreninha – pode vadear

(Comunidade do Ovo da Ema, 2015)

### **Eu te dei um mil cruzeiro**

Eu te dei um mil cruzeiro,  
 viu Zé Pra tirar uma de dez,  
 viu Zé Tu tem que me vortá,  
 viu Zé Uma de quinhento,  
 Duas de duzentos, Uma de  
 cinquenta,  
 Quatro de dez, viu Zé?  
 Eu te dei um mil cruzeiro, viu Zé  
 Eu te dei um mil cruzeiro, viu Zé.

(Comunidade de Tiquaruçu)

Além das categorias elencadas nos quadros referenciais do nosso museu, a nossa participação no evento, que teve início desde a escolha dos locais da sementeira, passando pelos instrumentos utilizados no processo, chegando à Bata propriamente dita, nos levou a acreditar no museu virtual enquanto uma solução pedagógica, que propiciará o conhecimento do traço cultural local por todos aqueles que o acessarem, e que se embasa na escolha da comunidade pelo referido instrumento de conservação e difusão da prática social.

Como exemplo do aspecto comunitário do processo produtivo, nos dias que antecedem o plantio das sementes, realizam-se reuniões em que ficam definidos os locais e os tipos de feijões que serão utilizados. No dia aprazado, todos se dirigem ao local e tem início a sementeira. A sementeira, nos dias de hoje, ocorre com o auxílio de instrumentos, bem como a aragem da terra, que agora conta com a ajuda de um trator. E como são vários os locais de sementeira, o trator tem o dia marcado para cada local. As imagens abaixo ilustram as formas e meios de semear.



Sementeira com o pé

Sementeira com instrumento

Sementeira com auxílio de máquina

**imagem 6 Modos de semear utilizados ainda hoje**

**Fonte: Biblioteca do autor.**

Assim, o processo de plantio como um todo difere de lugar para lugar e, também na utilização ou não de instrumentos ‘\_mais tecnológicos’ . Nas imagens acima uma mostra das formas de semear que vêm mudando com o passar dos tempos e com o desenvolvimento de implementos e máquinas agrícolas. Ocasionalmente também um lado sombrio nesse desenvolvimento, ao colocar a cerimônia da bata do feijão na iminência de perder a sua originalidade e, pior ainda, perder a capacidade de agregar os membros das comunidades no

propósito de fazer a continuação do evento, motivando os mais novos em proceder a conservação da cerimônia sem perder os traços originais.

Quanto ao que é realizado pelas escolas no que tange ao propósito das comunidades, muito pouco ou quase nada pode ser feito. Essa ‘impotência’ das instituições escolares assenta-se na falta de produções acadêmicas que potencializem as escolas nessa empreitada. Abaixo o quadro com o contexto das comunidades, no que tange ao alimenta e educar.

**CONTEXTO ALIMENTARE EDUCACIONAL NAS COMUNIDADES EM ESTUDOS PARA A MODELAGEM DO MUSEU VIRTUAL.**

Categoria	Descrição	Na Modelagem do Museu Virtual
Alimentação: do Fisiológico à construção de laços	Alimentar o corpo e a alma. Da sementeira passando pela colheita, até o consumo, há o estabelecimento de laços que unem os sujeitos.	Textos Imagens
Formas de plantio. Tradicional/mecanizada/coletiva	Plantar em regime de mutirão para a subsistência. Utiliza-se o que se tem como ferramentas e método.	Imagens Vídeos
Cantos de agradecimento pelas boas colheitas	As colheitas sugerem o agradecimento ao divino que evidenciam que todos tiveram o necessário para a sua sobrevivência.	Imagens Vídeos
Escola e Cultura: Relação necessária	A principal função social da escola se dá quando a mesma se faz instrumento de formação de cidadãos conscientes da sua condição de sujeito ativo da comunidade que faz parte.	Imagens Vídeos Interação dos visitantes
Práticas escolares com a cultura local	Interação da comunidade com a escola através de instrumentos que permitam o (re) Conhecimento das práticas criadas e vivenciadas no seu entorno, bem como de formas de transmissão dessas práticas como forma de amalgamento social.	Imagens Vídeos Interação dos visitantes

**Quadro 2 Contexto Alimentar e Educacional nas comunidades em estudo**

Fonte: elaborado pelo autor

Portanto, a alimentação, a despeito de ser essencial à sobrevivência, age ainda como elemento de agregação de grupos, que mesmo sendo estes originários de regiões distantes, conseguem assimilar hábitos e costumes que nunca imaginavam desenvolver. Assim, as categorias elencadas no quadro acima possibilitarão um entendimento próximo do ideal acerca da utilização do feijão como alimento e também na qualidade de agregador de grupos distintos e em lugares tão distantes como os seus hábitos e costumes.

Este capítulo, que denominamos de Contexto por força da nossa opção metodológica, a DBR, contribuirá também, para as bases de construção da nossa solução pedagógica, aliado aos conhecimentos adquiridos das relações sociais historicamente construídas. Conhecimento esse que tem a sua égide nas práticas sociais exercidas e exercitadas por todos os membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú. A construção deste capítulo, contou ainda com o auxílio da memória daqueles que há mais tempo produzem a cerimônia, e há muito tempo produzem o evento nas comunidades sujeito/objeto da nossa pesquisa. Uma vez que nos foi informado que a cerimônia se configura numa prática herdada dos antepassados em tempos remotos.

Para isso, MATTA (2011) salienta que o estudo do contexto possibilita a percepção das informações que por ventura estivessem ‘quase-esquecidas’, na memória dos sujeitos produtores do evento. Assim o autor afirma que

[...] as bases de prática social, das comunidades ou ambientes aos quais os sujeitos participantes do processo pedagógico pertencem. [...] para esta prática socioconstrutivista aqui proposta, é a adjacência informacional da cognição do sujeito e de seus processos mentais, um complexo de relações entre a cognição do sujeito e suas condições de existência complexas exteriores, que se desenvolveram historicamente construídas, e precisam ser entendidas historicamente (MATTA, 2011, p. 247).

Dessa forma, para a construção da solução pedagógica escolhida pelas comunidades, devemos observar os requisitos socioconstrutivistas que fundamentam a abordagem DBR, e as relações historicamente produzidas por esses sujeitos. Sem esquecer, que os capítulos seguintes que comporão o trabalho, seguirão igualmente os fundamentos elencados no capítulo seguinte, conforme lista a seguir: Construção Contra Hegemônica; Filósofo de si mesmo; Entendimento de integração ao contexto; Espaço/Lugar/Território; Comunidades de Práticas; O lugar da Bata do Feijão de Cachoeira à sua freguesia de São José das Itapororocas; Guedes e Peixoto Viegas; A Natureza —indica a melhor localização para a estrada boiadeira e a comunidade do/para o gado; Estruturas de um contexto; A Solidariedade como cimento da consciência coletiva: Formas de plantio, tradicional/mecânica; Alimentação: do Fisiológico à construção de laços; Cantos de agradecimento pelas boas colheitas; Escola e Cultura: Uma relação necessária e; Polifonia.

### **3 PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A CONSTRUÇÃO DO MUSEU VIRTUAL DA TRADIÇÃO DA BATA DO FEIJÃO.**

Os princípios que elencamos para a produção do nosso museu virtual da bata do feijão têm as suas bases teóricas alicerçadas na abordagem metodológica DBR (Design Based-Research), a qual pode ser livremente traduzida por Pesquisa em Desenvolvimento. Essa abordagem possibilita a percepção dos pontos essenciais de uma indagação e ainda contempla a colaboração de todos os membros da comunidade sujeito/objeto na escolha da solução pedagógica para os objetivos buscados. Essa solução pedagógica tem por finalidade precípua a motivação da práxis educacional nas comunidades.

A abordagem metodológica DBR propicia também a apreensão de outros aspectos inerentes aos objetivos da pesquisa, os quais podem ser de ordem qualitativa ou quantitativa. Principalmente se esses aspectos estão relacionados às práticas sociais dessas comunidades. Sugere-se que a união desses aspectos aliados a uma concepção socioconstrutivista, que optamos por adotar, dão as bases conceituais à construção do museu virtual proposto.

Os resultados obtidos nessa modalidade de construção coletiva proporcionam, de acordo com MATTA et al (2014) a verificação da teoria aplicada, além de possibilitar êxitos nas salas de aula advindos da utilização de soluções pedagógicas aplicadas desenvolvidas a partir das teorias consideradas. Esse repertório de possibilidades, proporcionado pela utilização da supracitada abordagem, nos permitiu dialogar com a comunhão coletiva dos interesses da comunidade parceira acerca da conservação/difusão dos saberes/fazeres desta, somente porque tivemos um ponto de partida que nos colocou na condição de participante válido e interlocutor pertinente da comunidade, em relação ao que lhes interessa desenvolver.

A necessidade de ser interlocutor válido nos põe na condição de produzir princípios teóricos de interlocução, que são os princípios norteadores da construção do Museu Virtual, que levamos à comunidade como proposta de organização, as quais oportunizaram o alcance dos objetivos propostos colaborativamente.

Iniciamos apresentando os princípios gramscianos de design que foram adotados, que preferimos chamar de praxiológicos, segundo os quais a práxis engloba a ação conjunta dos sujeitos e se constitui efetivamente em ações coletivas e, por isso não concebem um conhecimento do mundo sem a prática ou experiência dos sujeitos. (GRASMCI, 1977).

A hegemonia, adotada como princípio em nosso estudo, embasa a nossa visão de que há uma tendência nos meios de produção cultural que não enxergam, ou não valorizam os traços culturais não oriundos de grupos —fornecedoresl de histórias de valor mercantil. Os 58 traços produzidos por comunidades que não buscam lucros monetários ou aparições no panteão midiático nacional, não têm espaço nesse ‘\_olimpó’ cultural. Dessa forma, Gramsci desenvolveu o conceito de intelectual orgânico, o qual, segundo ele, possibilita aos grupos inferiorizados pela grande mídia nacional, a difusão, proteção e formas de permanência dos seus traços identitários em constante produção. Esse sujeito da comunidade pode instrumentalizar os membros com ferramentas que atendam às novas demandas contemporâneas impostas por uma globalização de visão tendenciosa.

Seguindo este raciocínio e optando para que o Museu Virtual proposto adote princípios praxiológicos, apresentamos abaixo estes princípios, que entendemos ser parte do critério que norteou a construção de nosso museu virtual:

### 3.1 PRINCÍPIOS PRAXIOLÓGICOS A SEREM ADOTADOS PELO MUSEU VIRTUAL BATA DO FEIJÃO - OVO DA EMA/TIQUARUÇU

Princípio - Construção Contra Hegemônica.

Descrição - Práticas e/ou instrumentos criados para propiciar mudança na forma ética-político de ver e ser vista.

Interpretação operacional - As soluções práticas do Museu Virtual proposto foram construídas de maneira a proporcionar ao sujeito participante elaborar formas de resistir e até reverter a inferioridade imposta às práticas em geral vistas como periféricas, procurando identificar formas de proporcionar autovalorização e maior importância ao sujeito pertencente às classes tidas como subalternas e não hegemônicas (GRASMCI, 1977, P. 388).

O museu da Bata do Feijão, em sua página da web, disponibilizará os elementos constituintes do traço cultural das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçu, os quais se configuram numa prática de resistência às imposições culturais generalistas e oriundas de contextos distantes e diversos da nossa comunidade; O visitante do nosso museu tem a oportunidade de através de textos e imagens da cerimônia, conhecer um traço cultural ligado

às práticas sociais do meio rural, que tem como base o processo de produção do feijão. De posse dessas informações, o visitante pode comparar o referido traço com outros semelhantes, sejam esses próximos da sua comunidade ou não. Realizada essa comparação, de preferência com uma simulação da cerimônia de debulhe de grãos, podendo retornar as suas apreciações e observações da simulação e postar em nosso site do museu virtual.

Princípio - Filósofo de si mesmo.

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam os sujeitos a refletir construir entendimento sobre si e em relação ao contexto.

Interpretação pessoal - As soluções do Museu Virtual Ovo da Ema procuraram desenvolver no sujeito participante de suas dinâmicas a reflexão dos sujeitos sobre sua vida, sua existência e sua interação com as condições de sua existência, de maneira que possa desenvolver sua própria interpretação, o mais organizado possível de sua vida, dos processos de sua existência, de suas relações diversas e de sua situação na vida (Os Intelectuais e a Organização da Cultura, 1982, p. 13).

Em nosso museu virtual na web são disponibilizados textos e imagens do cotidiano dos sujeitos da comunidade, nos quais são postas as diversas formas de relacionamento entre estes, e ainda as relações estabelecidas com o contexto material e imaterial da convivência na comunidade;

A partir dos textos e imagens da vivência cotidiana da comunidade, os visitantes podem perceber as principais nuances dessa convivência e buscam interpretar os sentidos atribuídos às atividades dos membros da comunidade, principalmente aquelas em que as relações precisam estar em consonância com os objetivos propostos pela mesma. Após realizar as interpretações dessas nuances cotidianas, podem ainda sugerir formas de relacionamento e de práticas sociais que melhorem as relações sociais, postando no site do nosso museu.

Princípio - Entendimento de integração ao contexto.

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam o sujeito entender sua participação e interação com o grupo social a que pertence e com as condições da existência deste grupo e de si mesmo.

Interpretação pessoal - As soluções do museu têm como intenção que o sujeito consiga construir um entendimento crítico sobre o contexto social a que pertence o seu processo social, assim como sua relação com o grupo e a coletividade de seu relacionamento e construção social. (Os Intelectuais e a Organização da Cultura, 1982, p. 125-126).

É as formas de prática de vivência comunitária nas comunidades que realizam a Bata do Feijão são geralmente pautadas na ajuda mútua e solidária. Disponibilizamos em nossa página da web do museu da Bata do Feijão, imagens, estáticas ou em movimento, dos momentos que precedem a cerimônia buscando, em cada sujeito a sua contribuição no evento. Essa contribuição pode ocorrer não apenas no fazer prático do evento, mas e principalmente, nos saberes acerca dessa prática;

É os visitantes, de posse dessas informações acerca dos fazeres de cada membro da comunidade, poderão modificar, sugerir, alterar ou ainda extinguir, caso entenda ser necessário, algum elemento do evento. Podem ainda, promover uma cerimônia da Bata do Feijão em sua comunidade com elementos diferentes que julgarem ser melhor, e postar os resultados em nosso museu, em local próprio.

#### Princípio - Espaço/Lugar/Território

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos sentirem-se pertencentes ao espaço de (con) vivência e a sua participação/interação com o meio físico e social em que habitam, mantendo relações de produção nas condições oferecidas para a existência do seu grupo social no espaço/lugar/território geográfico existente.

Interpretação pessoal - O museu da Bata do Feijão disponibiliza em sua página na web imagens do espaço que compõe as comunidades, com o intuito de proporcionar aos visitantes perceber/sentir que este se configura num conjunto de relações entre os sujeitos e o meio. Possibilitando ainda o reconhecimento daqueles que ainda não o fizeram e, podendo

ainda, através de relatos e comentários em formulário próprio, sugerir locais para a prática da cerimônia que tenham outros recursos para o evento. (Santos, p. 15, 2008)

Princípio - Comunidades de Práticas.

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos/membros das comunidades sentirem-se partícipes ativos e produtores das práticas comuns, as quais primam pela participação dos sujeitos na sua elaboração.

Interpretação pessoal - Uma comunidade de prática possibilita aos membros da mesma a oportunidade de gerar ou trocar conhecimentos historicamente construídos ou assimilados.

No nosso museu virtual disponibilizamos imagens, vídeos e relatos de situações em que as nossas práticas comunitárias são produzidas, buscando desenvolver nos visitantes o desejo em compartilhar as suas práticas comunitárias, comparando-as e sugerindo novas formas de realização dessas. O que pode ser feito através do envio de suas experiências de comparação por vídeos, fotos ou comentários em local específico na nossa home page do museu;

Oportunizamos aos visitantes áudios dos cantos que embalam algumas das nossas práticas culturais comunitárias, sobre os quais podem buscar perceber a participação de membros de todas as faixas etárias, e as seus papéis na realização do evento dessas práticas. E, após identificarem quais os papéis de cada membro na prática cultural, produzirem uma atividade que seja desenvolvida em sua comunidade, buscando estabelecer semelhanças e diferenças entre estas, sem se esquecer de registrar em site. (WENGER, 1991, p. 98)

Princípio - O lugar da Bata do Feijão de Cachoeira à sua freguesia de São José das Itaporocas

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçu, bem como daqueles que acessam o nosso museu, que se reconheçam como parte da história da região, bem como sujeitos de transformação da realidade em que vivenciamos.

Interpretação pessoal - A opção por essas terras para o grande empreendimento lusitano assenta-se nas potencialidades disponíveis à época. A possibilidade de tornar

(transformar) o espaço, adequando-o aos seus propósitos, e a maior facilidade de comunicação, realizada através dos caminhos, que se tornaram estradas, foi de fundamental relevância para o sucesso, à época.

a) Na nossa página da web disponibilizamos mapas da então capitania que compunha a região do Recôncavo, bem como dos referidos capitães donatários com suas respectivas sesmarias, com o intuito de orientar os nossos visitantes no reconhecimento da região e provocá-los a traçar rotas alternativas que liguem Cachoeira a então São José das Itaporocas, após realizarem os novos traçados, podem disponibilizá-los no espaço no site previamente destinado ao feedback solicitado;

b) Na home page do museu na web, estão disponíveis imagens do tipo de gado criado nas terras de São José das Itaporocas, o qual foi ali introduzido por fatores relacionados à segurança, a oferta de água e alimento e à facilidade de comunicação entre os pontos de ida e chegada das manadas. O visitante pode realizar simulações com outros tipos de gado, se estes se adaptariam ao espaço, retornando os resultados de suas simulações via espaço específico no site. (Castells, p. 21,1983).

#### Princípio - Guedes e Peixoto Viegas

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos/membros das comunidades perceberem-se parte de uma grande família de produtores de práticas comunitárias, as quais derivam das práticas trazidas pelos povoadores da região dos seus locais de nascimento.

Interpretação pessoal - Após a passagem da sesmaria das mãos do Mestre-de-campo Antonio Guedes de Brito para os Peixoto Viegas, teve início a divisão e propriedades menores para diversos proprietários. Dessa forma, pequenas comunidades se formaram a partir da separação ocorrida entre Cachoeira e o território de São José das Itaporocas.

a) O museu da Bata do Feijão oportuniza aos seus visitantes informações acerca do povoamento da região, as famílias que se estabeleceram aqui e as localidades originadas dessas fazendas, com o propósito de proporcionar aos usuários elementos que possam ligar possíveis ascendências de seus familiares ou pessoas conhecidas

b) Realizada essa pesquisa, os visitantes podem simular situações em que essas pessoas conhecidas tenham ainda, descendentes próximos, postando no site as suas descobertas. (GALVÃO, 1982)

Princípio - A Natureza —indica a melhor localização para a estrada boiadeira e a comunidade do/para o gado.

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquarucú compreenderem a opção pelas terras da sesmaria de São José das Itapororocas para o empreendimento de criação e transporte de gado, e a sua consequente transformação em diversas comunidades.

Interpretação pessoal - A opção por essas terras ocorreu por força dos contumazes prejuízos advindos das terras do litoral norte, onde ataques de Índios e falta de alimento e água, faziam com que os prejuízos afastassem a possibilidade de estabelecimento nestas terras.

a) O museu virtual da Bata do Feijão, através de imagens/vídeos e textos mostra os elementos naturais da sesmaria que a alçaram ao que hoje conhecemos como uma região com pretensões, e capacidades, a se tornar uma região metropolitana, em comparação com outras regiões do país;

b) Proporcionando aos visitantes realizarem pesquisas em outras regiões, buscando perceber singularidades regionais que tenham semelhanças com as nossas, podem ainda buscar informações que complementem as já existentes no site do museu, disponibilizando-as em formulário específico na página do museu na web.

Princípio - Estruturas de um contexto

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitem ao sujeito entender sua participação na manutenção de uma estrutura produzida pelo grupo social a que pertence, contribuindo para a sustentação das condições de existência do grupo e de si mesmo.

Interpretação pessoal - A comunicação age como elemento de interação entre os sujeitos, na perspectiva da transmissão de saberes/fazerem que possibilitem a manutenção de uma estrutura que agregue o grupo em torno dos traços culturais que os identificam.

a) O nosso museu virtual apresenta, através de imagens e textos, elementos referentes aos traços culturais das comunidades, os quais servem de base para os visitantes do

museu observarem as suas características e compará-las a características de outros grupos sociais, próximos ou não de sua comunidade;

b) A homepage do museu disponibiliza imagens e vídeos dos formatos das construções habitacionais, da disposição das casas, o tamanho e desenho das praças, o estilo dos telhados e a distância entre as habitações, com o propósito de oportunizar aos visitantes sugerir alterações nessas formatações, alterando e modificando os mesmos. Feito isso, devem dar o retorno dessas mudanças através de local próprio do site. (Bakhtin, 2003, p. 8)

Princípio - A Solidariedade como cimento da consciência coletiva: Formas de plantio, tradicional/mecânica.

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos das comunidades perceberem a necessidade da participação e do envolvimento solidário de forma ativa nas produções e nas práticas comuns à comunidade, as quais, para a sua continuidade, dependem dos sujeitos no seu processo de produção, seja ele tradicional ou mecanizado.

Interpretação pessoal - A efetivação das relações/interações dos sujeitos à concretização de uma prática, que busca perpetuar, através do trabalho realizado, as relações do vivido e a sua importância como elemento de amalgamento social. A solidariedade que permeia as produções das comunidades ocorre, em razão da existência da consciência coletiva, historicamente exercitada, que se potencializa em detrimento de um individualismo inibidor que obsta o fazer comunitário (Fragoso e Villegas, p. 31, 2014).

a) O museu virtual da Bata do Feijão disponibiliza imagens do processo de produção dos grãos de feijão, nas comunidades do Ovo da Ema e de Tiquaruçu, as quais ilustram as formas tradicionais e mecanizadas desse semear, realizado na forma de mutirão. Processo esse que tem início com a escolha do local, indo até o debulhe dos grãos. Dessa forma, oportunizamos aos visitantes poderem interagir no museu da Bata do Feijão;

b) As imagens disponíveis no museu mostram o dia a dia das comunidades no período que antecede a cerimônia, indo até o seu desfecho. O visitante poderá interpretar essas imagens, a partir da observação da utilização de partes do corpo para a semeadura, ou os instrumentos que auxiliam essa fase do processo, sugerindo outras formas ou meios para tal. Pode ainda, simular o que viu nas imagens, comentar as semelhanças e dificuldades

encontradas para a simulação. Realizadas as simulações, o visitante deve retornar os resultados ao site com os devidos comentários.

Princípio - Alimentação: do Fisiológico à construção de laços Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçu, bem como daqueles que acessam ao nosso museu, que se reconheçam como parte da história da região, bem como sujeitos de transformação da realidade em que vivenciamos.

Interpretação pessoal - Partimos da premissa de que o consumo, ou a alimentação de um dado grupo social, se constitui em muito mais que um mero ato fisiológico de cada um, mas também, um ato social e cultural. Ainda mais, reflete as suas formas culturais, produzidas e vividas no seio do grupo. (VERTHEIN e VÁZQUEZ-MEDINA, 2015, p. 26).

a) A homepage do museu virtual na web, viabiliza aos visitantes imagens e textos acerca dos alimentos consumidos nas comunidades, buscando informar sobre aquilo que pode ter sido trazido pelos primeiros povoadores da região, bem como aqueles alimentos de origem africana ou indígena.

b) De posse das informações e imagens dos alimentos consumidos e/ou produzidos nas comunidades, o visitante pode sugerir formas de produção que ele considere mais viável economicamente, bem como receitas com a utilização das referidas informações. Ainda de posse dessas informações, o visitante pode orientar os membros das comunidades quanto às propriedades desses alimentos, que ainda sejam desconhecidas das comunidades. Feitas essas ações, o visitante tem como incumbência dar um feedback às comunidades através de reproduções das atividades ou por meio de demonstrações por ele produzidas, filmadas e remetidas pelo site do museu aos membros das comunidades.

Princípio - Cantos de agradecimento pelas boas colheitas Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos das comunidades uma aprendizagem que pode ocorrer durante a realização das práticas comunitárias cotidianas, as quais evidenciam os conhecimentos adquiridos nas mesmas. O trabalho quando realizado com prazer torna-se uma atividade pouco desgastante e proporcionadora de ações e reações produtivas. Na Bata do Feijão ocorre o embalar dessas atividades com cantos que ilustram o dia a dia

comunitário, bem como as reminiscências de tempos nem sempre exato quanto a sua duração.

Interpretação pessoal - As cerimônias da Bata do Feijão sugerem o agradecimento ao divino às boas colheitas do ano e evidenciam que todos tiveram o necessário para a sua sobrevivência. A ciência<sup>4</sup> daqueles que conhecem as formas e meios de produção herdados dos seus antepassados, vem acompanhada de muita criatividade na composição das músicas que dão o ritmo ao trabalho e distrai os trabalhadores, bem como as pessoas que estão apenas apreciando<sup>4</sup> a Bata do Feijão.

a) O nosso museu da Bata do Feijão através dos vídeos e imagens da cerimônia da Bata do Feijão, mostrando o seu processo desde o início por volta do mês de abril, até a sua culminância em setembro. Nesses vídeos há o áudio dos cantos do evento, os passos cadenciados ao redor dos grãos já secos e prontos para o debulhe;

b) Os visitantes têm a oportunidade de assistir ao evento filmado, têm também as letras de alguns dos cantos, com o propósito de que esses percebam a multiplicidade de vozes equipolentes existente nos cantos. Assim, podem interagir com as comunidades na medida em que podem reproduzir eventos semelhantes, que já tenham presenciado, ou ouvido, lido, e realizem uma interpretação própria da bata do feijão, produzindo um simulacro dos passos e das letras dos cantos. Após essa realização, deverão postar em nosso museu, no espaço específico os resultados das suas interpretações. Resultados esses que desvelam o entendimento do que viu, ouviu, leu e simulou.

Princípio - Escola e Cultura: Relação necessária. Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam a construção de meios que aproximem a instituição escolar da comunidade, oportunizando aos professores e alunos perceberem-se membros ativos, participativos e conscientes das suas condições de existência.

Interpretação pessoal - A principal função social da escola se dá quando a mesma se faz instrumento de formação de cidadãos, conscientes da sua condição de sujeito ativo da comunidade que faz parte.

A reflexão sobre esta temática é coextensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica desculturizada, em que a referência cultural não esteja presente.

a) No website da Bata do Feijão, foram colocados à disposição fotos e vídeos da participação dos alunos e membros da escola local, em que eles participam da cerimônia de forma efetiva, e constroem o conhecimento acerca do evento nas falas e gestos dos mais velhos. Visto que a escola, em datas comemorativas, produz um evento similar à Bata do Feijão, mas sem buscar desenvolver um aprendizado dos sentidos da cerimônia;

b) Nas simulações realizadas pela escola pode ser observado que o evento é pontual, sem a preocupação em desvelar os sentidos que a cerimônia traz e deixa naqueles que a realizam, e até mesmo em quem assiste. O visitante pode comparar as duas ‘versões’ da cerimônia, buscando perceber/sentir os sentidos atribuídos ao evento. Pode ainda, observar detalhadamente as expressões diferenciadas das pessoas que apenas assistem, daquelas pessoas envolvidas, que colaboram na produção da mesma. Após esses exercícios de fenomenologia, o visitante tem os recursos suficientes para a sua simulação da sua ‘bata do feijão’, que posteriormente nos enviará através do nosso museu virtual, em local específico (MOREIRA e CANDAU, 2003, P. 159)

#### Princípio - Polifonia

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçu, exercerem o seu poder de transformação da realidade, através da participação nas produções criadas ou realizadas pelas comunidades.

Interpretação pessoal - A independência das ações dos indivíduos, as quais findam numa vontade coletiva, age como um cimento social na medida em que os objetivos comunitários permanecem como o fator essencial da unidade do grupo.

Quando falamos de vontade individual, de acordo com Bakhtin, estamos então promovendo a polifonia, ou seja, a combinação das vontades individuais terminará num acontecimento positivo para todos (BAKHTIN, 2008, p. 23.).

a) O nosso museu virtual mostra através de textos, imagens, vídeos, e áudios, com os quais os membros das comunidades têm a liberdade de exercer as suas individualidades. E essas individualidades consubstanciam-se num propósito comunitário.

b) A disponibilização de elementos referentes às ações individuais dos membros das comunidades propicia aos visitantes a oportunidade de perceber nessas ações o real interesse/objetivo comunitário. Dessa forma, eles podem criar outros elementos que julguem necessários, e que permitam realizar uma comparação dessas ações, sugerindo alterações nas mesmas. Os elementos a que se referem os textos e imagens são idiossincrasias de cada membro ao se dirigirem aos demais, como se comportam durante a realização das atividades cotidianas e como se relacionam com os seus saberes/fazerem dentro da comunidade. Após realizarem essas comparações, as quais servirão de base para as suas posteriores declarações no nosso site na web, podem postá-las em local específico.

#### Princípio - Dialogismo

Descrição - Práticas e instrumentos que possibilitam aos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú, exercitarem as memórias dos seus antepassados através da evocação das práticas realizadas e que refletem a realidade, através da participação nas produções historicamente criadas pelas comunidades.

Interpretação pessoal - As soluções do Museu Virtual Ovo da Ema procuram desenvolver no sujeito participante de suas dinâmicas a reflexão sobre sua existência e sua interação com as condições de existência de sua comunidade, vemos no dialogismo defendido por Bakhtin o alicerce para a concepção sociointeracional da linguagem. Nisso podemos observar duas questões básicas que embasam o dialogismo, quais sejam: a existência de uma interação permanente entre os participantes do diálogo e a necessária dependência mútua entre o discurso e o contexto de que determina e seleciona o outro e vice-versa. Assim, de maneira que possa desenvolver uma interpretação das práticas sociais produzidas na comunidade e as relações estabelecidas na vida comunitária, através das diversas vozes que compõem esse contexto (BAKHTIN, 2012, p. 13).

a) No nosso museu virtual na web foram disponibilizados textos, diálogos e imagens do cotidiano dos sujeitos da comunidade, nos quais são postas as diversas formas de relacionamento entre estes, e ainda as relações estabelecidas com o contexto material e imaterial da convivência na comunidade;

b) A partir dos textos, dos diálogos e das imagens da vivência cotidiana da comunidade, os visitantes podem perceber as principais nuances dessa convivência e buscar interpretar os sentidos que eram atribuídos às atividades dos membros da comunidade, em tempos outros e, principalmente aquelas em que as relações precisam estar em consonância com as práticas sociais realizadas pela mesma. Após realizar as interpretações dessas nuances do dia a dia das comunidades podem também sugerir formas de relacionamento, de interpretação e de novas maneiras de produzi-las que melhorem os seus resultados, postando em nosso site do nosso museu.

Desta forma apresentamos o primeiro grupo de princípios adotados e respeitados na construção do museu proposto por esta pesquisa aplicada, que visa o alcance dos objetivos propostos pelas comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçu. Esses objetivos, amplamente discutidos no grupo, propiciam ainda, a transmissão dos conhecimentos produzidos pelas comunidades, e que são parte integrante da identidade dos membros. A seguir vamos verificar os princípios socioconstrutivistas a serem abordados.

### 3.2 PRINCÍPIOS SOCIOCONSTRUTIVISTAS ABORDADOS PELO MUSEU VIRTUAL DA BATA DO FEIJÃO – OVO DA EMA ETIQUARUÇU

Princípio - Interação

Descrição - Práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação inter e intrapsicológica do sujeito com o contexto material e imaterial.

Interpretação operacional - As soluções do Museu Virtual Ovo da Ema e Tiquaruçu apresentam práticas e instrumentos do tipo:

Escolher cenas nas quais os sujeitos envolvidos e visitantes normalmente participem bastante e mostrá-las, dando espaço de sistemas (um formulário virtual) no qual os sujeitos escrevam suas interpretações e, além disso, o conjunto das interpretações fique aparente e disponível. Desta forma a interação é estimulada e de fato cada participação fruto desta interação alimenta ainda mais o museu, pois é mostrada no conjunto, ao lado das imagens que a geraram;

Foram entrevistados os mais antigos na prática e seus depoimentos mais importantes postos para visitaçãõ ao tempo em que é dado espaço para que o visitante registre, ele mesmo, sua opinião, imagem e som, contribuindo assim, interativamente com o museu apresentado.

#### Princípio - Interatividade

Descrição - Práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação em que a fusão dos saberes/fazeres configurem num fazer coletivo.

Interpretação pessoal - As soluções do Museu Virtual Ovo da Ema e Tiquaruçú procuram produzir no sujeito sentidos que o levem a reconhecer a importância dos processos interativos para o seu desenvolvimento e, especialmente para a sua aprendizagem, que flui em forma colaborativa (Vygotsky, 1996).

Na homepage do museu virtual, as letras dos cantos da cerimônia da Bata do Feijão, estão disponibilizadas aos visitantes para que sejam interpretadas, como o intuito de perceberem os sentidos destas, além de terem a oportunidade de produzir letras que tenham uma relação com eventos desta natureza;

São disponibilizados no museu virtual vídeos da cerimônia da bata do feijão, nos quais são mostrados os movimentos ritmados protagonizados pelos participantes do evento, buscando nos visitantes do museu, sejam eles de comunidades próximas ou não, exemplos de eventos semelhantes em suas comunidades, ou ainda atividades similares às nossas práticas comunitárias. Podendo ainda os visitantes, produzirem em vídeos eventos em que ocorram movimentos ritmados, e postarem em nosso museu, com comentários acerca do seu entendimento da cerimônia.

### Princípio – Museu Virtual

Descrição - O museu através dos seus recursos e métodos de divulgação, apresentação e, até de interação, tornou-se um potente veículo de socialização/difusão em massa, resultado das novas tecnologias e da forma como estas se apossaram do nosso cotidiano, transformando e introduzindo novos padrões de acesso, percepção e comportamento humano frente às novas demandas das sociedades.

Interpretação pessoal – As diversas possibilidades de buscar e de interagir nas ações do grupo social produtor/criador da prática social, poderão culminar numa ação que denote a apreensão do conhecimento comunitário, que age como um cimento social entre as diversas comunidades do entorno. Quando falamos de veículos de socialização/difusão, vemos que Muchacho (2004) salienta que o museu virtual não deve ser apenas um site informativo sobre algumas atividades do próprio museu ou de outra instituição, não pode esquecer-se de suas potencialidades e de mostrar as novas perspectivas de interação, em especial na forma como pode – deve - se comunicar com o público.

a) No nosso museu virtual, os textos, as imagens e os vídeos com áudio, mostram aos visitantes como os membros das comunidades têm a liberdade de exercer as suas individualidades. E essas individualidades consubstanciam-se num propósito comunitário.

b) A disponibilização de elementos referentes às atividades das comunidades propiciará aos visitantes a oportunidade de perceber nessas ações o real interesse/objetivo comunitário. Dessa forma, eles poderão criar outros elementos que julguem necessários, e que permitam realizar uma comparação dessas ações, sugerindo alterações nas mesmas. Os elementos a que se referem os textos e imagens são produções/criações do grupo social, como se comportam durante a realização das atividades cotidianas e como se relacionam com os seus saberes/fazeres dentro da comunidade. Após realizarem essas comparações, as quais servirão de base para as suas posteriores declarações no nosso site na web, poderão postá-las em local específico.

### Princípio - Tecnologia Social

Descrição - Tecnologias sociais podem ser definidas como um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social. Esse tipo de tecnologia se origina de um processo de inovação resultante do conhecimento criado coletivamente pelos atores interessados no seu emprego.

Interpretação pessoal – Nas cerimônias da Bata do Feijão percebe-se que há o empenho dos membros em propagar aos mais jovens das comunidades, bem como às comunidades do entorno o agradecimento ao divino pelas boas colheitas do ano e evidenciam que todos tiveram o necessário para a sua sobrevivência. A cerimônia é realizada com a participação de todos os membros desde o seu início, ainda na escolha do local de semear. Passando pela ‘limpa’, manutenção e, culminando com a colheita e evento festivo. Fácil, de baixo custo e com grande alcance e impacto social.

a) O museu da Bata do Feijão disponibiliza vídeos e imagens da cerimônia da Bata do Feijão, mostrando o seu processo desde o início por volta do mês de abril, até a sua culminância em setembro. Nesses vídeos há o áudio dos cantos do evento, os passos cadenciados ao redor dos grãos já secos e prontos para o debulhe;

b) Os visitantes têm a oportunidade de assistir ao evento filmado, têm também as letras de alguns dos cantos, passando por todo o processo produtivo, com o propósito de que esses percebam a multiplicidade de vozes equipolentes existente nos cantos. Assim, poderão interagir com as comunidades na medida em que possam reproduzir eventos semelhantes, que já tenham presenciado, ou ouvido, lido, e realizem uma interpretação própria da bata do feijão, produzindo um simulacro dos passos e das letras dos cantos. Após essa realização, deverão postar em nosso museu, no espaço específico os resultados das suas interpretações. Resultados esses que desvelarão o seu entendimento do que viu, ouviu, leu e simulou.

### Princípio - Simulação/simulacro

Descrição - Simular é fingir uma presença ausente, criar uma imagem sem correspondente com a realidade. Simulacro é um procedimento relativo à produção de

sentidos. Quanto mais próximo estiver da realidade, do objeto, menos deixará de ser uma representação.\*1Práticas e/ou instrumentos criados para propiciar o desenvolvimento de uma aprendizagem planejada, organizada e validada pelo sujeito.

Interpretação pessoal – A efetivação das relações/interações dos sujeitos à concretização de uma prática, que busca perpetuar, através do trabalho realizado, as relações do vivido e a sua importância como elemento de amalgamento social. As representações de um vivido permeiam as relações de produção das comunidades as quais ocorrem em razão da existência da consciência coletiva, historicamente exercitada, que se potencializa em detrimento de um individualismo inibidor que obsta o fazer comunitário. O coletivo é a base de sustentação dos saberes/fazeres das comunidades, e quanto mais buscar ver e sentir. Na simulação/simulacro aqui pretendida, em que a linguagem é o veículo condutor dos saberes/fazeres das comunidades sujeitos/objetos, PEDROSO (2013) salienta que —a organização e o modo de funcionamento da vida social, constituídos por reciprocidades relacionais, propiciam e geram essa prática sociall. (Pedroso, p. 66, 2013).

O museu virtual da Bata do Feijão disponibiliza imagens de todo o processo de produção da cerimônia, as quais ilustram as formas tradicionais e mecanizadas desse semear, realizado na forma de mutirão, e demais etapas do processo. Processo esse que tem início com a escolha do local, indo até o debulhe dos grãos e culminando com o evento. Dessa forma, oportunizamos aos visitantes poderem interagir no museu da Bata do Feijão, simulando etapas, ou todo o processo.

As imagens, com áudio, disponíveis no museu mostram o dia a dia das comunidades no período que antecede a cerimônia, indo até o seu desfecho. O visitante pode interpretar essas imagens, a partir da observação da utilização de partes do corpo para a sementeira, ou os instrumentos que auxiliam essa fase do processo, sugerindo outras formas ou meios para tal. Pode ainda, simular o que viu nas imagens, comentar as semelhanças e dificuldades encontradas para a simulação. Realizadas as simulações, o visitante deve retornar os resultados ao site com os devidos comentários.

Nos quadros abaixo são elencados alguns princípios que nortearam a construção do nosso museu virtual, servindo ainda como elementos do processo de ensino e

aprendizagem dos professores e alunos. Além disso, usados na fase de avaliação dos resultados alcançados na aplicação da solução pedagógica proposta pela comunidade.

PRINCÍPIO	DESCRIÇÃO	INTERPRETAÇÃO OPERACIONAL
<b>Construção Contra Hegemônica.</b>	Práticas e/ou instrumentos criados para propiciar uma visão ético-política de ver e ser visto.	As soluções do Museu Virtual proposto são para proporcionar aos sujeitos elaborarem formas de resistir as imposições das classes tidas como superiores e hegemônicas.
<b>Filósofo de si mesmo.</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem os sujeitos a reflexão na construção do entendimento sobre si e em relação ao contexto.	As soluções do Museu Virtual Ovo da Ema intentaram desenvolver no sujeito as dinâmicas a reflexão dos sujeitos sobre sua vida, sua existência e com as condições de existência e de suas relações na vida.
<b>Entendimento de integração ao contexto.</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem ao sujeito entender sua participação e interação com o grupo social a que pertence, com o contexto e com as condições existenciais.	As soluções do museu intenta que o sujeito construa um entendimento crítico sobre o contexto social a que pertence o seu processo social, e a sua relação com a coletividade.
<b>Espaço/Lugar/Território</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos sentirem-se pertencentes ao espaço de (con) vivência e a sua participação/interação com o meio físico e social.	O museu da Bata do Feijão disponibiliza em sua página na web imagens do espaço que compõe as comunidades, com o intuito de proporcionar o perceber/sentir que este se configura num conjunto de relações entre os sujeitos e o meio. (Santos, p. 15, 2008)
<b>Comunidades de Práticas.</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos sentirem-se partícipes ativos e produtores das práticas comuns.	Uma comunidade de prática é aquela que possibilita aos membros da mesma a oportunidade de gerar ou trocar conhecimentos historicamente construídos ou assimilados.
<b>O lugar da Bata do Feijão de Cachoeira à sua freguesia de São José das Itaporocas</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos e demais sujeitos, que se reconheçam como parte da história da região e sujeitos de transformação da realidade vivenciada.	O museu possibilita o reconhecimento a partir dos dados disponíveis do local, a opção de sugerir novos locais para a prática da cerimônia, com recursos outros.
<b>Guedes e Peixoto Viegas</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos perceberem-se parte de produtores de práticas comunitárias, que derivam das práticas trazidas pelos povoadores dos seus locais de nascimento.	O museu da Bata do Feijão oportuniza aos seus visitantes informações acerca do povoamento da região, das famílias que se estabeleceram aqui e os elementos que ligam as ascendências familiares ou pessoas conhecidas.
<b>A Natureza “indica” a melhor localização para a estrada boiadeira e a comunidade.</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos compreenderem a opção pelas terras da sesmaria de São José das Itaporocas para o empreendimento de criação e transporte de gado.	O museu virtual da Bata do Feijão, através de imagens/vídeos e textos dispôs os elementos naturais da sesmaria que a alçaram a se tornar uma região metropolitana, em comparação com outras regiões do país;
<b>Estruturas de um contexto.</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem ao sujeito entender sua participação na manutenção da estrutura produzida pelo grupo social a que pertence, contribuindo para a sustentação das condições de existência do grupo e de si mesmo.	O nosso museu virtual, através de imagens e textos, elementos do traço cultural das comunidades, oportunizou aos visitantes do museu observar as suas características e compará-las a características de outros grupos sociais, próximos ou não de sua comunidade;
<b>A Solidariedade como cimento Da consciência coletiva: Formas de plantio,</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos das comunidades perceberem a necessidade da participação e do envolvimento solidário de forma ativa nas produções e nas práticas comuns à comunidade.	O museu virtual da Bata do Feijão disponibilizará imagens do processo de produção dos grãos de feijão, as quais ilustram as formas tradicionais e mecanizadas desse semear, realizado na forma de mutirão.

<b>Alimentação: do Fisiológico à construção de laços</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos se reconhecerem como parte da história da região, bem como sujeitos de transformação da realidade em que vivenciamos.	A homepage do museu virtual na web viabilizará aos visitantes imagens e textos acerca dos alimentos consumidos nas comunidades, buscando informar sobre aquilo que pode ter sido trazido pelos primeiros povoadores da região, ou aqueles de ‘_fora’.
<b>Cantos de agradecimento pelas boas colheitas</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos uma aprendizagem que pode ocorrer durante a realização das práticas comunitárias cotidianas, as quais evidenciam os conhecimentos adquiridos nas mesmas e as reminiscências de tempos nem sempre exatos quanto a sua duração.	O museu da Bata do Feijão disponibiliza vídeos e imagens da cerimônia da Bata do Feijão, mostrando o seu processo desde o início por volta do mês de abril, até a sua culminância em setembro.
<b>Escola e Cultura: Relação necessária.</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem a construção de meios que aproximem a instituição escolar da comunidade, enquanto membros ativos, participativos e conscientes das suas condições de existência.	No website da Bata do Feijão, estão dispostos fotos e vídeos da participação dos alunos e membros da escola local, em que eles participam da cerimônia de forma efetiva, e constroem o conhecimento acerca do evento nas falas e gestos dos demais.
<b>Polifonia</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos exercerem o seu poder de transformação da realidade, através da participação nas produções criadas ou realizadas pelas comunidades.	O nosso museu virtual mostrará através de textos, imagens e vídeos, esses com áudio, que os membros das comunidades têm a liberdade de exercer as suas individualidades.
<b>Dialogismo</b>	Práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos exercitarem as memórias dos seus antepassados através da evocação das práticas realizadas e que refletem a realidade, através da participação nas produções historicamente criadas pelas comunidades.	No nosso museu virtual na web estão disponibilizados textos, diálogos e imagens do cotidiano dos sujeitos da comunidade, nos quais são postos as diversas formas de relacionamento entre estes, e ainda as relações estabelecidas com o contexto material e imaterial da convivência na comunidade.

**Quadro 5 Princípios norteadores da pesquisa**

<b>PRINCÍPIO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>INTERPRETAÇÃO OPERACIONAL</b>
<b>Museu Virtual</b>	O museu através dos seus recursos e métodos de divulgação, apresentação e, até de interação, tornou-se um potente veículo de socialização/difusão em massa, resultado das novas tecnologias e da forma como estas se apossaram do nosso cotidiano, transformando e introduzindo novos padrões de acesso, percepção e comportamento humano frente às novas demandas das sociedades.	Registro a sua concepção dos sentidos da cerimônia, demonstrando o seu entendimento acerca dos mesmos.
<b>Tecnologia social</b>	Tecnologias sociais podem ser definidas como um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social. Esse tipo de tecnologia se origina de um processo de inovação resultante do conhecimento criado coletivamente pelos atores interessados no seu emprego. (*)	Possibilidade de conhecer os diversos recursos da tecnologia social, aplicáveis aos principais problemas da vida contemporânea.

<b>Museu Virtual</b>	<b>O museu através dos seus recursos e métodos de divulgação, apresentação e, até de interação, tornou-se um potente veículo de socialização/difusão em massa, resultado das novas tecnologias e da forma como estas se apossaram do nosso cotidiano, transformando e introduzindo novos padrões de acesso, percepção e comportamento humano frente às novas demandas das sociedades.</b>	<b>Registro a sua concepção dos sentidos da cerimônia, demonstrando o seu entendimento acerca dos mesmos.</b>
<b>Tecnologia social</b>	Tecnologias sociais podem ser definidas como um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social. Esse tipo de tecnologia se origina de um processo de inovação resultante do conhecimento criado coletivamente pelos atores interessados no seu emprego. (*)	Possibilidade de conhecer os diversos recursos da tecnologia social, aplicáveis aos principais problemas da vida contemporânea.
<b>Simulação/simulacro</b>	Simular é fingir uma presença ausente, criar uma imagem sem correspondente com a realidade. Simulacro é um procedimento relativo à produção de sentidos. Quanto mais próximo estiver da realidade, do objeto, menos deixará de ser uma representação. *1	Oportunidade de produzir evento, ou parte dele, no qual demonstre o seu entendimento da cerimônia.
<b>SOCIOCONSTRUTIVISMO: Interação/interatividade</b>	Práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação inter e intrapsicológica do sujeito com o contexto material e imaterial, e criados para oportunizar uma relação em que a fusão dos saberes/fazeres configurem se fazer	Explicação das ações individuais com as comunidades e consigo mesmo, na condução dos saberes e fazeres comunitários.

**Quadro 7 Continuação dos princípios norteadores**

**Elaborado pelo autor**

Dessa forma, os princípios acima elencados proporcionaram o alcance, pelo menos dos objetivos considerados primordiais pelas comunidades e pesquisador, de poder mostrar, difundir, externar, as suas práticas cotidianas, as quais são permeadas por cerimônias, eventos, elaborados e mantidos por todos os membros do grupo social.

#### 4 MODELAGEM COGNITIVA

Os caminhos do processo de ensino e aprendizagem devem ser múltiplos, objetivando atender às diferenças existentes entre os sujeitos e suas diversas maneiras de ensinar e aprender. Nessa perspectiva, o desenvolvimento de instrumentos e/ou práticas que diminuam as distâncias entre o conhecimento e os sujeitos aprendentes precisam estar em consonância com as diversas capacidades individuais dos mesmos. Precisam ainda ser de fácil acesso, terem a rapidez da atual conjuntura tecnológica imposta e, o mais importante, que se adapte aos diversos conteúdos e às diversas formas de ensino e aprendizagem existentes.

Pensando na diversidade que permeia os processos de ensino e aprendizagem e que envolve os mais diversos sujeitos, nas mais distintas situações e contextos, com critérios que sejam baseados na perspectiva socioconstrutivista, a qual nos permite um aprendizado realizado em ambientes relacionais contextualizados, construímos o museu da Bata do Feijão em regime de colaboração com as comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú, povoado e distrito, respectivamente, do município de Feira de Santana.

Dessa forma, o nosso museu virtual da Bata do Feijão buscou, como já dissemos anteriormente, oferecer os elementos necessários ao processo de ensino/aprendizagem na perspectiva socioconstrutivista. Assim, a modelagem do nosso museu obedecerá aos critérios elencados no quadro abaixo, respeitando os princípios do dialogismo presentes em toda e qualquer proposta que se ampare na perspectiva socioconstrutivista, bem como a localização dos princípios e seus respectivos desdobramentos interativos.

Assim, a construção do nosso museu virtual, tendo como acervo o processo de produção da cerimônia da Bata do Feijão, a qual tem início em tempos ainda incertos, foi inicialmente pensada pelas comunidades e o pesquisador, como uma representação de um museu com a estrutura semelhante aos que já existem no que tange à sua estrutura física. O nosso museu virtual cuja estrutura física seria um prédio, com salas, corredores, hall e demais espaços de um museu convencional, foi repensado a partir das sugestões das comunidades sujeitos/objetos.

As discussões advindas dos encontros entre os membros das comunidades e o pesquisador sugeriram uma metáfora para melhor ilustrar o ambiente do museu. Fez surgir a

ideia de produzirmos a simulação de uma casa de fazenda, seguindo o que sugere a abordagem DBR, princípio primordial da mesma, que põe a comunidade como sujeito dos saberes e fazeres local. Sujeito esse que detém o conhecimento empírico desses saberes, mas que está aberto às sugestões e teorias que as melhorem e as tornem acessíveis aos demais. Essa mudança da estrutura física, de prédio convencional para uma casa rural, além de estar em consonância com a abordagem metodológica por nós escolhida, adveio de discussões com os membros das comunidades e a comunidade acadêmica envolvidas no projeto. Discussões essas que emergiram a partir do ponto de vista de cada membro participante dos encontros, levando em consideração as diversas participações em outras cerimônias da Bata do Feijão que ocorreram nas comunidades, em tempos idos.

Optamos pela utilização de uma metáfora que melhor simulasse uma casa rural, ao buscar aquilo que BAUDRILLARD (1991) afirma:

Simular é fingir ter o que não se tem, referindo uma ausência. [...] Enquanto a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o edifício da representação como simulacro. [...] Cada indivíduo atribui um julgamento de existências sobre as imagens e atribui a elas um referente real. A imagem não constitui o objeto em si, mas é a sua representação, o simulacro (BAUDRILLARD, 1991).

Assim, as imagens, com áudio, insistimos, os textos e os mapas poderão auxiliar os visitantes na compreensão dos fatos, e a sua interpretação vinculada a uma produção do vivido dessas comunidades. Essa produção, que simula o vivido tem amparo no acervo interpretado das práticas sociais comunitárias em estudo.

Abaixo o conteúdo das salas do nosso museu virtual da Bata do Feijão, com as diversas possibilidades de interação/interatividade, bem como das informações alusivas à cerimônia e a participação das comunidades.

#### 4.1 PRINCÍPIO CONTRA HEGEMÔNICO

O nosso museu virtual da Bata do feijão, em sua página de apresentação/inicial disponibiliza os elementos constituintes do seu acervo, bem como os recursos que oportunizam a interação/interatividade dos visitantes. Os objetivos propostos nessa fase do museu assentam-se na perspectiva de ‘plantar’ nos visitantes, o sentimento de reconhecimento e valorização do traço cultural característico das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú.

Objetivamos ainda a produção de conhecimento acerca das possibilidades contra hegemônicas, que podem ser geradas a partir das diversas interações.

Nessa página de apresentação/inicial, além da apresentação dos tópicos ali existentes e nas seguintes, há também links que fornecem o acesso às diversas possibilidades interativas com textos, fotos, imagens, vídeos, depoimentos e fatos. Nessa página ainda, é disponibilizada uma breve introdução acerca do processo de produção do evento, a Bata do Feijão, o qual tem seu início ainda na escolha da área a ser cultivada, passando pelos diversos momentos de ‘\_limpa’, até chegar à sua culminância, que é o dia festivo e a bata tem seu ápice.

Os recursos dispostos nessa página proporcionam aos visitantes uma interação baseada nos princípios socioconstrutivistas por nós elencados no capítulo três do nosso trabalho. Iniciamos por disponibilizar um mapa do site, no qual estão dispostas e de fácil acesso, as indicações/sugestões de atividades que mostram a Bata do feijão desde o seu início. As indicações/sugestões estão embasadas nos princípios socioconstrutivistas escolhidos para a proposta de construção da contra hegemonia que orienta o (re) conhecimento, e a consequente valorização do traço cultural característico das comunidades em estudo.

Dessa forma, nessa busca da construção contra hegemônica dos saberes e fazeres comunitários são colocados à disposição os elementos a seguir: a apresentação da Bata do Feijão, em todas as suas etapas, as quais têm seu início, como já dissemos, na escolha da área a ser cultivada, passando pela conservação das plantas, e chegando a sua culminância participada; o histórico local da cerimônia, com as suas possíveis relações com outros eventos semelhantes, uma galeria de fotos do processo; o local específico para os feedbacks dos visitantes e as diversas possibilidades interativas para o (re) conhecimento do evento, buscando a identificação de possíveis semelhanças e/ou diferenças com outras cerimônias já vistas, e que estabeleçam relações com fatos, pessoas ou instituições.

Assim, os elementos que são disponibilizados na página de apresentação do nosso museu virtual da Bata do Feijão estão conforme as imagens acima, com os links e indicações referentes aos elementos dos mesmos. Ainda há os recursos materiais/humanos, vídeos e textos sobre as práticas sociais das comunidades que refletem a resistência às imposições de um mercado cultural voltado para a obtenção de lucro.

Nesse espaço, o visitante tem acesso a textos que mostram a cerimônia e seus nuances de produção, podendo ainda aprender como a Bata do Feijão acontece e de que forma a mesma se firma enquanto produção cultural autônoma, o que ocorre com cantos e danças que evoquem os seus antepassados.

#### 4. 2 FILÓSOFO DE SI MESMO

Nas páginas seguintes do nosso museu, as práticas sociais comunitárias diariamente exercitadas individuais e coletivamente constituem-se em instrumentos que possibilitam aos sujeitos refletirem sobre a construção do seu cotidiano, e ao seu consequente entendimento sobre si e em relação ao contexto de sua vivência. Esses instrumentos procuram desenvolver no sujeito visitante suas dinâmicas de reflexão sobre sua vida, sua existência e sua interação com as condições de sua existência de maneira que possa desenvolver sua própria interpretação, da forma mais organizada possível de sua vida, dos processos de sua existência, de suas relações diversas e de sua situação na vida. E melhor, exercitando os seus conhecimentos acerca da história de um território que foi a base da economia colonial do país.

Assim, o nosso museu virtual na web disponibiliza textos, imagens e vídeos do cotidiano dos sujeitos da comunidade, nos quais podem ser vistas as diversas formas de relacionamento entre estes, e ainda as relações estabelecidas com o contexto material e imaterial da convivência na comunidade. Ainda, a partir desses textos e imagens da vivência cotidiana da comunidade, os visitantes podem perceber as principais nuances dessa convivência e buscar interpretar os sentidos atribuídos a essas atividades dos membros da comunidade, principalmente aquelas em que as relações precisam estar em consonância com os objetivos propostos pela mesma.

Nas imagens a seguir, podemos perceber as capacidades individuais dos membros da comunidade na produção das letras dos cantos, os passos e demais elementos constituintes da cerimônia da Bata do Feijão. Letras e passos esses que, em algumas ocasiões são ensaiadas durante as outras etapas do processo de cultivo, buscando contemplar os saberes dos mais velhos ou daqueles que mais vezes participaram do evento.

**Figura 7 - ENSAIO DOS CANTOS DA BATA DO FEIJÃO 1**



**imagem 7 ensaio dos cantos da bata do feijao 1**

**Fonte - acervo do autor**



**imagem 8 ensaio dos cantos da bata do feijão 2**

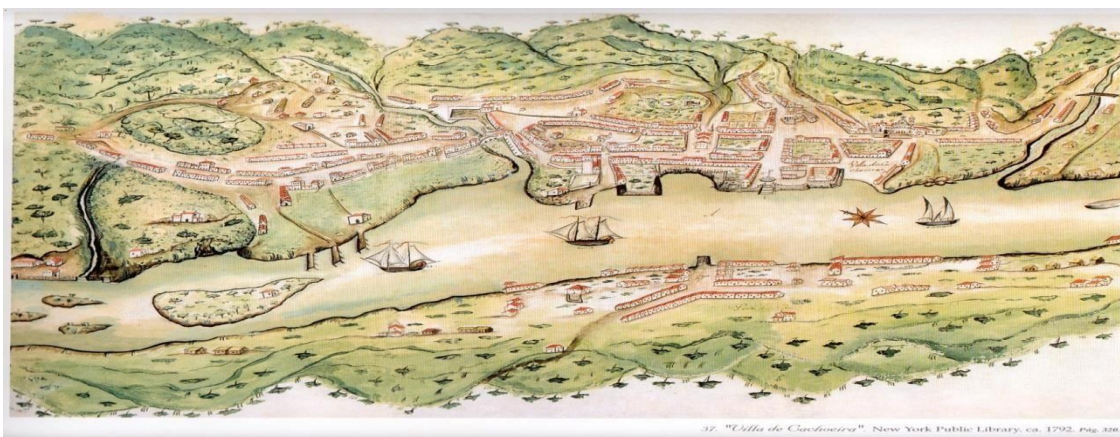
**Fonte - acervo do autor**

Dessa forma, o visitante pode, através da participação de cada membro e, principalmente da produção intelectual de cada um, perceber como são criadas formas de interação do/com o grupo social. Essa interação produzida ocorre não apenas quando se realiza a cerimônia de agradecimento pela boa colheita, nos cantos e danças, também no processo de produção dos grãos e do evento de culminância. A imagem acima ilustra uma das diversas formas de produção dos saberes e fazeres da comunidade, quando a comunidade se reúne para a criação das letras dos cantos e danças.

### 4.3 ESPAÇO/LUGAR/TERRITÓRIO

Os elementos disponibilizados nessa página possibilitam aos sujeitos visitantes/participantes sentirem-se no espaço de (con) vivência das práticas sociais comunitária, sentindo-se partícipes e podendo interagir com o meio físico e social da Bata do feijão. Podem ainda, nessa página, através dos mapas e demais documentos históricos que versam sobre a região, estabelecer relações sociais e de produção, nas condições naturais oferecidas para a existência do grupo social no espaço/lugar/território geográfico existente.

O nosso museu virtual da Bata do Feijão disponibiliza nessa página na web mapas e imagens do espaço que compõe as comunidades, buscando mostrar aos visitantes como se configurava o conjunto de relações entre os sujeitos e o meio, e as mudanças produzidas. Possibilita, também, o reconhecimento de informações que as comunidades ainda não dispunham sobre a região, e daqueles que fizeram e ainda fazem desse espaço geográfico o seu lugar/território. Nas imagens abaixo, vemos mapa e imagem do espaço geográfico, em dois momentos distintos e em épocas distintas, que mostram como eram e como estão atualmente.



**imagem 9 mapa antigo de Cachoeira**

FONTE: <http://www.bahia.ws/wp-content/uploads/2012/11/mapa-antigo-de-cachoeira-bahia.jpg>



imagem 10 Vila de Cachoeira - Sec. XVII

FONTE: <http://vapordecachoeira.blogspot.com.br/2011/01/criacao-da-vila-de-cachoeira-completa.html>



imagem 11 O ovo da ema - dias atuais

FONTE: Acervo do auto



Assim, os mapas e demais elementos que são disponibilizados na página do princípio acima elencado estão com as indicações referentes aos elementos, auxiliando os visitantes na sua identificação e interação.

#### 4.4 COMUNIDADES DE PRÁTICAS

As práticas e instrumentos utilizados pelos sujeitos/membros das comunidades serão disponibilizados, com o intuito de mostrar os partícipes em suas atividades cotidianas, enquanto práticas comuns das comunidades. Na página do nosso museu virtual da Bata do Feijão são disponibilizadas imagens, vídeos e relatos de situações em que as práticas comunitárias são produzidas, buscando desenvolver nos visitantes o desejo em compartilhar as suas práticas comunitárias, comparando-as e sugerindo novas formas de realização dessas.

Nos recursos disponibilizados as experiências vividas e vivenciadas nas imagens, nos vídeos e nos diálogos estabelecidos propiciam possibilidades de comparação com outras experiências, de outras comunidades, outros países e até mesmo, povos de culturas distintas e/ou distantes. Esses diálogos, presentes nos cantos, durante a lida e, também nos eventos festivos, proporcionam oportunidades aos visitantes de perceber/sentir a participação de membros de todas as faixas etárias, e as seus respectivos papéis na realização dessas práticas.

As imagens a seguir, da comunidade do Ovo da Ema e de Tiquaruçu, respectivamente, mostram o momento das produções dos cantos durante a culminância da Bata do Feijão. Nessas imagens, que são acompanhadas de áudios, pode ser percebido o teor das letras dos cantos, os quais tratam do cotidiano, dos amores, das relações estabelecidas no contexto do início das festividades. Contexto esse que teve mudanças ocasionadas pelo desenvolvimento das novas formas de cultivar e de relações de trabalho no nosso país.



imagem 13 Cantos da/na bata do feijão

Fonte: Acervo do autor



imagem 14 ensaios da bata do feijão



Fonte: Acervo do autor

Assim, essa página do museu, exhibe as imagens dos ensaios da Bata do Feijão, os áudios e, principalmente, a participação de toda a comunidade no processo de produção da cerimônia, o qual tem início na escolha da terra para a sementeira, até à culminância do evento. As imagens, vídeos, textos e os áudios, facilitam o entendimento do evento, bem como o seu (re) conhecimento por parte da comunidade externa, assim como contribui para a formação dos novos membros da cerimônia.

#### 4.5 O LUGAR DA BATA DO FEIJÃO: DE CACHOEIRA A SUA FREGUESIA DE SÃO JOSÉ DAS ITAPOROROCAS

Nessa página do site do museu virtual, estão disponíveis imagens, vídeos e textos que versam sobre as práticas e instrumentos que possibilitam aos visitantes do museu o reconhecimento de parte da história da região, bem como dos sujeitos de transformação da realidade que hoje vivenciamos. Tem ainda informações acerca dos porquês da opção por essas terras para o empreendimento lusitano da criação de gado, que se assenta nas potencialidades naturais disponíveis do lugar, à época. E ainda, as possibilidades de tornar (transformar) o espaço, adequando-o aos seus propósitos, e a maior facilidade de comunicação realizada através dos caminhos, que se tornaram estradas e que foram de fundamental relevância para o sucesso.

Nessa página do museu disponibilizamos os mapas da então capitania que compunha a região do que hoje conhecemos por Recôncavo, bem como dos referidos capitães donatários com suas respectivas sesmarias, com o intuito de orientar os nossos visitantes no reconhecimento da região e provocá-los a traçar rotas alternativas que ligassem Cachoeira a então São José das Itapororocas, oportunizando a realização de possíveis traçados para as estradas, e assim produzir novos caminhos para o gado. A seguir, ilustrações das terras que hoje compõem o recôncavo baiano, em especial a localidades da Vila de Nossa Senhora de Cachoeira, a qual deu origem às demais freguesias, como a de São José das Itapororocas.



**imagem 15 A Baía de Todos os Santos e o Reconcavo no sec. XVII**

As imagens acima ilustram o espaço à época do surgimento da freguesia de São José das Itapororocas, hoje Feira de Santana. Especificamente, hoje o distrito de Maria Quitéria, de onde surgiram alguns povoados, como Ovo da Ema, Saco do Capitão, Garapa e outros. A seguir, imagens que ilustram os distritos objetos do nosso trabalho, nos dias de hoje.



Figura 17 - **PARÓQUIA DO OVO DA EMA**



imagem 17 Paróquia do Ovo da Ema

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=tiquarucu>

As diferenças não são apenas visuais mostram as diversas transformações ocorridas/produzidas pela mão do homem. Transformações que foram/são fruto de adequações do meio para a efetiva ocupação humana, atribuindo significados ao meio e seus componentes.

#### 4.6 A SOLIDARIEDADE COMO CIMENTO DA CONSCIÊNCIA COLETIVA: FORMAS DE PLANTIO, TRADICIONAL/MECÂNICA.

Ainda nesta página, que denominamos de possibilidades interativas, disponibilizamos fotos, vídeos e textos alusivos às formas de plantar. Formas essas que vão desde o uso das mãos e pés, até a utilização de instrumentos e tratores. O visitante pode observar as práticas e instrumentos utilizados no processo de produção dos grãos, e posteriormente o seu debulhe na forma de batidas. Podendo também perceber a efetivação das relações/interações dos sujeitos na concretização de suas práticas sociais que buscam perpetuar, através do trabalho realizado, as relações do vivido e a sua importância como elemento de amalgamento social.

Essa solidariedade que permeia as produções das comunidades ocorre em razão da existência da consciência coletiva, historicamente exercitada, que se potencializa em detrimento de um individualismo inibidor que obsta o fazer comunitário, proporcionando novos laços e fortalecendo os já existentes.

Dessa forma, o visitante tem a oportunidade de interagir com as comunidades através do museu virtual da Bata do Feijão, que disponibiliza imagens do processo de

produção dos grãos de feijão, as quais ilustram as formas tradicionais e mecanizadas desse semear, realizado na forma de mutirão.

As imagens disponíveis nessa página do museu mostram o período que antecede a cerimônia, as etapas do processo, até a sua culminância. O visitante pode interpretar essas imagens, a partir da observação da utilização de partes do corpo para a semeadura, como mãos e pés, ou os instrumentos que auxiliam essa fase do processo, sugerindo outras formas ou meios para tal. Pode ainda, buscar inserir outras formas já vistas em outras situações semelhantes.

As imagens a seguir ilustram os momentos de solidariedade, em momentos distintos do cotidiano. Momentos esses que vão desde a lida, até aqueles de diversão e conagração que permeiam o viver em comunidade, e que reúne os sujeitos nas suas práticas cotidianas. Práticas essas que denotam a multiplicidade do uso de instrumentos para o preparo da terra. A utilização dos membros do corpo, de instrumentos ou até mesmo de máquinas.

**Figura 18 - ENSAIO DOS CANTOS DA BATA DO FEIJÃO - PREPARO DA TERRA.**



**imagem 18 ensaio dos cantos da bata do feijão - preparo da terra**





**imagem 20** sementeira com os pés - sementeira com implemento agrícola Fonte: acervo do autor

Percebe-se que as formas de cultivar de forma solidária, bem como as formas de semear variam de acordo com a comunidade e o tipo de grão a ser cultivado. Quando dizemos solidária e aparece apenas uma pessoa realizando a tarefa, ocorre que essa pessoa é uma das mais conhecedoras da prática e por isso realiza a atividade com o auxílio dos outros. Assim como a utilização de implementos ou máquinas se faz em dias aprezados para cada membro da comunidade.

Assim, o visitante perceberá que a solidariedade está presente em todas as etapas do processo de produção/culminância da cerimônia. Podendo relacionar ou comparar com atividades semelhantes. Solidariedade essa que se configuram em instrumento de libertação cultural, na medida em que o traço cultural característico das comunidades ganha a sua relevância.

#### 4.7 ALIMENTAÇÃO: DO FISIOLÓGICO À CONSTRUÇÃO DE LAÇOS

Esse princípio norteador do nosso trabalho busca demonstrar como as práticas e instrumentos utilizados pelos sujeitos/membros das comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçu, bem como os visitantes que acessem o nosso museu, reconheçam a parte da história da região que se refere aos produtos utilizados como alimentos pelos sujeitos. Perceba ainda o quanto esses produtos podem transformar a realidade vivenciada, e se constituírem em elemento essencial da cultura local, visto que o consumo de determinados produtos como alimento por um dado grupo social, se constitui em muito mais que um mero ato fisiológico de cada um, mas também, um ato social e cultural. Ainda mais, reflete as suas formas culturais, produzidas e vividas no seio do grupo.

A página do museu virtual oferece aos visitantes imagens e textos de alguns alimentos consumidos nas comunidades, buscando informar sobre aquilo que pode ter sido trazido pelos primeiros povoadores da região, bem como aqueles alimentos de origem

africana ou indígena, que influenciaram e foram influenciados por outros produtos e/ou formas de prepará-los.

Essas informações acerca dos alimentos consumidos e/ou produzidos nas comunidades proporciona aos visitantes poder sugerir outras formas de produção que ele considere econômica e nutricionalmente mais viável, bem como novas receitas com a utilização desses produtos. Ainda de posse dessas informações, o visitante pode orientar os membros das comunidades quanto às propriedades desses alimentos, que ainda sejam desconhecidas das comunidades. Feitas essas ações, o visitante tem como incumbência dar um feedback às comunidades através de reproduções das atividades ou por meio de demonstrações por ele produzidas, filmadas e remetidas ao site do museu.



imagem 21 pausa para experimentar o feijão 1

Fonte: Acervo do autor



imagem 22 pausa para experimentar o feijão 2

Fonte: Acervo do autor

#### 4.8 CANTOS DE AGRADECIMENTO PELAS BOAS COLHEITAS

O nosso museu virtual da Bata do Feijão disponibiliza imagens, vídeos e áudios das práticas sociais em agradecimento às colheitas nas comunidades em estudo, as quais possibilitam aos sujeitos das comunidades um retorno às suas origens, que colaboram nas aprendizagens cotidianas que evidenciam e transmitem os conhecimentos historicamente adquiridos/produzidos pelos seus ancestrais. É mostrado, nessa página do nosso museu, que o trabalho na lavoura, quando realizado com prazer, torna-se uma atividade pouco desgastante e proporcionadora de ações e reações produtivas. Prazer esse que poderá ser percebido e sentido no processo de produção da Bata do Feijão, o qual ocorre para embalar as atividades com os cantos que ilustram o dia a dia comunitário, bem como das reminiscências entoadas nas letras desses cantos, que são de tempos nem sempre exatos.

Nas imagens e vídeos da cerimônia da Bata do Feijão, pode ainda, ser percebido/sentido que o agradecimento dirigido ao divino pelas boas colheitas do ano, evidencia que todos tiveram o necessário para a sua sobrevivência, e que a ‘\_ciência, ou o saber,’ daqueles que conhecem as formas e meios de produção herdados dos seus antepassados, é acompanhada de muita criatividade na composição das músicas que dão o ritmo ao trabalho e distrai os trabalhadores, bem como as pessoas que estão apenas ‘\_apreciando’ a Bata do Feijão.

Ainda nessa página do museu, os visitantes têm a oportunidade de assistir ao evento filmado, ouvir as letras de alguns dos cantos, com o propósito de que esses percebam a multiplicidade de vozes equipolentes existente nos cantos. Podendo assim, estabelecer uma interação com os sujeitos das comunidades buscando compará-la com eventos semelhantes, que já tenham presenciado ouvido, ou lido, para produzir uma interpretação própria da bata do feijão, ou até um simulacro dos passos e das letras dos cantos. Após essa realização, podem postar em nosso museu, no espaço específico os resultados das suas interpretações. Resultados esses que desvelarão o seu entendimento do que viu, ouviu, leu e simulou, e ainda possíveis sugestões/críticas.



**imagem 23 CANTOS DA BATADO FEIJÃO**

**Fonte: Acervo do Autor**

As imagens acima ilustram um pouco do que ocorre na produção das letras dos cantos, em que todos aqueles que sentem a inspiração podem criar.

#### 4.9 ESCOLA E CULTURA: RELAÇÃO NECESSÁRIA

A página do museu virtual da Bata do Feijão disponibiliza imagens, vídeos e textos que mostram as práticas e instrumentos utilizados pelas comunidades para a realização da difusão dos conhecimentos historicamente construídos, e ainda para possibilitar o (re) conhecimento do traço cultural característico do seu grupo, utilizando os meios existentes e produzidos nas comunidades. Esse empreendimento deve ter o apoio da escola enquanto instituição promotora e preservadora dos conhecimentos formais que aproximam a instituição escolar da comunidade, oportunizando aos professores e alunos perceberem-se membros ativos, participantes e conscientes das suas condições de existência.

Nesta página mostraremos também de que forma a principal função social da escola se realiza na colaboração da difusão e conservação dos saberes e fazeres comunitários necessita de instrumentos para formação dos cidadãos, inteiramente conscientes da sua condição de sujeito ativo da comunidade da qual faz parte.

Na página do nosso museu da Bata do Feijão, foram colocadas à disposição fotos e vídeos da participação dos alunos e membros da escola local, nas quais eles participam da cerimônia de forma efetiva, e constroem o conhecimento acerca do evento nas falas e gestos dos mais velhos. Nessas participações realizadas pela escola e as comunidades pode ser observado que no evento há a preocupação em desvelar os sentidos que a cerimônia traz e que deixa naqueles que a realizam e também em quem a assiste.

Nessa página o visitante pode assistir aos vídeos e comparar as cerimônias, visto que uma ocorre em uma localidade e a outra numa fazenda de partes diferentes do município. Mas que ambas buscam transmitir os sentidos atribuídos ao evento por quem produz e participa. Poderá ainda, observar detalhadamente as expressões diferenciadas das pessoas que apenas assistem, daquelas pessoas envolvidas, que colaboram na produção da mesma. Após esses exercícios fenomenológicos, o visitante terá os recursos suficientes para uma possível simulação da sua ‘\_bata do feijão’, que posteriormente relatará através do nosso museu virtual, em local específico.

**Figura 24 - ESCOLAS CELEBRANDO A CERIMÔNIA DA BATA DO FEIJÃO**



imagem 24 Escolas celebrando a cerimônia da bata do feijão Fonte: Acervo do autor

As imagens, que apenas ilustram em forma estática, mostra a participação dos membros das comunidades, e em especial, dos alunos das escolas das localidades.

Justificando, para nós, que o nosso trabalho já rende frutos. A efetiva participação dos mais jovens na cerimônia da Bata do Feijão.

#### 4.10 POLIFONIA

Ao acessar a página que corresponde ao princípios da polifonia, o visitante se defronta com imagens, vídeos e textos que remetem a ações de independência dos indivíduos, as quais findam numa vontade coletiva, e que age como um cimento social na medida em que os objetivos comunitários permanecem como o fator essencial da unidade do grupo. Quando os visitantes percebem essa vontade individual no meio coletivo, estará vendo a promoção da polifonia, ou seja, a combinação das vontades individuais terminará num acontecimento positivo para todos.

Esses elementos referidos nos textos e imagens se mostram como idiossincrasias de cada membro ao se relacionarem com demais, e ainda da forma como se comportam durante a realização das atividades cotidianas e como se relacionam com os seus saberes/fazerem dentro da comunidade.

#### 4.11 DIALOGISMO

No dialogismo referido na página do museu, buscaremos mostrar as práticas sociais que exercitam as memórias dos seus antepassados através da evocação das práticas realizadas que insistem em refletir a realidade, através da participação nas produções historicamente criadas pelas comunidades. As soluções sugeridas no Museu Virtual da Bata do Feijão procuram desenvolver no sujeito visitante a participação das dinâmicas e reflexão sobre a sua existência e interação com as condições de existência de sua comunidade, o que se configura como alicerce para a concepção sociointeracional da linguagem.

Pode ainda observar duas questões básicas que embasam o dialogismo que defendemos neste trabalho, quais sejam: a existência de uma interação permanente entre os participantes do diálogo e a necessária dependência mútua entre o discurso e o contexto de que determina e seleciona o outro e vice-versa. Assim, pode-se desenvolver uma interpretação

das práticas sociais produzidas na comunidade e as relações estabelecidas na vida comunitária, através das diversas vozes que compõem esse contexto.

#### 4.12 PRINCÍPIOS SOCIOCONSTRUTIVISTAS A SEREM ABORDADOS PELO MUSEU VIRTUAL DA BATA DO FEIJÃO – OVO DA EMA E TIQUARUÇU: INTERAÇÃO, INTERATIVIDADE E CONTROLE.

A Interação proposta em instrumentos criados para oportunizar a relação inter e intrapsicológica do visitante do museu com o contexto material e imaterial das comunidades apresentará as práticas em cenas do cotidiano das comunidades, nas quais os sujeitos visitantes possam participar e mostrar o seu entendimento/interpretação do evento, com a possibilidade de deixá-lo registrado.

Desta forma a interação é estimulada e de fato cada visitante deixará o fruto da sua participação/interação alimentando ainda mais o museu, já que sua participação/interação será mostrada ao lado das imagens que a geraram.

As conversas informais realizadas com os sujeitos mais velhos das comunidades, bem como alguns dos seus depoimentos são disponibilizadas para a leitura e posterior comentário pelos visitantes.

Finalizando os recursos disponíveis nessa página, os princípios socioconstrutivistas são disponibilizados para propiciar o desenvolvimento de uma aprendizagem planejada, organizada e validada pelo sujeito.

Nesse sentido, as soluções apresentadas pelo nosso Museu Virtual da Bata do Feijão potencializam no sujeito visitante, as condições que lhe permitem perceber a necessidade do aprendizado desse traço cultural característico das comunidades em estudo, bem como de alternativas de controle do que lhe são apresentadas.

É disponibilizada no museu virtual da Bata do Feijão através de relatos dos membros mais experientes da comunidade, das imagens e vídeos, a forma de cultivo e colheita do feijão em suas comunidades, bem como da cerimônia que acompanha o debulhe

dos grãos de feijão de forma festiva. Esses conhecimentos historicamente construídos pelos membros das comunidades serão comparados pelos visitantes com atividades do seu cotidiano, e que tenham formas similares de ocorrência e, por meio de relatos e imagens, eles poderão nos retornar aos seus entendimentos acerca das formas de plantar e colher em suas comunidades. Comentarão também a utilização de máquinas e implementos na produção em suas comunidades. Ao longo da visita ao Museu, é possível perceber/sentir que o aprendizado historicamente construído é assimilado pelas novas gerações às quais propiciarão a difusão, bem como a conservação do traço cultural que tem sua culminância ilustrada nas imagens a seguir.

Figura 25 - **CULMINÂNCIA DA CERIMÔNIA DA BATA DO FEIJÃO**



**imagem 25 culminância da bata do feijão**

**Fonte - O autor**

Partindo da discussão acerca da difusão e da conservação dos saberes/fazeres, o quadro abaixo sintetiza o fazer do museu enquanto instrumento de assimilação desses saberes/fazeres comunitários, que oportunizam aos visitantes conhecer, reconhecer e interagir com os membros das comunidades, no sentido de sugerir, modificar, ou ainda buscar meios de participação no evento.

### Princípios da modelagem cognitiva do Museu Virtual da Bata do Feijão

<b>PRINCIPIO</b>	<b>RECURSOS DISPONIBILIZADOS E POSSIBILIDADES INTERATIVAS</b>
<b>Construção Contra Hegemônica</b>	Vídeos e textos sobre as práticas sociais comunidade que reflitam a resistência/ Poderá produzir um evento semelhante, com cantos e danças que evoquem antepassados da sua comunidade.
<b>Filósofo de si mesmo</b>	Vídeos, textos, áudios e imagens que ilustram a forma pela qual os saberes e fazeres da comunidade são produzidos, mostrando a suas capacidades de criação.
<b>Entendimento de integração ao contexto</b>	Vídeos, textos, fotos e áudios que mostrando a relação existente entre os sujeitos e o contexto e a manutenção das condições da existência do grupo.
<b>Espaço/Lugar/Território.</b>	Mapas, textos e fotos mostrando a localização geográfica à época do povoamento da então freguesia de São José das Itapororocas.
<b>Comunidades de Práticas.</b>	Vídeos, textos, fotos e áudios mostrando o cotidiano da comunidade e a relação existente entre os sujeitos e as suas práticas e o estabelecimento de conexões espaços/temporais.
<b>Museu Virtual</b>	Mapas, textos, fotos e documentos alusivos à capitania, à sesmaria e à freguesia de São José das Itapororocas.
<b>Tecnologia Social</b>	Mapas, textos, fotos e documentos oque mostram a geografia das terras de São José das Itapororocas.
<b>Simulação/simulacro</b>	Vídeos, textos, fotos e áudios que mostrando a relação existente entre o sujeito e o contexto, a qual ocorre de forma a construir uma convivência.
<b>Polifonia</b>	Vídeos, textos, fotos e áudios mostrando o cotidiano da comunidade e a relação existente entre os sujeitos e as suas práticas solidárias.
<b>Dialogismo</b>	Textos e vídeos que mostrem como a alimentação mesmo sendo entendida pela maioria como um ato meramente fisiológico foi e é o momento de se estabelecer laços que envolvam o sentir, o pensar, o fazer e o compartilhar.
<b>SOCIOCONSTRUTIVISMO: Interação – Interatividade</b>	Textos, vídeos e áudios que mostram as práticas e instrumentos que possibilitem aos sujeitos das comunidades uma aprendizagem que pode ocorrer durante a realização das práticas comunitárias cotidianas, as quais evidenciam os conhecimentos adquiridos nas mesmas.

Fonte: O autor.

## 5. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

O capítulo que denominamos de Percurso Metodológico contempla a caminhada que encetamos ainda no ano de dois mil e catorze (2014), quando em conversas com colegas professores do Ensino Fundamental, principalmente aqueles que trabalham nas comunidades rurais, discutíamos a falta de material que pudesse nos auxiliar na nossa jornada rumo ao desvelamento da cultura local, oferecendo uma bibliografia acerca das práticas sociais locais. Tínhamos como problema que era necessário desenvolver uma solução pedagógica sobre a tradição da —Bata do Feijão, visto que essas comunidades produzem a cerimonia, que possibilite a escola Municipal Manoel Cundes Ferreira da comunidade do povoado do Ovo da Ema e a escola Municipal Joanita Mota do distrito de Tiquaruçú a proporcionar apropriação de traços culturais histórico/ancestrais pelo grupo social do seu entorno, bem como propiciar a difusão e a conservação dessa prática social comunitária.

Assim, buscando dar vazão as nossas inquietações, buscamos nos comunicar com as pessoas das comunidades, do povoado de Ovo da Ema e do Distrito de Tiquaruçú, que comungavam da ideia de promover a conservação e a difusão, e também o (re) conhecimento das práticas sociais produzidas nas suas comunidades, tendo em vista a realidade das produções editorial, midiática nacional, regional e, até mesmo local, que não promovem a difusão das práticas comunitárias rurais. A vazão dessas inquietações se converteu em objetivos.

O objetivo geral do nosso trabalho situa-se na perspectiva do reconhecimento do traço cultural, a Bata do Feijão, com vistas a sua difusão e conservação do mesmo. Os objetivos específicos, por sua vez, ajudaram para a efetividade dos procedimentos auxiliares, são eles: pesquisar seja em textos, em documentos oficiais e em relatos empíricos que versem sobre a história social, memória individual e coletiva para amparar a construção do acervo bibliográfico; instrumentalizar as escolas das comunidades sujeitos-objetos deste estudo, buscando a construção de uma solução pedagógica que possa socializar os saberes construídos por essas comunidades; averiguar como um museu virtual pode contribuir para o processo de apropriação da memória comunitária do povoado do Ovo da Ema e Tiquaruçú.

No sentido de alcançar os objetivos propostos buscamos as orientações necessárias ao planejamento, sistematização, execução e aplicação da solução pedagógica

escolhida, o museu virtual. Cada etapa do trabalho seguiu os ditames dos fundamentos metodológicos alicerçantes do nosso trabalho. As teorias de GRAMSCI (1984), BAKHTIN (2003) E VYGOSTKY (1991), foram as principais adotadas por nós, por salientarem a necessidade da relação homem/natureza, e as suas respectivas interações. Gramsci ao afirmar que todo grupo social, produz os seus intelectuais, os quais não serão apenas atuantes no campo econômico, mas também no que diz respeito ao político e ao social, nos mostrou que esses intelectuais serão a ponte que unirá o seu grupo aos demais grupos, promovendo a interação, e até a integração com os demais grupos sociais, através da difusão de suas práticas sociais. Prática social essa, a práxis (praxiologia), que demonstra a continuidade de um processo iniciado em tempos nem sempre precisos, que se converte num resultado de atos e ações do grupo.

Bakhtin, por seu turno, salienta que as palavras que escutamos não estão apenas nos dizendo, mas, fazendo-nos ver, através da vivência do interlocutor, o seu cotidiano, que está carregado de ideologias, e que, pode ou não despertar respostas. Assim é que poderemos perceber/sentir que é dentro desse contexto, onde são construídas dialética e coletivamente as relações sociais de produção de um dado grupo social, que tais relações devem ser reconhecidas e valorizadas enquanto produções humanas

Nesta perspectiva, no intento de entender, ou pelo menos nos aproximar do entendimento do contexto de ocorrência do evento em estudo, a Bata do Feijão, e com isso perceber até onde o conhecimento das singularidades do grupo social promotor da cerimônia pode nos levar, optamos pela abordagem metodológica DBR, que numa tradução livre podemos denominar de Pesquisa de Desenvolvimento, a qual proporcionou esta aproximação, segundo MATTA et al, (2014).

Tal aproximação permitiu o alcance do nosso propósito, a construção de uma solução pedagógica que agrega os princípios socioconstrutivistas e realiza o engajamento dos sujeitos, sejam individuais ou coletivos. Além disso, possibilita o alcance dos objetivos propostos pelas comunidades/sujeitos participantes da pesquisa, tornando o traço característico das comunidades do povoado do Ovo da Ema e do distrito de Tiquaruçú, a Bata do Feijão conhecido, reconhecido e de acesso rápido e fácil às demais comunidades fronteiriças ou não.

A opção pela abordagem metodológica DBR, funda-se nos critérios estabelecidos para a sua execução, os quais concorreram para a efetivação dos objetivos propostos. As potencialidades que residem na abordagem metodológica DBR, resultam em resoluções dos problemas da aplicação das propostas das pesquisas, nas quais a participação da comunidade se mostra de extrema importância, e onde a mesma atua como avaliadora e validadora da proposta, por se configurar a detentora dos saberes/fazeres da comunidade, e aderindo à participação da academia, com as teorias que torna esses saberes/fazeres comunitários, proposta de currículo escolar. Detentora dos saberes/fazeres, as comunidades, por conta da forma de atuação e do trabalho colaborativo, e permitem ainda o auxílio do princípio científico, sem que haja invasão ou abdução dos valores e/ou saberes comunitários, na produção de soluções que contemplem os objetivos propostos.

A abordagem metodológica DBR propicia também a apreensão de outros aspectos inerentes aos objetivos da pesquisa, os quais podem ser de ordem qualitativa ou quantitativa. Principalmente se esses aspectos estão relacionados às práticas sociais dessas comunidades. Sugere-se que a união desses aspectos aliados a uma concepção socioconstrutivista, que optamos por adotar, darão as bases conceituais à construção do museu virtual proposto.

Os resultados obtidos nessa modalidade de construção coletiva proporcionam, de acordo com MATTA et al (2014) a verificação da teoria aplicada, além de possibilitar êxitos nas salas de aula advindos da utilização de soluções pedagógicas aplicadas desenvolvidas a partir das teorias consideradas. Esse repertório de possibilidades, proporcionado pela utilização da supracitada abordagem, nos permitiu dialogar com a comunhão coletiva dos interesses da comunidade parceira acerca da conservação/difusão dos saberes/fazeres desta, porque tivemos um ponto de partida que nos punha na condição de participante válido e interlocutor pertinente da comunidade, em relação ao que lhes interessava desenvolver.

A abordagem DBR se constitui em fases, as quais se complementam para o alcance dos objetivos propostos pelos sujeitos da pesquisa, e a mesma está assim definida: na fase 1, presente no capítulo 2, a análise do problema por investigadores, usuários e/ou demais sujeitos envolvidos em colaboração, a definição do Problema; a contextualização e; os diálogos com os sujeitos das comunidades envolvidas na pesquisa.

Na fase 2, constante do capítulo 3, a discussão e desenvolvimento de uma proposta de solução responsiva aos princípios de design, às técnicas de inovação e à colaboração de todos os envolvidos; a fundamentação teórica e; o design cognitivo do museu virtual. A fase 3, capítulo 4, contempla os ciclos interativos de aplicação e refinamento em práxis da solução; a modelagem do Museu virtual em colaboração com os sujeitos das comunidades; a aplicação e refinamento do museu e ; o levantamento e análise dos dados. Nas fases 4, 5, 6, e outras que se fizerem necessárias, são para a reflexão com vistas a produção de —Princípios de Design que possam melhorar a implementação da solução.

A nossa pesquisa, que como já dissemos, está fundamentada na abordagem DBR, teve o seu início com as visitas quinzenais, e às vezes semanais, no seu lócus, em virtude da necessidade de buscar uma interação/integração com as comunidades. Interagir, integrar, acompanhar, reunir as ações que contribuem com a socioconstrução. Essas ações, que são apresentadas no quadro abaixo, sintetizam as etapas da nossa caminhada rumo à consecução dos objetivos propostos pelos idealizadores/colaboradores da pesquisa. Consecução que, realizada na forma proposta pela abordagem metodológica adotada por nós, os sujeitos/objetos da pesquisa, se converteu num instrumento promotor do reconhecimento do traço cultural, a Bata do Feijão, numa expressão cultural rural e a sua respectiva difusão. O museu virtual da Bata do Feijão.

O quadro abaixo demonstra os passos da nossa pesquisa de forma sucinta, clara e objetivando o entendimento da mesma, bem como organizar e facilitar a análise dos dados e a consequente e, se necessária, reaplicação da solução pedagógica

#### FASES DA PESQUISA – Museu Virtual da Bata do Feijão

<b>FASES</b>	<b>DESCRIÇÃO NA ABORDAGEM METODOLOGICA</b>	<b>PROCEDIMENTO NO CAMPO DE PESQUISA</b>	<b>APLICAÇÃO NA MODELAGEM DA PESQUISA</b>
<b>Fase 1</b>  <b>Cap. 2</b>	Definição do Problema; Contextualização;	Reuniões com os membros das comunidades / análises	Análise do problema por investigadores, usuários e/ou demais sujeitos

	Diálogos com os sujeitos das comunidades envolvidas na pesquisa.	teóricas de situações similares	envolvidos em colaboração
<b>Fase 2</b> <b>Cap. 3</b>	Discussão e desenvolvimento de uma proposta de solução responsiva aos princípios de design, às técnicas de inovação e à colaboração de todos os envolvidos.	Alocação das teorias que fundamentam a cerimonia da Bata do Feijão / Adotar o Museu Virtual como solução pedagógica	Fundamentação teórica; Design cognitivo do museu virtual.
<b>Fase 3</b> <b>Cap. 4</b>	Ciclos interativos de aplicação e refinamento em práxis da solução.	Validação das comunidades dos primeiros protótipos do museu / Disponibilização do Museu às comunidades	Modelagem do Museu virtual em colaboração com os sujeitos das comunidades; Aplicação e refinamento do museu;
		interação e análise.	dos dados.
<b>Fase 4, 5, 6...</b>	Reflexão para produzir —Princípios de Designl e melhorar implementação da solução.	Tabulação dos dados obtidos nas interações dos visitantes do Museu / Reaplicação com as análises dos dados	Redisponibilização do museu com os ajustes sugeridos pelos visitantes / reanálise dos dados

Quadro 8 Quadro 3 Fases da Pesquisa Fonte: o autor

As três primeiras fases elencadas pela abordagem foram realizadas por nós da seguinte forma: A fase um (1) que contempla a definição do problema pelos investigadores, usuários e demais sujeitos envolvidos em colaboração, foi satisfatoriamente realizada a partir das reuniões com os membros das comunidades, e suas respectivas sugestões e as análises teóricas de situações similares. Ações essas que oportunizaram algumas alterações no projeto inicial, que são a definição do problema, a contextualização, a qual teve os seus passos por

todo o processo, inclusive com pesquisas em arquivos estadual e municipal, objetivando reunir as informações necessárias à construção do acervo do museu virtual. Os passos da contextualização oportunizaram mudanças no âmbito do projeto inicial. Além disso, os diálogos com os sujeitos das comunidades envolvidas na pesquisa contribuíram imensamente para a produção do acervo.

A fase 1, se resumiu em desenvolver uma solução de Museu Virtual sobre a cerimônia da —Bata do Feijão que possibilitasse as escolas Manoel Cundes e Joanita Mota proporcionar apropriação do traço cultural histórico/ancestrais pelo grupo social do seu entorno. Incluindo a cerimônia no currículo das instituições, como cultural local baseada na práxis gramsciana, a praxiologia.

A fase dois (2), empreendemos a discussão e o desenvolvimento de uma proposta de solução responsiva aos princípios de design, às técnicas de inovação e à colaboração de todos os envolvidos, e que propiciasse a difusão e conservação do traço cultural em questão, foi amplamente discutida e, como a fase um (1), sofreu pequenas inserções. Nesta fase a alocação das teorias que fundamentam a cerimônia da Bata do Feijão, bem como o modelo de solução a ser adotado, o Museu Virtual, foi aceito na medida em que o mesmo conseguiu alcançar não apenas os sujeitos mais jovens das comunidades, mas, principalmente as comunidades mais longínquas. Ainda nessa fase, possibilitou a construção do percurso teórico que embasa a estruturação do arcabouço conceitual da pesquisa, contribuindo para a edificação do design cognitivo do museu virtual da Bata do Feijão.

Na fase três (3), delineamos e executamos as validações necessárias à efetivação, interna e externa, bem como a forma de aplicação dos ciclos interativos de aplicação e os possíveis refinamentos em práxis da solução. Nesta fase iniciamos também a modelagem do museu virtual em colaboração com os sujeitos das comunidades. Essa colaboração além de incrementar o acervo, com as diversas opiniões e críticas, coloca as comunidades na condição de primeiros avaliadores do protótipo do museu virtual, fazendo sugestões e críticas indispensáveis ao modelo de abordagem escolhida.

Para a aplicação e o refinamento do museu, efetuamos a disponibilização do Museu às comunidades internas e externas para interação e análise. Findo o período de trinta dias (30), procedemos ao levantamento e a análise dos dados. Procedimento esse que

possibilitou as, alterações no museu, as reaplicações que podem se seguir a cada ciclo de interação dos visitantes.

### 5.1 LÓCUS DA APLICAÇÃO DA SOLUÇÃO PEDAGÓGICA

O poder de agregação proporcionado pela cerimônia da Bata do Feijão proporcionou à escola Municipal Manoel Cundes Ferreira da comunidade do povoado do Ovo da Ema e à Escola Municipal Joanita Mota do distrito de Tiquaruçú a obtenção de material bibliográfico e em meio digital, com o museu virtual, alusivo à bata do feijão, ainda não encontrado em suas bibliotecas. Os docentes dessas instituições de ensino, bem como de outras localidades próximas, não têm material de ensino referente ao traço cultural local, apenas participam da representação da cerimônia, que ocorre em meio às festas e comemorações de toda a cultura do lugar, sendo pouco mostrada a historicidade do evento.

As escolas, no caso específico do nosso estudo, localizam-se na zona rural do município de Feira de Santana, e não dispõem de recursos materiais para a difusão do traço cultural característico de suas comunidades. Mesmo que nos dias de hoje as comunidades em questão já sejam contempladas com os recursos da grande rede mundial de computadores, sinal de telefonia móvel e até TV via satélite. Apesar de todo o aparato tecnológico disponível, os sujeitos dessas comunidades buscam preservar práticas sociais que remontam a tempos pouco precisos. Será nesse ambiente carregado de histórias, sejam elas individuais ou coletivas, que o nosso museu virtual contribuirá no processo de ensino e aprendizagem nas escolas e nos demais espaços das comunidades. Ambas as escolas são de competência da esfera municipal de governo, atuam nas etapas de ensino Educação Infantil e Ensino

Fundamental. A Escola Manoel Cundes Ferreira, localiza-se na fazenda Ovo da Ema, hoje povoado, no distrito de Maria Quitéria, e a Escola Joanita Mota, localiza-se no distrito de Tiquaruçú, Feira de Santana – BA.

As comunidades sujeitos/objetos do nosso trabalho são, como já foi dito no capítulo dois (2) desse trabalho, remanescentes dos primeiros povoadores da região, que por conta das diversas transferências de proprietários das terras, miscigenou ainda mais a formação do gentílico feirense. Esses povoadores, aos quais se refere o estudo, têm na sua composição os índios que aqui já habitavam, os autóctones; os europeus, com portugueses,

holandeses, franceses e ingleses; e os africanos que foram compulsoriamente trazidos para estas terras, que são originários de vários países daquele continente.

Essa característica miscigenada da população das comunidades não favoreceu muito nos primeiros contatos para tratarmos da origem da cerimônia da Bata do Feijão. visto que quase nenhuma pessoa, mesmo as mais velhas do lugar, sabe como começaram os festejos da Bata do Feijão. Outra característica de cada uma das comunidades de estudo, se relaciona com as formas de executar o evento. Enquanto o povoado do Ovo da Ema prepara uma festa, na verdadeira acepção da palavra, no adro da igreja, com barracas de comidas, bebidas e música, o distrito de Tiquaruçú promove o evento no ‘terreiro’ da fazenda de D. Miúda. Nos dois eventos, no mês de setembro, os vizinhos chegam, aliás, desde o início do processo todos já participam, cada um com a sua contribuição e saber, e contribuem com a sua parcela de conhecimento. Nos dois espaços existe uma pessoa que ‘toma’ à frente para organizar o processo. No Ovo da Ema, Zé Coruja, em Tiquaruçú, Zé Rufino. Ambos auxiliados por pessoas que almejam ver a Bata o Feijão, vista, conhecida e reconhecida enquanto traço cultural característico das comunidades.

## 5.2 COMO APLICAR

A aplicação da solução pedagógica, o museu virtual, foi realizada de acordo com as orientações da DBR, elaborada por ciclos iterativos de aplicação e refinamento em prática da solução, tendo com validação os membros das comunidades dos primeiros protótipos do museu. Assim que a primeira versão da modelagem foi finalizada, agendamos uma reunião com os membros das comunidades e apresentamos o que havia sido feito até então. Após muita discussão e sugestões, algumas alterações foram propostas e anotadas com o intuito de realizá-las em aplicações futuras.

Ainda nesse encontro, procedemos à disponibilização do Museu às comunidades externas, por um mês, para que as pessoas que visitassem o museu pudessem realizar interações e comentários.

Decorrido esse tempo, nos reencontraremos para analisar o que foi sugerido. Todos os comentários atinentes ao processo de produção da cerimônia da Bata do Feijão, que

se inicia com a escolha do local da sementeira, passando pela manutenção das plantas, e culminando com a festa, a partir do levantamento e análise dos dados obtidos no site do Museu, dados esses anotados e tabulados no final do período estipulado, possibilitarão os ajustes sugeridos nas interações dos visitantes/participantes, nas aplicações futuras.

### 5.3 ESTRUTURAÇÃO DA COLETA DE DADOS NAS INTERAÇÕES

Neste ponto do estudo, apresentamos os itens que proporcionaram a coleta dos dados obtidos na primeira etapa de aplicação da solução pedagógica do nosso museu virtual da Bata do Feijão, os quais oportunizaram o entendimento das interações dos visitantes, colaborando ainda na tabulação das informações coletadas e propiciando as reaplicações necessárias ao êxito da solução pedagógica.

No que tange aos primeiros momentos da pesquisa para a produção da solução pedagógica, tivemos a atuação/participação das comunidades internas e externas a pesquisa, contribuindo no seu melhoramento inicial. Essa atuação/participação, que no conceito proposto pela abordagem DBR é denominada de validação interna e externa, em que o protótipo da solução é apresentado ainda na sua forma estrutural, buscando novos elementos que promovam o alcance dos objetivos propostos. As validações ocorreram na forma de observação participante e a partir dela utilizamos a coleta das informações provenientes das diversas opiniões/sugestões/críticas coletadas nas reuniões ocorridas nas comunidades, configurando-se assim nas maiores contribuições para o burilamento das informações até então coletadas na literatura atinente.

Assim, apontamos os princípios norteadores da pesquisa, dispostos no quadro XX, em que cada um que ao ser cruzado com os dados obtidos na coleta de informações, interna e externa, concorreram para o êxito da pesquisa, os quais estão assim dispostos: **PRINCIPIO e INSTRUMENTOS DE COLETA:** a) diário de Campo do pesquisador; b) o registro dos encontros com os membros das comunidades; c) as produções textuais/imagéticas dos visitantes; d) as sugestões/críticas dos visitantes no museu; e) as análises das conversas informais com o público interessado e; f) fórum interativo dos visitantes.

No intuito de buscar elementos que ilustrem atitudes e ações que configurem uma construção contra Hegemônica, que reflita o princípio elencado, o fizemos observando as

práticas sociais dos sujeitos das comunidades que refletem a resistência das comunidades aos ditames externos culturais, as quais se concretizam em diversas formas, e que foram criadas/produzidas pelos antepassados das comunidades. Podemos investigar ainda se a cerimônia da Bata do Feijão ocorre numa perspectiva de resistência cultural, e se isso influencia na percepção dos visitantes do museu nessa compreensão.

No princípio que denominamos de Filósofo de Si mesmo, a partir dos materiais de coleta, aqui utilizados como veículo foram: o diário de Campo do pesquisador; o registro dos encontros com os membros das comunidades; as produções textuais/imagéticas dos visitantes; as sugestões/críticas dos visitantes no museu; as análises das conversas informais com o público interessado e; fórum interativo dos visitantes. Todos utilizados na busca de inferências acerca do princípio elencado, e que ilustram atitudes e ações que configuram as produções que denotam a forma pela qual os saberes e fazeres da comunidade são produzidos, seja em forma de letras de músicas, as quais mostram a relação com os fatos narrados pelos antepassados das comunidades, mostrando assim as suas capacidades de criação, seja no formato e qualidade das produções/criações que buscam reproduzir o cotidiano comunitário, ou ainda na capacidade dos visitantes em perceberem essas nuances.

No princípio Entendimento de integração ao contexto, buscamos na percepção das relações existentes entre os sujeitos e o contexto, através dos instrumentos como, o registro dos encontros com os membros das comunidades; as produções textuais/imagéticas dos visitantes; as sugestões/críticas dos visitantes no museu; as análises das conversas informais com o público interessado e; fórum interativo dos visitantes, sinais que denotem a forma colaborativa das atividades do grupo social, objetivando o uso sustentável dos recursos, bem como a contribuição daqueles na manutenção das condições de existência do grupo social. Averiguamos ainda acerca das diversas formas de utilização dos recursos naturais em que esteja presente a promoção da sua preservação.

O princípio que denominamos de Espaço/Lugar/Território, analisamos através do diário de Campo do pesquisador, do registro dos encontros com os membros das comunidades, as produções textuais/imagéticas dos visitantes, das sugestões/críticas dos visitantes no museu, das análises das conversas informais com o público interessado e, do fórum interativo dos visitantes, as diversas possibilidades que os visitantes tiveram para reconhecer a localização geográfica à época do povoamento da então freguesia de São José

das Itaporocas, hoje Feira de Santana. Examinando as interações dos visitantes tentando apurar o entendimento destes acerca da opção do local para a construção da estrada boiadeira, a partir dos recursos naturais disponíveis. Ainda, se os visitantes reconheceram os elementos que concorreram para opção por essas terras, com o intuito de criar, cultivar e morar.

O princípio Comunidades de Práticas, também com o auxílio dos instrumentos de coleta, como o diário de Campo do pesquisador; o registro dos encontros com os membros das comunidades; as produções textuais/imagéticas dos visitantes; as sugestões/críticas dos visitantes no museu; as análises das conversas informais com o público interessado e o fórum interativo dos visitantes, todos analisando a compreensão dos visitantes do cotidiano da comunidade e a respectiva relação entre os sujeitos e as suas práticas provém de espaços/tempos remotos. E ainda como isso se dá nos dias atuais, tendo como limitador [?] as novas formas de relacionamento proveniente das novas tecnologias, buscando ver se as práticas sociais têm os sentidos atribuídos à aprendizagem dos mais novos e daqueles que ainda não a conheciam.

O princípio Museu Virtual, que através dos seus recursos e métodos de divulgação, apresentação e de interação, tornou-se um potente veículo de socialização/difusão em massa, resultado das novas tecnologias, proporcionou via instrumentos de coleta, como: o registro dos encontros com os membros das comunidades, das produções textuais/imagéticas dos visitantes, das sugestões/críticas dos visitantes no espaço específico do site, das análises das conversas informais com o público interessado e ainda do fórum interativo dos visitantes. Introduziu novos padrões de acesso, percepção e comportamento frente às novas demandas das sociedades, principalmente por oportunizar o registro da sua concepção dos sentidos da cerimônia, demonstrando o seu entendimento acerca dos mesmos, através de vídeos.

O princípio Tecnologia Social, aqui colocado como um método ou instrumento, capaz de solucionar algum tipo de problema social, que atenda aos requisitos de simplicidade, de baixo custo, de fácil aplicabilidade e que gere o impacto social, no caso específico da Bata do Feijão, que possibilite aos visitantes a oportunidade de conhecer os diversos recursos da tecnologia social, aplicáveis aos principais problemas da vida contemporânea, ao acessarem o site do museu, e assim realizar interações e interatividade com os membros das comunidades, além de produzir conhecimento na forma mais característica da proposta do nosso trabalho, socioconstrutivista.

O princípio Simulação/simulacro, possibilitou aos visitantes realizarem simulações do evento, ao criarem imagens, ou ainda um simulacro objetivando à produção de sentidos de cada uma das etapas do processo de produção da cerimônia. Buscaram estar o mais próximo possível da realidade do objeto, querendo que o mesmo não fosse apenas uma representação. Na oportunidade, puderam produzir um evento, ou parte dele, a partir das informações do site do nosso museu, o qual demonstrou o seu entendimento da cerimônia. Essa análise ficou evidente quando da coleta com os instrumentos como o registro dos encontros com os membros das comunidades, das produções textuais/imagéticas dos visitantes, das sugestões/críticas dos visitantes, e do fórum interativo dos visitantes.

No princípio denominado de Polifonia, os vídeos, os textos, as fotos e os áudios mostrando o cotidiano da comunidade e a relação existente entre os sujeitos e as suas práticas, coletados a partir dos instrumentos como o registro dos encontros com os membros das comunidades, das produções textuais/imagéticas dos visitantes, das sugestões/críticas dos visitantes, das análises das conversas informais com o público interessado e ainda do fórum interativo dos visitantes, possibilitaram aos visitantes proporem alterações nas práticas de ensino e aprendizagem ocorridas de forma solidária, produzirem práticas semelhantes às praticadas nas comunidades, as quais estabelecem conexões espaços/temporais com os antepassados produtores/criadores das práticas sociais. Puderam ainda distinguir ou perceber os momentos nos quais os sujeitos estão se comunicando através do recurso polifônico.

O princípio nomeado de Dialogismo possibilitou ao pesquisador, através dos instrumentos de coleta como o diário de campo do pesquisador, do registro dos encontros com os membros das comunidades, das produções textuais/imagéticas dos visitantes, das sugestões/críticas dos visitantes, das análises das conversas informais com o público interessado e ainda do fórum interativo dos visitantes, analisar as diversas possibilidades disponibilizadas aos visitantes, nas quais eles tiveram a oportunidade de buscar perceber/sentir as práticas sociais que exercitam as memórias dos antepassados através da evocação das práticas realizadas que refletem a realidade, através da participação nas produções historicamente criadas pelas comunidades, as quais demonstram a existência e interação com as origens de sua existência. Puderam ainda interpretar essas práticas enquanto reflexão interior do sujeito, buscando uma conexão com os demais.

O princípio denominado de Socioconstrutivismo: Interação – interatividade oportunizou ao pesquisador através das interações dos visitantes/participantes, buscar informações acerca do (re)conhecimento da cerimônia da Bata do Feijão, bem como dos sentidos que ela possui/proporciona. Esse princípio foi melhor percebido nos instrumentos de resposta no site do museu, em virtude das dificuldades técnicas ocasionadas pela plataforma digital utilizada. Foi-nos possível também verificar essas informações nas salas de aula da IES que lecionamos, quando estudantes dos cursos de pedagogia e comunicação social participaram de uma sessão de apresentação do museu virtual e deram a sua colaboração.

Os instrumentos utilizados na pesquisa, dispostos no quadro abaixo, têm no ambiente virtual do museu um espaço específico, disponível na plataforma utilizada para a ambientação em 3 D do nosso museu. Esse espaço conta com a disponibilização de textos, imagens, vídeos com áudio e demais ferramentas para a colocação de comentários, fotos e vídeos, e até mesmo para a realização de upload. Além disso, um formulário de pesquisa dentro do próprio site do museu nos informando acerca da localização do visitante, o nível de conhecimento sobre a cerimônia, quais as informações que o visitante detém da região, no caso de visitantes de fora do município e o seu nível de escolaridade.

O parâmetro estabelecido para o êxito da solução pedagógica reside na observação das visitas ao museu virtual. O critério acordado foi o de que a mensuração da atividade cognitiva dos visitantes, a partir do cruzamento das variáveis, dependente e independente, ocasionaria um resultado satisfatório quando esse visitante percorresse um mínimo de cinquenta por cento das salas ambientes do museu virtual. Buscamos também, não nos orientar por dados meramente matemáticos em virtude da complexidade da análise.

Por fim, a coleta dos dados proporcionou uma mensuração do ‘ganho’ cognitivo daqueles que visitam o museu, bem como das comunidades quando da tabulação dos dados e as consequentes interações/interatividade presentes nos instrumentos de levantamento dessas interações/interatividades.

A seguir, apresentamos as ferramentas utilizadas no levantamento dos dados coletados em diferentes momentos e distintas ações. Além disso, os seis (06) elementos de coleta dos dados utilizados foram adequados ao princípio específico e com o elemento próprio à percepção da relação existente. A seguir a descrição e a forma de aplicação de cada um dos

elementos listados: o Diário de Campo do pesquisador; instrumento esse de ‘arquivamento’, que possibilita exames minuciosos do visto, ouvido, dito e posteriormente indagado acerca dos sentidos atribuídos pelos sujeitos. Nesse instrumento, buscamos transcrever as nossas observações provenientes das diversas manifestações dos atores sociais das comunidades sujeitos/objetos, que norteiam as ações, com vistas ao desenvolvimento da práxis individual e coletiva.

O referido instrumento possibilita a descrição [interpretação] das ações e atitudes dos sujeitos, agindo como uma extensão da memória acerca das reuniões, visitas e diálogos ocorridos em cada encontro, os quais ocorreram pelo menos semanalmente. A interpretação reside na possibilidade de, à luz das pesquisas em outras fontes, inferir a respeito das memórias das pessoas que se colocaram como informantes da pesquisa, buscando destacar aquilo que melhor representa o fato ocorrido.

Assim, encetamos uma valorização das informações advindas da memória das pessoas, corroborando com os demais arquivos consultados. Sem com isso desmerecer um ou outro, configurando-se num precioso banco de dados que oportuniza leituras e releituras auxiliando no aprofundamento do nosso trabalho. Porém, acolhemos e defendemos as possíveis delimitações das informações, à condição humana do informante, o qual pode se emaranhar-se nas teias do tempo. Além da nossa igualmente condição finita de poder reter detalhes, que aqui denominamos de fenomenológicos, por configurarem-se num conjunto de fenômenos que se manifestam, através do tempo/espço, e possibilitam estudar a essência das coisas e como são [podem] percebidas no mundo, propiciando assim, em elementos componentes do acervo do nosso Museu Virtual da Bata do Feijão.

O registro dos encontros com os membros das comunidades oportunizou ao pesquisador perceber/sentir a realidade da busca de alternativas para a conservação e difusão do traço cultural destas, além de proceder à construção de uma solução pedagógica que auxiliasse a escola na transmissão dos saberes e fazeres da sua comunidade de entorno. Ainda nesses encontros podemos iniciar a averiguação das falas das pessoas que inicialmente relataram episódios cotidianos que remetiam ao traço cultural comunitário, e com isso poder elaborar um planejamento das ações que empreenderam a produção do projeto e posterior execução do mesmo.

Esses encontros fomentaram visitas a arquivos públicos [municipal e estadual] na busca das informações históricas que se configuraram em acervo do museu virtual, a nossa solução pedagógica. O fomento proporcionado pelos encontros cumpriu o sugerido pela abordagem metodológica escolhida, a DBR, a qual tem como critério primordial de execução, a participação da comunidade como norteadora das ações de pesquisa, na medida em que os saberes das comunidades compõem e direcionam os demais saberes que produzirão os objetivos propostos, os teóricos e acadêmicos.

As produções textuais/imagéticas dos visitantes, presentes nos diversos recursos disponibilizados no site do museu, oportunizaram o conhecimento, o reconhecimento e a valorização da prática social presente nas comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçu. Além do que proporcionaram aquilo que MUCHACHO (2005) denomina de ‘\_edutainment’, o qual se pode traduzir como uma combinação entre a informação e o entretenimento, a diversão, o lúdico, no processo de ensino e aprendizagem

A partir da interpretação e análise das interações dos visitantes foi possível inferir acerca das proposições produzidas, as quais denotavam surpresa, fascínio, admiração e, até espanto. Espanto por saberem, agora, que aqui nas terras que hoje compõem o município de Feira de Santana foi, habitat e caminho de índios, europeus de várias nações e africanos igualmente. As interações, fossem elas textuais ou imagéticas, nos deram um panorama da necessidade, sobre a qual intentamos suprir nesse estudo, da produção de uma solução pedagógica que munisse a escola e as comunidades de um instrumento capaz de unir conhecimento e ludicidade, oportunizando o encontro desses saberes e fazeres comunitários com os demais saberes, científico e acadêmico.

As sugestões/críticas dos visitantes no museu, igualmente exitosas como o instrumento anterior. Esses elementos possibilitam a elaboração de modificações na prática social, inserindo novas atividades que possibilitem uma dinâmica maior na mesma. Essas críticas e sugestões dos visitantes mostram-se fundamentais na nossa análise acerca do processo de ensino e aprendizagem desses visitantes, na medida em que contém pontos de vistas diferentes.

O material gerado nessa modalidade de interação oportunizou o reconhecer de algumas lacunas existentes na confecção do museu, bem como um entendimento diferente de cada etapa do processo de produção do evento. Outra contribuição interessante advinda desse

instrumento de coleta de dados, diz respeito aos questionamentos dos visitantes sobre algumas curiosidades constantes no site do museu, como a existência de dezenas de tipos de feijão, a existência de tribos de indígenas na região e, quanto aos primeiros povoadores não-índios da Região. Pelos motivos elencados, consideramos que este instrumento nos favoreceu no que tange ao cumprimento das etapas obrigatórias da nossa abordagem metodológica, a DBR.

Auxiliando ainda nos registros dos principais tópicos da pesquisa, quais sejam o de perceber/sentir o quanto de informações acerca da prática social é de conhecimento de pessoas que residem longe ou que nunca ouviram falar da mesma, e se sabiam, como pensavam que ocorria. Demonstraram isso nas suas interações via e-mail, facebook, instagram e no próprio site do museu.

As análises das conversas informais com o público interessado proporcionaram a efetivação das etapas que compõem a abordagem metodológica escolhida, a DBR principalmente aquelas que sucedem a primeira disponibilização do museu virtual no site. Esse público interessado, compostos pelos membros das comunidades que não estavam diretamente ligados à produção da pesquisa, os colegas professores, os de História e Artes foram os mais interessados, que relataram as suas dificuldades em inserirem, a comunidade acadêmica, bem como pessoas que gostariam de saber da história do lugar que mora, e ainda os idealistas culturais, que sonham com uma sociedade em que todas as pessoas possam falar, pensar e manifestar a sua cultura.

Assim, as conversas informais foram de suma importância na realização da pesquisa, principalmente nos aspectos que demandaram visões externas do processo, as quais contribuiriam imensamente para o processo.

Dessa forma, aguardamos que os visitantes futuros, bem como os estudantes das escolas das comunidades, e de outras localidades, ampliem a motivação acerca do (re) conhecimento da sua cultura, e ainda consiga despertar em outras pessoas um interesse maior pelo seu entorno, a curiosidade sobre os traços culturais pouco difundidos, e também contribuam para a conservação e difusão das práticas sociais comunitárias.

Acreditamos que os instrumentos acima descritos nos ajudaram na interpretação e análise das discussões, das sugestões, dos questionamentos e nos desvelamentos das diversas

opiniões despertadas no decorrer das visitas, respeitando a limitação dos recursos utilizados, bem como a diversidade ideológica dos visitantes, considerando também as faixas etárias, seus diversos níveis cognitivos, suas opções culturais e demais traços identitários que possam fomentar discussões.

### 5.3.1 ESTRUTURAÇÃO DA COLETA DE DADOS

Apresentamos neste tópico, os itens que proporcionaram a estruturação dos elementos que concorreram para a coleta dos dados obtidos na primeira etapa de aplicação da solução pedagógica, o nosso museu virtual da Bata do Feijão, os quais nos auxiliaram na tabulação dos mesmos, e propiciou a reaplicação da solução já com as interações dos visitantes.

Os instrumentos utilizados na pesquisa, dispostos no quadro abaixo, terão no ambiente virtual do museu um espaço específico, nos moldes disponíveis na plataforma utilizada para a ambientação em 3 D do nosso museu. Esse espaço conta com a disponibilização de textos, imagens, vídeos com áudio e demais ferramentas para a colocação de comentários, fotos e vídeos, e até mesmo para a realização de upload. Além disso, um formulário de pesquisa dentro do próprio site do museu nos informando acerca da localização do visitante, o nível de conhecimento sobre a cerimônia, quais as informações que os visitantes detêm da região, no caso de visitantes de fora do município e o seu nível de escolaridade.

O parâmetro estabelecido para o êxito da solução pedagógica reside na observação das visitas ao museu virtual. O critério acordado foi o de que a mensuração da atividade cognitiva dos visitantes, a partir do cruzamento das variáveis, dependente e independente, ocasionaria um resultado satisfatório quando esse visitante percorresse um mínimo de cinquenta por cento das salas ambientes do museu virtual. Buscamos também, não nos orientar por dados meramente matemáticos em virtude da complexidade da análise.

Por fim, a coleta dos dados proporcionou uma mensuração do ‘ganho’ cognitivo daqueles que visitaram o museu, bem como das comunidades quando da tabulação dos dados e as consequentes interações/interatividade presentes nos instrumentos de levantamento dessas interações/interatividades.

A seguir, apresentamos um quadro que ilustra as ferramentas utilizadas no levantamento dos dados coletados em diferentes momentos e distintas ações. Além disso, os cinco (05) elementos de coleta dos dados que foram adequados ao princípio específico e com o elemento próprio à percepção da relação existente.

### Planejamento do levantamento de dados

Nº	SUBCATEGORIAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE								
		Diário de Campo Pesquisador	de do	Registro dos encontros com os Membros das Comunidades	dos os	Produções textuais/imagéticas/vídeos dos visitantes	Sugestões/críticas dos visitantes no Museu	Análises das conversas informais, como público interessado.	
11	Construção Contra Hegemônica	X		X		X		X	
02	Filósofo de si mesmo	X		X		X		X	
03	Entendimento de integração ao contexto			X		X		X	
04	Espaço/Lugar/Território	X		X		X		X	
05	Comunidades de Práticas.	X		X		X		X	
06	Museu Virtual			X		X		X	
07	Tecnologia social	X		X		X		X	
08	Simulação/simulacro			X		X		X	
09	Polifonia	X		X		X		X	
110	Dialogismo	X		X		X		X	
111	SOCIOCONSTRUTIVISMO: Interação – interatividade	X				X		X	

Quadro 9 Planejamento d levantamento de dados

Fonte: O autor



Dessa forma, a partir das análises das ferramentas utilizadas na coleta dos dados, procedemos à reflexão necessária ao aprimoramento da solução pedagógica, bem como da prática social realizada pelas comunidades. Esse aprimoramento pode se referir às formas de semear, colher, estocar ou ainda à cerimônia que culmina no processo de produção.

#### 5.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Este tópico visa ao esclarecimento em torno da maneira com que iremos proceder no processo de análise dos dados colhidos no primeiro ciclo das aplicações, como forma de ampliar as nossas reflexões e favorecer aproximações futuras com os demais ciclos de experiência. Para isso, exploramos os registros de participação dos estudantes nas atividades desenvolvidas, objetivando a busca por identificações quanto às impressões de entendimento dos aprendizes em relação aos conceitos vinculados às categorias de pesquisa.

Elaboramos uma tabela para examinar se cada material de análise poderá nos trazer identificações da ocorrência das subcategorias selecionadas e, caso ocorram, verificarmos em que situações foram expressadas pelos estudantes. Assim, exibimos a priorização do uso dos materiais de coleta para cada subcategoria, com o intuito de analisar suas ocorrências.

As ações propostas e operacionalizadas no decorrer deste trabalho são, de acordo com a abordagem metodológica escolhida, imprescindíveis à realização de procedimentos que sugiram possíveis aprimoramentos. Para tanto, observaremos variáveis dependentes e independentes. A variável dependente, que pode ser caracterizada como o agente, o resultante ou o precedente que determinará a ocorrência de fenômenos outros, como a interpretação, as possíveis alterações e, principalmente o (re) conhecimento do traço cultural, será o Museu Virtual, variável que proporcionará resultantes das ações da variável independente.

O nosso museu virtual da Bata do Feijão, enquanto variável dependente e veículo para o alcance de outros sujeitos, tem a sua construção fundamentada na proposta socioconstrutivista com a colaboração dos sujeitos das comunidades em estudo, será a solução pedagógica que possibilitará o alcance dos objetivos colocados pelos sujeitos da pesquisa.

### 5.4.1 Variável dependente

O museu virtual da Bata do Feijão é a variável dependente, ferramenta/veículo coletiva e colaborativamente construída pelos sujeitos participantes/envolvidos, aqui representados pelos membros das comunidades do Ovo da Ema e de Tiquaruçú, com vistas à difusão e conservação do traço cultural representativo das suas práticas sociais historicamente construídas. A presente pesquisa organiza a variável dependente em aspectos subvariáveis derivados das finalidades pedagógicas e do design cognitivo em salas temáticas, conforme sequência a seguir: no Hall de entrada do museu, o visitante tem a sua visita orientada por textos, imagens e vídeos da festa, oportunizando o (re) conhecimento das formas de produção/criação da cerimônia, em todos os aspectos e etapas.

Na sala 01, estão dispostos os elementos que oportunizam o conhecimento do espaço em que vivem os membros das comunidades, com as potencialidades e usos desse. Podendo ainda saber de que forma os primeiros povoadores da região deixaram as suas heranças. Povoadores como os indígenas, os africanos e os europeus. Estão disponibilizados ainda nesta sala mapas, textos, imagens e vídeos acerca da escolha e preparação da terra para a semeadura dos grãos. Têm também ao alcance, os critérios que levaram à escolha das terras pelos povoadores mais recentes: Os Guedes e os Peixoto Viegas.

Na sala 02, estão disponibilizados mapas, textos e imagens, concernentes ao tipo de solo e a indicação da melhor localização para a estrada boiadeira e a comunidade do/para o gado. Há ainda o conhecimento das formas e meios de semear, de acordo com os recursos naturais disponíveis. Conhecerão também as três principais formas de plantio do cereal, as quais obedecem a um tempo, um lugar e ao modo historicamente aprendido/ensinado.

Na sala 03, disponibilizamos textos, imagens e vídeos acerca das diversas formas de produção da estrutura do um contexto na qual ocorre a cerimônia. A sala 03 ainda mostra a arquitetura das casas, das escolas, das igrejas e dos mais variados modos de saber/fazer o cotidiano dessas comunidades. Arquitetura que possibilita o reconhecimento das formas de construção das casas e instituições, as quais parecem obedecer a um critério ancestral.

A sala 04 disponibiliza textos, imagens e vídeos que mostram de que forma ocorrem as atividades de produção da convivência do grupo social, na qual a solidariedade

está sempre presente como cimento da consciência coletiva. Apresenta as formas de plantio, seja tradicional ou mecânica, bem como os mutirões que são formados de forma natural, objetivando a produção coletiva. O visitante pode também, conhecer de que forma a solidariedade pode contribuir para a produção de bens comuns, e também para a formação do sujeito solidário.

Na sala 05 estão disponibilizados textos, imagens e vídeos que apresentam a constituição da alimentação do grupo social, levada não apenas como mera necessidade fisiológica, mas, como um constructo social. Assim, o comer, o nutrir, o alimentar, age como elemento de ligação e/ou religação dos membros entre si e com o divino. Objetivos esses que ganham força ainda maior quando o fisiológico transcende o seu objetivo e age como cimento de amalgamento social.

Na sala 06 estão disponibilizados textos (letras) musicais, imagens de atividade lúdica com dança e vídeos, com áudios, dos cantos de agradecimento pelas boas colheitas. Construindo assim um cotidiano musicalizado motivador das práticas sociais. Podendo também aprender que a cultura de um grupo social assenta-se nas formas de interação/produção dos elementos que a compõem e que podem estar relacionadas com os seus ‘\_divinos’.

A sala 07 oportuniza aos visitantes o acesso a textos, imagens e vídeos, com (áudios) que mostram de que forma ocorrem as atividades que concorrem para a efetiva relação da Comunidade com a Escola, na produção/difusão do conhecimento das representações sociais do grupo. Podendo ainda perceber/sentir que a participação e o envolvimento dos atores sociais imbricados no processo de ensino e aprendizagem se fazem presentes. Será oportunizado também perceber que a Escola, enquanto instituição promotora dos saberes formais tem como uma de suas funções sociais colocar-se como instrumento de difusão/conservação dos saberes e fazeres do grupo social ao qual está ligada. Relação essa que se mostra fundamental na formação dos cidadãos.

E por fim, na sala 08 estão disponibilizados mapas, textos, imagens e vídeos, com áudio, relativos ao processo de formação do território que hoje corresponde ao município de Feira de Santana, bem como as atividades do processo de produção da cerimônia, em todas as suas etapas. Havendo ainda a possibilidade de o visitante produzir textos, imagens ou vídeos

de atividades semelhantes à cerimônia, para buscar referências que possam ter alguma analogia com o seu grupo social, através de simulacros.

As nuances da cerimônia, as quais agregam elementos do sagrado e do profano, possibilitam o conhecimento de uma cultura que remonta a tempos historicamente imprecisos, que têm elementos da tríade étnica formadora do povo feirense, podendo ainda realizar atividades que se assemelhem aos eventos produzidos pelas comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú.

Assim, associado ao sistema de apresentação e disposição dos elementos do museu, nas salas acima dispostas, todas elas construídas a partir do acervo constante no capítulo de contexto, o capítulo 2, com as contribuições dos sujeitos participantes/envolvidos na pesquisa.

O museu Virtual da Bata do Feijão tem como plataforma de utilização a modelagem 3D, qual se adequa à linguagem própria para a sua execução em meios digitais, com os recursos necessários ao seu pleno funcionamento, que possibilita eficácia e eficiência na interação/interatividade entre o visitante e os seus criadores. Todos os percursos podem ser percorridos no museu, a partir das instruções mediadoras que promovem o intento proposto.

#### **5.4.2 Variável independente**

A variável independente do nosso Museu virtual da Bata do Feijão, assenta-se na observação do comportamento dos visitantes que acessem e interajam com o mesmo. Nessa categoria adotamos os princípios cognitivos interação/interatividade/controle, dispostos no Capítulo 05, quadro XX. A variável independente está subdividida em três princípios, assim disposta: Interação: Os vídeos, as fotos e os textos disponibilizados no site do museu são práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação inter e intrapsicológica dos sujeitos com o contexto material e imaterial, sujeitos esses, vistos e tidos como visitantes; Interatividade: Produção de práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação em que a fusão dos saberes/fazeres configurem num fazer coletivo, e proporcione aos visitantes participarem da cerimônia da Bata do Feijão, sugerindo alterações nas suas formas de cultivar, de colher, de bater e, especialmente sentirem-se parte integrante e integrada no

processo e; Controle: Produção de práticas e/ou instrumentos criados para propiciar o desenvolvimento de uma aprendizagem planejada, organizada e validada pelo sujeito, com vistas ao alcance exitoso dos objetivos preconizados.

Os quadros abaixo sumarizam as relações de dependência e independência das variáveis que possibilitaram estabelecer correspondência entre os princípios elencados pela pesquisa e os seus respectivos objetivos pedagógicos. Oportunizaram também a compreensão dos objetivos propostos pelas comunidades e o pesquisador, com ênfase na proposta inicial de difundir e perenizar o traço cultural característico das comunidades. Assim, os quadros dez (10) e onze (11), que compõem os elementos do nosso museu virtual, deram o tom do estudo, captaram dos visitantes do museu o entendimento do que seja a Bata do Feijão e suas permanências, rupturas similaridades presentes nas manifestações culturais feirense, baiana e brasileira. Quiçá do mundo, pois onde há pessoas, há cultura, e essas podem – devem – se relacionar e trocar experiências.

**Variável dependente da abordagem metodológica DBR**

		CATEGORIA MUSEU VIRTUAL		POSSIBILIDADES INTERATIVAS (CONQUISTAS COGNITIVAS)
V A  R I Á V E L  D E P E N D E N T E	HALL	Pesquisa participada	Vídeos da festa	(Re) conhecimento das formas de produção/criação da cerimonia, em todos os aspectos possíveis.
		Terra		
	SALA 01	Escolha Das S pelos povoadores: Os Guedes e os Peixoto Viegas	Escolha e preparação da terra para a sementeira	Conhecimento do espaço em que vive, com as suas potencialidades e usos. Podendo ainda saber quem foram os primeiros povoadores, Indígenas, africanos e europeus.
	SALA02	A Natureza —indical A melhor localização para A estrada Boiadeira e A Comunidade do/para O gado.	Formas e meios de semear, de acordo com os recursos naturais.	Conhecer as três principais formas de plantio do cereal, as quais obedecem a um tempo, um lugar e Ao modo historicamente aprendido/ensinado.
	SALA 03	Estruturas de um contexto.	Criações/produções de eventos, de casas, escolas, igrejas e os modos de saber/fazer.	Reconhecer as formas de produção das comunidades , seja na construção de casas ou instituições, elas obedecem a um critério ancestral.
	SALA 04	A Solidariedade Como cimento Da Consciência coletiva: As formas e plantio: tradicional/mecânica.	Mutiroes para produzir.	Conhecer de que forma a solidariedade pode contribuir na produção de bens comuns, e também na formação do sujeito solidário.
SALA 05	Alimentação: do Fisiológico à construção de laços.	Comer: nutrir, ligar e religar.	Aprender que comer, alimentar, e nutrir são objetivos fisiológicos. Esses objetivos ganham força ainda maior, quando esse fisiológico transcende o seu objetivo e age como cimento de amalgamento social.	
SALA 06	Cantos de agradecimento pelas boas colheitas	Cotidiano musicalizado	Aprender que a cultura de um grupo social assenta-se nas formas de interação/produção dos elementos que a compõe, e que pode estar relacionada com os seus _divinos‘.	

	SALA 07	Escola e Cultura: Relação Necessária	Participação e Institucional	envolvim ento	Perceber que a Escola tem funções sociais que a coloca como instrumento principal de difusão dos saberes e fazeres de um grupo social, e que essa relação é fundamental.
	SALA 08	Simulação/simulacro	Cerimonia: nuances do sagrado e do profano		Possibilidade de conhecer uma cerimonia cultural que remonta a tempos historicamente imprecisos, a qual tem elementos da tríade étnica formadora do povo feirense. Podendo ainda realizar uma simulação de atividade semelhante.

Quadro 10

Fonte: O autor

### Variável independente da abordagem metodológica DBR

	PRINCIPIOS	DESCRIÇÃO	PERSPECTIVA ANALITICA
	Construção Contra Hegemônica	Práticas sociais comunidade que refletem a resistência das comunidades aos ditames externos culturais, os quais se concretizam em cantos e danças produzidas pelos antepassados das comunidades.	Perceber o quanto a cerimonia da Bata do Feijão ocorre numa perspectiva de resistência cultural, e qual a percepção dos visitantes do museu nessa compreensão.
	Filósofo de si mesmo	Produções que ilustram a forma pela qual os saberes e fazeres da comunidade são produzidos, em forma de letras de musicas, que mostram a relação com os fatos narrados pelos antepassados das comunidades, mostrando assim as suas capacidades de criação.	Mensurar o quanto as produções/criações ilustram o cotidiano comunitário bem como a capacidade dos visitantes em perceber essas nuances.
V			
A			
R			
I	Entendimento de integração ao contexto	A relação existente entre os sujeitos e o contexto, a qual ocorre de forma colaborativa nas atividades do grupo social, que buscam o uso sustentável dos recursos, contribuindo na manutenção das condições de existência do grupo social.	Entender as diversas formas de utilizar-se dos recursos naturais promovendo a sua preservação.
Á			
V	Espaço/Lugar/Território.	Os mapas, os textos e as fotos mostram a localização geográfica à época do povoamento da então freguesia de São José das Itaporocas, exemplificando a opção para a construção da estrada boiadeira, a partir dos recursos naturais disponíveis.	Reconhecimento dos elementos que concorreram para opção por essas terras, com o intuito de criar, cultivar e morar.
E			
L			
I	Comunidades de Práticas.	Se o cotidiano da comunidade e a relação entre os sujeitos e as suas práticas provém de espaços/tempos remotos, como isso se dá nos dias atuais, tendo como limitador as novas formas de relacionamento proveniente das novas tecnologias?	Análise das práticas sociais das comunidades com vistas à percepção dos sentidos atribuídos.
N			
D	Museu Virtual	O museu através dos seus recursos e métodos de divulgação, apresentação e de interação, tornou-se um potente veículo de socialização/difusão em massa, resultado das novas tecnologias e da forma como estas se impõem ao nosso quotidiano, transformando e introduzindo novos padrões de acesso, percepção e comportamento frente às novas demandas das sociedades.	Registro a sua concepção dos sentidos da cerimonia, demonstrando o seu entendimento acerca dos mesmos.
E			
P			
E			
N	Tecnologia Social	Tecnologias sociais podem ser definidas como um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de	Possibilidade de conhecer os diversos recursos da tecnologia social, aplicáveis aos principais
D			
E			

N T E		impacto social. Essa tecnologia se origina de um processo de inovação resultante do conhecimento criado coletivamente pelos atores interessados no seu emprego.	problemas da vida contemporânea.
	Simulação/simulacro	Simular é fingir uma presença ausente, criar uma imagem sem correspondente com a realidade. Simulacro é um procedimento relativo à produção de sentidos. Quanto mais próximo estiver da realidade, do objeto, menos deixará de ser uma representação.	Oportunidade de produzir evento, ou parte dele, no qual demonstre o seu entendimento da cerimônia.
	Polifonia	Vídeos, textos, fotos e áudios mostrando o cotidiano da comunidade e a relação existente entre os sujeitos e	Distinção dos momentos nos quais os sujeitos

**Quadro 11 variável independente da abordagem metodológica**

		as suas práticas./Poderão propor alterações nas práticas de ensino e aprendizagem que ocorre de forma solidária/ Produzir práticas que tenha semelhanças com as praticadas nas comunidades, estabelecendo conexões espaços/temporais.	estão se comunicando através do recurso polifônico.
	<b>DIALOGISMO</b>	No dialogismo do nosso museu, buscaremos mostrar as práticas sociais que exercitam as memórias dos antepassados através da evocação das práticas realizadas que refletem a realidade, através da participação nas produções historicamente criadas pelas comunidades, as quais demonstram a existência e interação com as origens de sua existência.	Interpretação dessas práticas enquanto reflexão interior do sujeito, buscando uma conexão com os demais.
	<b>SOCIOCONSTRUTIVISMO:</b> Interação interatividade	Práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação inter e intrapsicológica do sujeito com o contexto material e imaterial, e criados para oportunizar uma relação em que a fusão dos saberes/fazeres configurem-se em fazer coletivo.	Explicação das ações individuais com as comunidades e consigo mesmo, na condução dos saberes e fazeres comunitários.

Quadro 11

Fonte: O autor

Os quadros acima dispostos sintetizam as ações baseadas nos princípios elencados pela pesquisa, para o alcance dos objetivos propostos pelas comunidades e o pesquisador. No quadro dez (10), estão contidas as salas que compõem o museu virtual, bem como seu conteúdo e as possibilidades interativas relativas ao acervo, que intentamos como instrumento de percepção da cognição dos visitantes. O quadro onze (11), que contém os princípios, com a sua descrição e a perspectiva analítica, regeu a essência do estudo, que pretendeu captar os níveis de conhecimento dos visitantes do museu e também difundir e perenizar o traço cultural característico das comunidades de Ovo da Ema e Tiquarucú.

Abaixo dispomos os princípios cognitivos, juntamente com a sua descrição elementar e a perspectiva analítica, que é a sua relação com a variável dependente, o museu virtual, quando indagados pelos instrumentos quanto à participação/interação dos sujeitos visitantes do museu responderão afirmativa ou negativamente. Afirmações essas que contribuirão para a formação dos resultados esperados pelos sujeitos da pesquisa.

#### PRINCÍPIO (variável independente) - Construção Contra Hegemônica

DESCRIÇÃO ELEMENTAR- Práticas sociais comunitárias que refletem a resistência das comunidades aos ditames externos culturais, os quais se concretizam em cantos e danças produzidas pelos antepassados das comunidades.

PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF) - Perceber o quanto os participantes/visitantes compreendem sobre a ocorrência de resistência cultural no MVBF.

a) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento que a comunidade entende o que expressa como resistência.

b) no Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro que a comunidade expressa sua resistência.

c) nas Produções textuais imagéticas: se as práticas registradas mostram compreensão de resistência por aqueles que simulam cerimônias semelhantes.

d) nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes tem consciência de que se trata de produção cultural original, alternativa e autoral da comunidade.

e) nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais entendem ser uma resistência o que é apresentado no MVBF.

PRINCÍPIO (variável independente) - Filósofo de si mesmo.

f) DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Em textos, áudios e imagens que ilustram a forma pela qual os saberes e fazeres da comunidade são produzidos, em forma de letras de músicas, que mostram a relação com os fatos narrados pelos antepassados das comunidades, mostrando assim as suas capacidades de criação.

g) PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF) - Perceber o quanto os participantes/visitantes compreendem sobre a ocorrência de resistência cultural no MVBF.

h) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento que a comunidade tem consciência de suas produções.

i) no Registro de encontro: Buscar indícios acerca das produções das comunidades enquanto instrumentos de autodefesa construídos por eles mesmos.

j) nas Produções textuais imagéticas: se as práticas registradas mostram a compreensão do cotidiano comunitário.

k) nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes perceberam/sentiram que se trata de produção cultural original, alternativa e autoral da comunidade.

l) nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais entendem que as produções representam a resistência do que é apresentado no MVBF.

PRINCÍPIO (variável independente) - Entendimento de integração ao contexto

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - A relação existente entre os sujeitos e o contexto, a qual ocorre de forma colaborativa nas atividades do grupo social, que buscam o uso sustentável dos recursos, contribuindo para a manutenção das condições de existência do grupo social.

PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF) - Perceber o quanto os participantes/visitantes compreendem sobre as ocorrências relativas à relação dos membros das comunidades com o espaço/território.

a) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento que a comunidade entende a relação dos membros com o meio.

b) no Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro que a comunidade demonstra a integração com o contexto vivenciado.

c) nas Produções textuais imagéticas: se as práticas registradas mostram a resistência também no que tange à preservação desse contexto.

d) nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes tem conhecimento de comunidades semelhantes, e que se trata de uma prática natural das comunidades.

e) nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais entendem essa preservação como uma forma de resistência.

PRINCÍPIO (relativa à variável dependente MVBF) - Espaço/Lugar/Território

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Os mapas, os textos e as fotos mostram a localização geográfica à época do povoamento da então freguesia de São José das Itaporocas, exemplificando a opção para a construção da estrada boiadeira, tendo em vista os recursos naturais disponíveis.

PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa a variável dependente MVBF) –

a) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento que a comunidade entendeu o valor das terras, e o seu uso para os fins a que se destinaram.

b) no Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro que a comunidade trocava essas terras por outras mais ao sul, ao norte ou mesmo a leste.

c) nas Produções textuais imagéticas: se as práticas registradas mostram a que os participantes/visitantes produziram o evento em outros espaços, tipo salões, galpões etc.

d) nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes sugeriram novas formas de realização da cerimônia, as quais poderiam ocorrer com um número menor de pessoas, por exemplo.

e) nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais optariam por outros espaços para o evento.

**PRINCÍPIO (variável independente) - Comunidades de Práticas.**

**DESCRIÇÃO ELEMENTAR** - Se o cotidiano da comunidade e a relação entre os sujeitos e as suas práticas provém de espaços/tempos remotos, como isso se dá nos dias atuais, tendo como limitador as novas formas de relacionamento proveniente das novas tecnologias.

**PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF) –**

d) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento que a comunidade percebe/senti o valor das relações sociais estabelecidas nas comunidades.

e) e o Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro que a comunidade trocava a forma de relacionarem-se, optando por uma vida mais reclusa em suas individualidades.

f) nas Produções textuais imagéticas: se as práticas registradas mostram aos participantes/visitantes que as produções realizadas na forma em que se processa nas comunidades, solidariamente, têm como produto final a satisfação coletiva das necessidades físicas e psicológicas.

g) nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes entenderam a forma comunitária de criar, de produzir e de ser.

e) nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais já pensaram em outra forma de produzirem.

#### PRINCÍPIO (variável independente) - Museu Virtual

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - O museu através dos seus recursos e métodos de divulgação, apresentação e, até de interação, tornou-se um potente veículo de socialização/difusão em massa, resultado das novas tecnologias e da forma como estas se apossaram do nosso cotidiano, transformando e introduzindo novos padrões de acesso, percepção e comportamento humano frente às novas demandas das sociedades.

#### PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente do MVBF) –

É no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento que a comunidade já sabia o que era e como funciona um museu virtual.

É no Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro que a comunidade havia pensado em outra solução pedagógica para os objetivos elencados.

É nas Produções textuais imagéticas: se a solução pedagógica proposta para a veiculação das práticas registradas foi uma escolha acertada, e se os participantes/visitantes concordam ou não com a escolha, tendo em vista que a Bata do Feijão foi uma das primeiras práticas sociais sertanejas a entrar no mundo virtual, em 3D.

É nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes entenderam a forma escolhida para a difusão das criações e produções das comunidades em estudo.

É nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais já pensaram em outra forma de difundir e perenizar uma prática social rural, sem ter que se submeter aos ditames da mídia hegemônica

PRINCÍPIO (variável independente) - Tecnologia social

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Tecnologias sociais podem ser definidas como um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social. Esse tipo de tecnologia se origina de um processo de inovação resultante do conhecimento criado coletivamente pelos atores interessados no seu emprego.

PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente do MVBF) –

a) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento que a comunidade já tenha ouvido falar ou o que era e como funciona a tecnologia.

7 no Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro que a comunidade já havia conversado sobre tecnologia, ou ainda a sua função social.

8 nas Produções textuais imagéticas: se os participantes/visitantes reconhecem a tecnologia social enquanto instrumento de agregação social, e que solucione algum tipo de problema social, que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade (e reapplicabilidade) e impacto social comprovado.

9 nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes entenderam a escolha do referido recurso para a difusão das criações e produções das comunitárias.

10 nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais já pensaram em outra forma de difundir e perenizar uma prática social rural, através desses recursos tecnológicos.

PRINCÍPIO (variável independente) - Simulação/simulacro

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Simular é fingir uma presença ausente, criar uma imagem sem correspondente com a realidade. Simulacro é um procedimento relativo à produção de sentidos. Quanto mais próximo estiver da realidade, do objeto, menos deixará de ser uma representação.

PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente do MVBF) –

c) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento que a comunidade já tenha ouvido falar do que era simulação ou simulacro.

d) no Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro que existe a possibilidade de outras pessoas tentarem ‘imitar’ as suas práticas sociais.

c) nas Produções textuais imagéticas: se os participantes/visitantes reconhecem a prática social enquanto instrumento de agregação social, aproximadora do divino ou ainda uma forma de combate a uma hegemonia excludente.

d) nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes entenderam que há a possibilidade deles produzirem um evento semelhante à Bata do Feijão, mesmo que seja com outras intenções, mas que seja produções comunitárias.

e) nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais já viram ou ouviram falar de práticas parecidas com as suas, e se sim, se têm o mesmo processo e requinte.

PRINCÍPIO (variável independente)- Polifonia.

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Vídeos, textos, fotos e áudios mostrando o cotidiano da comunidade e a relação existente entre os sujeitos e as suas práticas. Poderão propor alterações nas práticas de ensino e aprendizagem que ocorre de forma solidária/ Produzir práticas que tenha semelhanças com as praticadas nas comunidades, estabelecendo conexões espaços/temporais.

PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF) –

a) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento de que a comunidade tenha consciência das relações estabelecidas.

b) no Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro que as suas relações sociais são embasadas na solidariedade, seja nas práticas sociais individuais ou coletivas.

c) nas Produções textuais imagéticas: se os participantes/visitantes percebem/sentem as práticas sociais enquanto instrumento de agregação social e de ligação com o divino.

d) nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes desenvolvam possibilidades de produções de eventos semelhantes à Bata do Feijão, nos quais estejam presentes elementos de cunho polifônicos.

e) nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais já viram ou ouviram falar de práticas parecidas com as suas, e se ocorre em processo parecido.

#### PRINCÍPIO (variável independente) - Dialogismo

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - No dialogismo no nosso museu, buscamos mostrar as práticas sociais que exercitam as memórias dos seus antepassados através da evocação das práticas realizadas que insistem em refletir a realidade, através da participação nas produções historicamente criadas pelas comunidades. Mediante a participação das dinâmicas e reflexão sobre a sua existência e interação com as condições de existência de sua comunidade, o que se configura como alicerce para a concepção sociointeracional da linguagem. PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF)-

c) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento de que um ou mais membros das comunidades tenha consciência de que as suas práticas remontam a um passado de relações transmitidas de geração a geração.

d) no Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro de que as relações sociais das comunidades refletem essa memória dos antepassados.

e) nas Produções textuais imagéticas: se os participantes/visitantes percebem/sentem que as práticas sociais comunitárias foram criadas/produzidas pelos ancestrais, e se isso pode ser facilmente sentido na cerimônia.

f) nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes tentaram desenvolver nas produções semelhantes à cerimônia da Bata do Feijão, o mesmo sentimento de pertença às suas origens.

g) nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais já viram ou ouviram falar de práticas parecidas com as suas, e se ocorre num processo que demonstre esse evocar ancestral.

PRINCÍPIO - (variável independente) - Socioconstrutivismo: Interação – interatividade  
 DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação inter e intrapsicológica do sujeito com o contexto material e imaterial criados para oportunizar uma relação em que a fusão dos saberes/fazerem configurem-se em fazer coletivo. PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF) –

a) no Diário de campo: perceber se registrei em algum momento de que a comunidade sinta que nas relações estabelecidas entre si, há uma interação constante.

b) no Registro de encontro: perceber se registrei em algum encontro que as suas práticas sociais das comunidades são realizadas interativamente, e se são socioconstrutivistas por natureza, ou se fazem apenas por necessidades individuais ou coletivas.

c) nas Produções textuais imagéticas: se os participantes/visitantes percebem/sentem que nas práticas sociais realizadas pelos membros das comunidades a ligação entre eles e com o divino é uma forma natural de convivência, ou mera conveniência.

d) nas Sugestões e críticas ao museu: se os registros sugerem que os participantes/visitantes defendem ou condenam essa forma de produzir o evento, e se a Bata do Feijão se configura numa manifestação social que represente o membro da comunidade.

e) nas Análises de conversas informais com interessados: se os registros sugerem que os informais já viram ou ouviram falar de práticas parecidas como a cerimônia da Bata do Feijão.

Dessa forma, as comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçu, almejam promover um (re) conhecimento das suas práticas sociais, bem como a efetivação dos objetivos que realizem a difusão e a conservação do traço cultural herdado e mantido pelos sujeitos das comunidades. Herança essa que se vê às voltas com a crescente necessidade de criar formas de permanência, lutando contra as diversas formas de hegemonia, sejam elas culturais, mercantis ou tecnológicas. Luta esta que requer a utilização de métodos e instrumentos que proporcionem o alcance dos objetivos propostos.

A abordagem metodológica escolhida, a DBR, congrega as metodologias mais utilizadas, a qualitativa e a quantitativa, culminando numa aplicação que integra a comunidade não apenas como objeto de estudo, mas, principalmente como um dos sujeitos da pesquisa, configurando-se numa prática social comunitária. E nessa abordagem DBR, realizada numa perspectiva socioconstrutivista e com as etapas constantes na sua égide, propicia um encontro entre os saberes construídos. Saberes esses que disponibilizamos num museu virtual, com o intento de possibilitar o conhecimento, o reconhecimento e a difusão do traço cultural característico das comunidades sujeitos/objetos.

No quadro a seguir, buscamos ilustrar as variáveis dependente e independente, norteadas pela abordagem metodológica DBR, a qual possibilita perceber as interpretações dadas pelos visitantes do nosso museu, bem como os possíveis refinamentos que se fizerem necessários à luz dessas interações.

Finalizando a parte de coleta de dados no site do museu, verificamos que mais de 50 % dos visitantes visitaram todas as salas disponibilizadas, o que confirma a eficiência do contexto enquanto acervo do museu virtual.

Elaboramos ainda, um quadro sintético dos elementos fundantes da pesquisa, que nortearão as reaplicações futuras, e o alcance dos objetivos propostos pelas comunidades e o pesquisador. A incidência das categorias análise possibilitou o êxito da pesquisa. A seguir, quadro com as categorias elencadas para análise.

QUADRO SUBVARIÁVEIS		POSSIBILIDADES INTERATIVAS (CONQUISTAS COGNITIVAS)	
VIRTUAL  MUSEU  CULTURAL	HALL	Visita orientada por textos, imagens e vídeos da festa	(Re) conhecimento das formas de produção/criação da cerimonia, em todos os aspectos possíveis.
	SALA 01	Nesta sala estão disponibilizados mapas, textos, imagens e vídeos acerca da escolha e preparação da terra para a sementeira / Dos critérios que levaram a escolha das terras pelos povoadores: Os Guedes / Peixoto Viegas.	Conhecimento do espaço em que vive, com as suas potencialidades e usos. Podendo ainda saber quem foram os primeiros povoadores, Indígenas, africanos e europeus.
	SALA02	Nesta sala estão disponibilizados mapas, textos e imagens, concernentes ao tipo de solo e a indicação da melhor localização para a estrada boiadeira e a comunidade do/para o gado / As formas e meios de semear, de acordo com os recursos naturais disponíveis.	Conhecer as três principais formas de plantio do cereal, as quais obedecem a um tempo, um lugar e ao Modo historicamente aprendido/ensinado.
	SALA 03	Nesta sala estão disponibilizados textos, imagens e vídeos acerca das diversas formas de produção da estrutura do um contexto em que ocorre a cerimonia / A arquitetura das casas, das escolas, das igrejas e os mais variados modos de saber/fazer o cotidiano das comunidades.	Reconhecer as formas de construção das casas e instituições, as quais obedecem a um critério ancestral.
	SALA 04	Nesta sala estão disponibilizados textos, imagens e vídeos que mostram de que forma ocorrem as atividades de produção da convivência do grupo social, na qual a solidariedade está sempre presente como cimento da consciência coletiva. Nas formas de plantio, seja tradicional ou mecânica / Os mutirões para produzir que são formados de forma natural.	Conhecer de que forma a solidariedade pode contribuir na produção de bens comuns, e também na formação do sujeito solidário.
	SALA 05	Nesta sala estão disponibilizados textos, imagens e vídeos que apresentam a constituição da alimentação do grupo social. Sempre levada não apenas como mera necessidade fisiológica, mas, como um constructo social. / O comer, o nutrir, age como elemento de ligação e/ou religação dos membros entre si e com o divino.	Aprender que comer, alimentar, e nutrir são Objetivos fisiológicos. Esses objetivos ganham força ainda maior, quando esse fisiológico transcende o seu objetivo e age como cimento de amalgamento social.
	SALA 06	Nesta sala estão disponibilizados textos (letras) musicais, imagens de atividade lúdica  Um cotidiano musicalizado e motivador das práticas sociais.	Aprender que a cultura de um grupo social assenta-se Nas que pode estar relacionada com os seus ‘_divinos’.
	SALA 07	Nesta sala estão disponibilizados textos, imagens e vídeos que mostram de que forma ocorrem as atividades que concorrem para a efetiva relação da comunidade com Escola, na produção do conhecimento das representações sociais do grupo. / Podemos ainda perceber/sentir que a participação e o envolvimento dos atores sociais imbricados no processo de ensino e aprendizagem se fazem presentes.	Perceber que a Escola, enquanto instituição promotora dos saberes formais, tem como uma de suas funções sociais colocar-se como instrumento de difusão/conservação dos saberes e fazeres do grupo social a que está ligada. E essa relação é fundamental na formação dos cidadãos.
SALA 08	Nesta sala estão disponibilizados mapas, textos, imagens e vídeos, com áudio, relativos as atividades do processo de produção da cerimonia, em todas as suas	Possibilidade de conhecer uma cerimonia cultural que remonta a tempos historicamente imprecisos, a qual tem elementos da	

etapas / Há a possibilidade do visitante produzir textos, imagens ou vídeos de atividades semelhantes à cerimonia, para buscar referencias que possa ter alguma analogia com o seu grupo social, através de simulacros. Cerimonia: nuances do sagrado e do profano

tríade étnica formadora do povo feirense. Podendo ainda realizar uma simulação de atividade semelhante.

**Quadro 12 quadro de subvariaveis**

**Fonte: O autor**

### QUADRO - SUBVARIÁVEIS E CONQUISTAS COGNITIVAS

PRINCIPIOS	DESCRIÇÃO	PERSPECTIVA ANALITICA
Construção Contra Hegemônica	Práticas sociais comunidade que refletem a resistência das comunidades aos ditames externos culturais, os quais se concretizam em cantos e danças produzidas pelos antepassados das comunidades.	Perceber o quanto a cerimonia da Bata do Feijão ocorre numa perspectiva de resistência cultural, e qual a percepção dos visitantes do museu nessa compreensão.
Filósofo de si mesmo	Em textos, áudios e imagens que ilustram a forma pela qual os saberes e fazeres da comunidade são produzidos, em forma de letras de musicas, que mostram a relação com os fatos narrados pelos antepassados das comunidades, mostrando assim as suas capacidades de criação.	Mensurar o quanto as letras das musicas ilustram o cotidiano comunitário bem como a capacidade dos visitantes em perceber essas nuances.
Entendimento de integração ao contexto	A relação existente entre os sujeitos e o contexto, a qual ocorre de forma colaborativa nas atividades do grupo social, que buscam o uso sustentável dos recursos, contribuindo na manutenção das condições de existência do grupo social.	Entender as diversas formas de utilizar-se dos recursos naturais promovendo a sua preservação.
Espaço/Lugar/Território	Os mapas, os textos e as fotos mostram a localização geográfica à época do povoamento da então freguesia de São José das Itaporocas, exemplificando a opção para a construção da estrada boiadeira, tendo em vista os recursos naturais disponíveis.	Reconhecimento dos elementos que concorreram para opção por essas terras, com o intuito de criar, cultivar e morar.
Comunidades de Práticas.	Se o cotidiano da comunidade e a relação entre os sujeitos e as suas práticas provém de espaços/tempos remotos, como isso se dá nos dias atuais, tendo como limitador as novas formas de relacionamento proveniente das novas tecnologias?	Análise das práticas sociais das comunidades com vistas à percepção dos sentidos atribuídos.
Museu Virtual	O museu através dos seus recursos e métodos de divulgação, apresentação e, até de interação, tornou-se um potente veículo de socialização/difusão em massa, resultado das novas tecnologias e da forma como estas se apossaram do nosso cotidiano, transformando e introduzindo novos padrões de acesso, percepção e comportamento humano frente às novas demandas das sociedades.	Registro a sua concepção dos sentidos da cerimonia, demonstrando o seu entendimento acerca dos mesmos.
Tecnologia social	Tecnologias sociais podem ser definidas como um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social. Esse tipo de tecnologia se origina de um processo de inovação resultante do conhecimento criado coletivamente pelos atores interessados no seu emprego. (*)	Possibilidade de conhecer os diversos recursos da tecnologia social, aplicáveis aos principais problemas da vida contemporânea.
Simulação/simulacro	Simular é fingir uma presença ausente, criar uma imagem sem correspondente com a realidade. Simulacro é um procedimento relativo à produção de sentidos. Quanto mais próximo estiver da realidade, do objeto, menos deixará de ser uma representação. *1	Oportunidade de produzir evento, ou parte dele, no qual demonstre o seu entendimento da cerimonia.
Polifonia	Vídeos, textos, fotos e áudios mostrando o cotidiano da comunidade e a relação existente entre os sujeitos e as suas práticas./Poderão propor alterações nas práticas de ensino e aprendizagem que ocorre de forma solidária/ Produzir práticas que tenha semelhanças com as praticadas nas comunidades, estabelecendo conexões espaços/temporais.	Distinção dos momentos nos quais os sujeitos estão se comunicando através do recurso polifônico.
Dialogismo	No dialogismo no nosso museu, buscaremos mostrar as práticas sociais que exercitam as	Interpretação dessas práticas enquanto reflexão

	memórias dos seus antepassados através da evocação das práticas realizadas que insistem em refletir a realidade, através da participação nas produções historicamente criadas pelas comunidades. Mediante a participação das dinâmicas e reflexão sobre a sua existência e interação com as condições de existência de sua comunidade, o qual se configura como alicerce para a concepção sociointeracional da linguagem.	interior do sujeito, buscando uma conexão com os demais.
SOCIOCONSTRUTIVISMO: Interaçãointeratividade	Práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação inter e intrapsicológica do sujeito com o contexto material e imaterial, e criados para oportunizar uma relação em que a fusão dos saberes/fazerem se fazer coletivo.	Explicação das ações individuais com as comunidades e consigo mesmo, na condução dos saberes e fazerem comunitários.

Fonte: O autor

**Quadro 13 subvariáveis e conquistas cognitivas**

Dessa forma, os quadros elencam os elementos utilizados na busca das diversas possibilidades de interação dos sujeitos participantes e visitantes do processo de produção da Bata do Feijão, nas comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú. Participação essa que concorrerá para o êxito do trabalho, bem como, e ainda mais importante, a conservação e difusão de uma prática social rural, historicamente construída nas comunidades sujeitos/objetos deste estudo.

## 6. NAS ENTRELINHAS...

Neste capítulo disponibilizamos os dados obtidos nas análises das variáveis elencadas para a interpretação das observações realizadas a partir dos instrumentos analíticos que optamos. Esses instrumentos evidenciaram seus resultados a partir do cruzamento das variáveis independente e dependente, demonstrando o efeito da participação/visitação na nossa solução pedagógica, o museu virtual, e as necessárias ações no sentido de torná-lo mais efetivo e eficaz no cumprimento dos objetivos propostos no início do nosso trabalho.

Tais resultados ilustram uma pequena mostra das participações/visitas, tendo em vista os problemas técnicos ocorridos na primeira aplicação do museu, os quais impossibilitaram o *download* do aplicativo e a respectiva interação proveniente do acesso. Houve problemas também no *site*, quando algumas pessoas relataram ter enviado mensagens pelo dispositivo e as mesmas não foram direcionadas ao *e-mail* respectivo. Essas mensagens, que em algumas situações foram relatadas oralmente, davam conta da necessidade de adequarmos o museu às configurações consideradas de uso doméstico. Adequação essa que resolveu em parte o problema, pois criamos um vídeo resumido de uma visita ao museu, com duração de 4,46 min, que acreditamos ter resolvido, nesse primeiro momento, os reclames das pessoas que buscavam o acesso.

Por outro lado, o *site*, que no início começou com pequenos problemas, foi o local mais visitado nos primeiros dias em que foi disponibilizado na grande rede. Os números de participações/visitas no período de 05/03/2017 a 30/04/2017 ultrapassam os 500 acessos. Desses, em março 252, e 251 em abril, visitaram as páginas do *site* ou acessaram o museu, esses acessos variaram de trinta (30) segundos a mais de uma hora dentro do museu. Como

dissemos no início, nem todas as pessoas conseguiram enviar comentários acerca da Bata do Feijão.

A prática social produzida pelas comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, a cerimônia da Bata do feijão, se realiza segundo o conhecimento adquirido no decorrer da história do seu povo. Constitui-se em um processo onde se desenvolvem as etapas de procedimentos que se sucedem e se complementam, e que têm a sua culminância no início da primavera, obedecendo as variações do clima. Ou seja, se chover no período da semeadura e em dias posteriores, o processo tem o seu ritmo natural, caso contrário, as pessoas precisam até mesmo comprar feijão de outras regiões do país.

Na perspectiva de mensurar o alcance das propostas defendidas pelas comunidades no que tange ao significado do traço cultural para os novos membros das comunidades, principalmente aqueles que já nasceram numa realidade tecnologicamente avançada, e dos sujeitos que moram em comunidades urbanas ou que não conhecem a prática social realizada nessas comunidades, adotamos princípios cognitivos que contribuiriam para a efetivação do intento. Princípios esses que se configuram na variável independente, 11 no total, que delineamos a seguir, bem como as variáveis dependentes, que caracterizam-se na forma de instrumentos de análise, os quais se cruzam e permitem avanços na efetiva interpretação das participações/visitas no nosso museu virtual.

Abaixo dispomos as análises de cada princípio a partir do cruzamento com cada instrumento de análise, levando em consideração as subvariáveis e as possibilidades interativas (conquistas cognitivas) concebidas segundo uma observação baseada numa proposta socioconstrutivista, dialógica e polifônica. Para melhor entendimento dos procedimentos elencados acima, distribuimos a análise por cada princípio e as respectivas interações dos participantes/visitantes do museu, através do site.

Esses princípios e instrumentos de análise, quando aferidos a partir do encontro entre si, possibilitam a verificação das ocorrências cognitivas advindas dos diálogos decorrentes do encontro das variáveis independente e dependente, oportunizadas pelo processo interativo decorrente da interpretação individual dos sujeitos participantes/visitantes, bem como da interação ocorrida entre as comunidades, o pesquisador e a academia. Os princípios são: Construção contra hegemônica; Filósofo de si mesmo; Entendimento de

integração ao contexto; Espaço/Lugar/Território; Comunidades de práticas; Museu Virtual; Tecnologia social; Simulação/simulacro; Polifonia; Dialogismo e; Socioconstrutivismo: Interação – interatividade.

Uma observação precisa constar nesse trabalho com o intuito de explicar a existência do princípio denominado de Escola e Cultura: Relação necessária, o qual tem como descrição

É as práticas e instrumentos que possibilitam a construção de meios que aproximem a instituição escolar da comunidade, oportunizando aos professores e alunos perceberem-se membros ativos, participativos e conscientes das suas condições de existência e como interpretação pessoal - que a principal função social da escola se dá quando a mesma se faz instrumento de formação de cidadãos, conscientes da sua condição de sujeito ativo da comunidade que faz parte. A observação faz-se necessária em virtude de não ter havido condições técnicas, nessa aplicação do museu virtual, em virtude dos problemas técnicos que impossibilitaram a interação direta dos alunos das escolas em estudo.

Conseguimos, no entanto, mostrar a um pequeno grupo de alunos e professores da escola sujeito/objeto, - pequeno por tratar-se de um sábado letivo em que os ônibus de transporte escolar não rodaram - a versão final da primeira aplicação do Museu Virtual da Bata do Feijão, conforme fotos da reunião que disponibilizamos abaixo.

Figura 26 - Reunião com professoras e alunos/as para a demonstração do Museu - site e aplicativo



Ademais, a disponibilização do aplicativo em formato mais leve está em curso, o que possibilitará o acesso dos estudantes e a sua consequente viagem pela Bata do Feijão.

A reflexão sobre esta temática é coextensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica desculturizada, em que a referência cultural não esteja presente.

Conforme quadro abaixo, dispomos de forma sintética o formato o qual optamos para a aferição das interpretações dos participantes/visitantes da nossa solução pedagógica, o museu virtual. Em que cada princípio tem, de acordo com a nossa perspectiva de análise, uma relação com o objetivo e se o instrumento oportuniza essa possibilidade de interpretação.

Entretanto vale salientar que a nossa pesquisa, que teve como base a abordagem metodológica DBR, que propõe uma comunhão dos saberes/fazeres entre a comunidade, o pesquisador e a academia, oportunizou a coleta de saberes historicamente produzido, e a sua posterior difusão.

## 6.1 DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO

Aplicação da solução pedagógica, o nosso museu virtual, hospedado no *site* [www.museuvirtualdabatadofeijao.com.br](http://www.museuvirtualdabatadofeijao.com.br), contou com a participação de pessoas de diferentes áreas de atuação e de níveis de escolaridade igualmente diferentes. Todas as participações/visitas no museu ocorreram de forma livre e em dias e horários bastante diversos, nos quais todos e todas puderam se manifestar acerca do que viram e ouviram no museu.

O museu virtual conta, além do *site* [www.museuvirtualdabatadofeijao.com.br](http://www.museuvirtualdabatadofeijao.com.br), com uma página no aplicativo de rede social facebook, a qual possibilitou uma interação dos participantes/visitantes sugerindo, criticando ou elogiando o trabalho. Essas interações provocaram anotações para as aplicações futuras, que objetivam um melhoramento da disposição do acervo, bem como de outros elementos que foram igualmente sugeridos. Quanto às críticas, que acolhemos mais como colaborações do que como crítica pura e vazia, possibilitarão futuras inserções/exclusões de tópicos que mostrem, ou não, a prática social comunitária como ela é e de que forma os sujeitos das comunidades a veem e participam.

Podendo ainda, contribuir, como foi dito por duas professoras da escola sujeito/objeto, nas aulas de História, Artes, Geografia e Ciências, dos estudantes da referida escola.

## 6.2 ANÁLISES DOS RESULTADOS

O quadro abaixo elenca os instrumentos de análise, e a sua respectiva relação com cada princípio proporcionando a mensuração, que optamos por não torná-la matematizada em virtude de a pesquisa ser de cunho subjetivo, das interações ocorridas em todas as suas etapas. Análise esta que ilustrará o alcance, ou pelo menos a aproximação, com os objetivos

propostos pelos sujeitos participantes do estudo que almejam a difusão e a conservação do traço cultural.

## Planejamento Subcategorias do levantamento de dados

Nº	SUBCATEGORIAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE													
		Diário Campo Pesquisador	de do os	Registro encontros membros das comunidades	dos com	Produções textuais/imagética s/vídeos dos visitantes	Sugestões/críticas dos visitantes no Museu	Análises informais, interessado.	das com o público	conversas				
01	Construção Contra Hegemônica	X		X		X		X		X				
02	Filósofo de si mesmo	X		X		X		X		X				
03	Entendimento de integração ao Contexto			X		X		X		X				
04	Espaço/Lugar/Território	X		X		X		X		X				
05	Comunidades de Práticas.	X		X		X		X		X				
06	Museu Virtual			X		X		X		X				
07	Tecnologia social	X		X		X		X		X				
08	Simulação/simulacro			X		X		X		X				
09	Polifonia	X		X		X		X		X				
10	Dialogismo	X		X		X		X		X				
11	Socioconstrutivismo: Interação Interatividade	X				X		X		X				

**Quadro14 - Subcategoria de levantamento de dados**

Fonte O autor



## PRINCÍPIO (variável independente) - Construção Contra Hegemônica

DESCRIÇÃO ELEMENTAR- Práticas sociais comunitárias que refletem a resistência das comunidades aos ditames externos culturais, os quais se concretizam em cantos e danças produzidas pelos antepassados das comunidades.

PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF) - Perceber o quanto os participantes/visitantes compreendem sobre a ocorrência de resistência cultural no MVBF.

a) Diário de campo: nesse instrumento sentimos que a contra hegemonia aparece de uma forma sutil, ou até mesmo de forma naturalizada, em que o fazer cotidiano acontece sem a preocupação em atingir algum objetivo diferente do proposto pelos antepassados. Que no fim das contas busca expressar uma resistência aos ditames culturais generalistas. Principalmente quando entramos no assunto mídia, e algum membro lembra-se das vezes em que alguém prometeu ‘levar’ a Bata para a Rádio, mas voltou falando que não deu tempo e que ficou para outra vez. Acreditamos ser uma forma desses ‘alguéns’ não ficarem por fora do processo da Bata do Feijão, mas que não demonstra interesse em difundir nos meios de difusão hegemônicos. Esperávamos encontrar na comunidade alguém que pudesse realizar esse desejo dos membros em mostrar a cerimônia da Bata do Feijão em veículos de comunicação de massa, e que isso viesse a se configurar numa prática natural tendo em vista a importância do traço cultural para as comunidades produtoras e a cultural baiana e brasileira.

b) Registro de encontro: Assim como no diário de campo, os membros das comunidades não relatam procurar formas de resistência contra hegemônica, mas no final das conversas expressam um querer que é individual e coletivo: promover a difusão e a conservação do traço cultural. Relatam ainda que alguém, geralmente procura não citar nomes, disse que ia ‘botar na internet’, mas que ‘deu problema no computador’. Optamos por crer em uma ocultação da verdade, que passa pela má vontade dos grandes meios de comunicação.

c) Produções textuais imagéticas: Em virtude de problemas técnicos no início do processo de disponibilização do museu na grande rede, os participantes/visitantes não enviaram as produções de eventos semelhantes à Bata do Feijão. Mas conversamos com

pessoas que relataram ter visto eventos semelhantes e juram ser Bata de Feijão. Mas estamos trabalhando na resolução dos problemas técnicos com o intuito de receber essas interações, imagéticas, uma vez que aquelas em formato de texto foram analisadas.

d) Sugestões e críticas ao museu: os registros relatam que algumas pessoas, mesmo morando na mesma cidade do evento, não sabiam de que forma ocorria o evento. O participante/visitante, que denominaremos Sr. X alegou que

Existem várias formas de comemorar e agradecer a boa colheita, uma delas a "COMER, ALIMENTAR, NUTRIR... E (RE) LIGAR. (isso eu não sabia.) Por isso, acredito que outras pessoas também irão gostar.

A Sra. X<sup>6</sup>, por sua vez, também comentou que

Trabalho na zona rural e não tenho percebido uma vontade por parte dos jovens em continuar com essa prática, mesmo porque o incentivo à cultura local por parte da escola ainda é muito tímido. E quando acontece vem com histórias de outros lugares.

A participante Selma<sup>7</sup> salienta a função socializadora da Escola ao afirmar que

Para isso, as escolas têm papel fundamental, pois, é por meio dela que os saberes e fazeres de um grupo social é difundido, fazendo com que professores e alunos se reconheçam enquanto sujeitos conscientes e participativos, colocando o traço cultural para além da história do folclore regional. Contribuindo assim para o fortalecimento do grupo.

Dessa forma, os objetivos propostos já demonstram os primeiros resultados. cremos que a solução pedagógica produzida por nós, o museu virtual poderá dar um encaminhamento às mudanças necessárias à essa timidez<sup>4</sup> da escola.

e) nas Análises de conversas informais com interessados: os registros sugerem que os informais entenderam que há uma forma de resistência que é apresentada no MVBF, a qual diz respeito a uma forma de não deixar perecer uma manifestação cultural que remete a tempos idos, e que deveria ser (re) conhecida por todas as pessoas e instituições. E que o museu virtual poderá contribuir nesse ensejo.

PRINCÍPIO (variável independente) - Filósofo de si mesmo

---

<sup>6</sup> Nome fictício

<sup>7</sup> Nome fictício

DESCRIBÇÃO ELEMENTAR - Em textos, áudios e imagens que ilustram a forma pela qual os saberes e fazeres da comunidade são produzidos, em forma de letras de músicas, que mostram a relação com os fatos narrados pelos antepassados das comunidades, mostrando assim as suas capacidades de criação.

PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF) - Perceber o quanto os participantes/visitantes compreendem sobre a ocorrência de resistência cultural no MVBF.

a) Diário de campo: Apesar de alguns membros das comunidades não se verem enquanto autores intelectuais das produções comunitárias, essas criações são facilmente identificadas com as histórias contadas nas conversas de final de tarde. Podemos ainda circular pelas propriedades e perceber o quão criativos pode ser. Pois, quando se fala em produções culturais geralmente reporta-se aos artistas urbanos ou aqueles dos livros e dos meios de comunicação. Mas, ao me deparar com moradias dotadas de aparelhos tecnológicos de última geração e a disponibilização de redes de wifi, senti que poderíamos sugerir alguma solução que nos faça navegar no ciber espaço com a Bata do Feijão.

b) Registro de encontro: Nos encontros realizados com um número maior de pessoas ficou claro que poderíamos enveredar pelo caminho tecnológico para intentar os objetivos primeiros dos membros das comunidades: Buscar formas de difundir o traço cultural de acordo com a conjuntura tecnológica vigente. Pudemos sentir nos indícios daquelas falas que as produções das comunidades intentavam se transformar em instrumentos construídos por eles mesmos, e com isso alcançarem o êxito proposto.

c) Produções textuais imagéticas: A Sra. Y<sup>8</sup>, como denominamos uma das participantes/visitantes do nosso museu, nos disse através dos site do museu, que

Não conhecia esta manifestação Cultural muito reveladora dos saberes e pensares do nosso povo. Mesmo morando perto do lugar onde acontece, eu achava que era só aquela hora da festa. Não sabia que tinha o antes.

Os intelectuais orgânicos das comunidades sujeitos/objetos da nossa pesquisa são identificados pelos participantes/visitantes a partir das suas criações. Como no caso dos cantos, os quais mostraram a Ricardo<sup>9</sup> que<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Nome fictício

[...] a cerimônia da Bata do Feijão realizada com cantos criativos em agradecimento aos seres divinos pela boa colheita do ano. A participação dos membros da comunidade na manutenção das práticas exercidas, como forma de garantir a continuidade por meio das novas gerações é de extrema importância, principalmente no cenário em que vivemos, onde os jovens nascidos em comunidades rurais migram para o espaço urbano em busca de melhores condições de vida, abandonando as tradições de suas raízes.

Daí que podemos observar, que apesar de ainda não receber imagens acerca de eventos similares à Bata do Feijão, há um indício de construção cognitiva a partir dos saberes e fazeres rurais. E que isso pode denotar que estamos no caminho que nos leva ao intento primeiro, fazer (re) conhecer o traço cultural comunitário em estudo.

d) Sugestões e críticas ao museu: A partir dos comentários de D. Sérgia<sup>5</sup>, nome fictício para uma participante/visitante no site do museu, nos quais ela afirma que até mesmo o título do estudo já revelaria a intenção das comunidades em se fazer conhecer. Ela diz

Da roça para a escola, parabéns pela escolha do tema e da forma rica apresentada no museu virtual. Na sala 5 identificamos a importância desse ato social, cultural e agregador que fortalece os laços nas comunidades.

E continua D. Sérgia<sup>6</sup> dizendo que

A escola tem papel fundamental para que essa cultura tenha continuidade. Porque os meninos e meninas ficam no computador, na televisão e esquece, ou até nem sabe da cultura do lugar que mora.

Assim, os registros sugerem que os participantes/visitantes perceberam/sentiram que se trata de produções originais, e de autoria das comunidades.

Análises de conversas informais com interessados: Partindo da interpretação dos registros de conversas informais por nós realizadas, podemos sugerir que o entendimento acerca da nossa solução pedagógica tem grandes possibilidades de êxito. Como exemplo citar o que disse o participante/visitante Osmundo<sup>9</sup>, um participante/visitante do museu, quando afirma que é

Muito interessante essa estratégia para a propagação de um patrimônio cultural tão rico quanto a bata do feijão. Não conhecia a proposta do Museu Virtual e

---

<sup>9</sup> Nome fictício

<sup>10</sup> Nome fictício

pude visualizar nesse trabalho uma forma diferente de empregabilidade das redes sociais na difusão do conhecimento.

Essa colocação nos motiva a continuar com a abordagem escolhida, a DBR, associada a um veículo digital tão completo para o alcance dos objetivos propostos, pois propiciam uma forma de ‘conhecer brincando’.

**PRINCÍPIO (variável independente) - Entendimento de integração a contexto**

**DESCRIÇÃO ELEMENTAR -** A relação existente entre os sujeitos e o contexto, a qual ocorre de forma colaborativa nas atividades do grupo social, que buscam o uso sustentável dos recursos, contribuindo para a manutenção das condições de existência do grupo social.

**PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF) -** Perceber o quanto os participantes/visitantes compreendem sobre as ocorrências relativas à relação dos membros das comunidades com o espaço/território.

a) Diário de campo: Desde os primeiros contatos com as comunidades que sentimos diferenças nas relações entre os sujeitos e o meio em que vivem. Essas diferenças suscitam haver um respeito pelo seu lugar. Ainda, podemos crer, a comunidade entende que a relação dos membros com o meio precisa proporcionar uma continuidade.

b) Registro de encontro: Em cada encontro realizado algum membro reportava alguma atitude de preservação ou de cuidado com os recursos existentes nas comunidades. Esse cuidado ocorre na medida em que se busca realizar o cultivo sem modificar o terreno ou ainda em utilizar-se de produtos químicos para potencializar a colheita. Procurei saber ou perceber se algum membro da comunidade apenas ‘usa’ a terra, sem cuidar, mas não obtive êxito na busca.

c) Produções textuais imagéticas: Não foi possível ver simulações de cerimônias semelhantes ao evento produzido nas comunidades em estudo, mas, recebemos comentários que ilustram essa possibilidade.

d) O participante/visitante Hermínio<sup>7</sup> relata que

Muito interessante a pesquisa do professor. A visita à sala 4, me remeteu a uma realidade que é comum no meio do cultivo rural, que é o trabalho solidário e colaborativo e muitas vezes necessário, principalmente diante da dificuldade que há em encontrar pessoas que tenham interesse em ganhar a vida como trabalhador rural, pois não percebem valorizados. Para essas pessoas, é mais interessante se deslocar para a zona urbana em busca de melhoria de vida.

Assim, essas práticas sugerem que a solidariedade e a integração com o lugar de (con) vivência exista.

d) Sugestões e críticas ao museu: Buscamos esses dados, principalmente entre os sujeitos participantes/produtores da prática social, os quais sugeriram que haja um número maior de elementos das comunidades nos segmentos vestuário e moradia no museu, e que na página do site as imagens sejam de ambas as comunidades. Na análise das participações/visitas dos sujeitos que não conheciam o traço cultural, ficou mais evidente o desconhecimento dos elementos que compõem o processo de produção da cerimônia, excetuando-se o momento da culminância. Apesar de que muitos sujeitos participantes/visitantes sugeriram mais fotos e vídeos do evento. A participante/visitante Débora<sup>8</sup>, no intuito de sugerir a existência de instrumentos semelhantes de difusão e conservação de traços culturais, assim diz: Preservar nossa memória, não deixá-la se perder no tempo, é fundamental para o sentimento de pertença de um povo. Fortalecendo assim, a comunidade. Ótima ideia! Parabéns!

e) Análises de conversas informais com interessados: Os registros sugeriram que a preservação do meio ambiente se relaciona intimamente com os modos de fazer das comunidades. Admitiram desconhecer a prática enquanto ‘\_instrumento’ de manutenção das características culturais local. Características essas que a participante/visitante Celita<sup>11</sup> expressa da seguinte forma o que gostou

Excelente trabalho percebemos (sic) o quanto iniciativas como essa contribuem para o nosso resgate cultural e a sociedade é contemplada como um todo. E encontramos em trabalhos como esses mais um estímulo para se trabalha com a regionalidade e tradições culturais mantidas em nossa sociedade pluricultural.

Assim, as próximas aplicações do museu virtual da Bata do Feijão, já serão realizadas à luz dessas interações. E poderão contemplar as diversas contribuições do site e do museu virtual da Bata do Feijão, mesmo aquelas que esperávamos ouvir ou ler nos instrumentos de interação, e que não tivemos, ainda, essa possibilidade.

---

<sup>11</sup> Nome fictício

### PRINCÍPIO (relativa à variável dependente MVBF) - Espaço/Lugar/Território

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Os mapas, os textos e as fotos mostram a localização geográfica à época do povoamento da então freguesia de São José das Itaporocas, exemplificando a opção para a construção da estrada boiadeira, tendo em vista os recursos naturais disponíveis.

### PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa a variável dependente MVBF)

a) Diário de campo: Ficou claro que os membros das comunidades reconhecem o quão importantes são as terras onde moram, e de que forma ocorreu a escolha, por parte dos antepassados, levando em consideração as riquezas naturais do lugar/espço ou território. Eles valorizam a terra, o legado deixado pelos seus ancestrais quanto à forma de produzir e preservar a sua terra. No que diz respeito à peculiaridade imposta à Feira de Santana por ser considerada a capital baiana do gado, eles dizem que isso foi em tempos idos, pois muita coisa mudou. Mudaram as pessoas, as formas de ver o lugar e até mesmo os produtos plantados, que agora são na sua maior parte apenas para subsistência, não sobrando muito para vender.

b) Registro de encontro: Constatamos nas nossas conversas nas comunidades que muitos membros das comunidades não pensam em se mudar do lugar que escolheram para viver, mas que com as novidades da cidade e a falta de incentivo para os mais novos em permanecerem e continuarem com a história de sua comunidade, estão sendo forçados a buscarem outros meios de vida nas cidades. Acreditamos que com a exposição das práticas sociais das comunidades nos meios de comunicação de fácil acesso e manuseio, isso pode mudar.

c) nas Produções textuais imagéticas: Em imagens, ainda não foi possível receber as interações realizadas pelos participantes/visitantes das práticas sociais produzidas em outros espaços, tipo salões, galpões etc. Mas a partir das sugestões dos participantes/visitantes, agora analisadas, poderemos melhorar essa possibilidade de envio. Em textos, nos foram enviadas informações acerca da existência de cerimônias semelhantes e até mesmo muito parecidas com a da Bata do Feijão. Exemplo disso é a intervenção da Sra. Joseilda<sup>10</sup>, quando ela afirma: Que oportunidade maravilhosa para quem não sabia o que era a bata do feijão, conhecer e se encantar! Eu não conhecia e achei lindíssimo (sic) a forma como me foi apresentado nesse museu virtual, bem didático e vivo. Sucesso sempre!!!

Outro participante/visitante, anônimo<sup>11</sup>, residente em Salvador – Ba. nos diz que pouco, ou quase nada sabia acerca da historicidade do lugar, e principalmente do que foi visto no museu com respeito aos primeiros povoadores do lugar/espaco/território. E que essas informações, estão contidas neste trabalho, no capítulo dois (2), mostram quais foram os ancestrais que povoaram onde hoje se encontra o município de Feira de Santana, diz ele

Ótima oportunidade de conhecer a ancestralidade feirense. Uma vez que às vezes nem mesmo quem mora na cidade por muito tempo, não sabe. E pior, não procura saber por achar que não tem importância para a sua vida.

Buscamos dar informações acerca do reconhecimento de uma cerimônia comunitária, mas nos deparamos com comentários acerca dos povoadores das comunidades e seu legado. Disso queremos inferir que os participantes/visitantes estão empenhados em saber mais, ou seja, construir conhecimentos.

d) nas sugestões e críticas ao museu: A partir das interações acerca das formas de realização da cerimônia quase nada nos foi relatado, mas uma participante/visitante D. Olga<sup>12</sup>, nos fala sobre o seu desconhecimento da prática social, mesmo morando a poucos quilômetros das comunidades em estudo. Ela nos diz que é

Muito interessante saber que traços tão importantes da nossa cultura não estão sendo esquecidos no tempo. Eu, jovem e estudante não conhecia a bata do feijão e estou encantada pela riqueza e beleza que este grupo exala por meio da simplicidade, e fiquei muito feliz por ter a oportunidade de conhecer a Bata do Feijão por meio desta ferramenta 3D, pois esta quebra qualquer barreira que impossibilitasse o conhecimento da Bata. Seja fisicamente ou virtualmente, todos temos a oportunidade de se aprofundar no conhecimento da Bata do Feijão, agora. Por isso, acredito que este projeto tem que ser bastante divulgado, para que todos tenham consciência da riqueza da nossa cultura e que, quem sabe, valorizem mais aquilo que é nosso e que pouco nos é apresentado.

Assim, podemos perceber que as sugestões não apenas nos impele a melhorar o museu, mas, e principalmente, inserir mais informações atinentes ao evento. Informações estas que possam, como disse a participante/visitantes acima,

[...] todos temos a oportunidade de se [sic] aprofundar no conhecimento da Bata do Feijão. Para, assim, podermos transmitir aos demais.

e) Análises de conversas informais com interessados: As conversas informais possibilitaram a reflexão acerca do nosso acervo, das imagens disponibilizadas e de algumas fontes orais consultadas. Tivemos a oportunidade de ter acesso a informações sobre os donos das terras que hoje fazem parte do município de Feira de Santana, de algumas pessoas que

intentaram trabalhos acadêmicos que versavam sobre o evento e, ainda acerca das dificuldades em conseguir formas de difundir, e conseqüentemente, perenizar a prática social do grupo, com vistas à sua inserção no calendário escolar.

PRINCÍPIO (variável independente) - Comunidades de Práticas.

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Se o cotidiano da comunidade e a relação entre os sujeitos e as suas práticas provém de espaços/tempos remotos, como isso se dá nos dias atuais, tendo como limitador as novas formas de relacionamento proveniente das novas tecnologias. PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF):

a) Diário de campo: Em nossas visitas, ainda no início da nossa pesquisa, buscamos perceber, e percebemos o quanto a comunidade sente o valor das relações sociais estabelecidas nas comunidades, e que essas propiciam uma convivência com os demais membros e também com o meio. Nessas observações, sem procurar ser notado naquilo que estava fazendo, tivemos a percepção de que os membros das comunidades mantêm um cotidiano semelhante, ou seja, eles fazem as mesmas coisas, ou quase as mesmas coisas. Estas ‘coisas’ vão desde os afazeres domésticos, até aquelas atividades que são realizadas por grupos maiores, as quais ultimam nas produções que determinam a subsistência do grupo todo. Se comunidade de práticas remete ao (con) viver de forma à realização das atividades cotidianas, que culminem na obtenção/satisfação das necessidades do grupo, então o povoado de Ovo da Ema e o distrito de Tiquaruçú estão em comunhão com a definição Comunidade de Prática de WENGER (2007), quando ele salienta que a [...] característica importante, é que na vida cotidiana das Comunidades de Prática o conhecimento é integrado e distribuído de forma aberta, sem restrições [...], está disponível. Portanto, as comunidades têm, também, a prerrogativa de ensinar aos mais novos, ou ainda àqueles que convivem diariamente nas comunidades, as vivências de todos os que produziram os seus saberes/fazeres.

b) Registro de encontro: Nestes encontros foi possível perceber o sentimento que une a comunidade nas suas relações cotidianas envolvendo todos os membros na produção da subsistência individual e coletiva. Esperávamos ainda encontrar um ou outro sujeito que cogitasse trocar essa forma de se relacionar nas diversas situações da sua convivência, ou que optasse por uma vida reclusa e sem o apoio dos demais. Não encontramos. Disso pudemos ter

a clareza da existência de uma Comunidade de Prática, nos moldes daquela defendida por WENGER (2007), e por nós.

c) Produções textuais imagéticas: A partir da observação e análise das interações dos participantes/visitantes do site, vislumbramos informações que confirmam a necessidade da produção da solução pedagógica que estamos finalizando, o nosso museu virtual da Bata do Feijão. Haja vista a participação da estudante, que chamaremos de Cláudia<sup>13</sup>, que salienta o êxito e ainda parabeniza a todos nós pelo empreendimento, a construção do museu virtual. Diz ela,

Ferramenta fantástica de suma importância para leigos especialistas (sic) na área aqui abordada e rica em detalhes. Além de ser um belo reconhecimento aos trabalhadores rurais de Feira de Santana e região agregando um grande conhecimento sobre tal cultura. O fato do museu disponibilizar uma visita em 3D no próprio site é muito mais cômodo e facilita quem não tem a possibilidade de locomoção e pode ser visitado por moradores de qualquer região do país, o que é inovador. Um ponto a ser acrescentado é uma plataforma mobile, facilitando o acesso pelo celular e tablet que são os recursos mais usados ultimamente. Acredito que com o tempo e as críticas construtivas o museu só tende a melhorar deixando cada vez mais claro os traços culturais de um povo que é invisível para alguns. Parabéns ao Professor Erisvaldo pela iniciativa!

Nas comunidades de práticas, todos os instrumentos que possam propiciar a transmissão e o entendimento dos saberes e fazeres comunitários são utilizados. No nosso trabalho, o museu, aos olhos da Sra. Elenita<sup>14</sup> o museu

[...] traz como um dos grandes pontos positivos a diversidade de instrumentos para que os visitantes conheçam e se reconheçam como parte dessa cultura, entre eles textos, imagens, mapas e vídeos que trazem elementos históricos e geográficos das comunidades, possibilitando o entendimento de forma fácil e dinâmica. As salas traçam um trajeto sequencial que mostra a preparação da terra, a semeadura e as formas de plantio do feijão, aprendizado herdado dos antepassados - também conhecidos por meio do museu.

Ações como essas da participante acima nos fazem inferir que estamos no caminho certo do alcance dos objetivos propostos pelo estudo. Ainda mais quando sentimos que a produção das formas do estabelecimento das relações se processa solidariamente, e têm como produto final a satisfação coletiva das necessidades físicas e psicológicas.

d) Sugestões e críticas ao museu: Os registros dos participantes/visitantes do museu nos mostram que entenderam o porquê das comunidades em criar e produzir de forma solidária possibilitando assim uma (con)vivência na qual todos os sujeitos têm a oportunidade

de contribuir na construção de uma vida melhor. Essa construção, que compreendemos como uma realização de cunho socioconstrutivista tem, na sua essência o cimento que une os membros em torno de sua ancestralidade, produtora do que hoje se apresenta como sendo o fazer e o saber do grupo. E que tem na Escola a instituição própria e com as ferramentas

15

elementares a essa construção. A participante/visitante D. Dolores nos fala que

Da roça para a escola, parabéns pela escolha do tema e da forma rica apresentada no museu virtual. Na sala 5 identificamos a importância desse ato social, cultural e agregador que fortalece os laços nas comunidades. A escola tem papel fundamental para que essa cultura tenha continuidade.

Assim, vemos que a escolha de um museu virtual para a obtenção do êxito em nosso trabalho, que pretende difundir a Bata do Feijão não apenas como uma forma de agradecer ao Divino pela boa colheita, ou simplesmente mostrar que tem uma característica singular na representação de um traço cultural, mas e principalmente, difundir uma prática social historicamente produzida, que almeja transmitir aos seus membros mais novos, e aos sujeitos participantes/visitantes do museu, os valores herdados dos seus antepassados. Valores esses que desenvolvem o sentimento de pertença no sujeito e o torna membro atuante e defensor de suas origens. E pode ainda tornar esse sujeito o intelectual orgânico, que de acordo com GRAMSCI (2000) define o intelectual, não pela erudição pessoal, mas pela função social que o indivíduo ocupa. O intelectual é, sobretudo, o organizador.

e) Análises de conversas informais com interessados: Nos registros das conversas que mantive com alguns informais, eles já perguntavam logo se os sujeitos das comunidades tentaram inserir a prática social em programas de rádio, TV ou outro meio de comunicação de massa. A nossa resposta, concebida a partir das informações dos membros das comunidades era de que isso foi tentado e, inclusive em algumas oportunidades, disseram eles, fomos entrevistados por pessoas ligadas a alguma Universidade que prometeram uma devolutiva do estudo, mas nada. Então, acreditamos que a opção pela solução pedagógica será exitosa. PRINCÍPIO (variável independente) - Museu Virtual

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - O museu através dos seus recursos e métodos de divulgação, apresentação e, até de interação, tornou-se um potente veículo de socialização/difusão em massa, resultado das novas tecnologias e da forma como estas se apossaram do nosso cotidiano, transformando e introduzindo novos padrões de acesso,

percepção e comportamento humano frente às novas demandas das sociedades.

PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente do MVBF)

a) Diário de campo: As tecnologias de comunicação são, grosso modo, ferramentas de uso irrestrito. Nas comunidades por nós escolhidas para a construção de um instrumento que pudesse preencher as lacunas existentes no ensino de história, mas também em outras disciplinas correlatas que podem – devem – beber da fonte de conhecimento veiculada nessa solução pedagógica. Os membros das comunidades, pelo que pude perceber não sabiam o que era ou como funciona um museu virtual, ou ferramenta semelhante. Por conta disso foi necessária uma explicação sobre as vantagens e facilidades que são oportunizadas por esse instrumento.

Em nosso diário, nas primeiras visitas às comunidades, constam conversas com pessoas do grupo social que já relatavam a necessidade de ‘ter um jeito’ de fazer a Bata de Feijão ser conhecida ‘lá fora’. Por exemplo, seu Altino <sup>16</sup> dizia que os jovens de hoje não se interessam por coisas que não tenha computador. Ele disse:

Esses meninos só sabem ficar no celular atrás de besteiras. Mas será que se tivesse um jeito de botar a Bata do Feijão nesse negócio eles não iam querer ver também?

b) Registro de encontro: Em nossos encontros facilmente percebemos a utilização de aparelhos de telefonia móvel, ou até mesmo de oferta de internet via wifi em uma ou duas residências, mas ao me referir a um museu virtual o espanto foi generalizado, pois afirmaram não saber da existência de tal ferramenta, e como se dava a sua utilização. Foi também comentado entre eles a dificuldade que isso poderia gerar na escola da comunidade, mas ao serem informados que isso poderia ser solucionado ficaram calmos. Nestas reuniões esperávamos encontrar uma resistência maior as ferramentas tecnológicas, mas o engano foi grande ao descobrir que após as explicações e demonstrações dos primeiros elementos do acervo que comporiam o museu as pessoas se mostraram abertas a contribuir ainda mais na produção museológica da cerimônia da Bata do Feijão.

c) Produções textuais imagéticas: Averiguamos que a solução pedagógica proposta para a veiculação das práticas sociais das comunidades foi uma escolha acertada, e os participantes/visitantes concordaram com isso ao se referirem ao mesmo de forma positiva.

A forma de concordar com a nossa opção foi ilustrada com a participante/visitante

17

Conceição, ao dizer que

Muito interessante o museu. É muito importante a utilização dos meios virtuais para a educação e preservação cultural. A escola ainda se constitui num espaço fundamental de difusão de valores socioculturais e este museu vem reforçar essa função da escola. Parabéns pela iniciativa e pelo museu tão bem estruturado.

Corroborando com a nossa ideia de utilização da internet na transmissão de valores culturais. Outra participante, D. Glória<sup>18</sup>, endossa a nossa proposta ao afirmar que

Muito interessante essa estratégia para a propagação de um patrimônio cultural tão rico quanto a bata do feijão. Não conhecia a proposta do Museu Virtual e pude visualizar nesse trabalho uma forma diferente de empregabilidade das redes sociais na difusão do conhecimento.

19

Ainda, a participante Sandra, ao comentar a utilização de um museu virtual salienta que

O Museu Virtual da Bata do Feijão traz uma proposta interessante no que diz respeito às comunidades feirenses do Ovo da Ema e Tiquaruçú, a partir do momento em que se propõe a entender como as pessoas desses locais se mantêm unidas por meio de seus saberes e fazeres construídos de forma coletiva, além de buscar entendimento sobre a transmissão desse dado traço cultural dentro das escolas da região. Dividido por salas, o museu traz como um dos grandes pontos positivos a diversidade de instrumentos para que os visitantes conheçam e se reconheçam como parte dessa cultura, entre eles textos, imagens, mapas e vídeos que trazem elementos históricos e geográficos das comunidades, possibilitando o entendimento de forma fácil e dinâmica.

Portanto, não há dúvidas de que os participantes/visitantes do nosso museu virtual da Bata do Feijão entenderam a nossa proposta e colaboraram imensamente nessa construção coletiva da solução pedagógica, o museu.

d) Sugestões e críticas ao museu: As sugestões foram – são – de imenso valor numa construção coletivamente pensada e operacionalizada. Percebemos na fala de

20

Jobson, que salienta ser a ideia inovadora e de fácil acesso, diz ele

O museu Bata do Feijão é uma grande oportunidade, para falar sobre um assunto e cultura pouco conhecida. A ideia de transformar essa pesquisa e estudo em um museu é excelente, pois facilita e se adequa a vivência atual, onde sempre se procura aprender por meios tecnológicos, acredito que essa ligação ficou muito boa, e não deixou a ausência de grandes informações. Os detalhes da explicação são excelentes e não a deixa a leitura cansativa a ideia do visitante entrar e guiar-se dentro do Projeto é ótima, pois dá uma liberdade para parar e ler à-vontade, voltar sempre que necessário. Algo que

me chamou bastante atenção e gostei muito foi a inserção dos cantos de agradecimento e vídeos, isso compôs um belo trabalho e nos mostrou de forma visível como toda a teoria passada funciona. Parabéns [...], ótimo trabalho!

21

Podendo ainda, de acordo com o participante Paulo , o museu ser

[...] implantado como material de apoio no ensino das escolas e universidades, servindo de base para atividades e projetos que possibilitem o conhecimento sobre um traço cultural que se relaciona com o divino, os laços afetivos, a solidariedade entre as pessoas, o trabalho familiar e coletivo, além de seu envolvimento com as práticas manuais.

22

Ou ainda a professora Célia , que salienta a importância do museu ao dizer que

Caro Professor, Parabéns pelo seu trabalho!! Há algum tempo comentamos em nossa escola sobre pouca existência de material alusivo às manifestações culturais da nossa região e que se possa usar com os alunos. O seu museu vem suprir um pouco dessa carência. Gostei demais do museu, mas achei a frente muito vazia. Parabéns!!

Então, os registros sugerem que os participantes/visitantes entenderam a forma escolhida para a difusão das criações e produções das comunidades em estudo, bem como corroboraram com a escolha, na medida em que a solução tem elementos que podem contribuir para o alcance dos objetivos propostos.

e) Análises de conversas informais com interessados: Esses registros nos mostraram que os informais jamais haviam pensado nessa forma de difusão e conservação de uma prática social rural, ainda mais sem ter que se render a uma mídia hegemônica, segregadora e elitista. Nessas conversas havia a esperança de que alguém pudesse nos dizer que a proposta de construir uma solução pedagógica para a difusão do traço cultural característico das comunidades em estudo fosse apenas mais uma. Ledo engano, em nenhum momento se ouviu que isso seria facilmente realizada por alguma instituição pública ou privada.

Essa mesma professora, a sra. Célia<sup>23</sup>, na mesma conversa acerca do museu, disse

Senti falta de elementos comuns aos "terreiros" das roças, como uma árvore, mesmo que seca, um cachorro, uma carroça... qualquer coisa que não apenas um um grande vazio.

## PRINCÍPIO (variável independente) - Tecnologia social

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Tecnologias sociais podem ser definidas como um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social. Esse tipo de tecnologia se origina de um processo de inovação resultante do conhecimento criado coletivamente pelos atores interessados no seu emprego. PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente do MVBF)

a) Diário de campo: Nas nossas visitas que antecederam à execução do projeto, ainda nas primeiras explorações dos espaços a serem percorridos, a aproximação com as comunidades ocorreram com vistas a explicar os propósitos da pesquisa e a necessidade de nos aliarmos na busca da construção de conhecimentos a partir das inquietações nossas e da urgência dos sujeitos das comunidades em estabelecer um canal de comunicação entre estes e as comunidades urbanas. As tecnologias conhecidas e utilizadas pelas comunidades eram as de telefonia móvel, TV, Rádio e, em uma ou duas casas, internet via rádio. Informamos ainda no início do nosso trabalho que a nossa proposta é embasada em um método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e geração de impacto social. Por último, informamos o que era e como funciona a tecnologia.

b) Registro de encontro: Similar ao que expusemos acima, nas reuniões que se seguiram mostramos aos sujeitos que a tecnologia é de fácil acesso e tem semelhanças com alguns jogos de computador, aliado a isso, provoca uma sensação de algo familiar e com possibilidades de poder ‘falar’ com as pessoas que produziram o instrumento. Dissemos ainda que gera sentimentos ao entrar no museu. Salientamos também que como algumas culturas vêm sendo esquecidas, nos resta fazer uso das tecnologias que possam oportunizar o encontro entre as diversas manifestações culturais existentes, ou ainda o cumprimento da sua função social, qual seja a de contribuir na difusão, conservação e (re) conhecimento de culturas tidas como periféricas.

c) Produções textuais imagéticas: Os problemas técnicos ocorridos na produção do site que contém o museu virtual 3D dificultaram os participantes/visitantes de enviar as

suas produções imagéticas alusivas a eventos que se assemelham à Bata do Feijão. Mas, os textos enviados ilustram que houve o reconhecimento da tecnologia social enquanto instrumento de agregação social, que busca solucionar a demanda colocada pelos sujeitos das comunidades acerca do problema social comunitário. Nestes textos, dos quais trazemos esse a seguir, demonstra o entendimento quanto ao papel pedagógico da cerimônia. Assim diz D.

24  
Clemilda ,

Ver imagens de estudantes se integrando ao ritual da bata do feijão me deixou emocionada. Coisas que não seriam possíveis se não fosse essa iniciativa. Pois, aprendi também.

25  
A participante Teresa , ao justificar a necessidade da transmissão do traço cultural às gerações futuras, nos diz que

A Bata do Feijão, enquanto traço cultural, transmitido entre as gerações, e adaptado durante o decorrer dos anos às mudanças climáticas, tecnológicas, etc, precisa ser preservado, pois, se trata de uma atividade comemorativa encontrada apenas em algumas comunidades que ainda praticam a agricultura familiar de forma manual. A sua preservação contribui para a união dos membros da comunidade, além de ofertar aos jovens e crianças o aprendizado sobre o referencial cultural do lugar em que vivem.

Portanto, entendemos que os requisitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e impacto social comprovado, já nos faz sentir que estamos no caminho certo.

d) Sugestões e críticas ao museu: Em nossos registros evidenciamos que os participantes/visitantes ficaram atentos aos detalhes do museu virtual ao perceberem alguns elementos que podem contribuir para o sucesso da escolha do museu virtual como recurso tecnológico para a difusão das criações e produções das comunitárias. Isso fica patente quando analisamos a fala dessa participante quando ela ainda diz que [...] Se acha que há espaço para rever algo, deixo sugestão de ter um espaço em cada foto que clicando aparece um texto descrevendo. Porque tem pessoas que não reconhecem o lugar ou o mapa.

Disso, pode-se, mais uma vez perceber que a escolha pelo recurso tecnológico foi acertada, como também a busca de parcerias via internet foi extremamente exitoso. Pois, acreditamos na proposta de interação socioconstrutivista como fomentadora da transmissão de conhecimentos.

e) Análises de conversas informais com interessados: Os bate-papos que iniciamos mesmo em outros espaços acerca do nosso museu virtual renderam frutos preciosos para a sua próxima etapa, a reaplicação a partir das sugestões e críticas advindas dos diversos recursos colocados disposição dos participantes/visitantes. Em nossos registros analisamos como os sujeitos que demonstravam/demonstram interesse no nosso projeto viam ou sentiam-no, dessa forma buscamos perceber se esses sujeitos pensaram em outra forma de difundir e perenizar a prática social rural produzida nas comunidades do Ovo da Ema e Tiquarucú, através de outros recursos tecnológicos ou não.

O participante Eduardo<sup>26</sup> confirma a nossa escolha ao comentar que

Estou encantado com a estrutura do museu, onde a riqueza deste fragmento da cultura local, que nunca antes havia recebido tamanho destaque, ganha suporte tecnológico numa perspectiva em três dimensões, podendo chegar a qualquer pessoa por meio da internet. A tecnologia preservando a cultura! É uma prova real e bem elaborada de que existe muita coisa boa e desconhecida pela maioria dos internautas na web. Espero de coração que exista mais divulgação para que, no mínimo, os feirenses saibam com honra da representação que possuem.

Apesar de não termos obtido respostas que pudessem desqualificar ou modificar a nossa ideia inicial do museu virtual, acreditamos que, por hora, não haja tecnologia disponível que detenha os recursos que o museu congrega, principalmente a facilidade de acesso e de interação. Tecnologia essa que possa se converter numa solução pedagógica lúdica e motivadora da sua utilização.

**PRINCÍPIO** (variável independente) - Simulação/simulacro

**DESCRIÇÃO ELEMENTAR** - Simular é fingir uma presença ausente, criar uma imagem sem correspondente com a realidade. Simulacro é um procedimento relativo à produção de sentidos. Quanto mais próximo estiver da realidade, do objeto, menos deixará de ser uma representação.

**PERSPECTIVA ANALÍTICA** (relativa à variável dependente do MVBF)

a) Diário de campo: Em nossos registros dessa primeira parte da pesquisa de campo objetivando o reconhecimento dos aspectos geográficos, históricos e sociológicos do lugar/espaco/território de nosso estudo buscamos perceber se em algum momento os sujeitos das comunidades tenham ouvido falar do que era simulação ou simulacro. Não obtivemos uma resposta clara, ou pelo menos alguma que tivesse relação com o sentido que temos dos

termos. Por outro lado, a noção de simulação presente em alguns se referem à imitação pura e simples, e não aquela em que simulação e simulacro correspondem respectivamente a fingir uma presença ausente, criar uma imagem sem correspondente com a realidade, e no simulacro um procedimento relativo à produção de sentidos.

b) Registro de encontro: Em nossos registros, ainda em decorrência de problemas técnicos na primeira etapa da construção do museu, não obtivemos respostas satisfatórias. Mesmo que desde os primeiros protótipos do museu tenham sido mostrados aos sujeitos, eles em nenhum momento relataram essa dúvida. Alguns reportaram que em determinado lugar, que às vezes não lembravam muito bem, ouviram falar que existe algo parecido com a Bata do Feijão. Portanto, inferimos desses encontros, que a possibilidade de outras pessoas tentarem ‘imitar’ as suas práticas sociais é desconhecida.

c) Produções textuais imagéticas: Os participantes/visitantes reconheceram a prática social enquanto instrumento de agregação social, aproximadora do divino ou ainda uma forma de combate a uma hegemonia excludente, isso foi possível perceber nos textos, pois como já informamos, alguns problemas técnicos impossibilitaram o envio de imagens pelo site. Mesmo com os problemas já citados, a participante/visitante Marinalva<sup>27</sup> nos diz que Me senti na sala 6 em meio às rodas das Batas do Feijão, aos cantos, às danças... Nunca imaginei poder sentir isso de novo. Revivi a minha infância. Amei! Parabéns!

d) Sugestões e críticas ao museu: Os registros dos participantes/visitantes sugerem que houve entendimento quanto a haver ou não outras cerimônias semelhantes à Bata do Feijão, mesmo que sejam com outras intenções, mas que sejam produções comunitárias. De acordo com as falas de alguns participantes/visitantes do museu como a seguinte, vimos que o desconhecimento relativo à traços culturais rurais é muito grande. O Sr. Eleotério<sup>28</sup> nos diz que

Durante a cerimonia da Bata do Feijão são cantadas cantigas, que são feitas pelos próprios membros da comunidade. (também não sabia disso) - As escolas da comunidade [contribuem] para a formação dos sujeitos da comunidade na tentativa da perduração da tradição da Bata do Feijão. (Não sabia disso também) Parabéns pela bela iniciativa de falar e mostrar um pouco mais da nossa história e da nossa cultura.

Portanto, as críticas não são muito contundentes em função de não haver um conhecimento prévio sobre o tema. Mas, o que conseguimos depreender desse

desconhecimento, é que há, realmente, uma lacuna a ser preenchida, no que tange à difusão das práticas sociais, principalmente aquelas produzidas nas pequenas comunidades rurais.

e) Análises de conversas informais com interessados: Os registros das conversas com algumas pessoas que não estavam diretamente ligadas ao projeto foram de extrema importância para a inserção, ainda nas etapas iniciais, de elementos que passaríamos ao largo se não fossem essas intenções. Nas conversas, o tema Bata do Feijão nem sempre é relacionado ao cunho religioso da intenção. Muitos me diziam que ‘pra que bater no feijão?’ A resposta, que por vezes causava espanto, teria que ser recheada pela História e Geografia, no intuito de me fazer entender e tentar mostrar o que estava – está – aqui há muito tempo, mas que não era visto. Alguns relatavam ter ouvido falar de coisas semelhantes com mandioca, milho e até mesmo o boi. Tem uma fala de um interlocutor que diz assim

O museu é uma ótima forma de aprendizado e conhecimento, principalmente para o povo feirense que não conhece a história e a cultura de sua região. - Eu não sabia que existia a Bata do Feijão e que era uma cerimônia para agradecer a boa colheita, e também não sabia a história por trás dessa cerimônia.

Assim, vemos que os informais, alguns já viram ou ouviram falar de práticas parecidas com essas, mas não sabem se têm o mesmo processo e intenção. PRINCÍPIO (variável independente)- Polifonia.

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Vídeos, textos, fotos e áudios mostrando o cotidiano da comunidade e a relação existente entre os sujeitos e as suas práticas. Poderão propor alterações nas práticas de ensino e aprendizagem que ocorre de forma solidária/ Produzir práticas que tenha semelhanças com as praticadas nas comunidades, estabelecendo conexões espaços/temporais.

#### PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF)

a) Diário de campo: Nos primeiros momentos de imersão nas comunidades busquei perceber em algum momento se a comunidade tinha consciência de que as suas relações eram herança de seus antepassados, ou se o que eles sabiam/faziam foi ‘ensinado’ pelos pais, avós ou aquelas pessoas mais velhas das comunidades que sempre sabem se tal planta faz bem, se serve para dor de barriga ou até mesmo para ‘afinar’ o sangue. Assim, podemos depreender que as relações hoje estabelecidas são, em muitas situações, herdadas

dos ancestrais, dos povoadores da região e também dos ‘passantes’ do lugar, geralmente oriundos de outros recantos do Brasil, e do mundo.

Registro de encontro: Nossos encontros, que quase sempre ocorriam às voltas com a lida diária, por si só já mostravam o quanto de herdado ou aprendido nas relações práticas estabelecidas no cotidiano dos sujeitos estavam ali presentes. De forma que as conversas sempre eram direcionadas aos tempos em que aqui havia tal coisa e hoje não tem mais, ou assim se fazia ou dizia. Os ancestrais pareciam estar ali falando ao ouvido dos meus interlocutores, ditando o que dizer e como dizer. Esperamos ouvir algo sobre como deveria ser feita determinada coisa, mas as respostas quase sempre remetiam a como ‘era’ feito, deixando sempre a lacuna do que deve ser ou como deve ser feito. Dessa forma, percebemos que as relações sociais são embasadas na solidariedade até mesmo com quem já partiu. Exemplo disso foi o falecimento de Tonho Grande<sup>29</sup>, que participou das primeiras fases do processo de cultivo, mas não esteve presente nas primeiras etapas da construção do museu. Não esteve presente de corpo’ como lembrou alguém, mas em espírito sim. A sua colaboração foi lembrada e exaltada.

O participante/visitante Jerônimo<sup>30</sup>, que mora e nasceu no município, afirma que não sabia que ‘ele’ fazia parte de um processo que desconhecia. Dessa forma diz que Não conhecia esta importante manifestação cultural reveladora dos saberes e fazeres da nossa gente. Gente esta que eu faço parte e desconhecia. Parabéns pela iniciativa!

c) Produções textuais imagéticas: Nessas análises das interações dos participantes/visitantes, apesar de podermos contar com a disponibilização de imagens produzidas por eles, possibilitou que aferíssemos se houve uma percepção de que as práticas sociais, enquanto instrumento de agregação social e de ligação com o divino, são eficazes na busca do intento proposto. Isso foi evidenciado na fala de D. Maristela<sup>31</sup>, ao afirmar que o museu da bata do feijão retratou muito bem sobre os nossos ancestrais e a importância das comunidades de maneira que não foi cansativa e acessível em qualquer momento, acompanhando o momento tecnológico que vivemos. Eu achei muito interessante poder fazer essa viagem que realmente trouxe uma sensação de intimidade cultural.

Disso podemos depreender que foi exitosa a utilização da tecnologia com vistas a trazer aos dias de hoje, através dos descendentes dos criadores da prática social, para as gerações que não viveram, até desconheciam-na. Aprendizado que ousamos chamar de

natural, essa transmissão de saberes entre os membros das comunidades e evocando saberes, fazeres e pensares, e melhor, tornando presente quem criou e tornou nossas, as suas criações.

d) Sugestões e críticas ao museu: Em nossos registros foi possível inferir se os participantes/visitantes perceberam as diversas possibilidades de produções de eventos semelhantes à Bata do Feijão, nos quais estejam presentes elementos que remetam às produções dos antepassados, ou seja, aquelas de cunho polifônico. Ao analisarmos os textos, uma vez que por imagens não foi possível fazê-lo em função dos já referidos problemas técnicos, percebemos as contribuições como essa do Sr. Miguel<sup>32</sup>, que diz

[...] percebemos o quanto iniciativas como essa contribuem para o nosso regate cultural e a sociedade é contemplada como um todo. E ainda contribui para mais uma festa ser lembrada e realizada todo ano.

Assim, podemos angariar mais elementos que possam tornar o museu mais atraente e didático. Além disso, o traço ancestral do feirense, o qual se fez através das contribuições de distintos povos e tradições. Formando assim, um gentílico múltiplo e em construção constante por força da ainda condição de entroncamento de rodovias e ideias. E para confirmar isso, temos a fala do Sr. Agnaldo<sup>33</sup>, nome também fictício, ele nos diz

[...] encontramos em trabalhos como esses mais um estímulo para se trabalhar com a regionalidade e tradições culturais mantidas em nossa sociedade pluricultural. Mantidas, pelas comunidades que lutam para conseguir perenizar essas práticas sociais, nem sempre, ou quase nunca, valorizadas por um mercado cultural extremamente voltado para o lucro.

e) Análises de conversas informais com interessados: Os nossos registros das conversas mostram que algumas pessoas já ouviram falar dessa —festa na roça!, ilustrando aquilo que analisamos em outros instrumentos de coleta de dados. E esses que ouviram falar nunca pensaram em investigar se essas práticas são parecidas com alguma que tenham visto ou ouvido falar, mesmo em outros lugares ou países. Ou ainda se ocorre de forma de processo e parecido com a nossa Bata do Feijão.

**PRINCÍPIO (variável independente) – Dialogismo**

**DESCRIÇÃO ELEMENTAR** - No dialogismo no nosso museu, buscamos mostrar as práticas sociais que exercitam as memórias dos seus antepassados através da

evocação das práticas realizadas que insistem em refletir a realidade, através da participação nas produções historicamente criadas pelas comunidades. Mediante a participação das dinâmicas e reflexão sobre a sua existência e interação com as condições de existência de sua comunidade, o que se configura como alicerce para a concepção sociointeracional da linguagem.

#### PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF)

a) Diário de campo: Nos registros das primeiras visitas às comunidades foco da nossa pesquisa, empreendemos uma rotina de observações que objetivou reunir informações acerca das práticas sociais regularmente realizadas pelos sujeitos. As atividades cotidianas sejam elas em casa, na lavoura ou até mesmo em um simples momento de lazer, aqueles em que após a lida senta-se na varanda da casa e dá-lhe a contar causos que aconteceram – ou não – em tempos nem sempre exatos. Observamos também que os sujeitos realizam essas atividades sempre da mesma forma que aprenderam com seus pais, avós ou aquele vizinho de cerca que descobriu uma forma mais fácil e rápida de semear, de limpar a plantação, ou ainda as cantigas que embalam a lida.

b) Registro de encontro: Nesses registros, buscamos perceber se os sujeitos realizam as suas atividades cotidianas tendo por base os ensinamentos dos ‘\_mais velhos’, ou se levam em consideração as orientações de instituições que fomentam a agricultura familiar. Nem sempre as conversas desses encontros têm como assunto preferido as relações com o trabalho, pois em algumas ocasiões os sujeitos querem saber sobre assuntos que envolvam política, de preferência a política local, já que nas vezes em que estivemos no evento da cerimônia da Bata do Feijão, apareceu por lá um vereador ou o seu representante direto. Não foi possível saber de todos se as formas de realizar as suas atividades rotineiras têm origem nos tempos de infância, ou se alguém lembrou a eles. No entanto, nesses encontros podemos perceber de que formas as relações sociais das comunidades refletem essa memória dos antepassados, principalmente na utilização das ferramentas e dos modos de semear, plantar, manter a roça limpa e, por fim, na forma de agradecer ao divino pela boa colheita.

c) Produções textuais imagéticas: Apesar de não podermos contar com imagens de possíveis tentativas de produção de eventos semelhantes à Bata do Feijão, os participantes/visitantes enviaram as suas observações acerca do que viram no site/museu sobre as práticas sociais comunitárias criadas/produzidas nas comunidades em estudo, e

puderam também investigar a partir do que foi/é mostrado no museu, através de fotos, textos e vídeos, os quais possibilitam perceber se o que está sendo mostrado pelos sujeitos tem origem ancestral. E se isso pode ser sentido na cerimônia. Partindo da participação/visita de um estudante de comunicação, que chamaremos de José<sup>34</sup>, observamos que sim, pois ele assim nos diz

Fui criado no interior da Bahia. Mais especificamente na região sisaleira, onde certos padrões culturais são mantidos com maior longevidade do que nos grandes centros. Já tinha ouvido falar sobre a bata do feijão, inclusive, quando criança, já presenciei - uma única vez - meu avô, meu pai, e os vizinhos batendo o feijão nos passeios da rua da minha casa. Pude visualizar o museu de uma forma mais atenta. Juntamente com meu pai, ele pôde me falar mais sobre essa tradição.

E ainda, o participante/visitante Sr. Raimundo<sup>35</sup> afirma que<sup>163</sup>

Proposta maravilhosa! Achei incrível essa ideia de apresentar de forma virtual uma manifestação cultural tão rica que é a bata do feijão, principalmente aqui, na cidade de Feira de Santana-BA. Cidade na qual as pessoas parecem ter esquecido as suas origens. Parabéns a todos os envolvidos!

Depreendemos disso que o nosso museu cumpre a sua função de trazer à tona memórias acerca das práticas sociais comunitárias, na medida em que consegue com que pessoas de outras comunidades e até de outras culturas, possam realizar comparações com práticas sociais semelhantes.

d) Sugestões e críticas ao museu: Nos nossos registros foi possível observar que os participantes/visitantes conseguiram desenvolver textos que lembram produções semelhantes à cerimônia da Bata do Feijão, não foi possível saber se essas produções se realizam com os mesmos sentimentos de pertença às suas origens. O participante

36

Otoniel<sup>36</sup> relata que ao visitar o museu se conectou com tempos idos e fazeres idem, ou seja, o participante realizou uma experiência dialógica com os seus antepassados ao interagir no nosso museu, ele diz que

[...] online, traz uma sensação de algo familiar e com interação. Tive sentimentos duplos ao emergir no museu. Nostalgia e aprendizado. Se algumas culturas vêm sendo esquecidas, resta a projetos assim falarem delas com todo esse respeito.

Dessa forma, o nosso museu consegue trazer ao presente fatos e memórias de tempos passados em pessoas que já ouviram sobre outras práticas sociais, mesmo em outras

situações em que não podemos afirmar ser com intenção de apenas reviver ou que seja de ter saudade.

e) Análises de conversas informais com interessados: As nossas conversas com algumas pessoas que se interessaram pelo tema geraram novas propostas de melhoramento do museu, principalmente no aspecto ilustrativo do acervo. As sugestões variam da fachada do museu, até as claraboias que iluminam o ambiente. Tentamos nessas conversas auferir os conhecimentos desses interlocutores no que diz respeito se já viram ou ouviram falar de práticas sociais parecidas com as da Bata do Feijão, tendo como motivador dessas práticas sociais a ancestralidade e seu legado. Ou ainda práticas sociais comunitárias que evoquem algum ancestral.

PRINCÍPIO - (variável independente) - Socioconstrutivismo: Interação interatividade.

DESCRIÇÃO ELEMENTAR - Práticas e/ou instrumentos criados para oportunizar uma relação inter e intrapsicológica do sujeito com o contexto material e imaterial criados para oportunizar uma relação em que a fusão dos saberes/fazeres configurem-se em fazer coletivo. PERSPECTIVA ANALÍTICA (relativa à variável dependente MVBF).

a) Diário de campo: A busca por elementos que denotassem uma relação entre os saberes e fazeres comunitários, e a perspectiva de que esses saberes e fazeres sejam perenizados foi um dos principais aspectos das nossas primeiras visitas às comunidades. Observando os sujeitos nos seus afazeres domésticos ou não, intentamos com conversas sem objetivos específicos apreender as nuances desses saberes e fazeres. Não foi possível realizar uma investigação mais profunda em virtude de estar no início da pesquisa, e ter que informar aos sujeitos as minhas intenções nas comunidades e as possíveis devolutivas que ocorreriam, como de fato ocorreu. No entanto, ficou claro para nós que a comunidade vive em função do grupo e em estreitas relações entre si, vemos que há uma interação constante.

b) no Registro de encontro: Ao analisarmos os registros dos vários encontros que realizamos nas comunidades, nos pareceu que todas as realizações festivas ou não são realizadas interativamente, e de forma socioconstrutivista por natureza, não se fazem de forma

individual o que pode ser de forma coletiva. Isso foi percebido, também, pelo Sr. Antônio<sup>37</sup>, quando ele comentou que

Durante a cerimonia da Bata do Feijão são cantadas cantigas, que são feitas pelos próprios membros da comunidade. (também não sabia disso) – [...] contribuem para a formação dos sujeitos da comunidade na tentativa da perduração da tradição da Bata do Feijão. Não sabia disso também.

Então, se a criação das cantigas que embalam a lida na roça é objeto da interação dos sujeitos, na cerimônia isso se repete quando as *‘biateiras’* comandam o separar os grãos da palha, e os demais membros das comunidades produzem cantos, quadrinhas e rimas que parecem remontar aos períodos em que a escravidão perdurava em nosso meio. Mas não apenas cantos de sofrimento, pois *sapateia moreninha*, pode vadiar... evoca um tempo de festa e alegria, mesmo em meio a trabalho compulsório.

c) Produções textuais imagéticas: Apesar dos problemas que dificultaram o envio de produções imagéticas, os participantes/visitantes postaram suas observações em forma de texto e isso possibilitou uma análise dos seus recados. Como exemplo, a interações da aluna de pedagogia, que chamaremos de Roberta <sup>38</sup>, que assim nos disse

Os detalhes da explicação são excelentes e não deixa a leitura cansativa, a ideia do visitante entrar e guiar-se dentro do Projeto é ótima, pois dá uma liberdade para parar e ler à-vontade, voltar sempre que necessário. Algo que me chamou bastante atenção e gostei muito foi a inserção dos cantos de agradecimento e vídeos, isso compôs um belo trabalho e nos mostrou de forma visível como toda a teoria passada funciona.

Essa interação oportuniza a percepção das práticas sociais, ou a forma como são disponibilizadas, promove uma facilidade na apreensão do conhecimento. Pois, de acordo com MUCHACHO (2000)

Os museus podem ser mais atractivos para o público se disponibilizarem mais informação e entretenimento, ou a combinação dos dois – *edutainment*– constituindo um espaço atractivo com capacidade para alargar e multiplicar as experiências sensoriais e cognitivas que cada sujeito pode usufruir.

Assim, o acervo é disponibilizado para a efetiva realização dos sujeitos participantes/visitantes, constituindo-se numa ligação entre estes e os criadores do museu, de forma que a interação aconteça lúdica e confortavelmente.

d) Sugestões e críticas ao museu: As diversas manifestações registradas pelos participantes/visitantes contribuem para a operacionalização do museu e, principalmente nos elementos que por ventura tenhamos esquecido ou omitidos. Alguns elogiam, outros criticam, no fim das contas a interação embasa e permeia as relações existentes entre quem criou a solução pedagógica e os participantes/visitantes, objetivando sempre a produção, a difusão e o reconhecimento da nossa Bata do Feijão. Prática social comunitária, rural, produzida pelos intelectuais orgânicos das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú. Configurando-se na mais autêntica, original e simples manifestação social que representa os membros destas comunidades. Corroborando conosco, a participante/visitante D. Paulina<sup>39</sup>, afirma que

Caso possa, inclua fotos ou filmagem deles em degustação do feijão. Assim você estará ilustrando e explicando aos que ainda não conhecem que comer aquilo que foi obtido pelo próprio suor torna-se mais agradável.

Portanto, cada manifestação que é postada em nossa página na internet tem um tratamento especial como se fosse a primeira. Pois elas contribuem não apenas para o melhoramento do nosso museu, mas, e em especial, para a formação do cidadão que acessa o site e também de todos aqueles que leem o trabalho escrito.

Análises de conversas informais com interessados: Os registros analisados das conversas que tivemos com diversas pessoas e em diversos espaços nos habilitam a confirmar que o trabalho que ora finaliza essa etapa, contribui no incremento dessa solução pedagógica e nas etapas que se seguem. Pois, todos os nossos interlocutores nos levaram a refletir acerca das fases do trabalho, desde as primeiras leituras sobre o assunto, passando pelo incentivo teórico, e chegando ao final da primeira etapa do museu. Em especial um técnico da área de informática, o caro Rodrigo<sup>40</sup> que fez uma relação de sugestões:

- 1- Colocar legenda nas fotos da galeria
- 2 - O link do facebook agora tá funcionando, mas e o do twitter? Ou põe pra funcionar o twitter ou retira da página (pra não ficar lá só de enfeite).
- 3 - Compactar o arquivo do museu 3D pra tentar reduzir um pouco tamanho e facilitar o download.
- 4 - Alterar a fonte do "Bem vindo" que não está muito legível.
- 5 - Alterar a velocidade da apresentação do 3D pra que o usuário possa ler as legendas e prestar atenção nos detalhes. Mas a mudança q foi feita já melhorou.

### 6.3 ANÁLISE GERAL

Dessa forma, de modo geral, observamos que as comunidades do Ovo da Ema e Tiquaruçú conseguiram o intento, pelo menos até onde essa primeira etapa de aplicação permitiu, em promover o (re) conhecimento das suas práticas sociais, neste caso a Bata do Feijão, bem como da efetivação dos objetivos que realizaram a difusão e a conservação do traço cultural herdado e mantido pelos sujeitos das comunidades.

Ainda, a efetivação de um instrumento que pudesse auxiliar na transmissão de uma herança que se vê às voltas com a crescente necessidade de criar formas de permanência, aceitação e reconhecimento enquanto cultura, nesse disputado mundo cultural, lutando contra as diversas formas de hegemonia, sejam elas culturais, mercantis ou ainda tecnológicas. Luta esta que requer a utilização de métodos e instrumentos que proporcionem o alcance dos objetivos propostos.

#### 6.3.1 PRINCÍPIOS NORTEADORES: Ação e efeito

Ação - Buscamos perceber o quanto a cerimonia da Bata do Feijão ocorre numa perspectiva de resistência cultural e de acordo com o que prevê a abordagem metodológica escolhida, a DBR, possibilitando aos participantes/visitantes do museu virtual o sentimento de pertença, e ainda, se houve uma compreensão do processo que a envolve oportunizando a busca por uma aproximação dos/com membros das comunidades.

Os princípios adotados por nós, que abaixo discriminamos, foram escolhidos com o intuito de obtermos resultados que oportunizassem o êxito da pesquisa. São eles: Construção

Contra Hegemônica;

Filósofo de si mesmo;

Entendimento de integração ao contexto;

Espaço/Lugar/Território;

Comunidades de Práticas;

Museu Virtual;

Tecnologia Social;

Simulação/simulacro;

Polifonia;  
Dialogismo;

#### SOCIOCONSTRUTIVISMO: Interação - interatividade.

Efeito - Os princípios norteadores referidos acima nos mostraram que foram fundamentais para os diferentes participantes/visitantes, desenvolverem diferentes sentimentos acerca da cerimonia, e em especial ao processo que não aparece em apresentações de eventos que se assemelham à cerimonia das comunidades em estudo, que avaliamos terem sido positivamente oportunos para o nosso intento, tendo por base as diversas interações que oportunizamos serem vistos pela primeira vez, mesmo para aqueles que moram, e até aos que nasceram na região em estudo, a representação da sua comunidade.

Foi possível também identificar nas interações, embasadas nos princípios, que os elementos de reconhecimento das formas de produção/criação da cerimonia, das suas diversas etapas, e dos aspectos singulares do processo. Constatamos ainda que poucos participantes conheciam as principais formas de plantio do cereal, e que estas obedecem à dinâmica do clima e ao modo historicamente aprendido/ensinado. E esse aprender/ensinar impõe, também, as formas de construir as habitações que obedecem a um critério ancestral, tendo por base a solidariedade na produção de bens comuns, e também na formação do sujeito solidário.

Os princípios possibilitaram aos participantes/visitantes que o comer não é meramente fisiológico. Esse Comer ganha força ainda mais quando esse fisiológico transcende o seu objetivo e age como cimento de amalgamento social. Efetivou-se ainda, nas interpretações dos princípios, a aprendizagem da cultura do grupo social, a qual está assentada nas formas de interação/produção dos elementos que a compõe, e que pode estar relacionada com os seus ‘\_divinos’.

A abordagem metodológica DBR, viabilizou a integração entre os saberes empíricos e acadêmicos com os respectivos sujeitos detentores. Pois cremos que a relação entre esses sujeitos demanda um conhecimento prévio do contexto a ser pesquisado, e a sua posterior imersão neste, tendo como produto uma socialização dos saberes e fazeres, e ainda o reconhecimento dessa prática por todos os sujeitos culturalmente interessados na valorização da cultura brasileira, e não apenas na parte que é ‘\_conhecida’ pela indústria editorial.

Nas comunidades pesquisadas, tivemos alguma dificuldade em virtude da realização de trabalhos anteriores de outros pesquisadores, nos quais os sujeitos das comunidades relataram terem sido ‘usados’ por aqueles que vieram, levaram e nada deixaram. Levaram o saber e o fazer das comunidades para a academia, e lá deixaram.

Os sujeitos das comunidades da nossa pesquisa produzem uma cerimonia de agradecimento ao divino, que remonta a tempos pouco precisos. Imprecisos, mas de fato refletem a vivência, a solidariedade e uma forma de aprender e ensinar com fortes traços socioconstrutivistas, dialógicos e polifônicos, já que aprendem e ensinam da forma mais original que possa existir, nos fazeres. A ancestralidade se faz presente nesses momentos de produção e transmissão dos ensinamentos daqueles que criaram e deixaram como legado aos seus descendentes.

### 6.3.2 MUSEU VIRTUAL DA BATA DO FEIJÃO: um protótipo em aperfeiçoamento

A solução pedagógica pensada, construída e aplicada numa plataforma virtual 3D, denominada de Museu Virtual da Bata do Feijão, pelas comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, comunidades integrantes do município de Feira de Santana - Ba. Intentou estabelecer uma ‘ponte cognitiva’ entre uma prática social histórica e ancestralmente produzida por aqueles que iniciaram a criação de uma microrregião no sertão baiano e os descendentes dos primeiros habitantes do lugar, visando à difusão e conservação da referida prática.

Acreditamos que a proposta da solução pedagógica cumpriu o papel a que foi destinada, respeitando os preceitos da abordagem metodológica escolhida, e tendo as dificuldades inerentes a uma ideia inovadora que depende de tecnologia igualmente recente que traz consigo necessidades de adequação das máquinas de acesso à mesma. Essas dificuldades, já citadas por nós nesse trabalho, após o fim desse primeiro ciclo de estudo e preparação da aplicação da solução será vista e reaplicada, com as sugestões, críticas e as diversas colaborações acolhidas que incluiremos nas aplicações posteriores.

Nas futuras reaplicações do nosso museu virtual, já elaboramos uma linha de atuação pensando na melhoria e ampliação do mesmo. A melhoria assenta-se produção de

elementos comuns aos habitantes das comunidades à época aproximada do início da Bata do Feijão, tudo isso baseado nos relatos das pessoas que há mais tempo participam da cerimônia. Avaliaremos também a inserção de um (a) narrador (a) no percurso da visita, objetivando uma interação em tempo real com possibilidades de uma (re) construção desses saberes e fazeres das comunidades, contando com a colaboração de sujeitos que residam em outras comunidades, e de preferencia de culturas diferentes.

Quanto à ampliação da nossa solução pedagógica, Já estamos em contato com pessoas que moram próximas as comunidades e que desenvolvem habilidades extras à cerimônia da Bata do Feijão, como escritores, pintores, poetas, atletas entre outras habilidades que não contem com o apoio e/ou reconhecimento dos poderes constituídos, mas que precisam de um espaço de difusão do seu trabalho, produzido no formato que comparamos àquele em que Gramsci denomina de intelectual orgânico, o qual entendemos como sendo aquele sujeito reconhecido mais pela função social que ocupa ou aquele que organiza a cultura de seu grupo social.

### 6.3.3 AÇÃO + EFEITO =

As participações/visitas no museu virtual superaram as expectativas período de 20/03/2017 a 20/05/2017 ultrapassam os 1,248 acessos. Desses, visitantes, uma parcela generosa foi de pessoas ligadas ao ensino e aprendizagem escolar. No âmbito do ensino e aprendizagem, os três níveis acessaram o museu e deram a sua contribuição, e melhor, relataram ter aprendido muitas coisas acerca do lugar que vivem, dos primeiros povoadores da Região, dos costumes que nos dias de hoje povoam o imaginário feirense e, principalmente da cerimônia que é objeto de nossa pesquisa. Os acessos variaram de gênero, faixa etária, nível intelectual, ideologias políticas, religiosas e até mesmo filosófica.

Como já dissemos no início da nossa análise, no item 6.3.1, nem todas as pessoas conseguiram enviar comentários acerca da participação/visita ao museu da Bata do Feijão, mas os resultados são animadores na medida em que realizaremos outra (s) aplicação (ções) objetivando a melhoria e ampliação do mesmo.

O nosso alento acerca do final do mestrado, que finda-se na defesa da dissertação, é que continuaremos disponibilizando as escolas, visto que as escolas que inicialmente

escolhemos como primeiras aplicadoras da solução, ainda não dispõem de aparato tecnológico compatível com a plataforma que roda o museu. Outro dado que nos motiva a continuar a aplicação da solução pedagógica no formato 3D é que, foi disponibilizado em outras escolas, principalmente aquele que trabalhamos, e foi um aporte significativo nas aulas de História local e Artes.

Portanto, o —produto<sup>4</sup> resultante da nossa pesquisa, que congrega a abordagem metodológica DBR, os princípios norteadores da pesquisa e, fundamentalmente os saberes e fazeres das comunidades sujeitos/objetos do nosso estudo configurou-se numa ferramenta essencial na transmissão, difusão, (re) conhecimento, conservação e valorização de uma prática social oriunda das comunidades rurais do município de Feira de Santana - Ba. Contribuindo assim com o fortalecimento da ancestralidade do povo feirense, e a sua consequente aceitação por parte daqueles que desconheciam, e por isso não davam o real valor a ela.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou o desenvolvimento de uma solução pedagógica, um Museu Virtual, que possibilitasse a difusão e a conservação do traço cultural característico das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, povoado e distrito do município de Feira de Santana – Ba. ambas produtoras de feijão, A Bata do Feijão. A solução pedagógica escolhida, o museu virtual, tem, entre as diversas possibilidades, a de proporcionar a utilização dos princípios Socioconstrutivistas, necessários aos objetivos propostos pelas comunidades colaboradoras da mesma.

Em nosso Draft<sup>12</sup>, optamos por buscar responder a alguns questionamentos que nortearam a pesquisa. O primeiro deles se refere à de que forma uma geração pode sentir-se pertencente ao seu grupo social? A segunda, Como as escolas municipais Manoel F. Cundes e Joanita Mota, nas comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, respectivamente, podem se instrumentalizar para a socialização dos saberes e fazeres construídos além de seus muros? E o terceiro, como um museu virtual pode contribuir para o processo de apropriação da memória comunitária do povoado de Ovo da Ema e do distrito de Tiquaruçú – Feira de Santana?

A adoção da abordagem metodológica DBR (Design Based-Research) – que traduzida livremente podemos chamar de Pesquisa em Desenvolvimento - para a produção da solução que se deu em virtude das suas potencialidades advindas da interação do pesquisador, ou melhor, da imersão deste na comunidade com vistas a perceber as nuances das comunidades, bem como das singularidades dos sujeitos, que colaboraram desde o primeiro momento do nosso trabalho.

Portanto, os documentos analisados referentes à história da cidade forneceram os elementos fundamentais para a construção do Museu Virtual da Bata do Feijão, que foram agregados às diversas histórias contadas por pessoas que viveram com aqueles que habitavam a região à época, e converteram-se em elementos do museu.

---

<sup>12</sup>Resumo do trabalho inicial.

Ao longo do texto realizamos a coleta de informações que proporcionaram o conhecimento de alguns hábitos, em especial os alimentares, que acreditamos ter contribuído para a origem da cerimônia da Bata do Feijão, entre esses hábitos, o de se alimentar com alguns grãos, dos quais o feijão parece ter sido um dos principais.

Pesquisamos ainda de que o milho e a mandioca foram os protagonistas da alimentação colonial, e por conta disso estão no topo da pirâmide alimentar dos habitantes da região. Mas, observamos também que isso parece não ter tirado a primazia do feijoeiro em se tornar objeto de uma cerimônia que atravessa os espaços, o tempo e as gerações, visto que desde que o cultivo do feijão foi introduzido no cardápio dos então habitantes da nossa região, que há notícias de algum tipo de cerimônia que faça do grão a estrela principal do evento.

No decurso da nossa pesquisa descortinamos ainda histórias da história do povoamento da região que compreende o município de Feira de Santana, e os porquês da escolha desse território para a construção da Estrada Boiadeira, que ligava a então Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu aos estados do Piauí e Goiás, para o transporte do gado.

Os dados analisados a partir dos princípios norteadores oportunizaram o alcance dos objetivos propostos no museu virtual, os quais visavam à estruturação de um instrumento pedagógico, na forma de um museu virtual, que possibilitasse às comunidades em estudo a difusão e a conservação dos saberes e fazeres historicamente construídos.

Quanto aos objetivos específicos, que entendemos concorreram para a obtenção do êxito da pesquisa trazendo dados acerca das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú quanto à produção da cerimônia da Bata do Feijão, além dos inúmeros documentos que possibilitassem a apropriação de informações auferidas nos instrumentos de análises propostos na nossa metodologia. Realizamos também a verificação da participação dos membros das comunidades no evento, bem como o nível de conhecimento destes acerca da origem do mesmo. Os objetivos específicos ainda possibilitaram a análise do ritual nas comunidades e o seu reconhecimento enquanto traço representativo do grupo social.

Percebemos que o índice de assimilação do traço cultural, bem como do sentimento de pertencimento ao grupo, e conseqüentemente de produtor e responsável pela manutenção e difusão deste, teve, a partir da aplicação da nossa solução pedagógica um aumento significativo, principalmente quando realizamos a interpretação dos dados a partir dos princípios norteadores do museu virtual. Obtivemos ainda elementos que possibilitaram uma aproximação entre os principais interlocutores do processo de interação proposto, os participantes/visitantes do museu e os criadores/produtores da cerimônia, na medida em que essa aproximação rendeu frutos na ‘árvore cognitiva’<sup>42</sup> - ousamos criar um neologismo para o desfecho do processo em que cada um dos sujeitos envolvidos no processo tenha demonstrado adquirir algum conhecimento acerca da cerimônia [...] cognição é um termo usado por psicólogos para se referir à atividade do saber e aos processos mentais pelos quais o ser humano adquire e usa o conhecimento [...]. O processo cognitivo que nos ajuda a ‘entender’ e nos adaptar ao ambiente inclui atividades tais como a atenção, a percepção, a aprendizagem, o pensamento e a memória[...] eventos [...] que caracterizam a mente humana.

Os resultados, advindos da aplicação do museu virtual propiciaram a difusão dos saberes/fazeres comunitários, do fazer coletivo em que o desenvolvimento da aprendizagem planejada, organizada e validada pelo sujeito contribuiu para a melhoria das relações, e ainda configurou-se num aparato de luta coletiva, que protegerá as comunidades envolvidas na pesquisa das influências/imposições advindas de teorias hegemônicas generalistas, bem como da possibilidade de ocorrer a descontinuidade de uma representação social que reflete a identidade daqueles que professam a sua fé através das cerimônias semelhantes à Bata do Feijão.

Esses resultados propiciarão ainda, fonte para futuros trabalhos acerca da região e suas singularidades, de preferencia com a utilização da abordagem que proporciona o reconhecimento dessas singularidades na prática, sentido e vivendo. Contribuindo ainda com a produção de conhecimentos acadêmicos advindos da conciliação dos saberes e fazeres oriundos da empiria individual e coletiva, historicamente produzidos.

## 7.1 ANÁLISES

Por fim, nesse item, a partir dos resultados obtidos a partir dos dados coletados, analisados e interpretados na página do nosso museu virtual na web, e as consequentes e importantes participações das comunidades, nos foi possível perceber o quão desconhecido era o traço cultural representativo das comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, as quais cultivam feijão e realizam a colheita desses grãos de forma festiva e agradecendo ao divino pela fartura destes. Ainda, sentimos a falta na escola, como colocamos no problema de pesquisa, de instrumentos que pudessem auxiliá-la no empreendimento de realizar a sua função socializadora de propagar uma prática social comunitária. Este desconhecimento nos deixou perplexo, pois foi constatado que pessoas que moram, e até aquelas que nasceram no município desconheciam, ou pelo menos não sabiam que a Bata do Feijão se realiza a partir de um processo que envolve muito mais que apenas um lugar para semear, depois colher e bater os grãos. Envolve os saberes e fazeres historicamente construídos e transmitidos de geração a geração, mesmo que essa transmissão custe alto.

Os resultados das interações dos participantes/visitantes, a despeito dos problemas técnicos oriundos da complexidade da plataforma utilizada, 3D, que de acordo com os experts da área, é um recurso extremamente estimulante, porém muito pesado para alguns computadores, o que dificultou o download em algumas máquinas. Problema esse em fase de resolução, que acreditamos solucionar na próxima aplicação do museu, facilitando a sua execução na etapa posterior das fases elencadas pela abordagem metodológica adotada pelos produtores/criadores da solução pedagógica.

Ao final dessa etapa do projeto, e da fase 3 da abordagem metodológica escolhida por nós, a DBR<sup>43</sup>, que contempla os ciclos interativos de aplicações outras que se fizerem necessárias, nos ajudou na reflexão com vistas a produzir análises das interações dos participantes/visitantes que irão melhorar as próximas aplicações da solução pedagógica. Foi possível também percebermos que os sujeitos das comunidades pesquisadas, bem como visitantes de outras cidades, estados e até outros países, deram a sua contribuição ao evento, na medida em que as suas sugestões, críticas e principalmente os comentários ofereceram

caminhos e instrumentos que auxiliarão na adequação da cerimônia aos novos meios tecnológicos de difusão do mesmo e a sua posterior conservação nos meios escolares.

A adequação suscitada acima nos remete à resolução dos problemas técnicos advindos da plataforma 3D que abriga o acervo, bem como das diversas sugestões de inclusão ou exclusão de elementos que compõem o museu virtual. Procedimentos esses que, mesmo findados nesse nosso período de estudos e aplicações do museu ainda no período do mestrado, continuarão a fim de cumprir as etapas e fases da abordagem DBR, principalmente quando estas propiciam um melhoramento do trabalho, objetivando um alcance ainda maior da cerimônia em estudo.

Pretendemos dar prosseguimento ao projeto objetivando o alcance além das fronteiras municipais, estaduais ou nacionais, de difusão, conservação e, de forma mais contundente, a transformação da solução pedagógica em ferramenta de ensino e aprendizagem da cultura local e a sua conseqüente inserção no calendário cultural feirense, baiano, brasileiro e, quiçá de todo e qualquer organismo de fomento à cultura do planeta. Além disso, as diversas contribuições do nosso trabalho disponíveis aos mais diversos segmentos da sociedade, como demonstramos a seguir.

## **7.2 CONTRIBUIÇÕES**

As transformações oportunizadas pelo museu, com o auxílio do aparato científico aplicado à pesquisa, aqui representadas pelos princípios norteadores da pesquisa produzidos à luz das teorias gramsciana, vygostskyanas e com a abordagem metodológica DBR, comunidades, assim como ocorreu com o povoado de Ovo da Ema e com o distrito de Tiquaruçú, contribuindo assim no efetivo êxito de propostas que tenham o cunho coletivo e que sejam construída e aplicada da mesma forma.

Pois, de acordo com os dados levantados propiciaram o conhecimento, e até mesmo o reconhecimento por parte dos participantes/visitantes e da comunidade local através da imprensa local, da prática cultural e a sua conseqüente difusão entre vizinhos e

demais sujeitos que tiveram acesso ou ouviram na emissora de rádio da cidade. Quanto à conservação do mesmo, as replicações da solução pedagógica, o museu virtual, poderá demonstrar esse alcance nos dados a serem coletados futuramente.

As conquistas oriundas desse estudo, que contribuíram no desenvolvimento de novas formas, ou até mesmo do melhoramento das atuais, de ensino e aprendizagem, na medida em que os seus resultados demonstraram que num dado momento histórico, espaço geográfico e tecnológico, uma solução pedagógica que agregue conhecimento e ludicidade seja uma opção, para a efetiva (re) inserção do traço cultural no cotidiano escolar e social dos sujeitos. Principalmente quando nos referimos a aspectos do evento que demandem a percepção dos sentidos atribuídos à esta prática social, à participação dos sujeitos que habitam o entorno das comunidades, em especial àquelas em as políticas de gêneros são potencializadas e aos sujeitos pensantes da cultura. Sentidos estes que, quando compreendidos facilitam e organizam as relações sociais e institucionais.

O museu virtual, como foi demonstrado nas participações/visitas recebidas, ultrapassando quinhentas, possibilitou-nos a percepção do alcance que tem essa solução pedagógica. Essas participações/visitas ocorreram sempre acompanhadas de relatos, sugestões e, principalmente a surpresa em saber que o traço cultural, eminentemente local, existe ali ao lado da minha casa.

Dessa forma, o nosso estudo proporcionou o desenvolvimento das potencialidades da teoria aplicada às pesquisas de cunho social, lastreada na solução escolhida pelas comunidades, na medida em que as discussões acerca da escolha da abordagem metodológica foram exitosas, e ainda proporcionou a ‘leitura’ dos sentidos atribuídos à prática social, favorecendo a outros estudiosos a reaplicação de um museu virtual construídos nas bases teóricas socioconstrutivistas e tendo como abordagem metodológica a DBR.

Ao proporcionar as distintas interpretações e inferências acerca das também distintas participações/visitas ao museu, ficou patente que o traço cultural a Bata do Feijão teve uma ascensão no que tange a ser conhecido, e reconhecido no território o qual ocorre. Essas interações proporcionadas pela comunidade externa, também contribuiu na produção

da solução pedagógica, ao servir de estímulo às alterações pelos sujeitos produtores, ocasionando a possibilidade de perceber/sentir os efeitos que a solução pedagógica escolhida, o nosso museu virtual, proporcionou na busca do alcance dos objetivos propostos, quais sejam: difundir e contribuir para a conservação do mesmo.

Realizações estas que forma oportunizadas, através da solução pedagógica, a partir do que ela oferece, ao reunir dois fatores essenciais à aprendizagem: A informação em veículo atual e de fácil acesso, além de contar com o entretenimento conduzindo o conhecimento. Formas estas que de acordo com Muchacho (2000) salienta ser a disponibilização de informações acompanhadas do entretenimento, ou ainda a combinação dos dois, naquilo que ela denominou de edutainment.

Assim, a solução pedagógica além de contribuir no alcance dos nossos objetivos, ela proporcionou a abertura de novas formas de ensino e aprendizagem na transformação de uma realidade que insiste, pelo menos indiretamente, ao colocar o traço cultural característico das comunidades produtoras de feijão, a Bata do Feijão, disponível para as comunidades de Ovo da Ema e Tiquaruçú, e demais pessoas interessadas no (re) conhecimento de formas de representação das práticas sociais comunitárias que existem e são parte de mim, de você, enfim de todos nós.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia. Tradução da 1ª Ed. Brasileira**, Alfredo Bosi. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, MG. **Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, A., org. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações [online]**. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 313-336. ISBN 978-85-232-1189-9

ABREU, R (orgs). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa / Programa de Pós Graduação em Memória social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil).

ARAÚJO, Daniel Féo Castro de. VIEIRA, Mauro Machado .**DIÁLOGOS CULTURAIS: CONECTANDO OS SABERES DA COMUNIDADE RURAL COM A ESCOLA RURAL. Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural. Textos Completos**. Realização Curso de História – ISSN 2178-1281

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

BAKHTIN, M. Os **gêneros do discurso (1952-1953)**. In.: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326 . O problema do texto (1959-1961). In.: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão

Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 327-358. **Problemas da poética de Dostoiévski (1929)**. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra.

\_\_\_\_\_, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

\_\_\_\_\_, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Claudia M. A. Mendes. **A aprendizagem mediada por TIC: Interação e cognição em perspectiva**. Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco. V. 11- 2012.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma Sociologia das Interpretações de Civilizações**. São Paulo: Pioneira, 1971. In: SILVA

Elizeteda. Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana – Feira de Santana: Editora da UEFS, 2010. 232 p.

BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social Nordeste...** Universidade Federal de Pernambuco – UFP. 2007.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005. CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**, Sao Paulo, Edusp, 2003.

BJORKLUND (2009) , DF. *Children's thinking: Developmental function and individual differences*. In: SHAFFER, David R. *Psicologia do desenvolvimento: a infância e adolescência*. Trad. Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Cengage Learning, 2009, p 217-257.

BATISTA, C. M. **Memória e identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Caderno Virtual de Turismo, vol. 5, n. 3, p. 27-33, Rio de Janeiro, UFRJ, 2005. FLORES, M. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento: uma visão do estado da arte. RIMISP. Territórios com identidade cultural, São Paulo, 2006.

BÉRGSON, Henri. **Matéria e memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Martins Fontes. São Paulo, 1999

.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1987

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização** – São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: Leituras operárias**. Petrópolis, Vozes, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal)** – 2. ed. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96**

BRITO, Sandra. **Embrapa Milho e Sorgo**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/13242210/sorgo-e-rico-em-nutrientes-e-antioxidantes-aponta-pesquisa>. Acesso em 22 de janeiro de 2015.

BUSATTO, C.. **A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e Ciberespaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CANEN E XAVIER, **Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas.** Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 48 set.-dez. 2011.

CALDEIRA, Jorge. **A Nação Mercantilista.** São Paulo. Ed. 34. 1999. 416 p.

CAMARA CASCUDO, Luis da, **História da Alimentação no Brasil: pesquisa e notas,** Belo Horizonte, Itatiaia, 1983.

\_\_\_\_\_ (e outros), **Antologia da alimentação no Brasil,** Rio de Janeiro, LTC, 1977.

CAMARGO, Leonardo Pellegrinello. **Sobre a condição humana no pensamento de Hannah Arendt e Karl Marx. Griot** – Revista de Filosofia v.8, n.2, dezembro/2013.

CARNEIRO, Henrique S., **Comida e sociedade. Uma história da alimentação,** Rio de Janeiro, Campus, 2003.

CATANI, Afrânio Mendes. Pereira, Gilson R. de M. **Espaço social e espaço simbólico: introdução a uma topologia social. Perspectiva.** Florianópolis, v.20, n. Especial, p. 107-120, jul./dez.2002.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **A emergência da lógica da —Convivência Com o Semiárido e a construção de uma nova territorialidade In: Educação para a Convivência com o Semiárido Árido: Reflexões Teórico-Práticas.** Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido, Selo Editorial-RESAB, 2006

CERTEAU. M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 3. ed. Petrópolis: vozes, 1998

CERICATO. Jacinta. (org.) **Datas Comemorativas - Cívicas e Históricas, Paulinas Editora,** 2008.

CHAGAS, M.S. **A radiosa aventura dos museus. In: DODEBEI, V; \_\_\_\_\_ A imaginação museal: Museu, memória.** Rio de Janeiro: MinC/ IBRAM, 2009. 258 p. **COTIDIANO E LUGAR: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino.** Silva, Mary Anne Vieira 57. **Dicionário de Conceitos Históricos - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henriques Silva – Ed.** Contexto – São Paulo; 2006.

DAMETTO, Jarbas. **Por uma leitura foucaultiana da educação.** Saber acadêmico – Revista Multidisciplinar da Uniesp, Presidente Prudente, n° 5, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista5/pdf/24.pdf>> Acesso em: 27 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. SOLIGO, Valdecir. **Sujeito e disciplinamento: contribuições de Michel Foucault para pensar a educação formal.** Travessias - Revista da Universidade Estadual Oeste do Vale do Paraná, Cascavel, vol.3, n° 1, 2009. Disponível em: [www.unioeste.br/travessias](http://www.unioeste.br/travessias) > Acesso em: 27 out. 2011.

DOURADO, Luiz Fernandes. Moraes, Karine Nunes. Oliveira, João Ferreira. **Função Social da Escola. Políticas e Gestão na Educação.** Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4-salapoliticagestaoescolar/pdf/saibamais8.pdf> Acesso em: 29 de setembro de 2013. Às 23:35.

FEATHERSTONE, Mike, (1997). **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade.** São Paulo: Studio Nobel.

FERREIRA, Agmar Gonçalves. **caracterização morfológica, citogenética e palinológica de genótipos de feijão-vagem** Phaseolus vulgaris L. (FABACEAE). Jaboticabal, SP. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** 21. ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1996.

FESTEJOS, Feirenses. <http://lenidavid.com.br/?tag=tracos-culturais-de-feira-de-santana>. Acesso em 31/01/2016.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976).** Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. **Autonomia da escola: princípios e propostas.** 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GALVÃO, Renato de Andrade. **Os povoadores da região de Feira de Santana.** Sitientibus: Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana. Vol. 1, n. 1, p. 25-31, jul.-dez. 1982.

GARCÍA CANCLINI, Néstor, (1990). **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad.** México: Grijalbo.

GATTI, Bernadete Angelina. Barreto, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** – Brasília: UNESCO, 2009. 294 p.

GEERTZ, Clifford. **A arte como sistema cultural. O saber local: novos ensaio em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 142-181.

GIDDENS, A. **The consequences of modernity.** Cambridge: Polity Press, 1990.

GIMENO SACRISTÁN, José, (2001). **A educação obrigatória.** Porto Alegre: Artmed.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice,

GIROUX, Henry; SHUMWAY, David; SMITH, Paul; SOSNOSKI, James. **The Need for Cultural Studies: Resisting Intellectuals and Oppositional Public Spheres.** In: Jessica Munns and Gita Rajan (orgs.). *A Cultural Studies Reader: History, Theory, Practice*, 1995, s. 647-Available from: <http://eserver.org/theory/need.html>

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere - Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b. 428 p. v. 3.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história.** 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. (v. 12). (p. 3do trabalho)

GRAMSCI, A. **Escritos Políticos.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 4ª Ed. Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere: introdução ao estudo da filosofia e a filosofia de Benedetto Croce.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere: temas de cultura, ação católica, americanismo e fordismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b. v. 4.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere: o Risorgimento, notas sobre a história da Itália.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a. v. 5.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere: literatura, folclore, gramática.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b. v. 6.

GRINSPUN, M. P. S. Z. **Educação Tecnológica**. In \_\_\_\_\_ (org.). Educação Tecnológica: desafios e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.25-73

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pos modernidade**, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Estudos culturais e seu legado teórico**. In: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, pp. 199-218.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.  
HELLINGER, Bert. Constelações Sistêmicas. Palestra proferida por Bert Hellinger, em S. Paulo, Agosto de 1999 em original manuscrito. Tradução: Anand Udbuddha (Newton Queiroz), Rio de Janeiro. Caldas Novas. Novembro de 2000. Disponível em: <http://www.ndhet.com.br/constelacao1.html#/> Acesso em 15/11/2015.

HENRIQUES, Rosali – **Museus Virtuais e Cibermuseus: A internet e os museus**. Portugal, 2004.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/cachoeira.pdf>. 20 de abril 2016, as 21h01min.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. In: LE GOFF, J. História e Memória. Campinas: Ed.da Unicamp, 1990, pp. 366-419.

LE GOFF, Jacques. **Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória**. In: BITTENCOURT, Circe (Org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p.139 e 138, respectivamente.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Tradução de Carlos Irineu da costa. Rio de Janeiro:34, 2000. 320p.

\_\_\_\_\_. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Ed.34, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da costa**. São Paulo:34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual. Tradução de Paulo Neves**. São Paulo: Ed. 34, 1996. (coleção TRANS).

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 5 ed. Goiânia: Editora alternativa, 2004.

LIMA, Joaquim Pacheco. **Os aparelhos privados de hegemonia possível e impossível na sociedade contemporânea: abordagem gramsciana sobre a relação Estado e sociedade civil**. Revista Espaço Acadêmico. Nº. 134 – Julho de 2012 Mensal. Ano XII. ISSN 1519 – 6186.

LIMA JR. A.S. **Tecnologias inteligentes e Educação: currículo hipertextual**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

LIMA, Ari. **O método é heterodoxo, o sujeito é posicionado. A pesquisa é possível? In: A Cor das Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana**. — N. 1 (1997)-. — Feira de Santana: UEFS, 1997-. v. ; il., 21,5 cm.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno**. 3ª ed. José Olimpo. 1988.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares do pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAGALDI, M.B. **Navegando no museu virtual: Um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu**. Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio– PPG-PMUS-Mestrado em Museologia e Patrimônio UNIRIO / MAST - RJ, Fevereiro de 2010

MARQUES, Ana Rosa. FERNANDES, Maria L. Bueno. BEZERRA, José F. R. SILVA, Quésia D. **Abordagens sobre o território e a territorialidade das comunidades sertanejas do cerrado da chapada das mesas/ ma**. Campo-território: revista de geografia agrária, v. 9, n. 19, p. 472-507, out., 2014.

MATTA, Alfredo E. Rodrigues. **Tecnologias para a colaboração**. Cadernos cemarx, nº 2. 2005.

\_\_\_\_\_. Silva, Francisca de P. Santos. Boaventura, Edvaldo. Machado. **Design-based reserach ou pesquisa de desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século xxi**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade. Salvador. v. 23, n. 42. p. 23-36. Jul – dez. 2014.

\_\_\_\_\_. **Tecnologias de Aprendizagem em rede e ensino de História– utilizando comunidades de aprendizagens e hipercomposição**. Brasília: Líber Livro e Editora. 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas** (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MASETTO, Marcos T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 12 ed. Campinas: Papirus, 2000. 173p.

MAXADO, Franklin. **Album**, Edições Cordel, 2ª edição, 1968

\_\_\_\_\_. E RAMOS, João Crispim. **Folheto de Cordel: Feira de Santana tem sua Casa do Sertão na UEFS**, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória e identidade**. In: **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005, pp. 59-88.

MONTENEGRO, Antonio Torres. (1997), —**História Oral e interdisciplinaridade. A invenção do olhar**. In: **SIMSON, Olga de Moraes Von. Os desafios contemporâneos da história oral – 1996**. Campinas: CMU/Unicamp, pp. 197-212.

\_\_\_\_\_. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23

MORIN, Edgar. **O Método 5: A humanidade da humanidade. A identidade humana**. Trad.

Juremir Machado da Silva. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MIRANDA, Rose Moreira de. **Informação e sites de museus de arte brasileiros: Representação no ciberespaço**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – IBICT, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001

MOITA LOPES, (Org.). **Discursos de identidades. Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras. 2002.

MONTEIRO, L. **A Internet como meio de comunicação: possibilidades limitações**. Disponível em: <<http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/comunicacaovirtual/0158.pdf>>. Acesso em: 24. Set 2012.

MUCHACHO, R. **O Museu Virtual: as novas tecnologias e a reinvenção do espaço on line museológico.** In: Biblioteca de Ciências da Comunicação. ISS1646-3137 em:SOPCOM2005.Disponívelhttp://www.bocc.ubi.pt/\_listas/tematica.php?codtema=77. Acesso em 31. mai de 2011.

MVBF - **Museu Virtual da Bata do Feijão.** www.museuvirtualdabatadofeijao.com.br

OLIVEIRA, Ana Maria C. dos S. e REIS, Isabel C. F. dos (orgs.). **História Regional e local: discussões e práticas.** Salvador: Quarteto, 2010

ORÍÁ, Ricardo. **Memória e Ensino de História / O saber histórico na sala de aula.**

OTT, Carlos, **Índios da América do Sul - Bahia - Cultura material: Bahia – Antiguidades:Religião e mitologia.** Salvador-Ba: Bigraf, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POPPINO, Rollie **Edward.** Feira de Santana. Ed. Itapuã. 1968

REVISTA ÁGORA, Vitória, n.4, 2006, p. 1-17. **Intelectuais orgânicos e contra-hegemonia.**

LINO GERALDO RESENDE. **rituais e povos.** Disponível em: [http://www.rituais.com/Paginas\\_I/Povos\\_e\\_Culturas.htm](http://www.rituais.com/Paginas_I/Povos_e_Culturas.htm) Acesso em 12 de abril de 2015, as 21h00min.

ROUSSEAU, Jean Jacques – **Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens /** Jean Jacques Rousseau; [introdução de João Carlos Brum Torres]; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2008.

SANTANA, Mario Rubem Costa. Feira de Santana: **a permanência de um não lugar.** Disponível em: Disponível em: <http://WWW.uefs.br/uefs/geo/feiranao>. Acesso maio 2010.

SANTOS, M. (Org.). **Território: Globalização e Fragmentação.** São Paulo: HUTICEC, 2000. Quatro pilares da educação, instituídos a partir do relatório elaborado pela Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI (UNESCO, 1999). Disponível em: <http://perminio-leite.blogspot.com.br/2008/07/que-funo-social-tem-escola-hoje.html>

SANTOS, Eladir. Memória Social II. **O conceito de memória social em Halbwachs e a crítica de Andreas Huysen.**<http://memoriasocialunirio.blogspot.com.br/2010/05/.html>. Acesso em: 18/07/2013.

SANTOS, Eladir. Memória Social II. **O conceito de memória social em Halbwachs e a crítica de Andreas Huyssen.** Disponível em <http://memoriasocialunirio.blogspot.com.br/2010/05/memoria-social-ii-o-conceito-de-memoria.html>. Acesso em: 18/07/2013.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

SABATTINI, M., (2003), **Museus e Centros de Ciência Virtuais: Uma Nova Fronteira para a Cultura Científica;** Artigo, Consciência. Especial —Cultura Científica, n. 45, Julho de 2003; acesso em 24 de Fevereiro, 2008 em <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura14.shtml>

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** Campinas: Mercado de Letras, 1994.

SCHAFF, Adam. **A SOCIEDADE INFORMÁTICA: As consequências sociais da segunda revolução industrial.** Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes, - 4ª ed. – São Paulo. UNESP, 1995.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique **Dicionário de Conceitos Históricos - Ed.Contexto – São Paulo; 2006.**

SILVA, Edson Vicente da. **TURISMO COMUNITÁRIO E A POTENCIALIZAÇÃO DA IDENTIDADE, DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL UFC.** Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/126590903/publicacao-turismo-sertanejo-e-comunitario>. Acesso em: 18/06/2014 às 22h 56min.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VERTHEIN, U. ; VÁZQUEZ-MEDINA, A. **Os territórios do comer.** Cult – Revista Brasileira de Cultura, São Paulo, ano 18, n. 198, p. 26-29, fev. 2015.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente.** Martins Fontes Editora – Curitiba/PR. 1991

VOYSEST, O.V. **Mejoramiento genetico del frijol (Phaseolus vulgaris) legado de variedades de América Latina (1930-1999).** Cali, Colombia: CIAT, 2000. 195p.

WANDER, A.E. **Produção e consumo de feijão no Brasil, 1975-2005.** Informações Econômicas, v.37, n.2, p.7-21, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature.** London: New Left Books, 1977.

Z Aidan Filho, Michel. **O Fim Do Nordeste E Outros Mitos**. - São Paulo: Cortez, 2001.  
(coleção questões da nossa época; v. 82)

# APÊNDICES

# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

## Draft do Projeto de Pesquisa

Versão: 1

Solicitante: Prof. Dr. Alfredo E. R. Matta

Matéria: XXXXXXXXXX

Mestrando: Erisvaldo Santos Souza

Orientador: Prof. Dr. Alfredo E. R. Matta

**Tema: Bata do feijão: da Roça para a Escola**

Problema: É

necessário desenvolver uma solução de Museu Virtual sobre a tradição da —Bata do Feijão que possibilite a escola Municipal Manoel Cundes Ferreira comunidade do povoado do Ovo da Ema e a escola Municipal Joanita Mota do distrito de Tiquaruçú a proporcionar apropriação de traços cultura histórico/ancestrais pelo grupo social do seu entorno, bem como propiciar a difusão e a conservação dessa prática social comunitária.

### PROBLEMÁTICA

Questões	Texto	Bibliografia Preliminar
<p><b>1- De que forma uma geração pode tornar-se/sentir-se pertencente ao seu grupo social?</b></p> <p>Nessa fase os textos que versem sobre a história social, memória individual e coletiva será o amparo para a discussão.</p>	<p>A história de um povo se faz através dos feitos daqueles que viveram/construíram os traços que unem os seus membros, e num tempo nem sempre conhecido. O reconhecimento dessas características converte-se num aprendizado que irá perpetuar os referidos feitos de um grupo social, que será conhecido como uma comunidade.</p> <p><b>Objetivo:</b> Entender de que forma o traço cultural de um dado grupo social pode unir/reunir o referido grupo.</p>	<p>ARFUCH, L. <b>O espaço biográfico:</b> dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.</p> <p>BOURDIEU, Pierre. <b>O Poder Simbólico;</b> tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 2.ed. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil 1998</p> <p>HALL, Stuart. <b>A identidade cultural na pós-modernidade.</b> Rio de Janeiro: DP&amp;A,2000.</p> <p>_____ <b>Estudos culturais e seu legado teórico.</b> In: <i>Da diáspora: identidades e mediações culturais.</i> Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende...(et al). Belo Horizonte: Editora UFMG Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, pp.199-218.</p> <p>LE GOFF, Jacques. <b>História e memória.</b> In: LE GOFF, J. <i>História e Memória.</i> Campinas: Ed. da Unicamp, 1990, pp. 366-419.</p> <p>MEIHY, José Carlos Sebe Bom. <b>Memória e identidade.</b> In: Manual de História Oral. São Paulo: Edições Loyola, 2005, pp. 59-88.</p> <p>ORÍÁ, Ricardo. <b>Memória e Ensino de História /</b> O saber histórico na sala de aula.</p> <p>POLLAK, Michael. <b>Memória, Esquecimento e Silêncio.</b> Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.</p> <p>SANTOS, Eladir. <b>Memória Social II.</b> O conceito de memória social e Halbwachs e a crítica de Andreas Huysen. <a href="http://memoriasocialunirio.blogspot.com.br/2010/05/memoria-social-ii-conceito-de-memoria.html">http://memoriasocialunirio.blogspot.com.br/2010/05/memoria-social-ii-conceito-de-memoria.html</a>. Acesso em: 18/07/2013.</p>



<p><b>2- Como a escola pode se instrumentalizar-se para a socialização de saberes construídos além de seus muros?</b></p> <p><b>Buscar os fundamentos que colocam a escola na posição de socializar e transmitir os saberes. Sabendo que os saberes construídos fora da escola devem fazer parte da sua missão.</b></p>	<p>Para conectar os saberes incluindo nos currículos temas que abordem a pluralidade cultural, desenvolvendo os laços entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, que possibilitarão desfazer os nós impostos pela colonização intelectual compulsória. Essa conexão deve proporcionar ao sujeito sentir-se membro atuante e defensor do espaço compartilhado e a sua atuação está centrada em promover/defender aquilo que os une e os identifica.</p> <p>Objetivos: Investigar se a escola cumpre a função social que diz respeito à cultura, seja ela local, nacional, ou global.</p>	<p>BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.</p> <p>BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96</p> <p>CANEN E XAVIER, <b>Formação continuada de professores para a diversidade cultural:</b> ênfases, silêncios e perspectivas. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 48 set.-dez. 2011.</p> <p>DOURADO, Luiz Fernandes. Moraes, Karine Nunes. Oliveira, João Ferreira. <b>Função Social da Escola. Políticas e Gestão na Educação.</b> Disponível em: <a href="http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4-salapoliticagestaoescolar/pdf/saibamais8.pdf">http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4-salapoliticagestaoescolar/pdf/saibamais8.pdf</a> Acesso em: 29 de setembro de 2013. Às 23:35.</p> <p>FREIRE, Paulo. <b>Pedagogia da autonomia.</b> Saberes necessários à prática educativa. 21. ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1996.</p> <p>GATTI, Bernadete Angelina. Barreto, Elba Siqueira de Sá. <b>Professores do Brasil:</b> impasses e desafios. – Brasília: UNESCO, 2009. 294 p.</p> <p>LIBÂNEO, José Carlos. <b>Organização e gestão escolar: teoria e prática.</b> 5 ed. Goiânia: Editora alternativa, 2004.</p> <p>SIBILIA, P. <b>Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.</b> Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.</p>
<p><b>3 – Como um museu virtual pode contribuir no processo de apropriação da memória comunitária do povoado do Ovo da Ema – Feira de Santana?</b></p> <p>Nesta fase buscaremos elucidar os conceitos de museu desde os primórdios dos tempos clássicos, sua evolução e aplicação nos meios digitais, principalmente no que tange à sua aplicação pela escola com o intuito de transmitir/difundir saberes socialmente construídos.</p>	<p>Partindo da afirmativa assim colocada, —O museu pode então ser visto como um laboratório, uma experiência, um instrumento das comunidades; e pode constituir-se em processo, em contínuo devir. Ainda sobre esta abordagem, Scheiner (1998) acredita na necessidade de não se restringir o museu a um espaço e tempo determinados. Pensar o museu como fenômeno é ampliar a percepção do que vem a ser museu. Magaldi nos auxilia quando diz: —Não o templo das musas, um espaço de Memória, a sala do tesouro, não um todo instituído – espaço ou território patrimonializado – mas um evento, um acontecimento, uma eclosão da mente ou dos sentidos. Potência absoluta, o Museu [...] está em todas as partes e tomará a forma que lhe for possível, no tempo desejado, para re-presentar, comunicar, criar e fazer sentido das coisas, sobre as coisas (e apesar das coisas), ainda que para isso seja necessário simular e seduzir. (apud Magaldi 2010)l.</p> <p>Objetivos: Averiguar o poder que o museu virtual exerce na forma em que as pessoas veem a sua cultura, bem como a forma de</p>	<p>ABREU, R (orgs). <b>E o patrimônio?</b> Rio de Janeiro: Contra Capa / Programa de Pós Graduação em Memória social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.</p> <p>BUSATTO, C.. <b>A arte de contar histórias no século XXI:</b> Tradição e Ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.</p> <p>CERTEAU, M. <b>A invenção do cotidiano:</b> artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: vozes, 1998</p> <p>CHAGAS, M.S. A radiosa aventura dos museus. In: DODEBEI, V; _____ <b>A imaginação museal:</b> Museu, memória. Rio de Janeiro: MinC/ IBRAM, 2009. 258 p.</p> <p>LÉVY, P. <b>As tecnologias da inteligência.</b> Tradução de Carlos Irineu da costa. Rio de Janeiro:34, 2000. 320p.</p> <p>_____. <b>Cibercultura.</b> Tradução de Carlos Irineu dacosta. São Paulo:34, 1999.</p> <p>_____. <b>O que é o virtual.</b> Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996. (coleção TRANS).</p> <p>_____. <b>A conexão planetária:</b> o mercado, o ciberespaço, a</p>

apropriação/transmissão/perpetuação desse traço cultural.

consciência. São Paulo: Ed.34, 2001.

LIMA JR. A.S. **Tecnologias inteligentes e Educação:** currículo hipertextual. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

MATTA. Alfredo Eurico Rodrigues. Tecnologias de Aprendizagem em rede e ensino de História – utilizando comunidades de aprendizagens e hipercomposição. Brasília: Líber Livro e Editora, 2006.

MAGALDI, M.B. **Navegando no museu virtual:** Um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu. Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS-Mestrado em Museologia e Patrimônio UNIRIO / MAST -RJ, Fevereiro de 2010

MIRANDA, Rose Moreira de. **Informação e sites de museus de arte brasileiros:** Representação no ciberespaço. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – IBICT, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001

MONTEIRO, L. **A Internet como meio de comunicação:** possibilidades e limitações. Disponível em: <<http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/comunicacaovirtual/0158.pdf>>. Acesso em: 24. Set 2012.

MUCHACHO, R. **O Museu Virtual: as novas tecnologias e a reinvenção do espaço museológico.** In: Biblioteca on line de Ciências da Comunicação. ISSN 1646-3137. SOPCOM: 2005. Disponível em: [http://www.bocc.ubi.pt/\\_listas/tematica.php?codtema=77](http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=77). Acesso em 31. mai de 2011.

## METODOLOGIA

Buscaremos realizar inicialmente uma revisão bibliográfica sobre memória e representações sociais, com abordagem qualitativa, que responde a questões muito particulares, por trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. As informações buscarão formar um corpo explicativo das práticas sociais do grupo

Buscar elementos que nos mostrem a gênese da cerimônia, a forma de transmissão entre as gerações e, principalmente a forma de melhor produzir uma literatura, física e digital, de todos os procedimentos que cercam a cerimônia da Bata do Feijão

**A análise dos dados** buscará mostrar que um traço cultural de um dado grupo social não propõe uma hierarquia cultural, apenas deve ter o seu lugar, bem como se promove um (re) conhecimento do referido traço e a sua necessária perenização.

**Ferramentas da pesquisa:** Visitas as comunidades produtoras/preservadoras do referido traço cultural. Coleta de depoimentos e opiniões daqueles que vivem, conhecem e preservam a cerimônia, além de instrumentos que proporcionem uma retroalimentação de dados. O processo envolve o controle de um sistema, através do conhecimento de um resultado e/ou suas possíveis respostas.

**Resultados oriundos da participação e/ou coleta de dados:** Produção de material literário de consulta, bem como a sua difusão no museu virtual que será criado e gerenciado pelas comunidades e escolas participantes do projeto.

## DIÁRIO DE CAMPO

DATA	OVO EMA	DA TIQUARUÇÚ	ATIVIDADE REALIZADA	O QUE FAZER
01/2015	X	X	Conhecer as áreas de prática da cerimonia da Bata do Feijão. CONTATO COM AS ESCOLAS	Buscar informações acerca do evento: O que é, para que e quem faz?
02/02/15		X	Contato com a área de sementeira; Primeira conversa com Zé Rufino e Neném, explicando-lhes o objetivo do projeto; Fotos e vídeos da terra	Observar a área; geográfica e historicamente.
02/02/15	X		Contato com Zé coruja agendando visita para a próxima sexta (08/05).	Observar a área; geográfica e historicamente.
08/02/15	X		Conversa com Zé Coruja, D. Margarida e Inês – falar da proposta de conhecer a cerimonia.	Informar as pessoas acerca da falta de literatura sobre a Cerimônia
21/02/15		X	Conversa com Zé Rufino, D. Miúda e Nenê – falar da proposta de conhecer a cerimonia.	Informar as pessoas acerca da falta de literatura sobre a Cerimônia
28/02/15	X		Obter informações sobre as fases da Cerimônia	Conversar com as pessoas sobre as formas de arar, semear, limpar e colher os grãos.
14/03/15		X	Obter informações sobre as fases da Cerimônia	Conversar com as pessoas sobre as formas de arar, semear, limpar e colher os grãos. Buscando perceber se há diferenças nas formas de realizar a cerimonia.
21/03/15	X	X	Colher dados sobre o período de limpa, sementeira e manutenção da roça de feijão. Sou informado de que em Tiquaruçú há uma pessoa, que não mora no distrito, mas que realiza uma espécie de evento de Bata do Feijão em um bar temático da sede do município. Evento este que não é apreciado por parte da população do lugar.	Diferenciar as diversas formas de realização das fases de produção do evento. Sou informado de que o processo só terá início de acordo com a estação das chuvas, sem a qual não haverá sementeira.
11/04/2015	X		Participar das primeiras —limpasl.	Participar, registrando em fotos e vídeos, a ‘_limpa’ da área a ser cultivada.

<b>15/04/2015</b>			Atividades fora das comunidades.	Pesquisas em arquivos públicos e demais instituições que guarde informações acerca do lugar.
<b>15/05/2015</b>	X	X	Visitas às escolas	Encontro com as gestoras das escolas buscando informações sobre as instituições.
<b>12/09/2015</b>		X	Visita à comunidade	Observar e participar da cerimônia no terreiro de D. Miúda.
<b>15/9/2015</b>	X		Visita à comunidade	Observar a preparação da cerimônia.
<b>20/09/2015</b>	X		Cerimônia da Bata do Feijão.	Participar da cerimônia. Registrando
<b>09/01/2016</b>		X	Visita à comunidade	Comentários da cerimônia.
<b>13/02/2016</b>	X		Visita à comunidade	Comentários da cerimônia.
<b>16/04/2016</b>	X		Visita à comunidade	Sem chuva, tudo seco. D. Virginia me leva até o quintal onde antes havia abóboras gigantes, mas hoje só poeira. Lamenta.
<b>30/04/2016</b>		X	Visita à comunidade	D. Miúda lamenta não ter chuva. O pouco que plantou mal dá para comer.
<b>16/07/2016</b>	X		Visita à comunidade	Levo fotos e vídeos do processo do ano passado.
<b>30/07/2016</b>		X	Visita à comunidade	D. Miúda reclama do pouco feijão que ainda resta.
<b>11/03/2017</b>	X		Visita à comunidade	Apresentar o museu, ou pelo menos o que foi feito até agora.
<b>25/03/2017</b>		X	Visita à comunidade	Apresentar o museu, ou pelo menos o que foi feito até agora.
<b>13/05/2017</b>	X		Visita à escola.	Apresentar o museu, após um mês no ar.
<b>17/05/2017</b>		X	Visita à escola.	Apresentar o museu, após um mês no ar.

A partir daqui apenas escrita e preparação do protótipo do museu.

# **ANEXOS**

## RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES VISITANTES

**Nome:**

Roberto Silva

**Email:**

[fiscalsani@ibest.com.br](mailto:fiscalsani@ibest.com.br)

**Message:**

feirense.

Ótima oportunidade de conhecer a ancestralidade

**Telefone:** 750982342550

**Nome:** NANCY SANTOS CALDAS

**Email:** [nancaldas@gmail.com](mailto:nancaldas@gmail.com)

**Telefone:** 75- 999615753

**Profissão:** Professora

**Message:** Caro Professor, Parabéns pelo seu trabalho!! Há algum tempo comentamos em nossa escola sobre pouca existência de material alusivo às manifestações culturais da nossa região e que se possa usar com os alunos. O seu museu vem suprir um pouco dessa carência. Gostei demais do museu, mas achei a frente muito vazia. Senti falta de elementos comuns aos "terreiros" das roças, como uma árvore, mesmo que seca, um cachorro, uma carroça... qualquer coisa que não apenas um grande vazio. Parabéns!!

**Nome:** Marly Caldas **Email:** [marlyscaldas@gmail.com](mailto:marlyscaldas@gmail.com) **Profissão:** Professora **Mensagem:** Muito interessante o museu. É muito importante a utilização dos meios virtuais para a educação e preservação cultural. A escola ainda se constitui num espaço fundamental de difusão de valores socioculturais e este museu vem reforçar essa função da escola. Parabéns pela iniciativa iniciativa e pelo museu tão bem estruturado.

**Nome:** Consuelo Pereira de Sales

**Email:** [consuelosales.cfp@gmail.com](mailto:consuelosales.cfp@gmail.com)

**Profissão:** Professora

**Mensagem:** Oportuno este espaço virtual que nos aproxima de um "mundo" tão perto e ao mesmo tempo tão distante de nós. Oportuniza o (re)conhecimento e valorização desse grupo social que, em suas peculiaridades (cultura), também nos revela.

**Nome:** Israel Antonio dá Silva

**Email:** [eucontra@hotmail.com](mailto:eucontra@hotmail.com)

**Profissão:** Radialista

**Mensagem:** Muito importante este tipo de museu, resgatando nossa verdadeira cultura, a cultura do homem do campo.

**Nome:** Rosana Rios

**Email:** [rosanarios.gestar@gmail.com](mailto:rosanarios.gestar@gmail.com)

**Telefone:** 71992191015

**Profissão:** Professora

**Message:** Não conhecia esta manifestação Cultural muito reveladora dos saberes e pensares do nosso povo. Parabéns pela iniciativa!

**Nome:** Mary

**Email:** [tiamey2003@yahoo.com.br](mailto:tiamey2003@yahoo.com.br)

**Profissão:** Servidora publica

**Mensagem:** Parabéns pela iniciativa. Preservar a cultura nos dá uma segurança de não nos perdermos no caminho. A história escrita mantém um povo vivo. Melhora quando

fazemos parte desse povo

**Nome:** Carolina Silva Moraes Pereira

**Email:** [carolmoraesp@gmail.com](mailto:carolmoraesp@gmail.com)

**Profissão:** Professora

**Mensagem:**Excelente trabalho! Dar voz e vez a grupos sociais que não têm espaços reconhecidos, sobretudo em certos contextos, é de grande valia para a construção de nossa cidadania. Parabéns!

**Nome:** Deumânica Almeida Marques Dias

**Email:** [deumanica.gestar@gmail.com](mailto:deumanica.gestar@gmail.com)

**Profissão:** Professora

**Mensagem:**Da roça para a escola, parabéns pela escolha do tema e da forma rica apresentada no museu virtual. Na sala 5 identificamos a importância desse ato social, cultural e agregador que fortalece os laços nas comunidades. A escola tem papel fundamental para que essa cultura tenha continuidade.

**Nome:** Raimundo Borges da Mota Junior

**Email:** [raimundobmjr@gmail.com](mailto:raimundobmjr@gmail.com)

**Profissão:** Professor

**Mensagem:**Proposta fantástica! O que mais me impressionou foi a capacidade e sensibilidade em trazer a cultura, as manifestações populares das comunidades pesquisadas para o ambiente virtual. Parabéns a todos os envolvidos nesse projeto.

**Nome:** Gustavo

**Email:** [gstcaldas@gmail.com](mailto:gstcaldas@gmail.com)

**Profissão:** Bancário

**Mensagem:**Bastante interessante a disposição das salas no museu. Os vídeos, principalmente, nos trazem mais detalhes dessa verdadeira viagem!

**Nome:**Márcia Santana**Email:**[m-a-b-s@hotmail.com](mailto:m-a-b-s@hotmail.com)**Profissão:**Professora**Mensagem:**Muito interessante essa estratégia para a propagação de um patrimônio cultural tão rico quanto a bata do feijão. Não conhecia a proposta do Museu Virtual e pude visualizar nesse trabalho uma forma diferente de empregabilidade das redes sociais.na difusão do conhecimento.

**Nome:** Marcondes Dourado

**Email:** [mmsdourado@gmail.com](mailto:mmsdourado@gmail.com)

**Profissão:** Professor Universitário

**Mensagem:**Muito boa a proposta pois resgata tradições que com certeza seriam esquecidas como é comum no Brasil.

**Nome:** Atanair Marques

**Email:** [atanair24@hotmail.com](mailto:atanair24@hotmail.com)

**Profissão:** Professora

**Mensagem:**Excelente iniciativa apresentar a cultura da bata do feijão de forma interativa. Parabéns!!

**Nome:** Bernadete Pinto

**Email:** [belp.gestar@gmail.com](mailto:belp.gestar@gmail.com)

**Profissão:** Professora

**Mensagem:**Muito interessante a pesquisa do professor. A visita à sala 4, me remeteu a uma realidade que é comum no meio do cultivo rural, que é o trabalho solidário e

colaborativo e muitas vezes necessário, principalmente diante da dificuldade que há em encontrar pessoas que tenham interesse em ganhar a vida como trabalhador rural, pois não percebem valorizados. Para essas pessoas, é mais interessante se deslocar para a zona urbana em busca de melhoria de vida. Parabéns!

**Nome:** Vanessa Araújo

**Email:** [evasouza95@hotmail.com](mailto:evasouza95@hotmail.com)

**Profissão:** Estudante de Direito

**Mensagem:** Fico muito feliz vendo a Bata do Feijão ganhando o seu espaço como expressão cultural do povo baiano! Ainda mais tendo em vista que o termo "cultura baiana" é mormente remetido às manifestações soteropolitanas caricatas de acarajé e berimbau. Em tempo, achei necessária a exploração do caráter não apenas estritamente cultural da Bata, mas sua expressão de subsistência de um povo. No mais, gratidão pelo reconhecimento. O interior da Bahia, tão rico quanto a capital, agradece!

**Nome:** Tainá Araújo

**Email:** [taine.grimaldi@gmail.com](mailto:taine.grimaldi@gmail.com)

**Profissão:** Enfermagem

**Mensagem:** Que oportunidade maravilhosa para quem não sabia o que era a bata do feijão, conhecer e se encantar! Eu não conhecia e achei lindíssimo a forma como me foi apresentado nesse museu virtual, bem didático e vivo. Sucesso sempre!!!

**Nome:** Francisca de Paula

**Email:** [fcapaula@gmail.com](mailto:fcapaula@gmail.com)

**Profissão:** Professora

**Mensagem:** Erisvaldo, Trabalho primoroso de salva guarda da memória. Ver imagens de estudantes se integrando ao ritual do bata do feijão me deixou emocionada. Se acha que há espaço para rever algo, deixo sugestão de ter um espaço em cada foto que clicando aparece um texto descrevendo. Outra coisa, há algumas iluminações de teto em algumas salas que poderiam estar distante da foto, sim? Caso possa, inclua fotos ou filmagem deles em degustação do feijão. Vi que coloca vídeo de momento da comercialização do feijão, é isso? No mais, parabéns mais uma vez pelo trabalho.

**Nome:** Railda Aquino **Email:** [railda.cfp@gmail.com](mailto:railda.cfp@gmail.com) **Profissão:** Professora **Mensagem:** Gostaria de parabenizá-lo pela belíssima iniciativa de resgate da cultura, da tradição de uma comunidade. Trabalho na zona rural e não tenho percebido uma vontade por parte dos jovens em continuar com essa prática, mesmo porque o incentivo à cultura local por parte da escola ainda é muito tímido.

**Nome:** Vinicius Rios Suzarte

**Email:** [viniciusrios@icloud.com](mailto:viniciusrios@icloud.com)

**Profissão:** Estudante de Jornalismo – FAT

**Mensagem:** - O interessante no museu e todo o seu acervo não é a Bata do Feijão em sí, mas saber a história por traz dessa cerimonia. - O museu é uma ótima forma de aprendizado e conhecimento , principalmente para o povo feirense que não conhece a historia e a cultura de sua região. - Eu sabia que existia a Bata do Feijão e sabia que era uma cerimonia para agradecer a boa colheita, mas não sabia a historia por trás dessa cerimonia. - O interessante é que o museu não fala somente sobre a Bata do Feijão, mas conta um pouco da história de Feira de Santana. - O acervo mostra todo o processo, desde o plantio do feijão até a sua colheita e depois a Bata do Feijão, que é o debulhe dos grãos da vagem do cereal. - Existem várias formas de comemorar e agradecer a boa colheita, uma delas é a "COMER, ALIMENTAR,

NUTRIR... E (RE)LIGAR. (isso eu não sabia) - Durante a cerimonia da Bata do Feijão são cantadas cantigas, que são feitas pelos próprios membros da comunidade. (também não sabia disso) - As escolas da comunidade contribuem para a formação dos sujeitos da comunidade na tentativa da perduração da tradição da Bata do Feijão. ( Não sabia disso também) Parabéns pela bela iniciativa de falar e mostrar um pouco mais da nossa história e danossa cultura.

**Nome:** Iasmyn Gordiano

**Email:** [gordianoiasmyn@gmail.com](mailto:gordianoiasmyn@gmail.com)

**Profissão:** Jornalista

**Mensagem:** Achei o museu muito interessante, já que foca na história de duas comunidades cujas particularidades foram pouco exploradas até o momento.

**Nome:** ivandson macedo dos santos filho **Email:** [iandsonmsf@gmail.com](mailto:iandsonmsf@gmail.com) **Telefone:** 71

992015199 **Profissão:** professor **Message:** importante trabalho cultural e social.

**Nome:** Marco Vinícius Rocha

**Email:** [vinycius17@hotmail.com](mailto:vinycius17@hotmail.com)

**Telefone:** (75) 98270-5658

**Profissão:** Estudante de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (FAT)

**Message:** Fui criado no interior da Bahia. Mais especificamente na região sisaleira, onde certos padrões culturais são mantidos com maior longevidade do que nos grandes centros. Já tinha ouvido falar sobre a bata do feijão, inclusive, quando criança, já presenciei - uma única vez - meu avô, meu pai, vizinhos batendo o feijão nos passeios da rua da minha casa. Pude visualizar o museu de uma forma mais atenta. Juntamente com meu pai, ele pôde me falar mais sobre essa tradição. E parabêniso aos envolvidos, principalmente ao meu professor Erisvaldo, pela idealização do museu. Optar pelo virtual foi uma escolha interessante, pois como um jovem que nasceu em uma sociedade imediatista e tecnológica a facilidade de acesso e as similaridades até mesmo com alguns jogos online, traz uma sensação de algo familiar e com interação. Tive sentimentos duplos ao emergir no museu. Nostalgia e aprendizado. Se algumas culturas vêm sendo esquecidas, resta a projetos assim falarem delas com todo esse respeito.

**Nome:** Maiele Cerqueira

**Email:** [m4iele@hotmail.com](mailto:m4iele@hotmail.com)

**Profissão:** Estudante

**Mensagem:** O museu do feijão é uma maneira bastante rica de nos aproximar historicamente de forma clara sobre aqueles que vieram antes de nós. É um projeto que particularmente prendeu muita minha atenção, tanto pela maneira explicativa, como também pelo detalhes visuais e da organização do museu online. O museu da bata do feijão retratou muito bem sobre os nossos ancestrais e a importância das comunidades de maneira que não foi cansativa e acessível em qualquer momento, acompanhando o momento tecnológico que vivemos. Eu achei muito interessante poder fazer essa viagem que realmente trouxe uma sensação de intimidade cultural.

**Nome:** Luan Sant' Ana Alves **Email:** [luan.alves98@hotmail.com](mailto:luan.alves98@hotmail.com) **Profissão:** Estudante de

Publicidade e Propaganda **Mensagem:** O museu e sua iniciativa de nos aproximar da nossa história é muito interessante, assim como sua estrutura, e como ele é exposto, o site é bastante completo, com uma boa quantidade de informações sobre a bata, tornando a nossa visita ao museu mais rica e com uma bagagem para entender sobre o assunto.

**Nome:** João Vitor  
**Email:** [oliveirasena1@outlook.com.br](mailto:oliveirasena1@outlook.com.br)

**Profissão:** Estudante

**Mensagem:** O museu Bata do Feijão é uma grande oportunidade, para falar sobre um assunto e cultura pouco conhecida. A idéia de transformar essa pesquisa e estudo em um museu é excelente, pois facilita e se adequa a vivência atual, onde sempre se procura aprender por meios tecnológicos, acredito que essa ligação ficou muito boa, e não deixou a essência de grande informações que o projeto. Os detalhes da explicação são excelentes e não a deixa a leitura cansativa a idéia do visitante entrar e guiar-se dentro do Projeto é ótima, pois dá uma liberdade para parar e ler à-vontade, voltar sempre que necessário. Algo que me chamou bastante atenção e gostei muito foi a inserção dos cantos de agradecimento e vídeos, isso compôs um belo trabalho e nos mostrou de forma visível como toda a teoria passada funciona. Parabéns Erisvaldo, ótimo trabalho !

**Nome:** Joelma Cerqueira de Oliveira  
**Email:** [joelmaoliveira8221@gmail.com](mailto:joelmaoliveira8221@gmail.com)

**Profissão:** Pedagoga

**Mensagem:** Excelente trabalho, percebemos o quanto iniciativas como essa contribuem para o nosso regate cultural e a sociedade é contemplada como um todo. E encontramos em trabalhos como esses mais um estímulo para se trabalha com a regionalidade e tradições culturais mantidas em nossa sociedade pluricultural. Parabéns Erisvaldo, muito sucesso!

**Nome:** Carolina Medeiros  
**Email:** [carolinamedeiros@outlook.com](mailto:carolinamedeiros@outlook.com)

**Profissão:** Estudante

**Mensagem:** Muito interessante saber que traços tão importantes da nossa cultura não estão sendo esquecidos no tempo. Eu, jovem e estudante, não conhecia a bata do feijão e estou encantada pela riqueza e beleza que este grupo exala por meio da simplicidade, e fiquei muito feliz por ter a oportunidade de conhecer a Bata do Feijão por meio desta ferramenta 3D, pois esta quebra qualquer barreira que impossibilitasse o conhecimento da Bata. Seja fisicamente ou virtualmente, todos temos a oportunidade de se aprofundar no conhecimento da Bata do Feijão, agora. Por isso, acredito que este projeto tem que ser bastante divulgado, para que todos tenham consciência da riqueza da nossa cultura e que, quem sabe, valorizem mais aquilo que é nosso e que pouco nos é apresentado.

**Nome:** Victoria Nascimento  
**Email:** [victoria.works@hotmail.com](mailto:victoria.works@hotmail.com)

**Profissão:** Estudante

**Mensagem:** Ferramenta fantástica de suma importância para leigos especialistas na área aqui abordada e rica em detalhes. Além de ser um belo reconhecimento aos trabalhadores rurais de Feira de Santana e região agregando um grande conhecimento sobre tal cultura. O fato do museu disponibilizar uma visita em 3D no próprio site é muito mais cômodo e facilita quem não tem a possibilidade de locomoção e pode ser visitado por moradores de qualquer região do país, o que é inovador. Um ponto a ser acrescentado é uma plataforma mobile, facilitando o acesso pelo celular e tablet que são os recursos mais usados ultimamente. Acredito que com o tempo e as críticas construtivas o museu só tende a melhorar deixando cada vez mais claro os traços culturais de um povo que é invisível para alguns. Parabéns ao Professor Erisvaldo pela iniciativa!

**Nome:** William de Macedo Paim

**Email:** [willian18macedo@hotmail.com](mailto:willian18macedo@hotmail.com)

**Profissão:** Estudante de Publicidade e Propaganda - FAT

**Mensagem:** O museu é uma projeto diferente, mas ao mesmo tempo, divertido para se conhecer sobre a tradição da bata do feijão, um trabalho e ao mesmo tempo uma festa que faz parte da colheita do feijão, principalmente aqui na cidade de Feira de Santana-BA. Destaque para o visual do museu online que possibilita o acesso a múltiplas salas. Gostei em particular da sala 06, onde são apresentados as músicas de agradecimento pela colheita. Parabéns pela iniciativa e todo o sucesso!

**Nome:** Izalmar Nunes Batista

**Email:** [mazinhonuness@hotmail.com](mailto:mazinhonuness@hotmail.com)

**Profissão:** Estudante de Publicidade e Propaganda na FAT

**Mensagem:** Eu sou natural de Feira de Santana, e não conhecia a da Bata do Feijão. Achei muito interessante a iniciativa do museu, procura ajudar as pessoas que assim como eu não conhecia o Bata do Feijão, além de ajudar para que mais pessoas conheçam. Ajuda também na perduração dessa cerimônia , que é algo de um valor cultural muito grande. Parabéns pelo belo trabalho.

Vanêsa

Nazario

**Email:** [van21nazario@gmail.com](mailto:van21nazario@gmail.com)

**Profissão:** Jornalismo

**Mensagem:** O Museu Virtual da Bata do Feijão traz uma proposta interessante no que diz respeito às comunidades feirenses do Ovo da Ema e Taquaruçú, a partir do momento em que se propõe a entender como as pessoas desses locais se mantêm unidas por meio de seus saberes e fazeres construídos de forma coletiva, além de buscar entendimento sobre a transmissão desse dado traço cultural dentro das escolas da região. Dividido por salas, o museu traz como um dos grandes pontos positivos a diversidade de instrumentos para que os visitantes conheçam e se reconheçam como parte dessa cultura, entre eles textos, imagens, mapas e vídeos que trazem elementos históricos e geográficos das comunidades, possibilitando o entendimento de forma fácil e dinâmica. As salas traçam um trajeto sequencial que mostra a preparação da terra, a sementeira e as formas de plantio do feijão, aprendizado herdado dos antepassados - também conhecidos por meio do museu. Após, é apresentada a cerimônia da Bata do Feijão realizada com cantos criativos em agradecimento aos seres divinos pela boa colheita do ano. A participação dos membros da comunidade na manutenção das práticas exercidas, como forma de garantir a continuidade por meio das novas gerações é de extrema importância, principalmente no cenário em que vivemos, onde os jovens nascidos em comunidades rurais migram para o espaço urbano em busca de melhores condições de vida, abandonando as tradições de suas raízes. A Bata do Feijão, enquanto traço cultural, transmitido entre as gerações, e adaptado durante o decorrer dos anos às mudanças climáticas, tecnológicas, etc, precisa ser preservado, pois, se trata de uma atividade comemorativa encontrada apenas em algumas comunidades que ainda praticam a agricultura familiar de forma manual. A sua preservação contribui para a união dos membros da comunidade, além de ofertar aos jovens e crianças o aprendizado sobre o referencial cultural do lugar em que vivem. Para isso, as escolas tem papel fundamental, pois, é por meio dela que os saberes e fazeres de um grupo social é difundido, fazendo com que professores e alunos se reconheçam enquanto sujeitos conscientes e participativos, colocando o traço cultural para além da história do folclore regional. O museu pode ser implantado como material de apoio no ensino das escolas e universidades, servindo de base para atividades e

projetos que possibilitem o conhecimento sobre um traço cultural que se relaciona com o divino, os laços afetivos, a solidariedade entre as pessoas, o trabalho familiar e coletivo, além de seu envolvimento com as práticas manuais.

Weslei  
Santos

**Email:** [eiwsst@gmail.com](mailto:eiwsst@gmail.com)

**Profissão:** Estudante

**Mensagem:** Eu como estudante, acredito na importância de conhecer e preservar a cultura regional, pois é um traço cultural e não deve ser esquecida. A ideia de criar o museu de forma virtual dá uma leveza no aprendizado e de forma bem didática você se envolve com o museu. As explicações de cada sala está maravilhosa e de forma clara de se entender. Ao finalizar a visita eu penso no quanto deve ter sido trabalhoso investigar algo que já tem tanto tempo e mesmo assim não se perdeu. Acredito que alguma coisa mudou de lá pra cá, mas mesmo assim, não perdeu a sua essência. Parabéns pela iniciativa e parabéns para todos os envolvidos. Que seu museu possa ser conhecido por todos.

Douglas  
Oliveira

**Email:** [dougtods11@gmail.com](mailto:dougtods11@gmail.com)

**Profissão:** Estudante de PP, na FAT

**Mensagem:** Estou encantado com a estrutura do museu, onde a riqueza deste fragmento da cultura local, que nunca antes havia recebido tamanho destaque, ganha suporte tecnológico numa perspectiva em três dimensões, podendo chegar a qualquer pessoa por meio da internet. A tecnologia preservando a cultura! É uma prova real e bem elaborada de que existe muita coisa boa e desconhecida pela maioria dos internautas na web. Espero de coração que exista mais divulgação para que, no mínimo, os feirenses saibam com honra da representação que possuem.

Carol Souza ·

FAT - Faculdade Anísio Teixeira

Muito interessante saber que traços tão importantes da nossa cultura não estão sendo esquecidos no tempo. Eu, jovem e estudante, não conhecia a bata do feijão e estou encantada pela riqueza e beleza que este grupo exala por meio da simplicidade, e fiquei muito feliz por ter a oportunidade de conhecer a Bata do Feijão por meio desta ferramenta 3D, pois esta quebra qualquer barreira que impossibilitasse o conhecimento da Bata. Seja fisicamente ou virtualmente, todos temos a oportunidade de se aprofundar no conhecimento da Bata do Feijão, agora. Por isso, acredito que este projeto tem que ser bastante divulgado, para que todos tenham consciência da riqueza da nossa cultura e que, quem sabe, valorizem mais aquilo que é nosso e que pouco nos é apresentado.

*Like · Reply · [30 April 2017 20:42](#)*

Tainá Grimaldi ·

Faculdade UNIME

Que oportunidade maravilhosa para quem não sabia o que era a bata do feijão, conhecer e se encantar! Eu não conhecia e achei lindíssimo a forma como me foi apresentado nesse museu virtual, bem didático e vivo.

Sucesso sempre!!!

*Like · Reply · [24 April 2017 15:56](#)*

Raimundo Junior

Conselheiro at Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento de Comunidades Negras e Indígenas de Feira de Santana/BA.

Proposta maravilhosa!

Achei incrível essa ideia de apresentar de forma virtual uma manifestação cultural tão rica que é a bata do feijão, principalmente aqui, na cidade de Feira de Santana-BA.

Parabéns a todos os envolvidos!

*Like · Reply · 23 April 2017 22:06*

Mary Caldas Freire ·

Works at Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Me senti na sala 6 em meio às rodas das Batas do Feijão, aos cantos, às danças...

Amei!

Parabéns!

*Like · Reply · 22 April 2017 23:32*

Rosana Rios ·

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Não conhecia esta importante manifestação cultural reveladora dos saberes e fazeres da nossa gente. Parabéns pela iniciativa!

Lorena Porto ·

Atriz at Maria Escombone e o Violão Encantado

Preservar nossa memória, não deixá-la se perder no tempo, é fundamental para o sentimento de pertença de um povo. Ótima ideia! Parabéns!

*Like · Reply · 1 · 15 April 2017 16:31*

Nancy Caldas

A visita ao museu nos leva a viajar por uma cultura que precisa ser preservada. Muito bom!